

UMA DOBRA NO TEMPO *livro 5*

UM  
TEMPO  
ACEITÁVEL

MADELEINE  
L'ENGLE

 Harper  
Collins

MADELEINE  
L'ENGLE

# ACEITÁVEL

*livro 5*

tradução  
ÉRICO ASSIS



Rio de Janeiro, 2019

Copyright © 1989 by Crosswicks, Ltd. All rights reserved.  
Título original: An Acceptable Time

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.  
Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: Raquel Cozer  
Gerente editorial: Alice Mello  
Editor: Ulisses Teixeira  
Copidesque: Thaís Lima  
Preparação de original: Marina Góes  
Revisão: Giu Alonso  
Capa: Maquinaria Studio  
Projeto gráfico e diagramação: Julio Moreira | Equatorium  
Conversão para e-book: Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L584t

L'engle, Madeleine, 1918-2007

Um tempo aceitável / Madeleine L'engle ; tradução Érico Assis. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Harper Collins, 2019.

Tradução de: An acceptable time  
ISBN 9788595085121

1. Romance. 2. Literatura infantil americana. I. Assis, Érico. II. Título.

18-54294

CDD: 808.899282  
CDU: 82-93(73)

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

# SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

*Para Dana, Bér & Eddie*

---

*Ron, Annie & Jake*

Ela atravessou o pomar com maçãs rubras caídas pelo chão, cruzou o muro de pedra e chegou ao pequeno bosque. A trilha estava encoberta de folhas vermelhas, laranja e douradas que exalavam um cheiro forte, terroso. Polly vinha arrastando os pés, friccionando a ponta dos tênis nas cores opulentas. Era seu primeiro outono na Nova Inglaterra e ela estava em júbilo com os tons que vinham das árvores, borrando seu cabelo com reflexos de âmbar e bronze. O sol brilhava com uma bruma dourada no céu azul. As folhas sussurravam até cair no chão. O ar estava fresco, mas não frio. Contenta, Polly cantarolava.

As árvores eram jovens; a maioria não tinha mais de meio século, com troncos esguios e completamente diferentes dos enormes carvalhos cobertos de barba-de-velho que deixara para trás menos de uma semana antes. Maçãs selvagens pontilhavam a trilha. Ela recolheu uma, acastanhada e um pouco disforme, mas crocante e suculenta. E seguiu sua caminhada, mastigando e cuspidando sementes.

A trilha levava a uma floresta de árvores bem mais antigas: bordos, abetos e pinheiros imponentes. Acima de todos se via um carvalho antigo, com folhas imensas e serrilhadas em um tom intenso de bronze, muitas ainda presas por um triz aos galhos. Era muito diferente dos carvalhos do Sul, aos quais Polly era acostumada. Ela não o havia identificado até ficar sabendo que sua mãe e os tios sempre o chamaram de “Carvalho Avô”.

— Quando nos mudamos para cá — explicou a avó —, uma praga eliminou quase todos os carvalhos da região. Mas este sobreviveu, e agora nossa terra é cheia de jovens carvalhinhos, todos resistentes à praga, graças ao Carvalho Avô.

Enquanto contemplava o carvalho, levou um susto quando notou um jovem parado nas sombras. Ele a fitava com olhos azuis e radiantes, que pareciam conter a luz do dia. Usava uma espécie de traje branco. Uma das mãos estava na cabeça de um cão pardo, de orelhas grandes e eretas, contornadas de preto. Ele ergueu a mão para cumprimentá-la, depois se virou e entrou correndo na floresta. Quando Polly chegou à grande árvore, ele havia sumido de vista. Polly achou que ele parecia querer dizer alguma coisa. Ficou curiosa.

O vento, agora mais forte, soprava entre os pinheiros, soando como as ondas que quebravam na praia da Ilha Benne Seed, na costa da Carolina do Sul, onde os pais dela ainda moravam e de onde ela havia saído pouco tempo antes. Polly levantou a gola da jaqueta vermelha que encontrou no vasto estoque pendurado à porta da cozinha dos avós. Era sua predileta porque lhe servia bem, aquecia e era aconchegante; também gostava dos bolsos cheios de quinquilharias: uma

lanterninha de luz forte apesar do tamanho; uma tesoura; um bloquinho de couro com canetinha roxa; um monte de cliques, alfinetes de segurança, borrachinhas; óculos escuros; um biscoito de cachorro (para qual cachorro?).

Ela sentou-se em uma pedra grande e plana, mais conhecida como rocha de observação estelar, e olhou para as nuvens brancas correndo pelo céu. Ao ouvir um silvo alto e estridente de melodia folk, endireitou a postura. O que seria? O que estaria fazendo música no meio do nada? Polly levantou da pedra e foi seguindo o som. Cruzou o Carvalho Avô na mesma direção do jovem com o cão.

Passou pelo carvalho e viu outro jovem sentado no muro de pedra. Este tinha cabelo negro e reluzente, a pele muito branca, e tocava uma flautinha de metal.

— Zachary! — disse Polly, abismada. — Zachary Gray! O que está fazendo aqui?

Ele tirou a flautinha da boca e enfiou no bolso da jaqueta de couro. Levantou-se do muro e veio na direção dela de braços abertos.

— Que felicidade rever você ao pôr do sol, senhorita Polly O’Keefe. Zachary Gray, a seu dispor.

Ela recuou antes de receber o abraço.

— Mas achei que você estivesse na universidade, em Los Angeles!

— Opa. — Ele pôs o braço em torno da cintura dela e a abraçou. — Não está feliz em me ver?

— Claro que estou. Mas como você chegou aqui? Não só na Nova Inglaterra, mas aqui, nos meus avós

Ele a conduziu até o muro. As pedras ainda retinham o calor do sol de outono.

— Eu liguei para os seus pais e eles me disseram que você tinha vindo passar um tempo com seus avós. Então vim dar um alô e seus avós me disseram que você tinha saído para uma caminhada, e que se eu viesse por aqui provavelmente encontraria você. — Zachary falava em um tom tranquilo, parecendo muito à vontade.

— Você veio dirigindo de Los Angeles até aqui?

Ele riu.

— Estou fazendo um semestre de estágio num escritório de advocacia em Hartford, especializado em seguros.

O braço em torno da cintura dela ficou mais apertado. Ele se curvou para tocar os lábios nos dela.

Ela se afastou.

— Zach. Não.

— Pensei que fôssemos amigos.

— E somos. Amigos.

— Pensei que você me achava atraente.

— Eu acho. Mas ainda não. Agora não. Você sabe.

— Tá bem, Pol. Mas não posso esperar muito tempo. — De repente seus olhos ficaram sombrios, seus lábios se contraíram. Então, conscientemente, ele deu um de seus sorrisos fascinantes. — Pelo menos você ficou feliz em me ver.

— Muito!

Encantada, na verdade, mas surpresa. Polly estava lisonjeada por ele ter se dado ao trabalho de procurá-la. Tinham se conhecido no verão anterior em Atenas, onde ela havia ficado por alguns dias antes de ir ao Chipre para ser uma espécie de faz-tudo em um congresso de literatura e alfabetização. Fora uma experiência riquíssima tanto em alegria quanto em sofrimento, e Zachary havia sido encantador ao lhe apresentar a cidade, que ele já conhecia bem, e levá-la a passeios pelo interior. Mas quando o congresso acabou e eles se despediram no aeroporto, ela achou que nunca mais teria notícias dele.

— Eu não acredito! — disse ela, sorrindo.

— Não acredita no que, ruiva?

— Não me chame de ruiva — respondeu ela, no automático. — Que você está aqui.

— Olhe para mim. Pode tocar. Sou eu, Zach. E o que *you* está fazendo aqui?

— Vim dar uma caminhada.

— Na casa dos seus avós, eu quis dizer.

— Vim estudar com eles. Só por alguns meses, no caso. Eles são maravilhosos.

— Imagino que sejam cientistas famosos ou algo assim.

— Bem, a Avevó ganhou um Prêmio Nobel. Ela é ligada em coisinhas pequenas: partículas subatômicas. O Vovô é astrofísico e entende mais do contínuo espaço-tempo do que praticamente qualquer pessoa tirando Einstein ou Hawking.

— Sei que você sempre foi cabeçuda — disse ele. — Mas entende dessas coisas?

Ela riu.

— Só um tiquinho.

Polly estava radiante de alegria por Zachary estar ali. Os avós, como ela dissera, eram maravilhosos, mas ela não encontrara ninguém da sua idade e nem esperava encontrar.

— Então por que está fazendo isso em vez de ficar no colégio, lá onde você mora? — perguntou ele.

— Eu preciso de um conteúdo científico muito maior do que teria na grade do Colégio Cowpertown, e ir e vir do continente para Benne Seed era muito chato.

— Mas esse não pode ser o único motivo.



— Não basta?

Para Zachary, por enquanto, bastava. Ela tirou os olhos dele e da rocha de observação estelar, voltando-se para o céu de outono que começava a pender para o crepúsculo. Longos raios de sol tingiam as nuvens de cor-de-rosa e dourado, as cores intensas das folhas começavam a ficar escuras. Uma sombra roxo-escura cruzou os morros mais baixos.

Zachary acompanhou o olhar de Polly.

— Amei estas montanhas. São tão diferentes das da Califórnia.

— Uhum. São montanhas antigas, ancestrais, desgastadas pela chuva, pelo vento e pelo próprio tempo. Ensinam a ter perspectiva.

— Você precisa de perspectiva?

— E quem é que não precisa?

Uma folha desceu e se assentou na cabeça de Polly. Zachary levou os dedos compridos e pálidos ao cabelo dela.

— É da mesma cor do seu cabelo. Que lindo.

Polly suspirou.

— Estou começando a fazer as pazes com meu cabelo. Se tivesse opção, não teria escolhido laranja.

— Não é laranja. — Zachary deixou a folha cair no chão. — É da cor do outono.

*Gentil*, ela pensou. *Ele sabe ser gentil*.

— É a primeira vez que vejo folhagem de outono. Sempre morei em lugares quentes. Mas isso aqui... Sei lá, estou sem palavras. Achei que nada seria mais bonito do que o oceano, nada é, mas isso aqui...

— É outro tipo de beleza — disse Zachary. — Meu pai está morando em Sausalito e a vista da casa dele é absurda. Dá para ver o Pacífico inteiro. Mas você tem razão. Isso aqui ensina a ter perspectiva e transmite paz. — Ele fez uma pausa. — Seus avós disseram que serviriam chá e torrada com canela se eu a encontrasse e trouxesse de volta.

— Claro. — Ela pulou do muro. Quando passaram pelo Carvalho Avô, ela fez uma pergunta. — Ei, quem era o carinha de olhos azuis que eu vi faz uns minutos?

Ele olhou para ela.

— Achei que era alguém que trabalhava para os seus avós. Um caseiro, jardineiro ou coisa do tipo.

Polly fez que não.

— Eles cuidam de tudo isso aqui sozinhos?

— Cuidam. Bem, tem um fazendeiro vizinho que faz a lavoura, mas ele é mais velho. Esse cara era jovem, não tinha jeito de fazendeiro.

Zachary riu.

— Como você acha que é um fazendeiro? Eu garanto que esse cara tinha um ar de nobre.

— Você falou com ele?

— Não. E, pensando bem, foi meio estranho. Ele olhou pra mim, eu olhei pra ele, eu ia dizer uma coisa, mas ele me deu esse olhar, como se estivesse muito surpreso de me ver, quer dizer, surpreso *mesmo*, aí ele deu meia-volta e entrou na floresta. Ele estava com um cachorro de orelhas grandonas e os dois sumiram. Não saíram correndo nem nada. Eu só olhei de novo e de repente não vi mais. — Zachary deu de ombros. — Como eu disse, acho que era um caseiro ou coisa assim, e esses tipinhos tendem a ser broncos. Ou será que era um caçador? Tem faisão e codorna por aqui?

— Os dois. Mas nossa propriedade tem cercas bem à vista. Não dá para chamar de reserva porque não é muito grande. A maioria das fazendas aqui é antiga e tem quarenta hectares ou menos, só que meus avós gostam de preservar para os animais selvagens.

— Bem, vamos deixar esse cara pra lá — disse Zachary. — Vim aqui procurar você e encontrei.

— Estou feliz. Muito mesmo. — Ela sorriu para ele, o sorriso mais radiante que tinha. — Pronto para ir?

— Claro. Acho que seus avós estão esperando a gente.

— Certo. É só a gente passar da rocha de observação estelar.

— Rocha de observação estelar?

Ela subiu na grande rocha plana. Havia resquícios de musgo crescendo nas fendas. A mica cintilava aos raios do sol poente.

— Sempre teve esse nome. É um lugar maravilhoso para deitar e observar as estrelas. É a rocha predileta da minha mãe, desde que ela era criança.

Eles cruzaram a rocha e caminharam pela trilha que levava à casa. Ela notou que Zachary caminhava lentamente, respirando como quem acaba de correr. Ela diminuiu o passo para se equiparar. Debaixo de uma das macieiras dispersas pelo terreno, o chão estava escorregadio de frutas amarronzadas e enrugadas, e havia um cheiro pungente de cidra. Sem querer, ela tomou a frente de Zachary e chegou a um muro de pedra baixo que marcava a fronteira do grande campo ao norte da casa. No muro, uma grande cobra negra apreciava um restinho de sol.

— Ei! — Polly riu, alegre. — É a Louise Larguda!

Zachary parou, congelado.

— Oi? É uma cobra, Polly! Sai daí!

— Ah, ela não vai nos machucar. É a Louise. É uma cobrinha preta inofensiva — assegurou Polly. — Quando meus tios, Sandy e Denny, eram crianças...

Lembra de Sandy, que você conheceu em Atenas?

— Ele não gostou de mim. — Zachary deu um passo para longe do muro e da cobra.

— Não foi de *you* — disse Polly. — Foi por causa dos conglomerados do seu pai. Enfim, tinha uma cobra que morava no muro e meus tios a chamavam de Louise Larguda.

— Eu não entendo muito de cobras — Zachary deu mais um passo para trás. — Tenho certo pânico. Mas esta cobra não seria absurdamente velha, então?

— Ah, provavelmente não é a mesma. A Avevó e eu vimos essa aqui tomando sol outro dia e achamos exatamente igual à Louise Larguda. A Avevó disse que não se vê uma cobra negra como a Louise desde que meus tios saíram de casa.

— Que nome doido. — Zachary continuava afastado da cobra, encostado em um jovem carvalho ao lado da trilha como se recuperasse o fôlego.

*É uma piada de família*, ponderou Polly. Zachary não sabia nada da família dela, fora que era grande, e ela não sabia nada da dele, além de que a mãe havia morrido e que o pai era mais rico do que a imaginação dá conta. Louise ficaria para depois.

— Pronto?

A voz dele estava trôpega.

— Eu é que não vou passar por essa cobra.

— Ela não vai fazer nada — insistiu Polly. — É sério. Ela é absolutamente inofensiva. E minha avó disse que ficou encantada em vê-la.

— Eu não saio daqui. — Havia certo tremor na voz de Zachary.

— Está tudo bem. — Polly tentou convencê-lo. — Onde tem cobras não tem ratos, e ratos são vetores da peste bubônica e... — Ela parou de falar quando a cobra começou a se desenroscar, lentamente, voluptuosa, e deslizou por entre as pedras do muro. Zachary ficou assistindo com as mãos enfiadas no fundo dos bolsos da jaqueta de couro até o último centímetro do rabo do bicho sumir.

— Ela já foi — disse Polly. — Pode vir.

— Ela não vai voltar?

— Ela foi dormir, acabou o dia.

Polly estava com sua expressão mais autoconfiante, embora pouco entendesse dos hábitos das cobras negras. As cobras mais tropicais da Ilha Benne Seed eram em geral venenosas e deviam ser evitadas. Mas Polly confiava na garantia de sua avó de que Louise era inofensiva, então cruzou o muro e estendeu a mão a Zachary, que a segurou e seguiu, temeroso.

— Está *tudo bem*. Vamos.

Polly puxou-o pela mão e os dois foram pelo campo até o local que Polly já considerava seu lar, a casa dos avós. Era uma casa de fazenda antiga e imensa,

com várias alas anexadas ao decorrer dos séculos. Como a maioria das casas construídas havia mais de dois séculos nesta região de ventania com invernos longos e rigorosos, era voltada para o sul, onde havia proteção dos ventos setentrionais. Saindo pela despensa, que ia da cozinha à garagem, havia uma ala onde ficava o laboratório da avó de Polly. Originalmente, quando a casa era parte de uma fazenda de laticínios, aquele lugar havia sido usado para fazer manteiga e examinar os ovos.

Ao leste ficava a ala mais nova, construída depois que a mãe e os tios de Polly haviam saído de casa. Continha uma piscina coberta, não muito grande, mas com tamanho suficiente para algumas voltas, recomendação médica veemente para a artrite do avô. Polly, como a maioria das crianças criadas em ilhas, sabia nadar e em poucos dias já havia definido seu horário de natação antes do jantar, toda noite, pois percebera que os avós gostavam de ficar a sós no nado antes do desjejum. Além disso, a piscina só tinha espaço para duas pessoas nadarem tranquilamente — não três.

As paredes dos quartos do térreo da velha casa tinham sido demolidas, transformando o espaço em uma sala de estar aconchegante em forma de L e uma grande área que juntava cozinha, sala de estar e sala de jantar. Polly e Zachary chegaram à casa pelo norte, subindo pela varanda onde ficava a mobília de verão.

— Preciso ajudar o Vovô a guardar isso na adega para o inverno — disse ela. — Já está muito frio para fazer refeições aqui fora.

Ela levou Zachary em direção à cozinha com seus aromas agradáveis de comida no fogo e de lenha de macieira queimando. Havia quatro pessoas sentadas em volta da mesa oval, entulhada de xícaras de chá e um prato de torradas com canela. A avó viu os dois e se levantou.

— Ah, que bom. Se encontraram. Podem vir. O chá está pronto. Zachary, esta aqui é uma velha amiga nossa, a Dra. Louise Colubra, e o irmão dela, o bispo Nason Colubra.

O bispo levantou-se para apertar a mão de Zachary. Ele vestia calça jeans e uma camiseta de rugby listrada, e sua magreza o fazia parecer mais alto do que de fato era. Polly achava o sujeito parecido com uma garça. Tinha mãos fortes e compridas, e usava seu único bem de grande estima: um grande anel de ouro com um belo topázio, um elegante contraste com suas roupas simples de trabalho.

— Me aposentei — disse ele — e vim morar com minha irmãzinha.

“Inha”, de fato; em contraste com o irmão, a Dra. Louise era uma mulher *mignon* e, se o bispo lembrava a Polly uma garça, ela era como um melro marrom com saia de tweed e casaquinho de lã. Louise também cumprimentou

Zachary.

— Quando Kate Murry me chama de velha amiga, fico me perguntando a que se refere o “velha”.

— À amizade, é claro — disse a avó de Polly.

— Dra. Louise! — Polly tomou seu assento à mesa e apontou para Zachary sentar ao seu lado. — Vimos sua homônima!

— Não a Louise Larguda original, não é? — A médica pegou um prato de torradas muito cheirosas e pôs na frente de Zachary.

— Infelizmente não. — Zachary olhou para a médica. — Qual é o seu nome?

— Louise Colubra.

— Ah, saquei! — disse Zachary, triunfante. — Colubra é cobra em latim!

— Isso mesmo.

Polly ficou olhando para ele com admiração. Zachary já havia demonstrado ter muita bagagem cultural. Lembrava-se de tê-lo ouvido contar, por exemplo, que a arquitetura grega era limitada porque os gregos não haviam descoberto o arco. Ela foi ao armário da cozinha pegar xícaras para si e para ele.

— Meus tios batizaram a cobra por causa da Dra. Louise.

— Mas por que *Larguda*?

O bispo sorriu.

— Louise está longe de ser larga, e suspeito que a cobra seja mais larga, no mínimo, para uma cobra negra, do que Louise é em comparação a um ser humano comum.

Polly deixou as xícaras na mesa.

— É bem mais fácil explicar a Louise Larguda com a Dra. Louise aqui do que lá no muro de pedra.

Uma chaleira começou a apitar no fogão a lenha, e sua tampa ficou batendo. O avô de Polly a pegou com um pano e serviu água no bule.

— O chá ainda está muito forte. Acho melhor eu diluir. — Ela colocou a chaleira de volta no fogo, depois serviu para Polly e Zachary.

O bispo encostou-se na mesa e serviu-se de uma torrada com canela.

— O motivo para esta visita sem aviso — disse ele enquanto engolia — é que encontrei mais uma. — Ele apontou para um objeto que parecia um pão, ao lado da xícara do avô de Polly.

— Parece uma pedra — disse Polly.

— E é — concordou o bispo. — Como qualquer pedra daquele muro. Só que não é. Veja.

Polly achou ver linhas na pedra, mas provavelmente haviam sido riscadas quanto os velhos muros se assentaram, ou quando o solo subia no inverno.

Mas Zachary passou os dedos delicados pela pedra.

— Ei, isso é glifos Ogam?

O bispo sorriu para ele com prazer e surpresa.

— Sim, meu jovem, exatamente! De onde conhece?

— Um dos meus chefes em Hartford é vidrado nestas pedras. E eu tenho ficado tão maluco de tédio naquele escritório que deixei ele me alugar sobre o assunto. Melhor do que ficar ouvindo falarem sobre processos por negligência médica. — A Dra. Louise se retesou ao ouvir isso. — E é interessante pensar que houve gente aqui que veio da Grã-Bretanha, que veio ao continente norte-americano, nossa, três mil anos atrás.

— E você ainda rodou naquele monte de colégios chiques — falou Polly, pensativa.

Ele sorriu e tomou um gole de chá.

— Quando algo me interessa, eu gravo. — Ele estendeu a xícara e Polly serviu-o de novo.

Ela abaixou o bule e foi tatear a pedra.

— É um petróglifo?

O bispo serviu-se mais torrada com canela.

— Aham.

— É do alfabeto Og...

— Alfabeto Ogam.

— E diz o quê?

— Se eu traduzi devidamente, fala de Vênus, de colheitas tranquilas e governo brando. O que acha, meu jovem?

Zachary balançou a cabeça.

— É a primeira pedra Ogam que eu vejo de perto. Meu chefe tem fotografias, mas é mais interessado na teoria. De que os celtas, talvez druidas, tenham vivido, e provavelmente se casado, com as nativas.

Polly olhou mais de perto. Ela via, muito fracas, algumas linhas horizontais, com marcações acima e abaixo.

— Um fazendeiro usou esta pedra no muro e nem notou?

Sua avó trouxe outro prato de torradas com canela à mesa e retirou o vazio. A fragrância somou-se ao odor da lenha queimando na lareira.

— Duzentos anos atrás, um fazendeiro tinha que fazer o que fosse necessário para continuar vivo. E quantos fazendeiros hoje têm tempo de analisar as pedras que saem do chão na primavera? — perguntou o avô.

— É a nossa melhor safra — brincou a Dra. Louise.

O avô de Polly empurrou os óculos nariz acima, num gesto típico.

— E se eles viram marcações nas pedras e perceberam que não foram a esmo, não tinham a mínima ideia do que poderiam significar.

A esposa dele riu.

— E você sabe?

Ele devolveu a risada.

— *Touché*. Se não fosse o Nase, eu seguiria na minha bendita ignorância.

A Dra. Louise sorriu para ele.

— O que você faz tende a deixar sua cabeça nas estrelas.

— Na verdade, Louise, os astrofísicos têm pouquíssimo tempo para observar estrelas.

— Onde achou esta pedra, Nase? — A Sra. Murry sentou-se à mesa e serviu-se de chá.

— Naquele velho muro de pedra que a gente precisa cruzar para chegar à rocha de observação estelar.

— O muro da Louise Larguda! — exclamou Polly, pensando ser algo natural o bispo saber da rocha de observação estelar; aquele lugar era especial para toda a família Murry, não só para sua mãe.

O bispo prosseguiu.

— Os primeiros colonizadores estavam tão ocupados em desbastar a floresta que não é à toa que não tenham notado pedras com inscrições Ogam.

— Ogam é um alfabeto — explicou Zachary a Polly. — Um alfabeto celta, com quinze consoantes, algumas vogais e alguns sinais para ditongos ou duplas de consoantes como *ng*.

— No entanto — complementou o bispo —, era uma língua primariamente oral, não escrita. Seu chefe gostaria de ver esta pedra?

— O queixo dele ia cair. — Zachary sorriu. — Mas não vou contar. Ele viria até aqui para roubá-la, então de jeito nenhum. — Ele olhou para o relógio de pulso e levantou. — Olha, foi sensacional estar aqui e adorei conhecer todos vocês, mas perdi um pouco a hora e tenho um jantar lá em Hartford. Mas gostaria de voltar, se possível.

— É claro — disse a Sra. Murry, ficando de pé. — Quando quiser. As únicas pessoas que Polly tem visto desde que chegou são as quatro antiguidades aqui.

— Vocês não são... — Polly começou a protestar.

Mas a avó prosseguiu.

— Não há muitos jovens aqui por perto e estamos preocupados.

— Pode vir, no fim de semana que quiser — insistiu o Sr. Murry.

— Sim, venha — concordou Polly.

— Eu não preciso esperar o fim de semana — disse Zachary. — Tenho folga nas quintas à tarde. — Ele olhou para Polly, que sorriu. — Tudo bem se eu aparecer, então? De carro dá pouco mais de uma hora. Posso chegar às duas.

— É claro. Estaremos esperando.

Polly e os Murry acompanharam Zachary até sair da cozinha, passar o laboratório e a garagem. O pequeno carro esporte vermelho estava estacionado ao lado de uma picape azul-clara.

O Sr. Murry apontou.

— O maior orgulho de Nase. Ele dirige como um louco. Foi um prazer conhecê-lo, Zachary, e estamos ansiosos para recebê-lo na quinta-feira.

Zachary cumprimentou o casal com apertos de mão e deu um beijo delicado em Polly.

— Que rapaz agradável — disse a Sra. Murry, quando voltaram para casa.

E, na cozinha, o bispo fez eco.

— Que rapaz aprazível.

— Achei incrível — disse o Sr. Murry — que ele conheça pedras Ogam.

— Ah, saíram matérias sobre elas nos jornais de Hartford — disse a Dra. Louise. — Mas ele parece mesmo um jovem encantador e inteligente. Muito pálido, porém. Parece que não sai muito de casa. De onde você o conhece, Polly?

Polly agachou-se na frente da lareira.

— Nos conhecemos no verão passado em Atenas, quando estive lá antes do congresso no Chipre.

— E de onde ele é?

— Da Califórnia, e o pai é envolvido com negócios de multinacionais. Quando Zachary viaja pela Europa ele não faz mochilão. Só fica nos melhores hotéis. Mas é meio solitário.

— Ele está de licença da faculdade?

— Sim. Ele entrou um pouco tarde. Não ia bem no colégio porque não se interessava, não dava bola. — Um gatinho saiu da adega, caminhou pela sala e pulou no colo de Polly, fazendo ela se sentar sobre os calcanhares. — Por onde você andava, Hádrón? — Polly fez carinho na cabeça malhada.

A Dra. Louise ergueu a sobrancelha.

— Nome natural para o gato de uma física subatômica.

— Achei que fosse uma variação de Hadrian — disse o bispo, educadamente.

— Ou estamos pronunciando errado? — sugeriu a Sra. Murry.

Ele deu um suspiro.

— Seria o nome de uma partícula subatômica ou algo do tipo?

— Kate, por que você e o Alex não arrumam outro cachorro? — perguntou a Dra. Louise.

— Ananda viveu até os dezesseis. Não estamos há tanto tempo sem cachorro.

— É que esta casa não me parece certa sem um cachorro.

— É o que Sandy e Dennys sempre dizem. — O Sr. Murry deu as costas ao



forno e começou a fechar as cortinas das amplas janelas da cozinha. — Mas nós nunca saímos à procura de cães. Eles simplesmente aparecem, de tempos em tempos.

Satisfeita, Polly deu um suspiro e mudou de posição. Ela amava os avós e os Colubra porque eles a valorizavam, faziam com que acreditasse em possibilidades infinitas. Em sua casa na Ilha Benne Seed, Polly era a filha mais velha de uma família grande. Aqui ela era a única, com todos os privilégios de filha única. Ela ergueu os olhos quando o avô levantou a pedra Ogam e a guardou no armário da cozinha.

— Três mil anos — disse ele. — Não é nada em termos galácticos, mas muito em termos humanos. Tempo que já passou, como pensamos nós, criaturas limitadas que somos. Mas quando se está numa nave espacial, os conceitos tradicionais de tempo e espaço desaparecem. Ainda temos muito a aprender sobre o tempo. Nunca deixaremos o sistema solar enquanto continuarmos a pensar no tempo como um rio que flui em uma direção só até o mar. — Ele deu tapinhas na pedra.

— Você encontrou outras pedras Ogam? — perguntou Polly.

— Eu não. Nase, sim. Nase, talvez Polly possa ajudar nas traduções. Ela é um gênio dos idiomas.

Polly corou.

— Ah, Vovô, não é assim. ❖

— Você fala português, espanhol, italiano e francês, não é?

— Bem, sim, mas...

— E não começou a estudar chinês?

Ela riu.

— Um dia, quem sabe. Eu amo idiomas. Ano passado aprendi um pouco de grego.

A Sra. Murry acendeu as duas lamparinas de querosene que flanqueavam o pote de gerânios sobre a mesa.

— Polly está sendo modesta. Segundo pessoas que a conhecem bem, seus pais e seus tios, por exemplo, a facilidade que ela tem com idiomas é assombrosa. — Então, para alívio de Polly, ela mudou de assunto. — Louise, Nase, vocês ficam para o jantar, certo?

A médica fez que não.

— Acho que é melhor irmos. Nase dirige como um condenado à noite.

— Ora, Louise...

— Tenho um ensopado de frango e legumes em fogo brando no bico de Bunsen do laboratório — disse a Sra. Murry. — Vamos passar uma semana comendo se não nos ajudarem.

— Parece que estamos nos impondo... vocês, sempre nos dando comida...  
O bispo interpôs.

— Então hoje lavamos a louça, para Polly e Alex poderem descansar.

— Grande proposta — disse o Sr. Murry.

A Dra. Louise estendeu as mãos.

— Eu aceito. Alex. Kate. — Ela apontou para a pedra Ogam. — Vocês estão realmente levando isso a sério?

— Estranhamente, sim — respondeu o Sr. Murry. — Celtas, druidas, tudo. Kate ainda duvida, mas...

— Mas já nos vimos obrigados a levar a sério coisas mais estranhas. — A Sra. Murry foi até a porta. — Vou pegar a caçarola para terminar na cozinha.

Polly estremeceu.

— Está um gelo dentro do laboratório. A Avevó estava me ensinando como usar cromatografia de gás hoje de manhã, mas surgiram estalactites na ponta do meu nariz e ela me mandou entrar. O Tio Sandy me chama de flor do pântano.

A Dra. Louise sorriu.

— O maquinário da sua avó é só para se exibir. O trabalho dela acontece mesmo na cabeça.

— Eu não me dei bem com o bico de Bunsen. Por que você não vai nadar, Polly? Você sabe que a piscina é o lugar mais quente da casa.

Como estava no horário habitual da nataçãõ de Polly, ela concordou prontamente. Adorava nadar à noite, à luz das estrelas e da lua jovem. Hora de nadar, hora de pensar.

— Vejo vocês daqui a pouco. — Então ficou de pé, tirando um relutante Hádron do colo.

. . .

Polly subiu pelas escadas dos fundos. No primeiro dia naquela casa, quando seus avós lhe mostraram o andar de cima, ela não sabia onde pretendiam acomodá-la. O aposento predileto da mãe era o sótão, onde ficava a grande cama de latão embaixo das calhas e onde os pais dela dormiam nas raras visitas. No segundo andar ficava o quarto dos avós, com uma grande cama com dossel. Do outro lado do corredor ficava o quarto dos tios Sandy e Dennys, onde o beliche havia permanecido, pois nas poucas ocasiões em que a família inteira conseguia se reunir, precisavam de todas as camas. Havia um aposento que talvez tivesse sido um quarto, mas que agora era o escritório do avô, com estantes de livros e uma escrivaninha xerife acabada, mais um sofá-cama para imprevistos. E ainda havia o quarto do tio Charles Wallace — o irmão caçula de sua mãe.

Polly tinha uma sensação muito vaga em relação a não ter um quarto na casa dos avós. Embora tivesse seis irmãos, estava acostumada a ter o próprio quarto com suas próprias coisas. Cada uma das crianças O'Keefe tinha seu quarto, por mais que fossem pouco mais que cubículos, pois os pais acreditavam que, especialmente no caso de uma família grande, era essencial uma dose de privacidade.

Enquanto eles subiam as escadas, naquele dia, sua avó tinha lhe dito:

— Demos uma arrumada no quarto de Charles Wallace. Não é grande, mas acho que você vai gostar.

Mas o quarto tinha passado por mais que uma simples arrumação. Polly teve a impressão de que seus avós sabiam que ela estava vindo, embora tivesse tomado a decisão de forma abrupta, apenas três dias antes de entrar no avião. Quando precisavam tomar uma atitude, seus pais não eram de procrastinar.

Mas o quarto, assim que ela passou do batente, parecia convidá-la. Havia uma janela ampla que dava para um pomar, depois para um grande pasto aparado até a floresta, e depois ao sopé levemente encurvado das montanhas. Era uma paisagem bucólica, nada espetacular, mas suave para se conviver e ampla e profunda o bastante para dar perspectiva. A outra janela dava para leste, mostrando o pomar até chegar a mais floresta. O papel de parede era à moda antiga, um azul suave, margaridas salpicadas como estrelas e uma ou outra borboleta de cor vibrante, e as cortinas da janela combinavam, embora houvesse mais borboletas do que no papel de parede.

Debaixo da janela da parede leste havia estantes cheias de livros e uma cadeira de balanço. Os livros eram de uma coleção eclética, diversos volumes de mitos e contos de fada, um pouco de história romana e grega, romances de todo tipo, de *Tom Jones* de Henry Fielding à *Corneta da alegria*, de Matthew Maddox, até chegar aos contemporâneos. Polly puxou um livro sobre constelações, com linhas desenhadas entre as estrelas para mostrar os signos do zodíaco. Era preciso muita imaginação, pensou ela, para ver Ursa Maior e Ursa Menor, ou Sagitário com arco e flecha. Mas fato é que teria muita coisa para ler, o que a deixava grata.

O piso era de tábuas de cerejeira e havia pequenas tapeçarias de parede em ambos os lados da grande cama de pinho, coberta com uma colcha de retalhos em azul e amarelo. O que Polly mais gostava era que, embora o quarto fosse bonito, não era fofinho. Charles ia gostar, pensou ela.

Ela havia se virado na direção da avó.

— Nossa, que lindo! Quando vocês fizeram tudo isso?

— No verão passado.

No verão anterior, os avós não tinham ideia de que Polly viria morar com eles.

Mesmo assim, ela achou que o quarto tinha sido feito para ela.

— Eu adorei! Nossa, Avevó, eu adorei!

• • •

Polly telefonou para os pais e descreveu o quarto. Seus avós haviam deixado a sós para falar com privacidade.

— Eu amo a Avevó e o Vovô. Vocês tinham que ver ele pilotando o trator. Não assusta nem uma mosca.

Ela ouviu risos.

— E você esperava o contrário?

— Não, eu... Eu sei que ele entende muito de astrofísica e viagens no espaço, e que é consultado por presidentes e gente importante. Mas é fácil conversar com ele... Bem, ele é meu avô, e eu acho ele demais.

— Imagino que seja mútuo.

— E a Avevó também não assusta.

Os pais dela (ela conseguia visualizar os dois, a mãe deitada de bruços na cama, o pai empoleirado num banco do laboratório, cercado por tanques de estrelas do mar e polvos) riram, juntos.

Polly ficou um pouco na defensiva.

— É que nós chamamos ela de Avevó, ela parece uma majestade.

— É porque você dizia Vovó errado quando começou a falar.

— Bem, e ela ganhou um Prêmio Nobel, não é?

O pai dela falou com mais sensatez.

— Ela é sensacional, Polly. Mas acho que ela prefere que você a ame do que fique impressionada com suas realizações.

Polly fez que sim com o telefone.

— Eu amo a Avevó. Mas lembrem que eu nunca tive muita chance de conhecer a Avevó e o Vovô. Nós moramos tanto tempo em Portugal, depois na Ilha Benne Seed, que continuou sendo bem longe. As poucas visitas que fizemos nunca foram o bastante. Eu estou pasma com eles.

— Eles são gente boa — disse seu pai. — Têm talento, talvez um toque de gênio. Mas são humanos. Foram gentis comigo, incríveis de tão gentis, quando eu era menor.

— Já estava na hora de você conhecer melhor os dois — complementou a mãe. — Fique feliz, Polly.

• • •

E ela estava. Feliz como uma criancinha. Não que quisesse regredir, perder qualquer das coisas que havia aprendido com suas experiências, mas com os avós ela conseguia relaxar, sentir-se totalmente livre para ser ela mesma.

Pegou o maiô no banheiro e foi para o quarto. No andar de baixo, ouvia alguém caminhando e botando um disco, o Quinteto “A Truta” de Schubert. A música fascinante veio flutuando até seus ouvidos.

Polly deixou a calça jeans e o moletom numa pilha no chão, vestiu maiô e roupão, desceu as escadas e foi à piscina. Pendurou o roupão no cabideiro, esperou os olhos se ajustarem à luz fraca, então entrou na água e começou a dar voltas. Ela nadava ordenadamente, deslocando pouca água, indo e voltando, indo e voltando. Ficou de costas, olhando para as claraboias, dando as boas-vindas a uma estrela, depois outra. Passou a nadar de lado, perdida em pensamentos. Um leve barulho a fez diminuir o ritmo. Um arranhar. Ela boiou para ouvir. Vinha de uma das janelas que cobria a parede norte do chão até a inclinação do telhado.

Mas Polly não conseguia enxergar nada. Então o arranhar virou uma leve pancada, fazendo Polly sair da água e ir até a janela. Havia uma descida de mais ou menos um metro e meio da janela até o chão. À última luz, ela conseguiu ver uma menina da sua idade, com cabelos negros presos numa longa trança jogada por cima do ombro. No pescoço havia um laço de prata com uma pedra que parecia uma lágrima.

— Olá — falou Polly do outro lado do vidro escuro.

A menina sorriu e se esticou para bater de novo. Polly abriu a janela.

— Posso entrar? — perguntou a menina.

Polly puxou a tela até abrir.

A menina deu um pulo e agarrou-se no peitoril, projetando-se para dentro, seguida de uma rajada de vento. Polly fechou a tela e a janela. A menina parecia ter a idade de Polly e uma beleza exótica, a pele cor de mel e os olhos tão escuros que as pupilas mal se distinguiam.

— Peça que me desculpe — disse a menina em tom formal — por chegar desta maneira. Karralys viu você hoje à tarde. — Ela falava com um sotaque que Polly não conseguia identificar.

— Karralys?

— Sim. No carvalho, quando estava com o cão.

— Por que ele não deu oi? — perguntou Polly.

— Não é costume ver os outros círculos do tempo. Mas Karralys e eu conversamos e achamos que eu devia vir aqui ao núcleo do poder. Achamos que talvez você pudesse ter sido enviada a nós neste período estranho e... — A menina cortou a frase quando uma porta bateu em outra parte da casa e levou a mão à boca. Então passou a sussurrar. — Agora preciso ir. Por favor... —

Parecia tão assustada que Polly abriu a janela para ela passar.

— Quem é você?

Mas a menina deu um salto, caiu suavemente do lado de fora e partiu pelo campo em direção à floresta, correndo com a velocidade de um animal selvagem.

Nada naquele acontecimento fazia sentido. Polly vestiu o roupão e foi em direção à cozinha, tentando em vão encontrar alguma explicação. Provavelmente todo mundo estava no laboratório, onde estaria gelado demais para uma flor do pântano de maiô molhado e roupão úmido.

Os pais temiam que talvez ela se sentisse solitária sem a companhia de pessoas da sua idade, mas em um dia só ela vira três: o jovem de olhos azuis perto do carvalho (por mais que tivesse, provavelmente, alguns anos a mais que ela); Zachary; e, agora, aquela desconhecida.

No seu quarto do andar de cima, o gato malhado estava bem acomodado no meio da cama, um de seus lugares prediletos. Ela o pegou no colo, abraçou e ele deu uma ronronada, contente com o calor e a umidade.

— Quem era aquela garota? E do que ela estava falando? — Ela abraçou o gato com força demais e ele pulou de seus braços e saiu do quarto, com o rabo marrom e âmbar ereto.

Polly vestiu-se e desceu a escada. O bispo estava na cozinha, sentado em uma das poltronas puídas, mas confortáveis perto da lareira. Juntou-se a ele.

— O que houve? — perguntou ele.

— Só estou meio intrigada. Enquanto eu estava nadando, ouvi uma batida na janela, saí da piscina para olhar e havia uma menina, mais ou menos da minha idade, com um rabo de cavalo comprido, olhos meio exóticos. Deixei ela entrar, e aí... Bem, nada do que ela disse fez sentido.

— Prossiga. — O bispo estava alerta, plenamente focado nas palavras de Polly.

— Hoje à tarde, perto do Carvalho Avô... Sabe de qual árvore estou falando?

— Sim.

— Eu vi um garoto com um cachorro. A menina disse que essa pessoa com o cachorro havia me visto, aí disse alguma coisa sobre círculos do tempo, depois ouviu um barulho, ficou assustada e saiu correndo. Você tem ideia de quem é?

O bispo ficou olhando para Polly sem responder, apenas encarando-a com uma expressão de puro choque.

— Bispo?

— Bem, minha cara... — Ele deu um pigarro. — Sim. É mesmo estranho. Estranho mesmo.

— Devo contar aos meus avós?

Ele hesitou. Deu outro pigarro.

— Creio que sim.

Ela assentiu. Confiava naquele homem, cuja vida episcopal não havia sido nada tranquila. Os avós de Polly haviam contado que ele passara anos na Amazônia, fizera seminários na China, fora jurado de morte no Peru. Na companhia de pessoas ditas primitivas, ele as ouvia em vez de impor o que pensava. Sabia estimar os outros.

Ela estava tão preocupada com a história que havia contado que não percebeu como tinha deixado o bispo incomodado.

— Polly, me conte mais sobre o jovem com o cão — pediu ele com a voz um pouco trêmula.

— Ele estava parado ao lado do Carvalho Avô. Os olhos dele eram de um azul profundo.

— E como era o cão?

— Um cachorro grande com orelhas grandes, nada mais. Nenhuma raça em específico. Eu só vi os dois por segundos.

— E a menina. Pode descrevê-la?

— Bem. Não muito mais do que já falei. Tinha uma trança negra, comprida, olhos escuros. Era linda e estranha.

— Sim — disse o bispo. — Ah, sim. — O tom dele era suave, mas preocupado.

Agora ela havia percebido que algo o incomodava.

— O senhor sabe quem são?

— Talvez. Como saber? — Ele fez uma pausa, depois falou com pressa. — Sim, é estranho, estranho mesmo. Seu avô está certo em dissuadir invasores. — De repente seu olhar ficou impenetrável.

O Sr. Murry entrou da despensa e ouviu as últimas palavras do bispo.

— Isso mesmo, Nase. Fico muito contente em ver cervos e raposas pulando os muros de pedra, mas intrometidos, não. Tivemos que colocar um sistema de alarme no laboratório que foi tenebroso de caro. Louise está certa, a maior parte do equipamento de Kate não é usado há décadas. Mas os computadores são outra história. — Ele estava indo no fogão a lenha e virou-se para Polly. — Arrombaram o laboratório duas vezes. Uma vez levaram um microscópio que era inútil, e em outra sua avó perdeu uma semana de trabalho porque alguém, provavelmente crianças da vizinhança, não alguém que entendesse do trabalho dela ficou brincando com o computador. — Ele abriu a portinhola do forno à lenha e o cheiro de pão recém-assado preencheu a cozinha. — Pão é uma das coisas que Kate não consegue fazer no bico de Bunsen, então é onde faço minha contribuição. Sem falar que é terapêutico. Sovar pão faz maravilhas para dedos reumáticos.



A Sra. Murry e a Dra. Louise também vieram para a cozinha. A Sra. Murry acendeu velas para somar às lamparinas a óleo, e desligou as luzes. A Dra. Louise colocou na mesa uma grande caçarola do frango da Sra. Murry, e o Sr. Murry tirou do forno uma travessa de legumes outonais: brócolis, couve-flor, couve-de-bruxelas, cebolas, cenouras, alho-poró. O bispo sorveu os perfumes com prazer.

— Os gêmeos tinham uma horta bem grande — disse a Sra. Murry. — A nossa não impressiona tanto, mas Alex faz tudo muito bem.

— Para um velho, você quis dizer — disse o Sr. Murry.

— Fora sua artrite, você está muito bem — disse a Dra. Louise. — Queria que meus pacientes com dez anos a menos se sentissem tão jovens quanto você.

Depois de sentados, com a refeição devidamente abençoada e servida, Polly olhou para o bispo. Seus olhos fixaram-se brevemente nos dela. Então ele olhou para o lado, e sua expressão ficou mais contida. Ela achou que ele havia lhe feito um sinal, quase imperceptível.

— Hoje vi umas pessoas estranhas — disse ela.

— Quem? — perguntou seu avô.

— Espero que não esteja falando de Zachary! — A Dra. Louise riu.

Ela fez que não e descreveu tanto o rapaz com o cachorro quanto a menina.

— Zachary achou que fosse um caseiro.

O bispo engasgou-se de leve, levantou-se e serviu água. Enquanto se recuperava, perguntou:

— Quer dizer que Zachary viu este rapaz?

— Sim. Ele estava bem perto. Mas não conversou nem comigo, nem com ele.

— Espero que não tenha sido um caçador — disse o Sr. Murry. — Nossa terra tem demarcação bem visível.

— Ele não estava armado. Tenho certeza. Estamos em temporada de caça ou algo assim?

— Nas nossas terras, nunca é temporada de caça — disse o avô. — Você conversou com ele? Perguntou o que estava fazendo?

— Não deu tempo. Só vi ele olhando para mim e, quando cheguei na árvore, tinha sumido.

— E a menina? — inquiriu a Sra. Murry.

Polly olhou para o bispo. O rosto dele voltou a ficar inescrutável, a expressão esquiva. Polly repetiu a descrição.

— Não creio que fossem caçadores, vândalos nem nada de ruim. Eram só misteriosos.

A voz do avô saiu inesperadamente áspera.

— Não quero mais mistérios.

O bispo encarava a pedra Ogam dentro do guarda-louças da cozinha, ao lado de várias canecas, tigelas, uma molheira, um martelo e um rolo de selos.

A voz da Sra. Murry foi suave.

— Talvez queiram fazer amizade com você, querida?

— Acho que a garota tem mais ou menos a minha idade — disse Polly. — Ela usava umas roupas de couro muito bonitas, que custariam uma fortuna em uma dessas lojas de grife, e também tinha tipo um colar de prata com uma pedra linda.

A Sra. Murry riu.

— Sua mãe disse que você finalmente demonstrou interesse por roupas. Fico contente em notar uma evidência disso.

Polly ficou um pouco na defensiva.

— Nunca tive motivo para eu usar outra coisa que não seja jeans, Avevó.

— Colar de prata. — O bispo falou como se estivesse conversando consigo. — Um torque... — Ele ocupou-se de servir legumes.

A Sra. Murry, porém, escutou.

— Torque? — Ela virou-se para Polly. — Nason tinha um livro sobre peças de metal antigas, fotos lindas. Os primeiros druidas podem ter vivido entre gente da Idade da Pedra, mas há registros de que ferreiros estiveram na Grã-Bretanha ao menos de passagem. Os druidas sempre foram astrônomos muito sofisticados. Assim como os líderes tribais, eles usavam torques de trançado complexo.

— A moda é uma coisa cíclica, certo? — disse a Dra. Louise — E o quanto aprendemos, desde a Idade da Pedra, em relação a viver em paz?

O Sr. Murry olhou para a esposa.

— Tem a foto de um torque de prata magnífico no livro de Nason que eu queria conseguir para você, Kate. Ia lhe servir perfeitamente.

Polly olhou para as roupas de fazenda da avó, apropriadas para o local, e tentou imaginá-la com um lindo torque. Não era de todo impossível. Já haviam lhe dito que sua avó havia sido belíssima. Ela olhou para os ossos finos, o cabelo grisalho curto e bem cortado, a curva graciosa do pescoço esguio, os olhos cercados de linhas que vinham de sorrisos, de dor, da vida generosa, e pensou em como a vó continuava bela. Estava contente em ver o avô ainda queria presentear a esposa com um torque.

A Sra. Murry havia tirado uma torta de mirtilo do congelador para a sobremesa, e trouxe-a borbulhando do forno.

— Não fui eu que fiz — explicou ela. — Tem um festival de mirtilo na igreja todo verão, e eu sempre compro meia dúzia de tortas para congelar, só para ter à mão quando der vontade. — Da primeira fatia cortada jorrou um suco roxo com fragrância de verão. — Polly, não consigo dizer o quanto fiquei contente que

Zachary apareceu. Deve ter sido difícil você deixar seus amigos para trás.

Polly aceitou a fatia.

— Crianças de ilha tendem a ser mais solitárias. Meus amigos são um pouco espalhados.

— Tive sorte por Louise morar a poucos quilômetros. Somos amigas desde a faculdade.

Sim, a avó tinha sorte de ter a Dra. Louise, pensou Polly. Ela nunca tivera uma melhor amiga da mesma idade. Pensou na hora na menina da piscina.

• • •

Polly e o bispo lavaram a louça juntos enquanto os outros foram sentar perto da lareira na sala de estar a convite da Sra. Murry, que disse que todos haviam passado tempo demais na cozinha.

— Então, menina da ilha — disse o bispo —, tudo bem por aqui?

— Muito bem, Bispo, obrigada. — Ela queria perguntar mais sobre o homem com o cão e sobre a menina na piscina, mas ficou claro que o bispo estava fugindo do assunto. Ela pegou um prato enxaguado por ele e colocou na lava-louças.

— Minha irmã me ensinou a lavar tudo antes com sabão, mesmo que vá para a lava-louças. Tenha cuidado, pois os pratos estão escorregadios.

— Tudo bem.

— Seu jovem...

— Zachary. Zachary Gray.

— Ele não parecia bem.

— Ele é pálido assim mesmo. No verão passado, na Grécia, quando todo mundo estava bronzeado, a pele dele era branca. Óbvio que ele não pega muito sol. Não faz o tipo atlético.

— Como foi o verão passado? — O bispo torceu uma esponja.

Polly estava colocando os talheres no cesto da lava-louças.

— Foi uma experiência maravilhosa. Eu amei Atenas, e o congresso no Chipre valeu por um ano da faculdade. Foi Max, Maximiliana Horne, que conseguiu tudo pra mim. E ela morreu pouco antes de eu voltar para casa.

O bispo assentiu.

— Seus avós me contaram. Você ainda está de luto, então.

Ela secou as facas de um conjunto de prataria antiga, de cabos colados, que não podiam ir na lava-louças.

— Lá em casa era mais difícil porque tudo me fazia pensar nela. Você a

conhecia?

O bispo deixou a água com sabão escorrer da pia.

— Seu Tio Sandy me contou um pouco sobre ela. Eram grandes amigos.

— Sim. Foi Sandy que me apresentou. — Ela sentiu um aperto na garganta, que não esperava.

O bispo foi até as poltronas puídas perto da lareira da cozinha em vez de juntar-se aos demais na sala de estar. Assim que Polly sentou ao lado dele, Hádrón apareceu e pulou no seu colo, ronronando.

— Bispo, quanto ao jovem e à menina...

Mas, naquele instante, a Dra. Louise entrou na cozinha dando um bocejo.

— Louça devidamente lavada?

— Com sabão — assegurou-lhe o bispo.

— Hora de irmos, então.

Polly e os avós saíram para se despedir dos Colubra. As estrelas brilhavam em meio a pequenos tufos de nuvem, e a lua estava enroscada nos galhos de um grande bordo norueguês.

O bispo subiu pelo lado do motorista da caminhonete azul, e eles partiram com um guincho de pneus.

A avó de Polly virou-se para voltar para a casa.

— Nós vamos nadar um pouco. Depois vou até o seu quarto dar boa-noite, ok? — Já havia virado um hábito, um aconchego, sua avó aparecer depois de Polly ir para cama e elas conversarem por alguns minutos.

Polly tomou um banho apressado — o banheiro era congelante —, vestiu uma camisola de flanela e foi para a cama, cobrindo-se com a colcha. Leu páginas do livro que seu avô havia lhe dado sobre buracos brancos, os jorros cósmicos que são os opostos dos buracos negros. Os avós eram muito preocupados com a educação dela. Talvez não fosse à toa que o avô não houvesse notado pedras nos muros com inscrições estranhas.

Quando a avó entrou, Polly deixou o livro na mesa de cabeceira. A Sra. Murry sentou-se na lateral da cama.

— A noite está linda. Que bom que Nase veio morar com a Louise. Para mim e seu avô, é como se o conhecêssemos desde sempre. Foi um ótimo bispo. Ele é carinhoso, tem empatia e sabe escutar.

Polly aprumou-se nos travesseiros.

— Sim, eu sinto que poderia contar qualquer coisa e ele não ia ficar chocado.

— E ele nunca trai um segredo.

— Aevó. — Polly sentou-se mais reta. — Tem uma coisa me incomodando.

— O quê, querida?

— Eu meio que fui jogada pra vocês, não fui?

— Ora, Polly, seu avô e eu sabemos nos defender. Ou seja, se não quiséssemos você por aqui, teríamos dito. Sempre nos sentimos muito carentes por vermos nossos netos tão pouco. Adoramos ter você aqui. É uma vida muito diferente da qual você está acostumada.

— Ah, Aevó, eu adoro estar aqui. Estou feliz. Aevó, por que a Mãe teve tantos filhos?

— Você preferia que algum de vocês não tivesse nascido?

— Não, mas...

— “Mas” não responde sua pergunta. — A Sra. Murry passou os dedos pelo cabelo ainda úmido. — Se a mulher tem liberdade para escolher a carreira, também tem liberdade para escolher que sua principal vocação seja cuidar da família.

— Foi assim com a Mãe?

— Em parte. — A avó suspirou. — Mas, em outra parte, provavelmente tenha sido por minha causa.

— Sua? Por quê?

— Eu sou cientista, Polly, e bem conhecida na minha área.

— Bem, mas a Mãe... — Ela parou. — Você quer dizer que ela não quis competir?

— Em parte, talvez.

— Ela ficou com medo de que não fosse conseguir competir?

— Sua mãe sempre teve baixa autoestima. Seu pai foi maravilhoso para ela, e vocês, em certo sentido, também foram. Mas... — Sua voz se perdeu.

— Mas você teve filhos e continuou trabalhando.

— Não tive sete. — As mãos da avó estavam bem entrelaçadas. Então, propositalmente, ela as soltou e deixou sobre os joelhos.

Polly deslizou na cama até ficar em uma posição mais confortável. De repente sentiu-se sonolenta. Hádron, que já se acostumara a dormir com Polly, enrolou-se na curva entre ombro e pescoço dela e começou a ronronar.

— As mulheres tiveram uma longa trajetória — disse a avó —, mas sempre haverá problemas, assim como glórias, que são exclusivas do nosso gênero. — O ronronar do gato cresceu com seu contentamento. — Acho que Hádron gostou mesmo de você.

— O hádron — cochichou Polly, sonolenta — pertence a uma classe de partículas com interação forte. Núcleons são hádrons, assim como píons e partículas estranhas.

— Boa menina — disse a Sra. Murry. — Você aprende rápido.

— Partículas estranhas — Os olhos de Polly se fecharam. *É de se pensar que seres humanos seriam cheios de partículas estranhas. Talvez sejamos. Hádrons*

*são, acho eu, formados de quarks, então o grau de estranheza em um hádron é calculado de acordo com o número de quarks.*

— Os druidas eram estranhos? — Ela estava praticamente dormindo. — Eu não entendo muito de druidas. — A respiração de Polly foi ficando mais lenta à medida que deitou o rosto no travesseiro, perto do pelo quente do gato. A Sra. Murry levantou-se, parou um instante para olhar a neta, depois saiu do quarto.

• • •

Polly acordou cedo na manhã seguinte, vestiu-se e desceu. Ninguém se mexia. O chão estava branco da névoa que passava pelo gramado. As montanhas emergiam aos poucos no horizonte e acima delas o céu tremeluzia entre o cinza suave da alvorada e o azul que ficava mais claro à medida que o sol subia.

Polly saiu de casa e cruzou o gramado, que estava úmido de orvalho como se houvesse chovido durante a noite. Parou no muro de pedra, embora provavelmente fosse muito cedo para encontrar Louise Larguda. Polly seguiu pela trilha até a rocha de observação estelar. Estava bem aquecida com a velha jaqueta vermelha e calça jeans com forro. Olhou para o céu, surpresa com o tremeluzir estranho e repentino no ar. Então houve um lampejo, como um raio, mas sem trovão. O chão tremeu um pouco sob seus pés, depois aquietou. Teria sido um terremoto? Ela olhou em volta. As árvores estavam diferentes. Maiores. Havia muito mais carvalhos, mais imponentes até que o Carvalho Avô. Ao se aproximar da rocha de observação estelar, ela viu raios na água, e onde antes havia um vale fértil agora se via um grande lago.

Um lago? Ela recuou, surpresa. De onde havia saído aquele lago? E os morros não eram mais as pequenas colinas desbastadas por vento, chuva e erosão, mas montanhas denteadas com cumes cobertos de neve. Ela virou-se, com a pele formigando, e olhou para a pedra. Era a mesma rocha de observação estelar que ela sempre amara, mas também não era.

— O que está acontecendo? — perguntou ela em voz alta.

Grinaldas de névoa se dissiparam para desvelar mais ou menos uma dúzia de barracas feitas com peles de animais curtidas e esticadas. Para além delas havia uma grande horta, assim como um milharal, com os talos cortados recentemente e montados em fardos. Depois disso, vacas e ovelhas pastavam. Peixes secavam em varais improvisados entre postes de madeira. Entre postes mais robustos, peles esticadas de castor também curtiam ao sol. Em frente a uma das barracas, havia uma mulher sentada batendo alguma coisa com um pilão. Seu cabelo negro estava preso numa trança e ela cantava durante o trabalho, sem prestar atenção em Polly ou no que quer que acontecesse à sua volta, absorta no ritmo

do trabalho e da música. Ela parecia uma versão muito mais velha da menina que viera à piscina.

Polly ouviu o barulho distante de um tambor, depois um canto, uma bela melodia com uma forte harmonia nativa. O sol nascente parecia ter sido arrancado do céu pela beleza da canção. Quando a música terminou, houve um breve silêncio e os barulhos cotidianos foram retomados.

Que diabo estava acontecendo? Onde ela estava? Como voltaria para casa?

Ela virou-se para onde devia estar a casa dos Murry. Na sua direção, vinha um grupo de jovens carregando lanças. Por instinto, Polly correu para trás de um dos grandes carvalhos e espiou de trás do tronco grosso.

Dois dos homens tinham um jovem cervo jogado sobre as lanças. Eles passaram por ela, pelas barracas, a horta, o milharal e o pasto. Vestiam perneiras de couro liso e túnicas, parecidas com as roupas da garota que fora falar com Polly na piscina.

Depois que sumiram de vista, ela encostou-se na árvore, porque suas pernas pareciam feitas de água. O que estava acontecendo? De onde havia saído aquela floresta imensa atrás dela? E aquele lago que tomava a aldeia inteira? Quem eram aqueles jovens?

Seus pensamentos estavam à mil, saltando em todas as direções, tentando encontrar algum sentido naquele despropósito. Claro que a vida lhe provara mais de uma vez que o mundo não é um lugar sensato, mas aquilo era de uma insensatez que ia além da insensatez.

Vinha pela trilha um jovem de cabelo platinado, quase branco. Ele carregava uma lança bem maior que as dos caçadores. Na metade dela se equilibrava o que parecia uma bola de cobre mais ou menos do tamanho de uma maçã ou uma laranja e, logo abaixo, um círculo de penas. Ela escondeu-se atrás da árvore para ele não a ver, vestindo seus jeans e a jaqueta vermelha.

Em um dos grandes carvalhos, um cardeal cantava docemente, um som familiar. Uma leve brisa soprava pelo gramado esbranquiçado pelo outono, agitando as águas do lago. O ar era límpido, puro. As montanhas grandiosas se encurvavam contra o azul do céu, e a luz do sol no início da manhã cintilava em seus cumes brancos.

Polly inspirou fundo. Vinha na direção dela, pela trilha, a menina que havia visto na piscina, balançando a trança negra. Ela carregava uma braçada de flores de outono, viúvinhas de um azul profundo, flores de cenoura brancas, brilhos dourados. Ela foi até uma pedra que Polly não havia notado antes, uma rocha cinza em cima de duas pedras pequenas, que parecia um símbolo de pi.

A menina soltou as flores, olhou para o céu e ergueu a voz em um canto. Sua voz era límpida e doce. Ela cantava de modo tão simples e espontâneo quanto

um pássaro. Quando acabou, ergueu os braços ao céu, uma radiância iluminando seu rosto. Então virou-se, como se sentisse a presença de Polly atrás da árvore.

Polly apareceu.

— Oi!

O rosto da menina ficou pálido e ela girou como se fosse sair correndo.

— Ei, espere! — gritou Polly.

De repente a menina começou a caminhar em direção à rocha de observação estelar.

— Quem é você? — perguntou Polly.

— Anaral. — A menina apontou para si ao dizer o nome. Ela vestia as mesmas túnica e perneiras de couro da noite anterior, e no pescoço havia uma faixa de prata com uma pedra branca no meio. O indicador de sua mão direita estava estendido e um pouco rijo, e nele havia um Band-Aid, algo que parecia muitíssimo anacrônico.

— O que você estava cantando? Era tão lindo. Você tem uma voz belíssima.

— A cada palavra, Polly convencia a garota a não fugir.

Um leve tom de pêssego coloriu as bochechas de Anaral e ela fez uma mesura.

— O que é? Pode me dizer a letra?

A cor ficou um pouco mais intensa. Anaral olhou diretamente para Polly pela primeira vez.

— É a canção de bom dia a nossa Mãe, que nos dá a terra onde vivemos. — Ela fez uma pausa, como se buscasse as palavras. — Que nos ensina a ouvir o vento, a cuidar de tudo que ela nos dá, a comida para plantar — outra pausa, para pensar —, os animais que criamos, nós mesmos. Nós pedimos a ela que nos ajude a nos conhecer, que nós nos conheçamos, e a perdoar — ela coçou a testa —, a nos perdoar quando fazemos o que é errado, para que assim possamos perdoar os outros. Para ajudar-nos na trilha do amor, e a nos proteger de tudo que nos faria mal. — Enquanto Anaral falava, cuidadosamente colocando suas palavras em inglês, sua voz automaticamente passou ao canto.

— Obrigada — disse Polly. — Cantamos muito na minha família. Eles iam amar. Eu queria aprender.

— Eu ensino. — Anaral deu um leve sorriso.

— Por que você saiu correndo ontem? — perguntou Polly.

— Eu fiquei confusa. Não é sempre que os círculos do tempo se sobrepõem. Você estar aqui, ah, é tão estranho.

— O que é estranho?

— Que a gente consiga se ver e conversar.

Sim, pensou Polly. Estranho, de fato. Era possível que ela e Anaral estivessem



falando a três mil anos de distância?

— Você não pertence ao meu povo — disse Anaral. — Você está em uma espiral diferente.

— Quem é seu povo?

Anaral ergueu-se de orgulho.

— Somos o Povo do Vento.

— Vocês são índios? — perguntou Polly. A pergunta pareceu grosseira, mas ela queria saber.

Anaral pareceu perplexa.

— Não conheço esta palavra. Sempre estivemos nestas terras. Nasci para ser preparada como... Talvez você entenda se eu disser que fui um druida.

Uma indígena que era druida? Mas os druidas vinham da Grã-Bretanha...

Anaral sorriu.

— Druida não é palavra nossa, do Povo do Vento. Karralys... Aquele que você viu ontem, perto do grande carvalho Bem, ele trouxe a palavra consigo do outro lado da grande água. Está entendendo?

— Não sei ao certo...

— Tudo bem. Eu lhe disse meu nome, o nome druida que Karralys me deu. Anaral. E você?

— Polly O'Keefe. Como sabe meu idioma?

— O Bispo.

— O Bispo Colubra?

Anaral fez que sim.

— Ele que ensinou?

Agora Polly entendia por que o bispo ficara tão aflito quando ela mencionara Anaral e Karralys. E estava claro por que ele não havia contado nem aos avós dela nem à própria irmã tudo o que sabia a respeito das pedras Ogam e do povo que trilhava estas terras três mil anos atrás.

— Sim. O bispo me ensinou.

— Como você o conhece?

Anaral estendeu as mãos.

— Ele veio a nós.

— Como?

— Às vezes — Anaral jogou sua trança negra por cima do ombro —, é possível passar de um círculo a outro.

Polly imaginou o modelo inicial de uma molécula, com o núcleo no centro e os átomos em conchas ou círculos ao redor. Às vezes um elétron pulava de uma concha ou círculo para outro. Mas esta imagem do movimento dos elétrons de círculo a círculo numa molécula não ajudava muito, pois os círculos de Anaral

estavam no tempo, não no espaço. Contudo, Polly lembrou a si mesma que, tempo e espaço não se separam.

— Você veio a minha época ontem — disse ela. — Como você conseguiu?

Anaral levou as mãos delicadas ao rosto, depois as abaixou e olhou para Polly.

— Karralys e eu somos druidas. Para nós, as fronteiras do tempo são suaves. Não duras. Podemos cruzá-las como se fossem água. Você é druida?

— Não — respondeu Polly, resoluta. — Mas parece que agora estou na sua época.

— Eu estou na minha época — disse Anaral.

— Mas se você está, eu estou também?

— Nossos círculos se tocam.

— Druidas entendem de astronomia. Você entende de tempo?

Anaral riu.

— Existem mais círculos do tempo do que se pode contar, e entendemos alguns, mas apenas alguns. Tenho o conhecimento antigo, o conhecimento do Povo do Vento, e agora Karralys está me ensinando este novo conhecimento, o conhecimento druida.

— O bispo sabe disso tudo?

— Sabe, sim. Você pertence ao bispo?

— A amigos dele.

— Você pertence aos cientistas?

— Sou neta deles.

— Aquele dos dedos tortos e dos joelhos coxos... O Bispo me disse que ele entende do tempo.

— Sim. Mais que quase todo mundo. Mas não de voltar três mil anos no tempo, que foi o que eu fiz, não é?

Anaral fez um não.

— Três mil... não sei o que significa três mil. Você passou do limiar.

— Não sei como eu fiz — disse Polly. — Eu só comecei a caminhar até a rocha de observação estelar e de repente estava aqui. Sabe como eu faço para voltar?

Anaral deu um sorriso triste.

— Nem eu tenho certeza de como acontece. Os círculos se sobrepõem, um limiar se abre, aí podemos atravessar.

Quando Anaral fez um gesto com as mãos, Polly notou mais uma vez o Band-Aid anacrônico no dedo de Anaral.

— O que você fez no dedo?

— Eu me cortei com uma faca de caça. Estava esfolando um cervo e a faca escorregou.

— Como você conseguiu o Band-Aid? Vocês não têm Band-Aids na sua época, têm?

Anaral fez que não.

— A Dra. Louise costurou o dedo para mim, muitos pontos. Isto faz mais de uma lua. Agora está quase bom. Quando eu pude tirar a atadura, Bispo me trouxe isto. — Ela estendeu o dedo com o Band-Aid.

— Como você chegou na Dra. Louise?

— Bispo me levou a ela.

— Como?

— Ele viu assim que a faca escorregou. O corte foi bem profundo. Muito mesmo. Eu sangrei e sangrei e fiquei com medo. Chorei. Ele segurou meu dedo, apertando para impedir o sangue de jorrar. Então ele disse: “Venha”, e nós corremos. Bispo correu muito, e de repente estávamos no consultório da Dra. Louise.

— Não tem ninguém na sua época que poderia cuidar do corte para você?

— Sim, Lobo Cinzento Antigo. Ele foi nosso curandeiro por muitos anos, mas morreu no frio do último inverno. E o filho dele, que devia tê-lo substituído, morreu quando a febre de inverno correu por nosso povo há algumas voltas do sol. Filhote, o Lobo Jovem, que se tornará nosso curandeiro, ainda tem muito a aprender. Karralys poderia ter me ajudado, é claro, mas estava fora naquele dia, com os jovens, caçando.

— Karralys é um druida da Britânia?

— De longe. Karralys é aquele que veio no barco estranho, há três voltas do sol, soprado lago afora por um furacão de ventos ferozes. Ele veio enquanto nós, o Povo do Vento, lamentávamos a morte de nosso Grande, derrubado por um carvalho desenraizado durante a tempestade, recolhido como um graveto e jogado contra o chão, esmagando-lhe a vida. Ele era muito velho e havia previsto que não viveria mais uma volta do sol. E da tempestade veio Karralys, e com ele outro do mar, Tav, que tem cabelo quase branco e pele que avermelha se fica muito tempo ao sol.

Tav. Devia ser o jovem com a lança.

— De onde eles vieram, Karralys e Tav?

— Das grandes águas, além dos rios e das montanhas. E, veja, no exato instante em que o barco de Karralys tocou a margem, o vento cessou e a tempestade parou e um grande arco-íris fez arco sobre o lago e soubemos que o Criador das Estrelas havia nos enviado um novo Grande.

— E Tav? — perguntou Polly.

— Tav estava moribundo na canoa, com febre. Mesmo com toda sua capacidade, Karralys e Lobo Cinzento tiveram grande dificuldade em fazer a

febre dele baixar. Passaram muitas noites com Tav, orando. Filhote, o Lobo Jovem, ficou ao lado deles, observando, aprendendo. A febre foi baixando com a lua, a respiração de Tav de repente ficou tranquila como a de uma criança e então ele dormiu e melhorou. Eles foram um grande presente para nós, Karralys e Tav.

— Tav também é druida?

— Ah, não. É guerreiro. É nosso maior caçador. Não temos que nos preocupar em ter carne desde que Tav chegou.

Polly franziu a testa, tentando entender as coisas.

— Você nasceu aqui, neste lugar?

— Sim.

— Mas você é druida?

Anaral riu.

— Agora. É como sou chamada agora. Por isto eu nasci. E Karralys me instruiu nesta sabedoria. E agora há perigo para nosso povo, e Karralys acredita que você cruzou o limiar para nos ajudar.

— Mas como eu poderia... — Polly começou a dizer.

Ouviu-se um estalo, como se alguém pisasse e quebrasse um graveto. Anaral disparou veloz como um cervo.

Polly olhou em volta, mas não viu ninguém. “Você cruzou o limiar para nos ajudar”, dissera Anaral. O que diabos seria isso? E como Polly cruzaria o limiar de novo para voltar a sua época? Sem Anaral, como voltaria para casa?

Ela correu atrás da outra garota. Polly tinha pernas compridas e corria rápido, mas não tinha familiaridade com o caminho, que fazia um zigue-zague e ia e voltava, sempre morro abaixo. Anaral não estava em parte alguma.

Polly seguiu caminhando, cruzou a aldeia, contornou a horta e o milharal, passou o pasto e aí pegou uma trilha que levava por um bosque de bétulas e faias. Seguiu pela trilha até ela abrir-se em uma grande pedra plana, não tão grande quanto a rocha de observação estelar. Mas naquela área, que já fora coberta por geleiras, o solo era fino e os ossos da terra ficavam próximos da superfície. Ela seguiu em frente, escutando, ouvindo respingar de água. Então se viu em uma ponte de pedra sob a qual corria um córrego. Ela já estivera ali quando havia explorado os arredores, e era um lugar lindo. As árvores inclinavam-se sobre a água, soltando folhas douradas. Ela foi cercada pelos ricos odores de outono, maçãs, folhas, castanhas, bolotas e pinhas em decomposição, todas mandando nutrientes terra adentro.

E de repente ela percebeu que as árvores eram novamente aquelas que conhecia, não as da floresta ancestral. Estava de volta em casa.

Na sua própria época. Enfraquecida de alívio, Polly sentou-se na ponte de pedra, deixando as pernas penderem acima do córrego, tentando voltar à normalidade.

*Por que as árvores do norte perdem as folhas?, perguntou-se. Será para reduzir sua exposição ao frio extremo?*

Parecia algo racional. E, diferentemente de tudo que acontecera naquela manhã, ela queria que as coisas fossem racionais. Mesmo sob a jaqueta quentinha, ela sentia frio. Polly levantou-se e continuou andando pela trilha, à procura da menina esguia com a pesada trança negra. Mas Anaral estava naquela outra época, não no tempo presente de Polly. Mesmo assim, ela seguiu pelo caminho cortado por moitas rasteiras até um precipício alto do qual ela conseguia enxergar desde o vale pantanoso até os morros.

Quando jovens, Sandy e Dennys haviam aberto trilhas pela mata, e a fauna havia deixado aqueles caminhos mais ou menos livres. Ela teria que vir com tesouras para desbastar parte da vegetação. Polly subiu na rocha elevada e olhou para oeste. A paisagem ondulava em cores suaves, os dourados agora predominantes, o verde dos pinheiros surgindo de repente onde folhas caídas haviam deixado galhos nus.

Então, abaixo dela, lá onde o leito do córrego deveria estar, ela viu um lampejo de brilho, e o Bispo Colubra saiu da mata vestindo boné amarelo e casaco, carregando uma pedra que parecia pesada. Havia uma trilha íngreme que levava precipício abaixo, que seria fácil de seguir não fosse entrecruzada por arbustos de dulcamara e amora-preta que raspavam em seu corpo enquanto descia para encontrá-lo, arranhando pernas e mãos, grudando em suas roupas.

O bispo fez sinal para Polly com alegria, exibindo a pedra e explicando que não tinha saído para procurar, mas que ali estava mais uma, bem no meio do antigo muro de pedra. Que manhã maravilhosa, não?

— Bispo! — disse ela, ofegante, ao chegar até ele. — Eu voltei!

Ele parou de forma tão abrupta e completa que foi como se o ar houvesse sacudido.

— O quê?

— Eu atravessei o limiar, ou seja lá como Anaral chama. Eu voltei à época dela.

A voz dela era só um sussurro. Ele olhou como se estivesse prestes a soltar a pedra.

— Quando?

— Agora mesmo. Eu acabei de sair de lá. Bispo, enquanto estava acontecendo, foi tão repentino, tão estranho, que não tive tempo de sentir muita coisa. Mas agora acho que estou apavorada. — A voz dela saiu trêmula.

Ele abaixou a pedra e tocou no braço dela para lhe tranquilizar.

— Não fique apavorada. Vai ficar tudo bem. Vai dar certo conforme os desígnios de Deus.

— Vai?

— Não era o que eu esperava. Que você... Você a viu ontem, na piscina?

Polly sentia frio, embora o sol estivesse quente.

— Ela disse que ela e Karralys, o garoto que eu vi perto do carvalho, que eles conseguem cruzar os limiões do tempo porque são druidas.

— Sim. — O bispo manteve a mão no ombro de Polly, como se lhe transmitisse força. — Perdemos muitos dos dons que existiam antigamente. — Ele abaixou-se para pegar a pedra. — É melhor voltarmos à casa dos seus avós. Este é o caminho mais curto, se quiser me seguir.

Era evidente que ele estava vacilante nas pernas finas e compridas, tentando acomodar a pedra sob o braço para se equilibrar com a ajuda do outro, segurando-se em árvores menores ou trepadeiras grandes para seguir adiante. Eles chegaram a outra curva do córrego e ele parou, olhou para a água que fluía entre e ao redor das pedras, e deu um salto meio hesitante. Deixou a pedra cair, mas Polly a resgatou.

— Deixe que eu carregue um pouco — ofereceu ela.

E foi atrás do velho bispo, que andava com pressa pela trilha quase coberta pela mata, depois fez uma curva acentuada morro acima, escalando como um caranguejo. Aos pés deles, vez por outra via-se restos de arando-vermelho. Um galho de abeto estendeu-se no caminho, mas o bispo o empurrou para abrir caminho a Polly, prosseguindo pela rota irregular até entrarem num emaranhado de galhos e emergirem na rocha de observação estelar.

— Bispo — disse Polly. — Isso que aconteceu é uma loucura.

Ele nada disse. O sol ergueu-se mais. Um vento suave cruzou as árvores, derrubando mais folhas.

— Será que eu sonhei?

— Às vezes eu não sei o que é sonho e o que é realidade. A fronteira entre os dois é muito tênue. — Ele tomou a pedra Ogam dela e colocou-a na rocha de observação estelar. Cruzou as pernas, sentou-se e fez sinal para ela se sentar ao seu lado. — Agora me conte exatamente o que aconteceu.

— Acordei cedo e saí para caminhar. Quando cheguei perto da rocha de observação estelar, tudo mudou. O chão tremeu. Achei que era um terremoto. E

as árvores de repente eram muito maiores, meio como uma floresta primitiva. E as montanhas eram imensas e escarpadas e com neve no cume.

Ele só assentiu.

— E sei que o senhor esteve lá, no antes...

— Sim.

— É real?

Ele fez que sim.

— Meus avós sabem disso? E a Dra. Louise?

Ele fez que não.

— Eles não acreditam nessas coisas.

— Mas acreditam nas pedras Ogam.

— Sim, mas porque elas são tangíveis.

— Mas o senhor não contou a eles?

Ele deu um suspiro.

— Eles não querem saber, minha cara.

— Mas, Bispo, o senhor levou Anaral na Dra. Louise quando ela cortou o dedo!

— Como você...

— Anaral me contou.

— Sim. Ah, minha querida. Eu não sabia o que fazer. Não parei para pensar. Só peguei Anaral saí correndo, e graças aos céus Louise estava no consultório.

— Então a Doutora não sabe.

Ele fez que não.

— Não. Eu contei e ela achou que eu estava brincando. Ou que tinha enlouquecido. Vez por outra eu trago pessoas perdidas que precisam de algum atendimento médico, então ela achou que Annie fosse apenas mais uma. Ela prefere pensar assim. Já comeu alguma coisa hoje?

— Não.

— Então vamos voltar à casa dos seus avós e tomar um pouco de café. Preciso pensar. Quinta-feira é véspera do Dia de Todos os Santos.

O Dia das Bruxas. Ela tinha esquecido completamente.

Ele pôs-se de pé e recolheu a pedra Ogam.

— Talvez isto explique, em parte, a época do ano... ❖

— Bispo, meus avós não sabem que o senhor fez o que fez... que voltou três mil anos no tempo?

— Você percebe como isto é extraordinário? Eles nunca viram Karralys nem Anaral. Mas você, sim. Você cruzou o limiar. Se não tivesse cruzado, você acreditaria em mim?

Ele tinha razão. Aquilo tudo soava insano. Limiares temporais. Três mil anos.

Círculos do tempo. Mas havia acontecido. Polly não fazia ideia de como ela e o bispo poderiam ter sonhado o mesmo sonho.

— Bispo, há quanto tempo o senhor tem ido e voltado? Entre antes e agora?

— Desde a última primavera. Alguns meses depois que vim morar com Louise.

— Com que frequência? — *O suficiente para ensinar inglês a Anaral*, pensou ela.

— Uma frequência razoável. Mas não é algo que dê para planejar. Às vezes acontece, às vezes não. Polly, filha, vamos. Preciso muito confessar a seus avós, acreditem em mim ou não.

— Eles são bons em acreditar — disse Polly. — Mais que a maioria.

O bispo passou a pedra de um braço a outro.

— Nunca achei que você fosse se envolver. Nunca sonhei que uma coisa destas aconteceria. Que você... Eu me sinto tão responsável.

— Quer que eu carregue a pedra Ogam? — propôs ela.

— Por favor. — Ele parecia arrasado.

Polly pegou a pedra e o seguiu. Quando atravessaram o muro que levava ao campo, ela viu Louise Larguda olhando para eles, imóvel. O bispo, sem sequer notar a cobra, passou depressa por cima do muro e começou a correr em direção à casa.

. . .

Os avós de Polly estavam na cozinha. Tudo estava tranquilo e normal. O avô lia o jornal. A avó fazia panquecas. O café da manhã naquela casa costumava ser cada-um-por-si. A Sra. Murry levava café e um muffin ao laboratório. O Sr. Murry saía e trabalhava no jardim quando o clima permitia.

— Bom dia, Polly, Nason. — A Sra. Murry não pareceu surpresa quando os dois chegaram ofegantes, Polly arranhada e desgrenhada pela corrida precipício abaixo. — Alex pediu panquecas e, como ele é de poucas exigências, fiz com alegria. Comam também. Preparei bastante massa.

— Espero não estar incomodando. — O bispo sentou-se.

Polly tentou manter a voz normal.

— Trouxemos mais uma pedra Ogam. Onde eu coloco?

— Se houver espaço, ao lado da que Nase trouxe na noite passada — disse a avó. — Quantas panquecas você come, Nase?

— Não sei. Não sei se consigo comer. Creio que não esteja com fome.

— Nason! O que houve? Não está se sentindo bem?

— Estou bem. — Ele olhou para Polly. — Ah, minha cara. O que foi que eu



fiz?

— O que você fez? — perguntou o Sr. Murry.

— O senhor não fez nada, Bispo — disse Polly. — Só aconteceu.

A Sra. Murry colocou uma pilha de panquecas na frente do bispo e, distraidamente, ele passou manteiga, derramou um rio de xarope de bordo e deu uma grande mordida nelas antes de soltar o garfo.

— Talvez eu tenha feito algo horrível.

— Nason, o que está acontecendo? — perguntou o Sr. Murry.

O bispo engoliu mais uma garfada de panquecas. Fez que não com a cabeça.

— Eu não achei que fosse acontecer. Não achei que fosse possível.

— *O quê?* — O Sr. Murry exigiu saber.

— Eu achei que o portal temporal só se abria para mim. Não achei que... — Ele não completou a frase.

— Polly — perguntou o avô —, você sabe do que se trata?

Polly serviu-se uma xícara de café e sentou.

— O homem que estava no carvalho, o que Zachary e eu vimos, é da época das pedras Ogam. — Ela fez o possível para manter a voz firme. — Hoje de manhã, quando eu saí para caminhar, eu, bem, não sei como, mas de algum jeito eu passei pelo portal temporal do bispo.

— Nase!

O bispo deixou a cabeça pender.

— Eu sei. A culpa é minha. Deve ser culpa minha. *Mea culpa*.

A Sra. Murry perguntou:

— Polly, por que você está achando que atravessou um portal temporal?

— Era tudo diferente, Anevó. As árvores eram enormes, como Hiawatha disse naquele poema... *Esta é a floresta primeva*. E as montanhas eram altas e escarpadas e com os cumes nevados. Eram montanhas jovens, não morros antigos como os nossos. E onde fica o vale havia um grande lago.

— Que absurdo. — A Sra. Murry serviu um prato de panquecas ao marido, depois preparou um prato para Polly.

— Nason! — esbravejou o Sr. Murry.

O bispo parecia infeliz.

— Sempre que tentei falar disso vocês não acreditaram em mim e... Bem, me censuraram. Não posso culpá-los, mas foi por isso não toquei mais no assunto. Eu também não acreditaria se não tivesse acontecido tantas vezes. Mas achei que era só comigo, que fazia parte de ser velho e estar pronto para seguir em frente... Mas com Polly. Que Polly esteja... Oras! É claro!

— O que é claro? — O Sr. Murry soava mais irritado a cada pergunta.

— Polly viu Annie primeiro na piscina. — O bispo chamava Anaral pelo

apelido com carinho.

— Que Annie?

— Anaral — disse Polly. — A menina que encontrei na piscina na noite passada.

— Quando vocês escavaram para fazer a piscina — perguntou o bispo —, o que aconteceu?

— Encontramos água — disse o Sr. Murry. — Estamos claramente sobre um aquífero, um rio subterrâneo.

— Mas aqui é o ponto mais alto do estado — reclamou Polly. — É possível haver um rio subterrâneo mesmo estando tão alto?

— Parece que sim.

O bispo soltou o garfo. De alguma maneira, a pilha de panquecas havia sumido.

— Vocês lembram que a maioria dos locais sagrados, como as grandes catedrais na Inglaterra, por exemplo, ficam em solo que já era considerado sagrado antes de serem construídos os primeiros templos pagãos? E o interessante é que, sob a maioria destes pontos sagrados, correm rios subterrâneos. Esta casa, e a piscina, estão em local sagrado. Por isso Anaral conseguiu chegar à piscina.

— Absurdo... — começou a Sra. Murry.

O Sr. Murry deu um suspiro, como se estivesse irritado.

— Adoramos nossa casa e nossa propriedade — disse ele —, mas é um pouco forçado dizer que é sagrada.

— Esta casa tem, o quê, mais de duzentos anos? — perguntou o bispo.

— Algumas partes sim.

— Mas as pedras Ogam sugerem que havia gente aqui há mais de três mil anos.

— Nason, eu vi a pedra. Acredito quando você diz que elas têm escrita Ogam. Levo a questão a sério. Mas não quero que Polly se envolva na sua... sua... — O Sr. Murry pôs-se de pé de forma tão abrupta que derrubou a cadeira, depois aprumou-a com um grunhido de irritação. O telefone tocou e fez todos darem um pulo. O avô foi atender. — Polly, é para você.

Não era hora de interrupções. Ela queria que os avós conseguissem enxergar tudo aquilo em perspectiva. Se os dois acreditassem no que havia acontecido, ela ficaria menos assustada.

— Acho que é o Zachary. — O avô lhe entregou o telefone.

— Bom dia, Polly querida. Só queria dizer que foi ótimo rever você ontem e que estou ansioso para o encontro na quinta-feira.

— Obrigada, Zach. Também estou ansiosa.

— Ok, então até lá. Só queria confirmar.

Ela voltou à mesa.

— Sim. Era o Zachary, para confirmar a visita na quinta-feira.

— Algo tranquilo e normal — disse seu avô.

— Será? — perguntou Polly. — Ele também viu uma pessoa de três mil anos atrás.

— O Dia das Bruxas — balbuciou o bispo.

— Pelo menos ele vai mantê-la longe daqui — disse sua avó. — Estranho, não, que ele saiba das pedras Ogam?

Polly fez que sim.

— O Zachary sabe de muita coisa estranha. Mas o que aconteceu hoje de manhã está além da minha compreensão.

O bispo falou com delicadeza:

— Três mil anos além da compreensão, Polly. E, de uma forma ou de outra, parece que eu sou o responsável.

O Sr. Murry foi até o guarda-louça e pegou uma das pedras Ogam.

— Nason, um dos motivos pelo qual estive inclinado a não acreditar no que você dizia é que, se for mesmo verdade, então você, um teólogo, não um cientista, fez uma descoberta que passei a vida inteira buscando.

— Esbarrei nela sem querer — disse o bispo.

O Sr. Murry deu um suspiro.

— Achei que havia entendido. Agora já não sei.

— Vovô. Explique, por favor.

O Sr. Murry sentou-se de novo, com dificuldade.

— É uma teoria a respeito do tempo, Polly. Você conhece um pouco do meu trabalho.

— Um pouco.

— Mais que Nase, de qualquer modo. Você tem mais preparo para as ciências. Desculpe, Nase, mas...

— Eu entendo — disse o bispo. — Não é hora de ser gentil. — Ele olhou para a Sra. Murry. — Posso comer mais algumas? — Então, de volta ao Sr. Murry. — Esta sua teoria do tesseracto...

A Sra. Murry serviu mais uma pilha de panquecas no prato do bispo.

O Sr. Murry se pronunciou:

— O tesseracto, o movimento através do espaço sem as restrições do tempo, é, como sabem, algo criado pela mente. Não se constrói uma máquina que faça essas coisas. Seria distorcer o tesseracto, perturbar o contínuo espaço-tempo, num esforço vão de relegar algo glorioso e magnânimo aos limites da tecnologia. E é exatamente o que vem acontecendo: esforços malsucedidos para projetar

espaçonaves que superem a velocidade da luz e distorçam o tempo. Funciona muito bem nos filmes, mas não na realidade do universo como ela é.

— O que você está pedindo é muito difícil — disse o bispo. — Quantas pessoas estariam dispostas a aceitar ser atingidas por um raio?

O Sr. Murry deu um sorriso, que Polly achou um dos mais tristes que já viu.

— Você aceitou — disse seu avô.

O bispo falou calmamente:

— *Foi como se um raio brilhasse em meu espírito e, junto à luz, paz e alegria profundas adentraram meu coração. Em um instante me senti como se integralmente revitalizado por um poder infinito, como se meu corpo fosse despedaçado como receptáculo mundano.* — Ele deu um suspiro. — A citação é de John Thomas, um galês de meados do século XVIII. Ainda assim uma boa descrição, não acha?

— Muito boa — concordou o Sr. Murry. — Mas também me deixa chocado.

— Por quê? — perguntou o bispo.

— Porque você sabe mais do que eu.

— Não  não.

— Sabe sim, mas não o bastante, Nase. Você abriu um portal temporal que Annie, ou Anaral, ou seja lá qual for o nome, consegue atravessar e que atraiu Polly. Eu quero que ele seja fechado.

. . .

Fechar o portal! Mas como?

A porta havia se aberto, e os ventos do tempo sopravam contra ela, sem deixar que se fechasse, quase arrancando-a das dobradiças.

— Não! — berrou Polly, detendo seu avô no meio da frase. — Vocês não podem me proibir de ir na rocha de observação estelar!

O avô deu um suspiro forte.

— O que aprendi ao longo de uma vida de trabalho com a natureza do contínuo espaço-tempo é que entendemos muito pouco sobre espaço e ainda menos sobre o tempo. Não sei se você e Nase realmente voltaram a três mil anos ou se estas montanhas de cumes nevados são algum tipo de alucinação. Mas sei que você está sob nossos cuidados, Polly. Somos responsáveis por você.

O bispo derramou mais xarope de bordo nas panquecas.

— É claro que parte desta responsabilidade é minha.

Polly olhou nos olhos dele, um prateado esmaecido que ainda tinha certo brilho, mas nenhum fanatismo, nenhuma loucura.

O Sr. Murry voltou a falar.

— Nase, você tem que deixar Polly de fora disto. Você não entende de tudo. Somos criaturas humanas que sabemos fazer relógios e aparelhos sensíveis ao tempo, mas não entendemos o que medimos. Quando algo já aconteceu...

— Não deixa de existir — disse o bispo. — Este algo cria ondas, tal como o som. Ou como uma pedrinha que cai num lago.

— Ondas temporais? — propôs Polly. — Ondas de energia? Tem a ver com a teoria da relatividade?

Ninguém respondeu. O Sr. Murry começou a tirar as coisas do café da mesa, movimentando-se com dificuldade, como se suas juntas doessem mais do que o normal. A Sra. Murry sentou-se para olhar os morros distantes pela janela, com expressão inescrutável.

— Não sei o que fazer a respeito. — O Sr. Murry virou-se da pia para olhar diretamente para Polly. — Quando dissemos a seus pais que adoraríamos que viesse ficar conosco, nunca nos ocorreu que você fosse se envolver nas descobertas de Nase.

— Não levamos essas descobertas tão a sério quanto deveríamos — disse a avó. — Não queríamos.

— Mas agora, dadas as circunstâncias — disse o avô —, acha melhor mandarmos Polly para casa?

— Vô! — reclamou Polly.

— Não podemos manter você aqui como prisioneira — disse a avó.

— Me escutem. — Polly estava resoluta. — Não acho que vocês consigam me mandar embora. É sério. Se eu entrei nesta coisa de tesseracto que o Bispo Colubra abriu... Porque foi isso que aconteceu, certo?... Então, se vocês tentassem me tirar, não haveria alguma consequência? Tipo, sei lá, um rasgo no contínuo espaço-tempo?

O avô dela caminhou até as janelas, olhou para o jardim, depois se virou.

— É possível.

— Se tempo e espaço forem uma coisa só — sugeriu o bispo, mas cortou a frase.

— Então pode — prosseguiu Polly — me rasgar também?

— Não sei — disse o avô. — Mas é um risco que eu prefiro não correr.

— Veja bem — o bispo uniu as mãos delicadamente —, a quinta-feira é véspera do Dia de Todos os Santos. *Samhain*, como devem chamar Annie e Karralys. Os portais do tempo se abrem com mais facilidade nesta época estranha e sagrada. Se Polly se dispor a ficar em casa até depois da quinta à noite...

— Zachary vem na quinta à tarde — lembrou ela a todos. — Não posso simplesmente dizer a ele que não vamos sair porque o Bispo Colubra abriu um

tesseracto e por algum motivo eu esbarrei nele. — Ela tentou rir. — Zachary também está envolvido?

O bispo fez um não muito lento.

— Creio que não. Não. Ele ter visto Karralys quando estava na nossa época é uma coisa. Atravessar o portal temporal sozinho é outra bem diferente.

— Se Zachary não atravessou o portal temporal, então ele não está no tesseracto?

— Creio que não — repetiu o bispo. — Tampouco Louise, mesmo que, acredite ela ou não, tenha visto Annie.

— Polly — questionou o Sr. Murry —, tem *certeza* de que Zachary viu esta pessoa?

— É claro que sim, vô.

O avô deixou a água quente da pia correr, com as mãos sob a torneira, concordando lentamente com a cabeça.

— Sair com Zachary provavelmente não causará problemas. Melhor irem para longe daqui, mas não muito, ok? Nem perto da rocha de observação estelar.

— É só ser discreta até passar o *Samhain* — insistiu o bispo. — E só vá nadar sem a companhia dos seus avós.

Ela concordou.

— Certo. *Samhain*. Quer dizer o quê?

— É o antigo festival celta do Ano Novo, quando tiravam os animais do pasto para o começo do inverno. Fazia-se a colheita e um grande banquete. Havia assentos à mesa do jantar em homenagem aos mortos do ano que terminava, uma demonstração de fé no prosseguir desses espíritos após a passagem.

— Parece uma mistura de Dia das Bruxas com Dia de Ação de Graças — disse Polly.

— E era. No século XIII, o Papa Gregório III consagrou o primeiro de novembro como Dia de Todos os Santos, e o 31 de outubro como Véspera de Todos os Santos.

— Então — disse o Sr. Murry, seco —, mais uma vez a Igreja Católica tomou para si uma festa pagã e a rebatizou.

O telefone tocou de novo, interrompendo-os. O Sr. Murry foi atender.

— Sim, Louise, ele está aqui. Parece que, de alguma maneira, hoje pela manhã Polly retornou três mil anos no tempo, se é que dá para acreditar... Não, eu também tenho dificuldade... Sim, ligaremos. — Ele voltou à mesa.

— Minha irmã é médica — disse o bispo.

— Tudo certo, Nason. Sabemos disso.

— Eu cometi um erro, se é que foi um erro. Annie cortou o dedo muito fundo, fez um machucado bem feio. Precisava de pontos. Filhote, o jovem curandeiro

do povo dela, não tinha experiência, e Karralys não estava, então eu trouxe Annie para casa comigo.

— Para cá? Para o presente? — Incredulidade, choque e ira se misturavam na voz do Sr. Murry.

— Só por tempo suficiente para Louise dar uns pontos no dedo dela. Levei-a de volta imediatamente.

— Ah, Nase. — O Sr. Murry suspirou. — Não se pode brincar com o tempo desse jeito.

— Eu também não podia brincar quanto ao dedo de Annie.

— Louise apoiou você nessa... nessa...

— Ela não ficou contente, mas estávamos no consultório dela e, para dizer a verdade, ela nunca havia visto Annie, então não lhe ocorreu pensar em termos de três mil anos atrás. A primeira reação dela foi ver que Annie precisava de ajuda, e rápido, então ela fez o que tinha que ser feito. Quando eu disse quem era Annie, ela não acreditou e eu não insisti. Ela só me disse para devolver Annie o mais rápido possível a seja lá de onde ela tivesse saído.

— Nason. — O Sr. Murry levantou-se, mas sentou de novo. — Isto aqui não é *Jornada nas Estrelas* e você não pode ficar teletransportando gente para lá e para cá. Como você fez?

— Bem, agora eu não sei ao certo. Faz parte do problema. Não grite comigo, Alex.

— Estou mais do que gritando.

— Vô. — Polly tentou acalmar a situação. Agora que os avós estavam assumindo a bronca, a aventura começava a parecer mais empolgante do que aterrorizante. — Essa coisa de tesseracto... esse negócio no qual que você tem trabalhado, viagem espacial, o objetivo é nos libertar das restrições do tempo, certo?

— Certo, mas apenas para fins de exploração do sistema extrassolar. Só isso. Não temos conhecimento o suficiente para ficar brincando, como eu sei por experiência própria.

O bispo falou com delicadeza.

— Escalamos o Matterhorn porque ele estava lá. Fomos à lua porque ela estava lá. Vamos explorar os planetas mais distantes do nosso sistema solar, depois da nossa própria galáxia, e fitar as galáxias distantes porque elas estão lá. Não vim morar com Louise já com a ideia de encontrar as pedras Ogam, mas quando encontrei... Bem, eu me interessei porque elas estavam lá.

— Aqui — corrigiu o Sr. Murry.

— Isso, aqui. Posso ter sido um tolo. Mas também não esperava o que aconteceu com Polly. Filha, você acha que consegue se manter discreta? Vá

passar com seu amigo na quinta-feira, é claro. Não que eu pense que exista algum perigo. Mas não vá à pedra de observação estelar. Pode esperar até domingo?

— Não sei. — Polly parecia incomodada. — Não sei se faria alguma diferença, porque a primeira vez que vi Anaral foi bem aqui, na noite passada, quando eu estava nadando.

O bispo ergueu as mãos longas e esguias num gesto de ressalva, e balançou a cabeça. A luz refletiu no topázio de seu anel.

— Sinto muito. — Então olhou para Polly. — Ou não? Talvez estejamos diante de algo.

— Nason! — avisou o Sr. Murry.

A Sra. Murry bateu a palma da mão delicadamente na mesa.

— Está na hora dos estudos, certo, Polly? Creio que um retorno à normalidade vai fazer bem. Ela tem livros a ler no quarto.

— Ótimo — disse o Sr. Murry. — Talvez esta manhã tenha sido uma mera aberração. Por favor, vamos todos tentar voltar ao normal.

Polly levantou-se e foi até o bispo.

— Esta escrita Ogam, que o senhor disse que é um alfabeto... Tem ele anotado? De um jeito que eu consiga decifrar, no caso?

— Sim. Em casa.

— Posso ver? Por favor?

— É claro. Tenho um caderno. Talvez não seja mais que minha versão de Ogam, mas me ajudou a traduzir as pedras. Trago hoje à tarde.

A Sra. Murry ia intervir, mas fechou a boca.

— Obrigada, Bispo — disse Polly, e virou-se para subir a escada.

. . .

No seu quarto, Polly ficou apenas sentada por alguns minutos na cadeira de balanço, sem tocar nos livros. O que ela queria mesmo era ir até a rocha de observação estelar. Não tinha mais medo de ficar presa no passado. De algum modo, o limiar tinha sido aberto para ela, tanto quanto se abrira para Anaral. Mas seus avós ficariam chateados e bravos. Ajudaria mesmo ela ficar em casa até depois de quinta-feira?

Polly voltou-se para sua mesa de cabeceira e tentou pegar os livros. Estudar era uma realidade tangível, um alívio depois do mundo quase onírico do lago e do vilarejo de três mil anos atrás. Sim, ela queria aprender Ogam. Se Anaral conseguira aprender inglês com o bispo, Polly podia aprender aquela linguagem.

Enquanto isso, ela ia estudar. Os Murry eram mais exigentes do que todos os



professores que tivera no Colégio Cowperton, e ela estava encantada com o desafio.

Voltou-se para o primeiro livro na pilha. Todos estavam marcados com bilhetinhos. O primeiro era de John Locke, filósofo do século XVII — isto ela sabia graças a Max, que frequentemente ampliava o que Polly aprendia no Colégio Cowperton. Eram as impressões de Locke sobre os EUA, idílicas e, pensou ela, um pouco ingênuas. Mas ele escrevia de um passado distante (de poucos séculos, não milênios) quando o novo continente ainda era fresco e sem a corrupção dos males acumulados do Velho Mundo. Para Locke, os ameríndios nus pareciam viver uma vida tão inocente quanto a de Adão e Eva no Jardim do Éden. Viviam sem leis externas, não compravam nem vendiam nem acumulavam riquezas. Não tinham, sugeria Locke, vergonha, nem o fardo das culpas do passado.

Com o livro no colo, Polly balançava-se na cadeira e refletia. Não havia provas de que celtas ou druidas haviam passado pelos mesmos litorais onde aportaram os primeiros colonos. Teriam sido assimilados às tribos locais, tal como Karralys e Tav pareciam ter sido acolhidos pelo povo de Anaral? Teriam voltado à Grã-Bretanha? Se houvesse mesmo druidas na Nova Inglaterra três mil anos antes, o que teria acontecido com eles?

Ela deu um suspiro e abriu o segundo livro na página que a avó havia marcado. Era de Alexis de Tocqueville, escrito no período conturbado de Andrew Jackson, quando os indígenas eram tratados com injustiça atroz, e ainda assim Tocqueville escrevia que os colonos da América “havia chegado a um estado de democracia sem ter que passar por uma revolução democrática” e que haviam “nascido livres sem assim terem que se tornar”.

Ainda seria verdade? Polly pensava que havia nascido livre, mas na sua curta vida já havia testemunhado muitos abusos da liberdade. É claro que as cobiças, culpas e ganâncias do Velho Mundo haviam fincado raízes no Novo. E, apesar de sua afeição pelos nativos de Gaea e pelos índios Quiztano da Venezuela, ela desconfiava do conceito do “bom selvagem”. As pessoas, até onde ela conhecia, eram pessoas; algumas eram boas, outras ruins, geralmente uma mistura de ambas as coisas.

A seguir na pilha, *Lectiones geometricae*, publicado por Isaac Barrow em 1670. Apesar da proficiência de Polly com idiomas, ela não conseguia se concentrar na leitura do latim antigo, então deixou o volume de lado até que conseguisse ficar mais focada. Leu um capítulo marcado numa historiografia do século XVI, descobrindo que Giordano Bruno fora queimado na fogueira por heresia, incluindo a proposta, que apavorou a direção da Igreja daqueles tempos, de que existem tantos horários quanto há planetas.

*E um mesmo planeta, pensou Polly, tem vários fusos horários, e quando tentamos atravessá-los com pressa, ficamos com jet lag. E mesmo em um fuso só, o tempo não se movimenta em fluxo constante.*

Ela se lembrou de um dia que passara na cama com gripe e febre, até com dor nas juntas, e de como o dia se arrastou, muito mais lentamente do que um dia comum. E houve aquela festa de Ano Novo na belíssima casa histórica de Max, Beau Allaire, quando Max cintilava tão forte quanto os candelabros de cristal, e houve cantoria e adivinhações e a noite passou num piscar de olhos. Pobre Giordano Bruno. Ele devia ter razão quanto ao tempo. Quanta gente havia sido queimada na fogueira por estar certa?

Então chegou ao livro de um filósofo do século XVIII, Berkeley. Ela sentou-se com o volume fechado sobre o colo. Max havia conversado com ela sobre o filósofo, que também era bispo (seria parecido com o Bispo Colubra?), que havia tido a ideia, surpreendente para sua época, de que as estrelas do lado de fora do seu escritório não estariam lá se ele não estivesse ciente delas, que as coisas precisavam ser apreendidas para *existir*. “O princípio antrópico”, como Max havia chamado, e que via como algo tão fascinante quanto repugnante.

Se Polly não acreditava que havia visto e conversado com Anaral, aquilo manteria a outra menina no passado, no lugar ao qual pertencia? Fecharia o limiar? Mas ela havia visto Anaral, não havia como fingir que não. O limiar estava aberto.

Na pilha havia, por fim, um exemplar do *New England Journal of Medicine* com um artigo de sua avó sobre o efeito das coisas microscópicas no universo macroscópico. O que poderia parecer um agrupamento aleatório começava a revelar-se um padrão, e a Polly o padrão parecia ter a ver com Anaral e as pedras Ogam — embora ela não achasse que sua avó tivesse nem Anaral nem as pedras Ogam em mente quando escolhera as leituras, tanto quanto não tivera Polly em mente quando redecorou o quarto.

Polly estudou por algumas horas, fez anotações, absorveu o suficiente para conseguir responder às perguntas dos avós. Estava totalmente focada no presente e não sabia o que a fazia olhar no relógio. Já havia passado das onze. Uma de suas funções era ir de carro até o correio para buscar correspondência. Se precisava de algo para o almoço ou o jantar, sua avó deixava um bilhete junto à correspondência a despachar.

Ela desceu a escada. Ninguém na sala de estar nem na cozinha. A porta do laboratório estava fechada, mas Polly bateu.

— Quê? — Foi a resposta nada cortês.

— Sou eu, Polly. Posso ir pegar a correspondência e ir ao mercado?

— Ah, Polly, pode entrar. Me desculpe se fui rude. Acho que não vai adiantar

nada eu ficar desejando que Nase não tivesse se aposentado e vindo morar com Louise.

A avó estava sentada em seu banco alto no laboratório. Havia um microscópio eletrônico à sua frente, mas com uma capa que parecia que não era descoberta há anos. Ela usava uma saia de tweed, meias de algodão fino, gola rolê e um casaco de lã: uma mulher do campo, pés no chão. Ainda assim, Polly sabia que sua avó se aprofundava no mundo do invisível, no estranho mundo submicroscópico da mecânica quântica. Seu avô parecia mais à vontade numa camisa de flanela xadrez puída, pilotando seu trator; e ainda assim era ele quem tinha ido para o espaço, orbitado a Terra além dos confins da atmosfera. Seus avós pareciam viver confortavelmente em seus mundos duais: o mundo diário do jardim, cozinha, casa e piscina, e o mundo expandido de seus experimentos científicos. Mas o Bispo Colubra havia feito com que saíssem da rota. O Bispo Colubra e a jornada inesperada da própria Polly através dos tempos.

— Avevó?

— Não sei, Polly. Não sei o que seus pais diriam. — A voz dela se perdeu.

— Só até o correio e o mercado, Avevó. Eu não queria ir sem perguntar.

A avó deu um suspiro.

— Será que eu tenho vivido num mundo de sonho? O único equipamento no meu laboratório que uso de verdade é um bico de Bunsen obsoleto, porque virou tradição de família. Tal como seu avô, tenho feito investigações intelectuais. — Polly ficou observando-a com ar interrogativo, e a avó prosseguiu. — Alex e eu ficamos em nossos mundos à parte, fazendo experimentos apenas na mente.

— E aí? — insistiu Polly.

— Se uma investigação intelectual estiver apta a ser testada em laboratório, então temos como escrever um artigo, e aí ou nós ou outro cientista realiza os testes. Mas são investigações intelectuais tão desvairadas em termos especulativos que levaria muito tempo até que pudessem ser provadas.

O que era mais onírico? As investigações intelectuais nas mentes de seus avós e outros cientistas? Ou o mundo de três mil anos atrás que estava tocando a época deles?

O laboratório era úmido. Polly ficou pensando como sua avó aguentava. O piso era de grandes lajes de pedra. Havia um tapete esmaecido em frente a duas poltronas puídas, e a luminária na mesa entre eles dava ao menos uma ilusão de calor. Só o frio a fixava na realidade presente.

— Avevó?

— Sim, Polly?

— E o correio?

— Acho que sim. Não podemos deixar você enrolada em plástico-bolha. Não

sei nem do que temos medo.

— Que eu vou me perder em três mil anos atrás? Não acho que vá acontecer.

— Nem eu. Ainda não cedi minha suspensão de descrença. Mas só até o correio.

— Estamos sem leite.

— Tudo bem. E no mercado. Mas venha falar comigo assim que voltar.

— Claro.

Polly ia manter a palavra. Iria apenas ao correio e ao mercado. O que ela queria mesmo era voltar a conversar com Anaral. Ir até o Carvalho Avô, ver Karralys e seu cão e torcer para que daquela vez ele parasse para conversar.

A quinta-feira era véspera do Dia de Todos os Santos e o Bispo Colubra levava aquilo muito a sério. *Samhain*. Um festival tão antigo que antecedia a história escrita. A pele de Polly formigou — não mais de medo, mas de expectativa, por algo que ela não entendia bem. Tudo que sabia era que vinha tocando naquela era distante conforme saía do passado para tocar outra era, um presente talvez tão brutal quanto qualquer tempo anterior, mas ao menos familiar.

O carro dos avós era velho, e foram necessárias algumas tentativas até o motor pegar, ela engatar a ré e sair da garagem. Foi até o correio, ao mercado, e conversou com as atendentes de cada estabelecimento, que eram curiosas, simpáticas e já a conheciam pelo nome.

Quando chegou em casa, sua avó havia saído do laboratório e preparava torradas de queijo para o almoço. Tinham acabado de comer e estavam guardando os pratos quando ouviram um carro chegar fazendo barulheira. O Bispo Colubra.

— Uma visita rápida — disse ele. — Louise me fez prometer que voltaria rápido. Só queria trazer meu caderno de Ogam a Polly. — Ele sentou-se à mesa, apontou para a cadeira ao seu lado e abriu o caderno entre eles.

Era feito com esmero e consistência. Havia vocabulário e regras gramaticais simples, além de algumas frases e expressões.

— Os druidas tinham uma quantidade vasta de informação na memória depois de anos de treinamento, mas Ogam era uma linguagem oral, não escrita. O que tenho aqui não tem nada de Ogam puro. É o que Anaral e Karralys e o Povo do Vento falam hoje. No hoje deles, no caso.

Em três colunas, ele havia listado palavras que o povo de Anaral usava antes da chegada de Karralys e Tav; depois, palavras que eram rigorosamente Ogam e que Karralys e Tav haviam trazido ao idioma; ao lado, uma pequena coluna de palavras que ainda eram identificáveis no inglês atual, tais como *mount*, *glen*, *crag*, *bard*, *cairn*.

— Consegue entender minha letra? — perguntou ele.

— Sim, bem mais inteligível que a minha.

— É fascinante como os idiomas evoluem, não acha? Me pergunto quantas palavras do nosso inglês americano ainda existirão daqui a mil anos. — Ele levantou-se. — Tenho que ir.

Polly pegou o caderno.

— Muito obrigada, Bispo. Fico contente que tenha escrito a pronúncia foneticamente. — Ela virou as páginas, assentindo enquanto ele se equilibrava em uma perna só, coçando a canela com o outro pé, parecendo mais garça do que nunca.

— É muito arbitrário da minha parte chamar isso de Ogam, mas parece o mais simples. O idioma evoluiu muito fácil, uma espécie de língua franca.

— Bispo, o senhor ensinou Anaral a falar inglês?

— Shh. — Ele bateu o pé e olhou para a Sra. Murry, que estava colocando lenha na lareira, e o Sr. Murry, enfurnado no artigo de uma revista científica. Ele inclinou-se na cadeira, em direção a Polly. — Ela é muito inteligente. Aprendeu com uma velocidade incrível.

— Mas o senhor passou bastante tempo com ela.

Ele olhou de novo para os avós dela, deu um suspiro fundo.

— Não é hora de ser discreto, não é? Sim. Sempre que o portal temporal se abriu para mim, eu o atravessei. Mas você... — Ele fez não com a cabeça. — Tenho que ir. — O bispo foi a passos lentos até a porta da despensa. — Você não vai sair de perto dos seus avós?

Ela também deu um suspiro.

— Não, Bispo, não vou.

Polly passou horas com o caderno de Ogam do Bispo Colubra. No fim da tarde, sua avó foi nadar com ela. Nada aconteceu. Anaral não apareceu. A noite transcorreu tranquilamente.

Na terça-feira, o bispo a convidou para um chá.

— Pode ir — disse a avó. — Sei que você está ficando maluca aqui, e embora eu não ache que vá acontecer qualquer coisa enquanto eu estiver junto e me recuse a acreditar que três mil anos atrás podem tocar diretamente na nossa época, prefiro mantê-la longe da piscina.

— A senhora não vai precisar do carro?

— Não vou a lugar nenhum. A casa de Louise fica logo ali. Nossas terras são coladas nas dela. Mas de carro você vai ter que pegar a estrada principal, seguir alguns quilômetros para oeste, depois dobrar à direita, morro acima, na primeira oportunidade.

O telefone tocou. Zachary. Óbvio que queria conversar.

— Polly, é tão bom retomar o contato com você. Você é uma luz que brilha nesses dias horríveis.

— Sempre acho o outono magnífico.

— Não num escritório que não passa de uma caixinha sem janelas. Mal posso esperar para encontrar você.

— Também estou ansiosa.

— Polly, eu não quero magoá-la.

A avó dela havia saído da cozinha e ido para o laboratório, deixando Polly a sós com o telefone.

— Por que você faria isso?

— É o meu padrão. Acabo magoando toda menina com quem me envolvo. Magoei você no verão passado.

— Não, não foi assim — protestou ela. — Quer dizer, tudo acabou bem.

— Porque seus amigos apareceram e nos salvaram depois que eu virei aquela canoa idiota. Mas você tem razão. Foi uma coisa menor, em comparação.

Ele parecia tão nervoso que ela resolveu perguntar, com delicadeza:

— Em comparação a quê, Zach?

— Polly, eu sou um canalha que só sabe se defender. Só penso no meu próprio bem.

— E não é todo mundo assim, até certo ponto?

— Até certo ponto, sim. Mas eu levo além desse ponto.

— Você está no escritório?

— Sim, mas não se preocupe, estou sozinho aqui na baia e hoje a coisa está devagar. Não é como se eu estivesse procrastinando nem nada, só não tenho o que fazer no momento. Enfim, só quero que saiba que vou me esforçar muito para não te magoar.

— Ah. Certo. Que bom.

— Você não acreditou.

— Claro que acredito que você não vai me magoar.

— Não, quero dizer que você não acredita que eu sou egoísta. Escute. Uma vez eu estava com uma garota de quem gostava muito. O avô dela estava doente, quase morrendo, e fomos ao hospital doar sangue. Óbvio que ela estava triste, muito triste. E estava internada também uma criança que ela conhecia, e a criança teve uma convulsão e... Enfim. O caso é que eu não sei o que aconteceu comigo, porque saí correndo.

— Como é? — Ela manteve a voz delicada.

— Eu saí correndo. Não aguentei. Entrei no meu carro e fui embora. Deixei ela lá. Esse é o quão canalha, o quão podre eu sou.

— Ora, Zach, não diga isso. Isso é coisa do passado. Você não faria isso de novo.

— Não sei o que eu faria, é isso que quero dizer.

— Olha, Zachary, não se apegue ao passado. Você tem que se dar uma chance. Nós aprendemos com nossos erros.

— Aprendemos? Você acha mesmo?

— Claro. Eu mesma já cometi vários. E aprendi com eles.

— Que bom, então. Só queria dizer que acho você sensacional, que quero que a gente se divirta na quinta-feira, e não quero fazer nem dizer nada que vá magoá-la.

— Nós vamos nos divertir na quinta-feira — prometeu ela.

— Então tudo bem. Até quinta. Fico contente que você exista, Polly. Você é muito boa pra mim. Até.

Ela ficou desnorteada com o telefonema. Que diabos ele tinha medo de fazer e que podia magoá-la? Ela deu de ombros, foi até a despensa, pegou a jaqueta vermelha pendurada e bateu na porta do laboratório.

— Avevó, posso ajudar em alguma coisa antes de sair?

— Não precisa se preocupar com nada. Só volte a tempo para o jantar. Desculpe esse meu ataque de corujice, mas não posso apagar sua experiência de cruzar um limiar temporal só porque está totalmente fora do contexto que eu compreendo.

— Eu fico me perguntando: será que aconteceu de verdade? Mas eu acho que

sim, Avevó.

— Vá tomar um chá com Nase. — A voz da avó estava um pouco ácida. — Talvez ele veja motivo para lhe contar mais do que nos contou.

Enquanto Polly subia o morro para chegar à casa amarela da Dra. Louise, cercada de bordos e faias dos quais caíam folhas amareladas, o bispo veio recebê-la, conduziu-a porta adentro e tomou sua jaqueta vermelha.

A cozinha da Dra. Louise era menor que a dos Murry, e mais escura, mas grande a ponto de acomodar uma mesa de carvalho considerável perto da janela, alegrada por um buquê surpreendente de rosas amarelas, assim como panelas e frigideiras de cobre. O bispo tirou uma coisa torta do forno.

— O jeito como Alex faz pão me desafiou. Era para ser um pão irlandês, mas não creio que tenha tido sucesso.

— Deve estar saboroso — disse Polly —, e estou com fome.

O bispo serviu o pão com manteiga, geleia e um jarro de leite.

— Chá, leite ou chocolate quente?

— Um chocolate quente seria ótimo. Está frio.

— Clima perfeito de outono, chegando nos quinze graus. Sente-se, fique à vontade.

Polly sentou enquanto o bispo preparava com toda calma do mundo as duas xícaras de chocolate quente e cortava o pão irlandês — que tinha um gosto, de fato, melhor que a aparência, principalmente com geleia caseira.

— O que aconteceu com o que já aconteceu? — perguntou Polly.

— Grande pergunta — disse o bispo. — Parece que encontrei um portal temporal. Talvez existam outros, incontáveis.

— O que estava acontecendo há três mil anos? — prosseguiu ela.

— Abraão e Sara deixaram seu lar — disse o bispo — e foram para terras ermas. Mas já havia faraós no Egito, e a Esfinge fazia suas charadas.

— O que mais?

— Gilgamesh — prosseguiu o bispo. — Acho que ele já existia.

— Mas ele não era daqui de perto.

— De Uruk — disse o bispo. — Lá do outro lado do mundo. E havia a poesia suméria, que lamentava a morte de Tamuz, o deus pastor. — Ele cortou mais fatias de pão. — A mãe de Tamuz era a deusa Innini. Vejamos o que mais... Egito. Também não era aqui por perto. A grande pirâmide foi construída em Gizé. As dimensões e o desenho da pirâmide de Quéops conformam-se às medidas astronômicas. Como Stonehenge na astronomia, se não na arquitetura. As estrelas nos ensinaram mais do que percebemos. — Ele estava divagando alegremente. — Me questiono como seria um planeta onde a atmosfera fosse densa demais para se ver a luz das estrelas. Até que este pão não ficou tão ruim...



— Bispo, por favor. — Polly espalhou geleia na sua fatia. — Talvez você tenha contado a meus avós, mas como conheceu Anaral e Karralys? Quando?

— Começou na primavera passada. — O bispo dobrou as pernas e ficou à vontade, com um pedaço de pão e geleia na mão. — Eu nunca fiquei tão à toa na vida. Estava andando por aí procurando algum serviço para fazer na casa quando me deparei com uma velha cava atrás do celeiro onde Louise estaciona o carro. Ao menos era chamado de cava. Nos tempos em que se supunha que havia como se proteger de ataques nucleares, algumas cavas foram reaproveitadas como abrigos antinucleares.

— Que grande ajuda dariam — disse Polly.

— Louise nunca deu bola para o dela. Sempre falou que, quando se aposentasse, ela teria um jardim e faria a cava voltar a seu uso original, um lugar para armazenar tubérculos. Mas o caso é que algumas cavas antigas que não foram feitas para serem cavas.

— Então eram o quê?

— Elas foram escavadas há séculos, antes do povo que conhecemos como primeiros colonizadores virem da Inglaterra, e foram escavadas para serem locais sagrados, onde os padres ou druidas ou quem quer que fosse podiam comungar com os mortos ou com os deuses do submundo. Eles acreditavam que quem morria ainda estava a postos para dar conselhos ou ajudar, até gerações atrás.

— Ah, gostei disso — disse Polly. — Meus avós têm uma cava?

— Tinham, mas quando instalaram a piscina ela foi soterrada, então eu tinha só o de Louise para escavar. Passei semanas ali com uma trolha, depois uma pá. E foi lá que encontrei a primeira pedra Ogam, a única que não estava nas terras dos seus avós. A cava tinha se enchido de folhas, areia e outros detritos com o passar dos anos, e tudo isso protegeu a pedra. Os escritos na primeira estavam muito mais claros do que naquelas que encontrei nos muros de pedra.

— O que dizia?

— Era uma pedra memorial em homenagem a nossas mães ancestrais.

Uma porta de carro bateu do lado de fora e a Dra. Louise entrou, chamando-os:

— Olá! Cheguei mais cedo do que achava. Espero que ainda tenha chá para mim.

— Bastante — disse o bispo. — Fiz um bule grande e Polly e eu estamos tomando chocolate.

A Dra. Louise sacudiu-se da sua jaqueta pesada e depois tirou o jaleco, pendurando os dois na galhada de cervo ao lado da porta.

— Herdei essa galhada com a casa.

Polly riu.

— Você não tem cara de caçadora.

— Longe disso. — A médica serviu-se de pão e manteiga. — Nase, você está mesmo se domesticando com a idade. Não ficou nada mal.

— Agora está com uma aparência melhor do que quando eu tirei do forno.

— Bispo — falou Polly, delicadamente —, por favor, prossiga.

— Se eu estiver certo quanto às cavas, e evidentemente posso estar errado, elas eram antigos dispositivos temporais, uma maneira de os druidas comungarem com o passado, com seus deuses, com poderes tanto do bem quanto do mal e que se perderam há muito tempo. Você pode chamar a cava de cápsula do tempo de três mil anos.

— Você anda assistindo muita tevê? — perguntou a Dra. Louise.

— Provavelmente afetou minhas metáforas — concordou o irmão. — A cava passou a primavera me atraindo, mas também me repelindo. Encontrei outras pedras Ogam nos muros de Alex e Kate, trabalhei na tradução dos hieróglifos. Encontrei três num pequeno *cairn* de pedras próximo da sua rocha de observação estelar. Eu sabia que havia algo de especial ali, Polly. Que era um núcleo de poder. Poder benigno.

— Sempre foi um lugar especial para minha mãe e os irmãos dela — disse Polly. — Continue, bispo, por favor.

— Em meados de junho, conforme os dias se alongavam com a chegada do solstício de verão, uma onda de calor precoce atingiu a região e a cava era o local mais fresco da casa, então comecei a passar mais tempo por lá. Parei de escavar. Ficava só sentado. Muitas vezes passando do raciocínio ao espaço escuro e atemporal da contemplação.

— Tive medo que você estivesse se tornando pagão — comentou a Dra. Louise com ironia.

— Não, Louise, não. Nem antes nem agora estou me voltando aos deuses antigos. Não, o Deus a que tentei servir a vida inteira ainda me basta. Não se esqueça que, dois mil anos atrás, Jesus de Nazaré não surgiu do nada. O Cristo é, será e certamente era, na época em que os druidas construíram a cava, há três mil anos, tanto quanto é agora. Mas nós, o povo racional e civilizado, demos as costas ao lado obscuro de Deus porque temos medo do espantoso e do inexplicável. Ora, desculpem. Comecei a pregação. É que passei tanto tempo da vida dando sermões que virou hábito, difícil de largar.

— Você é um bom pastor — falou a Dra. Louise, com orgulho fraternal.

— Então, por favor — pressionou Polly.

— Véspera do solstício — prosseguiu o bispo. — Eu estava na cava. Quando a chamei de cápsula do tempo de três mil anos, estava brincando apenas em

certo sentido. É uma metáfora que me parece adequada. Vejam só: o que aconteceu foi que eu estava na cava, e então, sem transição alguma, estava na rocha de observação estelar, e lá estava Anaral.

— E...

— Da primeira vez nós não conseguimos nos entender, senão com gestos. Me permiti algumas conjecturas, pois obviamente não era uma garota comum. Havia algo nela de digno, de nobre, algo que a destacava. Mas levou algum tempo até um conhecer o idioma do outro o suficiente para que nos comunicássemos e eu conseguisse acreditar que havia me deslocado tantos anos.

— Bispo — perguntou Polly —, você consegue entrar e sair do portal temporal sempre que quer?

— Ah, não. — Ele negou com a cabeça. — Não sei ao certo como nem quando acontece. Tenho essa sensação, bem como você disse, de um raio, de um tremor de terra, quase um terremoto, e parece que acontece alguma coisa no ar. Depois da primeira vez, nunca mais foi pela cava, mas sempre da rocha de observação estelar. Fico lá, espero e às vezes Annie ou Karralys vêm até mim. Mas há semanas em que nada acontece.

— Obrigada pelo chá — disse a Dra. Louise. — Vocês me dão licença? Preciso repassar alguns prontuários.

O bispo estava ríspido.

— Sei que isso a ofende, Louise. Tento não falar na sua frente.

— O que também não é solução — disse a médica. — Fico me perguntando o que a família de Polly ia achar de toda essa sua loucura. — Ela voltou-se para Polly. — Você vai contar isso tudo a eles?

— Com certeza, mas não agora. Antes preciso entender mais. E não quero que eles se preocupem.

— Talvez eles devessem — disse a médica.

Os olhos do bispo se fecharam, como se ele estivesse escutando.

— Uma das pedras do *cairn* perto da rocha de observação estelar tinha uma runa belíssima. *Abrace-me com a paz enquanto durmo. Acorde-me quando o sol sorrir. Satisfaça minha sede com água pura. Deixe-me ser contente em seu amor.* É de uma simplicidade que já não existe mais, pelo menos na nossa dita civilização avançada.

— Não reclame da nossa civilização — alertou a irmã. — Antigamente, catarata deixava qualquer um cego. Em várias regiões do mundo, ainda deixa. Os implantes oculares que você colocou te fazem enxergar como um homem bem mais jovem.

— Mas isto é tecnologia, não civilização. — O bispo estava ranzinza. — Sou grato, todos os dias, por poder ler e escrever. Não subestimo o conhecimento.

Mas geramos problemas para nós mesmos ao confundir conhecimento com verdade.

— Certo, Nase.

— A verdade é eterna. O conhecimento é mutável. Confundir os dois é desastroso.

— Não estou confundindo, meu caro — disse a Dra. Louise. — Mas consigo entender que suas aventuras têm pouco a ver com conhecimento ou verdade. Estão além da sensatez. E agora temo que tenha deixado Kate e Alex muito chateados.

— Sinto muito — disse o bispo. — Eu não esperava que Polly fosse se envolver. Se fiquei de bico fechado até agora, não foi apenas por conta do seu desgosto em relação ao que aconteceu, mas por que achei que fosse uma aventura minha, solitária, singular. Nunca esperei que Polly... Simplesmente preciso ter fé de que tudo isso tenha algum significado.

A Dra. Louise deu um suspiro e se levantou.

— Preciso mesmo repassar os prontuários.

Polly também se levantou.

— É melhor eu voltar. Prometi que não chegaria tarde.

Ela seguiu de carro pela longa estrada acidentada. As rãs coaxavam sua despedida outonal ao verão. Alguns poucos insetos chilreavam. Um grupo de gansos voou sobre ela, grasnando rumo ao sul. O som assombroso era novidade para Polly, e ela o achou tão empolgante quanto triste. Dos dois lados da estrada, os arbustos eram vermelhos ou cor de ferrugem. Havia solidagos de aparência seca e raiz-de-cascalho. Ao fazer uma curva, ela conseguiu ver as sombras roxas nos morros baixos desgastados pelos séculos. Belezas naturais reconfortantes.

• • •

Quando a avó entrou para dizer boa-noite, Polly estava mergulhada no caderno do Bispo Colubra.

— Esse tal de código Ogam não é muito difícil, desde que a gente não tente relacioná-lo com raízes latinas ou gregas, e pense nele como um idioma inventado.

— Polly. — A avó dela estava sentada na beirada da cama. — Tenho esperança de que você não terá outra oportunidade de falar este idioma.

— Eu amo idiomas, Avevó. São divertidos. Sabe como o Avô gosta de fazer as palavras cruzadas no jornal todo dia? É a mesma coisa.

A avó mexeu no cabelo.

— Quero que você aproveite, minha querida, mas não quero que corra riscos.

Espero que se divirta com Zachary na quinta-feira. Mas ele me parece um jovem muito complexo, e não fico à vontade com a ideia de que, como você disse, ele também tenha visto alguém do passado.

— Eu também não fico.

— Então vai ficar longe da piscina e da rocha de observação estelar?

— Sim, vou. — Polly deu um suspiro, depois apontou para a pilha de livros que seguia na sua mesa de cabeceira. — Repassei as partes que a senhora marcou e fiz anotações. Adoro aprender com você, Avevó.

— Não sente saudade da escola?

— Eu não gostava muito. Eu me acostumei a ter aulas com a Mãe e o Papai quando morávamos em Gaea. Então achei o Colégio de Cowpertown um tédio. Eu não ia muito bem nas aulas. Quer dizer, eu ia bem, mas não ótima.

— Sua mãe deve ter entendido. Ela foi um desastre no colégio até começar a faculdade.

— Difícil de acreditar.

— Pois acredite.

— Mas ela é tão genial...

— Ela se dá bem com coisas difíceis, mas não com o fácil, e acho que você não é muito diferente dela neste sentido.

— Bem... talvez. Assim como o Zachary, eu me saio melhor quando me interessar pelo assunto. A única professora de quem eu gostava foi embora. E no ano passado eu podia ir a Beau Allaire e fazer deveres de casa lá e a Max fazia ficar interessante.

— A morte dela deve ter sido muito difícil para você. — A avó tocou delicadamente em seu joelho.

— Sim. Foi. Mas Max ia querer que eu seguisse com vida, e é isso que eu tento fazer. Mas sinto falta... — Por um instante, a voz dela estremeceu.

— Max também era muito próxima de Sandy e Rhea. Sandy disse que a morte dela deixou uma grande lacuna na vida deles.

— Acho que o planeta está cheio de lacunas, não é? De todo mundo que viveu e morreu. Será que dá para preenchê-las de algum modo?

— Boa pergunta.

— Avevó, essa gente que eu vi quando voltei, Anaral e... Você não quer falar disso?

— Pode falar.

— Eles morreram há, quem sabe, três mil anos. — Ela estremeceu sem querer. — Mas e os buracos que eles deixaram? Eles continuam aí, esperando para serem preenchidos?

— Você sempre teve essa tendência a fazer perguntas sem resposta. Não sei

nada a respeito desses buracos. Só sei que Max deu grandes riquezas a você, e que nós, todos nós, seríamos menos do que somos se não fosse por aqueles que amamos e que nos amaram e que morreram. — A avó se levantou, curvou-se e deu um beijo em Polly. — Boa noite, querida. Durma bem.

• • •

Polly acordou morrendo de frio. Sua colcha tinha caído no chão. Ela se deixou levar por um sonho, não exatamente pesadelo, em que Zachary saía por uma estrada sinuosa na caminhonete azul do bispo. Ela estava na caçamba, encharcada por causa de uma chuva gélida. Toda vez que Zachary dava um solavanco, ela quase era jogada para fora. De um lado da estrada havia um penhasco, do outro uma queda até um vale lá embaixo. A picape deu outro solavanco e...

Ela acordou. O corpo quentinho de Hádron não estava ao seu lado. Ela recolheu a colcha e se aconchegou embaixo dela. Seus pés pareciam gelo. Não havia como escapar do sonho e voltar a dormir até que se aquecesse.

Era claro para ela o que o sonho representava: apenas sua reação ao telefonema de Zachary. Não tinha, pensou ela, nenhum significado em particular. Ela havia sonhado com chuva congelante porque a colcha havia deslizado da cama e ela estava gelada. O vento batia na casa, enfatizando o frio.

A piscina. De longe, o lugar mais quente na casa. Esquecendo as promessas, esquecendo por um instante as razões por trás delas, ciente apenas de que tremia de frio, Polly desceu a escada na ponta dos pés. Todas as lareiras estavam apagadas. A casa estava gélida. Ela abriu a porta para o aposento com a piscina e se deparou com um calor úmido e um cheiro de verde de todas as plantas que vicejavam ali.

O luar entrava pelas claraboias. As plantas penduradas perto das janelas compunham sombras estranhas. Então, assim que seus olhos se acostumaram, viu uma sombra inesperada, uma coisa escura em uma das cadeiras da piscina. Tinha alguém sentado ali.

Aterrorizada, ela procurou o interruptor e a sala se encheu de luz.

Anaral pulou da cadeira como se fosse uma gazela, mais assustada que Polly. O mundo de Anaral só conhecia a eletricidade como relâmpagos e perigos.

O coração de Polly parou de martelar sua garganta.

— Luzes. Luzes elétricas. Não tenha medo.

Anaral não apenas se sentou de volta, mas capotou.

— O Bispo me contou das luzes. Sim. Ainda assim, me assusta. Ninguém está escutando?

— Não se falarmos baixinho. Como você chegou aqui?

— Vim das nossas grandes pedras de pé até esse lugar da água na caixa. — Anaral referia-se à piscina que ficava sobre um rio subterrâneo. — Aqui, onde fica a água na caixa no seu círculo de tempo, no meu círculo há nosso lugar mais sagrado, as pedras que ficam de pé acima do cheiro da água. Eu deitei na *sarsen* e pensei em você e me chamei até você. E vim. — Ela olhou para Polly com um sorriso de satisfação. Então levantou-se e caminhou lentamente pelo recinto, olhando para as cadeiras da piscina e a bicicleta ergométrica que a avó de Polly usava quando o clima estava inclemente demais para caminhar lá fora. — Bispo disse que você mora na casa. Estamos em casa?

— Sim. Essa é a ala nova, foi construída para a piscina... para a água na caixa. — Claro que Anaral não entenderia nada de uma casa e do que há numa casa.

Anaral pegou um livro largado numa mesinha ao lado da cadeira onde estava sentada.

— Um dia Bispo trouxe livros para me mostrar. Bispo disse que vocês têm histórias em livros.

— Muitas histórias.

— Karralys diz que para histórias o escrito tem que ser mais robusto do que a nossa língua, menos simples.

— Sim, mais complexo.

Anaral tocou a testa.

— Druidas têm histórias. Muitas histórias. Nós guardamos lembranças na memória. Sem isso seríamos... menos. Eu não sei a palavra.

— Nossos livros são como depósitos de lembranças. Deles temos histórias de muitas pessoas, muitas épocas, muitas culturas.

— Culturas?

— Pessoas que vivem em diferentes círculos de lugar, assim como de época.

Anaral assentiu.

— Tem certeza que você não é um druida?

Polly riu.

— Absoluta.

— Mas você tem dons. Você cruza o limiar do tempo. Fazer isto exige muito preparo, e Karralys estava preocupado porque, por mais que eu tenha preparo, nenhum limiar se abria a mim. Mas então vi Bispo antes dele, e agora eu pratico usando o dom e o preparo vindo até você. E você também cruzou para meu tempo.

Polly abriu as mãos.

— Não sei como eu fiz, Anaral. Não tenho a menor ideia. Não sei se

conseguiria de novo.

— Karralys foi a muitos lugares, a muitas épocas. Eu cruzei apenas um limiar, vi só você e Bispo. Karralys diz que existe sentido em você ter vindo, sentido para a configuração.

— Qual configuração?

— A configuração das linhas desenhadas entre as estrelas, entre pessoas, entre lugares, entre círculos, como a linha entre a grande pedra e a água na caixa.

Polly pensou no livro de constelações que tinha no quarto, com as linhas desenhadas entre as estrelas.

Anaral olhou para ela com um sorriso.

— É bom, isso em que estou sentada.

— Se chama poltrona.

— Nas grandes pedras temos poltronas, mas muito diferentes, esculpidas em pedra. Essa aqui sustenta meu corpo com mais descanso.

Polly ficou pensando no que Anaral acharia do resto da casa, do quarto, da cozinha. Tudo que era normal para Polly, como água quente, banheiros, geladeiras, micro-ondas, processador, será que para ela pareceriam milagres, ou ela acharia que são magia? Quem sabe até magia maligna?

— Anaral, fico contente de ver você, mesmo que seja no meio da noite. Mas por que você veio?

— Para ver se conseguia — respondeu Anaral, com simplicidade. — Todos os outros estavam dormindo, então pude treinar o dom sozinha. Eu vim e chamei você. Para conhecer você. Saber por que você pode vir para meu círculo do tempo. Saber se você nos foi enviada pela Presença.

— Presença?

— Aquela que é mais que Mãe, ou a deusa. Aquela que fez as estrelas, que sopra o vento, que faz a terra crescer, que levanta o sol, que dá a chuva. A que cuida de todos. Karralys diz que acontece apenas uma ou duas vezes numa configuração de as linhas se tocarem para os círculos do tempo se unirem com o limiar aberto nas duas direções. Quando isto acontece, é porque há motivo.

— Você já perguntou ao bispo?

— Bispo também diz que há motivo. Mas ele não sabe qual. Você sabe?

Polly fez que não.

— Não faço a mínima ideia.

— Mínima ideia?

— Não sei o motivo, Anaral. Mas eu gostei de você. Fico contente que esteja aqui. Queria conhecer você melhor.

— Amigas?

— Sim. Eu gostaria de ser sua amiga.



— Às vezes é solitário ser druida. Amigos cuidam um do outro.

— Sim.

— Se protegem?

— Um amigo faz de tudo para proteger o outro.

— Mas nem sempre é possível. — Anaral negou com a cabeça. — Em uma tempestade horrível, ou quando raio faz fogo, ou quando outra tribo ataca.

— Mas amigos tentam — disse Polly, decidida. — Amigos se importam. — Ela sentia uma conexão profunda com Anaral. Seria possível fazer amizade com uma garota de três mil anos atrás? — Eu gostaria de ser sua amiga, Anaral.

— Que bom. Eu sou sua amiga. — Anaral levantou-se. — Bispo me chama de Annie.

— Isso. Annie.

— Eu fiz você querer acordar, vir aqui na água na caixa. E você veio. Obrigada.

— A colcha caiu da minha cama. Fiquei com frio. — Colcha. Cama. Não faria sentido nenhum para Anaral.

— Você veio, Polly. Agora eu vou. — Anaral foi a uma das janelas do lado norte. — Viu? Agora eu sei como abrir. — Ela deu um leve salto para fora e saiu correndo noite adentro.

Polly ficou observando até ela sumir em meio às árvores. Depois, fechou a janela. Ficou alguns minutos perto da piscina, parada, mas nada aconteceu. A água estava tranquila. Sentou-se em uma das poltronas e matutou até ficar sonolenta e suas pálpebras pesarem. Estava aquecida agora, até os dedos dos pés. Aquele encontro com Anaral teria sido parte do sonho? Polly subiu a escada. Talvez entendesse melhor pela manhã.

• • •

Ela acordou mais tarde que o normal, vestiu-se e desceu a escada. O avô estava sentado à mesa tomando café e fazendo suas palavras cruzadas. Polly serviu-se de meia xícara de café, completou com leite e colocou no micro-ondas. Por um momento ela havia esquecido o sonho ruim, esqueceu que havia descido na piscina para se aquecer, esqueceu a visita de Anaral.

— Assim o café com leite fica muito mais fácil. Eu odeio lavar a leiteira.

— Polly. — O avô tirou os olhos do jornal. — Me conte o que você entende do tempo.

Ela sentou-se.

— Não sei muita coisa.

— Me conte o que sabe.

— Bom, tem o, hã, o contínuo espaço-tempo.

— Que quer dizer...?

— Bom, que o tempo não é uma coisa separada, à parte do espaço. Eles criam uma coisa juntos, que é o espaço-tempo. Mas eu sei que não existe tempo nenhum se não houver massa em movimento.

O avô assentiu.

— Isso mesmo. E a famosa equação de Einstein?

— Bem, massa e energia são equivalentes, de modo que qualquer energia que um objeto usar acrescenta a sua massa, o que dificulta que ele aumente de velocidade.

— E à medida que se aproxima da velocidade da luz?

— Sua massa ficaria tão gigantesca que nunca conseguiria chegar na velocidade da luz.

— E em termos de viagens no espaço?

— Não há como separar viagem no espaço de viagem no tempo.

— Boa garota. O que mais?

— Não sei, Vô. Como é que eu voltei três mil anos? — De repente ela lembrou da visita de Anaral na noite anterior. Mas aquele não era o momento para conversar sobre o ocorrido.

A porta da despensa se abriu e sua avó entrou. O avô disse:

— Esta é a pergunta de um bilhão de dólares, não é?

— E parece que eu estraguei a equação de Einstein. Porque, no caso, o que eu fiz não foi viajar mais rápido do que a velocidade da luz? Quer dizer: eu estava aqui, depois estava lá.

— Departamento da confusão total — disse seu avô.

A Sra. Murry cortou pão e colocou na torradeira.

— Uma das teorias que eu acho reconfortante é a de que o tempo existe para tudo não acontecer ao mesmo tempo.

— Que imagem! — Polly havia ignorado o *ping* do micro-ondas. Então abriu a porta, tirou sua xícara e foi para seu lugar à mesa. Hádrón ergueu-se do pedaço de tapete na frente da lareira, recebeu-a enroscando-se em suas pernas, ronronou, depois voltou ao calor.

A Sra. Murry tirou o pão da torradeira e colocou no prato em frente a Polly.

— Coma.

— Obrigada. O pão do vô dá uma torrada maravilhosa.

A avó prosseguiu.

— Seu avô e eu vivemos a vida inteira com contradições. Os interesses dele são com a teoria geral da relatividade, que é voltada para gravidade e o macrocosmo. Enquanto eu passei minha vida com o microcosmo, o mundo da

física de partículas e da mecânica quântica. No momento, as teorias parecem não se combinar.

— Se conseguíssemos descobrir uma teoria quântica da gravidade — disse o Sr. Murry — talvez, *talvez* pudéssemos resolver este problema.

— Ela explicaria o contínuo espaço-tempo? — perguntou Polly.

— É o que se espera — disse a Sra. Murry, que se virou para atender o telefone.

E agora Polly lembrava de seu sonho. Zachary. Ela torcia que fosse ele, mas sua avó disse:

— Bom dia, Nason... Sim, estamos todos aqui, no mesmo lugar, mesma época. Muito gentil da sua parte, mas por que vocês dois não vêm aqui? Você e Louise gostam de nadar. Nase, eu gosto de cozinhar... Não, não precisam trazer nada. Vejo vocês à noite.

Ela voltou-se para seu marido e Polly.

— Como você percebeu, era Nason. Louise encheu o coitado de desgosto e remorso, e por conta disso ela não consegue desconvencê-lo de que ele pode proteger Polly do passado se estiver aqui ao seu lado, o que faz toda lógica absolutamente contrariamente. Eles vêm jantar.

O Sr. Murry sorriu.

— Foi ao menos parte da motivação dele ao ligar.

A esposa sorriu de volta.

— Cozinhar nunca foi o forte de Louise. Dá para o gasto como cozinheira, mas a tarefa não é de grande importância para ela.

— E Nase tem um paladar bastante *gourmet* — complementou ele.

— E você é excelente cozinheira — disse Polly.

A avó ficou corada.

— Ah, querida, assim parece que eu estava pedindo elogios.

— E muito merecidos — disse o marido.

— Eu gosto de cozinhar. É uma terapia para mim. A terapia de Louise é seu roseiral. Você há de notar, Polly, que não temos rosas.

— Aceite de bom grado, meu bem — disse o marido. — Você é ótima cozinheira.

— Obrigada, querido. — Ela sentou-se, apoiou os cotovelos na mesa, pousou o queixo nas mãos. — Polly, temos a questão dos seus pais.

Polly olhou para ela com ar de interrogação.

— Seu avô acha que você está certa, que não seria seguro tirá-la do tesseracto, mandá-la de volta a Benne Seed. E se eu não levasse este temor dele a sério, você já estaria com seus pais.

— Até onde eu posso ir? — perguntou Polly. — Até que distância do limiar

temporal?

O avô dobrou o jornal.

— Não tenho certeza. Uns quinze, vinte quilômetros, imagino. Quem sabe mais. Quem sabe até onde ficava o povo de Anaral. Mas não num avião. Não do outro lado do país.

— Bem, estou mesmo no tesseracto. — E ela lhes contou da visita de Anaral.

Os avós trocaram olhares preocupados.

— Não contem para o Papai e a Mamãe — insistiu Polly. — Ainda não. Não sabemos muita coisa. Parece impossível.

— Se eu bem conheço seu pai — disse o avô —, ele viria buscá-la imediatamente e não haveria discussão. O que pode ser fatal.

— Eu odeio segredos — disse a avó. — Mas concordo que seria melhor manter o assunto entre nós por uns dias.

— Até depois do Dia das Bruxas — disse o avô.

— Amanhã — complementou a avó.

— *Samhain* — disse Polly.

— Contamos tudo para eles no domingo, quando ligarem — disse a vó.

Os dois olharam para Polly, depois entre si, descontentes.

. . .

A manhã transcorreu sem incidentes. Polly passou uma hora com a avó no laboratório, até os dedos do pé ficarem gelados. Então foi para seu quarto, sentou-se à escrivaninha e escreveu respostas ao questionário que a avó havia deixado. Estava mais difícil que o normal se concentrar. Enfim fechou seu caderno e desceu a escada. Era hora de uma caminhada rápida antes do almoço.

Polly prometeu que não cruzaria o pasto até o bosque e à rocha de observação estelar, por isso caminhou pela estrada de terra que dava para a casa. A estrada havia sido uma das primeiras rotas postais, mas com o avanço demográfico, atualmente era só uma travessa. A garagem levava a uma estrada pavimentada, com fazendas acima, algumas moradias abaixo. A travessa seguia adiante, por pastos, bosques, arbustos. Era um lugar agradável para caminhar, e Polly foi passeando, colhendo um buquê de ervas de outono em flor.

Quando chegou em casa, a Dra. Louise havia ligado para dizer que tivera uma emergência e que não poderia ir jantar. Tudo bem se remarcassem para o dia seguinte? Nase queria muito estar com Polly na quinta-feira.

E então a dita quinta-feira chegou, bonita e ensolarada. Os dias de outono eram perfeitos, azuis e dourados, e cada vez mais folhas caíam das árvores. Polly trabalhou com o avô pela manhã, estudando mais matemática avançada. Por

volta das onze ele foi à cidade afiar a motosserra. A avó, como sempre, estava no laboratório.

Ela foi caminhando até o fim da travessa e voltou. Quase dois quilômetros. Então cruzou o campo até o muro de pedra. Não iria mais longe do que isso. Até o muro não seria problema.

Louise Larguda estava lá, aquecendo-se ao sol. Polly estava acostumada a todo tipo de animal marinho esquisito e seu pai já tivera um tanque de enguias para algum propósito experimental, mas de cobras entendia muito pouco. Ela olhou para Louise, deitada placidamente na poça de luz dourada, mas não se sentiu à vontade para sentar-se no muro ao seu lado.

Como se estivesse ciente da hesitação da garota, Louise ergueu a cabeça de leve e Polly achou que a cobra lhe fez uma mesura antes de deslizar delicadamente muro adentro e sumir de vista. Estaria antropomorfizando, vendo comportamentos humanos na cobra?

Em Ogam, cobra era *nasske*. Estava no vocabulário do padre. Ou seja, quem usava aquela língua entendia de cobras. Ela continuou fitando o muro, mas, passados alguns minutos sem sinal de Louise, Polly enfim sentou-se. As pedras estavam mornas e agradáveis. Ela poderia ir até ali sem desrespeitar sua promessa. A brisa agitava as folhas que sobravam nas árvores inclinadas no muro, fazendo padrões variáveis de luz e sombra. O dia estava dourado e âmbar e castanho e cobre e bronze, com lampejos ocasionais de vermelho-fogo.

Um farfalhar fez Polly se virar, e ali, do outro lado do muro, estava o jovem loiro, segurando uma lança. Ele fez sinal para ela vir.

— Eu não posso. Desculpe, prometi — explicou ela, e percebeu que ele não a entendia.

Ele sorriu para ela. Apontou para si.

— Tav.

— Polly — respondeu ela, apontando para si.

Ele repetiu com ela:

— Pó-li. — Então olhou para cima, apontou o sol, depois apontou para o cabelo dela e bateu palmas de alegria.

— Eu sou só uma cenourinha. — Ela corou, pois era óbvio que ele admirava o cabelo dela.

Ele apontou o sol mais uma vez, depois o cabelo dela.

— *Rá lu*, Pó-li.

Ela visualizou uma página do caderno do Bispo Colubra. *Rá lu* era uma forma de saudação. Fácil de lembrar. O caderno do bispo tinha várias saudações que se usou ao longo dos anos: olá, alô, ave, ei, oi. A negativa, *na*, também era simples. *No* em inglês, *non* em francês, *nicht* em alemão, *nyet* em russo. O som de *n*

parecia universal, fora no grego, onde o som *neh* significava *sim*.

Tav deu um sorriso largo e soltou uma torrente de palavras incompreensíveis.

Polly sorriu, fazendo não com a cabeça.

— *Na*. — Ela não tinha vocabulário para dizer “Não entendi”.

• • •

Com todo cuidado, ele soltou sua grande lança no chão. Então sentou-se ao lado dela no muro. Apontou o sol.

— *Sonno*. — Então, com absoluta delicadeza, seus dedos tocaram o cabelo dela, e recuaram. — *Rhuadd*. — Ele estendeu a mão, disse a palavra e tocou os próprios olhos. Falou outra e tocou o nariz. Estava lhe ensinando palavras em Ogam. Algumas delas, como *sol* e *vermelho*, ela reconhecia do vocabulário do Bispo Colubra. Outras eram novidade para ela.

Polly aprendia rápido, e Tav ria, satisfeito. Depois de estudarem — ou brincarem — juntos por meia hora, ele olhou para ela e falou devagar, com cuidado.

— Você, *sonno*. Tav — disse ele, tocando em seu cabelo claro —, *mona*. Você vem noite.

Ela fez que não.

— É grande festival. *Samhain*. Música. Muito música. Muito alegria.

Ela o entendia muito bem, mas não tinha como juntar palavras suficientes para lhe explicar que havia prometido não cruzar o muro, que não iria até a pedra de observação estelar. Será que Tav entendia que eles estavam separados não só pelo muro, mas por três mil anos?

De repente ele pôs-se de pé. Louise havia saído de seu esconderijo. Tav foi pegar sua lança.

— Não! — gritou Polly. — Não machuque ela! Ela é inofensiva!

Se Tav não havia entendido as palavras, não teve problemas para entender a intenção. Ela se lançou entre a cobra e o jovem.

Ele abaixou a lança, com cuidado para não estragar as penas.

— Só quero proteger você — disse ele, tanto com sinais quanto com linguagem corporal e palavras. — Cobra tem muito poder. Poder *mana*, poder bom, mas às vezes poder que machuca.

Desajeitada, Polly tentou explicar que Louise era uma cobra negra inofensiva e especial, uma amiga de família.

Tav quis que ela soubesse que a amizade de Louise era boa.

— Você tem dom. Dom da Mãe. Você vem? Hoje noite?

— Não posso. Eu — Como se dizia promessa? Ou avós? Mãe era uma coisa

parecida com *modr*. — Mãe diz não. — Ela só conseguiu ir até ali.

Ele riu.

— Mãe manda você! Você vem!

Ele curvou-se de novo e tocou delicadamente os cabelos dela com a ponta dos dedos. Foi como um beijo. Então ele levantou a lança e tomou a trilha na direção da rocha de observação estelar.

Polly voltou para casa. O toque dele tinha sido delicado, agradável. Ele havia comparado os cabelos ruivos dela ao sol. O medo que ela sentia dele desapareceu. Mas Polly também se sentiu confusa. Por que ele estava pronto para matar Louise? Ele achava mesmo que a cobra estava prestes a atacar? O que ele queria dizer com poder bom e poder que machuca? Sua intenção com certeza não era a de matar apenas por matar, mas sim de protegê-la.

• • •

No almoço, ela contou aos avós sobre Tav. Eles ficaram ouvindo e pouco comentaram. Era evidente que estavam muito preocupados.

— Não vou mais passar do pasto até o muro de pedra — prometeu ela. — Mas ele foi gentil, foi mesmo.

— Há três mil anos? — perguntou o avô, sendo irônico.

Seus avós não a repreenderam por ir até o muro de pedra. Os três ficaram anormalmente quietos durante o almoço.

Às duas horas, pontualmente, Zachary apareceu em seu carro esportivo vermelho. Chamou a atenção de Polly mais uma vez o quanto era agradável contemplá-lo, tal como um Hamlet, ela pensou, um Hamlet em trajes modernos. Jeans preto, uma blusa de gola rolê de casemira azul-clara, a jaqueta preta pendurada no braço. Os cabelos negros emoldurando o rosto descorado. Tav havia comparado Polly ao sol, e ele próprio à lua. Embora o cabelo de Zachary fosse tão escuro quanto o de Tav era claro, ele era muito mais lunar do que solar.

Ele cumprimentou os avós dela com grande deferência, fazendo uma pausa para sentar-se e contar aos Murry um pouco de seu trabalho no escritório de advocacia em Hartford.

— Horas e horas sentado — disse ele. — Parece que eu saí de debaixo de uma pedra. Mas tive sorte de conseguir esse estágio e estou aprendendo muito.

Mais uma vez ele causava boa impressão, pensou Polly.

— Pesquisei um pouco sobre essas coisas Ogam — disse ele. — A língua em si não é tão difícil, certo? Mas parece mesmo que estas terras aqui tiveram visitantes há três mil anos, muito antes do que todos achavam. Os povos primitivos não eram tão primitivos quanto se pensava. Viajavam bastante, para todo lugar. E os druidas, a propósito, não eram selvagens ignorantes que só ficavam cortando o pescoço das vítimas em sacrifício. Eles sabiam navegar com as estrelas e, aliás, o conhecimento que tinham de astronomia é impressionante.

— O Bispo Colubra concordaria — disse Polly.

Os avós dela foram educados, mas não se entusiasmaram.

— Gostaria muito de conversar com o bispo — disse Zachary. — Meu chefe, a quem eu só dou corda, é muito chato e pomposo.

O Sr. Murry deu um sorriso.

— Vamos manter a Polly no século XX. — Seu sorriso era forçado.

— Por mim tudo bem — disse Zachary. — Tem algum lugar por aqui onde possamos ir?

Até onde ela sabia, o vilarejo consistia em correio, armazém, igreja, posto de gasolina e uma loja de material agrícola.

Seu avô sugeriu rapidamente que eles fossem ao clube, ao qual ele já havia telefonado para preparar uma autorização para a entrada de convidados. Polly sabia que o avô vez por outra jogava golfe quando precisava conversar com um colega sem medo de ser ouvido.

— É um bom passeio — disse ele a Zachary —, sobretudo agora que as cores



ainda estão fortes. Mas não acontece muita coisa no clube nessa época do ano se você não jogar golfe.

— Meu pai joga — disse Zachary. — Eu tenho planos de começar quando for rico e famoso.

— A piscina fica fechada no inverno. Mas vocês podem tomar um fresco e dar boas caminhadas. — Era óbvio que ele não queria que ficassem em casa. Dadas as circunstâncias, era compreensível.

— Eu estou bem para ir ao clube? — Ela estava de jeans e uma camisa de flanela.

— Está ótima — Zachary e os avós confirmaram ao mesmo tempo.

— Mas leve um casaco — complementou a avó.

Polly e Zachary saíram pela despensa e ela tirou sua jaqueta vermelha de um dos ganchos. Zachary apontou a porta do laboratório da avó.

— O que tem ali?

— O laboratório da Avevó.

— A gente pode espiar? É uma honra imensa ter conhecido sua avó, Pol, e eu ia adorar ver onde ela trabalha.

— Só uma espiada. — Ela abriu a porta. — É proibidíssimo entrar no laboratório sem a Avevó, mas ela não vai se importar se dermos uma olhadinha.

Zachary ficou olhando com grande interesse, focado no balcão e nos equipamentos.

— O que é aquilo?

— Um microscópio eletrônico.

— Pra que serve?

— Ah, muita coisa. Ele provou, por exemplo, que existe uma membrana de plasma que envolve cada célula e que as separa do espaço interno. Mas acho que a Avevó não usa há anos. A maior parte do trabalho dela é intelectual.

— Seus pais também são cientistas, não são?

— Meu pai é biólogo marinho. Por isso que costumamos morar em ilhas. Minha mãe faz tudo que é no computador pra ele. É um gênio na matemática. — Ela deu um passo para trás e fechou a porta com cuidado.

Zachary não havia estacionado na entrada da garagem, mas sim na estrada de terra em frente à casa, então foram caminhando pelo jardim.

— Olha só — disse ele. — Não quis deixar você chateada quando liguei.

— Não deixou. — Mas ela ficou olhando para ele com um ar interrogativo.

Ele olhava para a casa.

— Bonita, a casa dos seus avós. Não temos nenhuma casa tão antiga na Califórnia.

— Eu adoro — disse ela. — Fico muito feliz aqui.

— Dá pra entender. — Ele abriu a porta do carro para ela. Quando estavam saindo, ele apontou para a ala mais nova. — Ei, ali tem uma piscina?

— Sim, mas pequena. O médico recomendou para a artrite do Vovô.

— Que sensacional. É o melhor exercício que existe no mundo, segundo meu médico. É bom de esqui por aqui?

— É, sim. Você esquia?

Ele saiu dirigindo lentamente pela estrada de terra.

— Por estranho que pareça, sim. Como sou uma pessoa bem sedentária, não sou muito bom. Mas com o tempo posso melhorar. Você esquia?

— Passei a vida inteira em clima tropical. Mas a Aevó disse que vai esqui comigo no inverno.

Assim que entraram na estrada, Polly comparou o jeito de Zachary dirigir ao do Bispo Colubra, embora o jovem provavelmente fosse menos instável.

— Nossa, como o outono é lindo — disse ele. — Alguns dos colégios particulares onde eu estudei ficavam por aqui. Mas as cores sempre me causam essa coisa por dentro. Olha aquela árvore dourada. Não existem mais muitos olmos. Não é lindo?

— É mesmo. E tem um bordo que nós vemos das janelas da cozinha que é quase roxo. Eu não conhecia as cores de outono e estou realmente chocada.

— Que bom que você estava aqui uma semana atrás — disse Zachary. — Agora já passou da fase mais gloriosa, mas ainda é de tirar o fôlego.

— Chegamos. — Polly apontou a placa que indicava a longa entrada do clube. No alto do morro ficava uma grande edificação branca com uma vista generosa do vale; o vale que há três mil anos era coberto por um lago.

Zachary a levou até o bar e perguntou o que ela queria.

— Não se preocupe, minha cara Pol. Como estou dirigindo, vou tomar uma Coca. Se eu me lembro bem, você gosta de limonada?

— Boa memória. Muito gentil da sua parte.

— Tem muita coisa de você que não esqueci. — Ele pediu as bebidas e eles sentaram-se nos bancos altos do balcão enquanto os raios de sol do outono desciam das janelas para tocar o cabelo de Polly. Zachary assobiou. — Uau, eu tinha esquecido como você é linda.

Ela sentiu que estava ficando vermelha. Polly sabia que sua aparência atual era bem melhor a do início da adolescência, mas não se via como uma pessoa linda, nem mesmo bonita. Agora, tanto Tav quando Zachary diziam que era.

— Você estava encantadora na Grécia ano passado— disse Zachary—, mas está ainda melhor agora. Fico contente que eu tenha conseguido te encontrar.

— Eu também. — Ela provou da limonada, que estava ácida no ponto certo. No verão anterior, em Atenas, ela ficara espantada por Zachary querer passar

tanto tempo com ela; ainda era impressionante.

— Você passa o dia fazendo o quê?

— Ah, muita coisa. Aevó e Vovô ficam preocupados com meu tédio, mas os dias são tão corridos que, na hora de dormir, é difícil perceber que passou mais um.

— Corridos? Com o quê?

— Eu estudo com meus avós de manhã. Caminho. Nado. Recebemos amigos para jantar. Pode não parecer muito empolgante, mas é exatamente de que eu preciso. — Do jeito que Polly contava, realmente não parecia nada empolgante. Mas embora Zachary a houvesse surpreendido por conhecer as pedras Ogam e, ainda mais surpreendentemente, também tivesse visto Karralys, ela não estava preparada para lhe contar sobre Anaral e Tav.

Então ele mexeu na bolsa de couro.

— Eu trouxe um presente.

— De desaniversário?! — exclamou Polly. — Sensacional.

Ele a entregou uma caixa fina e retangular embrulhada em papel de presente cor-de-rosa amassado. Ela tirou o papel e havia um retrato, com uma placa de madeira no fundo, de um anjo, imenso, com asas grandes, curvando-se para proteger uma criancinha.

— Um ícone de anjo da guarda! Que lindo! Obrigada!

— Eu encontrei numa loja de quinquilharias bem esquisita na Turquia, pouco depois de deixar você no aeroporto de Atenas no verão passado. Quando olhei para você de novo para dar tchau, você pareceu tão perdida que achei que precisava de um anjo da guarda. Aí, quando vi isso, lembrei de você e comprei pensando em dar de presente caso voltássemos a nos encontrar. E aqui estamos.

— Obrigada, Zachary. É sério. Muito obrigada.

— Não é original nem nada. Acho que não tem valor algum.

— Eu adorei. — Ela guardou com cuidado no bolso maior da jaqueta. — Essa consideração foi muito gentil da sua parte.

— Por que você parece tão surpresa? Porque é um retrato de anjo?

— Bem... mais ou menos.

— Acho que deixei bem claro que não acredito em nada.

Ela assentiu.

— Aceite o que vier. O agora. Porque é o que há. Esta ainda é minha diretriz. Mas eu tive uma avó que acreditava em anjos e que eles cuidam da gente. — Ele parou e sugou os restos de gelo do fundo do copo. — Ela me amava. Eu, Zachary, não uma projeção.

— Avós são maravilhosas. A minha é. Assim como o Vovô.

— Não conheci meu avô muito bem. Os pais do meu pai morreram cedo. Os

que eu conheci foram os pais da minha mãe, que moravam perto de nós. Meu avô era campeão de polo, mas caiu do cavalo e estragou a coluna. E a Vovó começou a acreditar em anjos na mesma hora, e em mim, enquanto ele passou o resto da vida praguando da cadeira de rodas. Mais uma limonada?

— Não, obrigada.

— Podemos dar uma volta para ver o que há por aqui?

— Claro. Seria ótimo.

Nos primeiros minutos, ele ficou em silêncio. Polly refletiu que Zachary, ao falar dos avós, havia acabado de revelar mais de si do que se dispusera quando estavam juntos em Atenas. Ela espiou o rosto dele, que parecia muito magro.

— Você perdeu peso? — A pergunta escapuliu antes que ela percebesse que era muito pessoal e que não devia ter feito.

— Um pouco. Olha só, aquele bordo ficou totalmente sem folhas. — Ele assobiou algumas notas. — Se o outono chegou, será que o inverno está longe?

— Cadê a flauta que você tinha no outro dia? — perguntou ela.

— Ah, dei pra um dos caras do escritório. Descobri que precisava de muito fôlego. — Ele pediu desculpas com pressa. — Desculpe, Polly, querida, desculpe. Eu passo o dia inteiro no escritório, estragando meus olhos, sem fazer exercício. Nesse momento não sei mais por quê, mas parece que ainda quero aprender tudo sobre seguros e ramificações jurídicas. — Ele desviou para uma estradinha secundária que passava por um pinheiral.

— E a faculdade? — perguntou ela.

— Espero poder voltar no semestre que vem. Não sei se eu considero um diploma tão necessário assim, mas as faculdades de Direito exigem. O mundo lá fora é difícil e eu quero estar bem preparado, sempre quis. Sendo assim, faculdade faz parte do esquema.

Um avião passou zumbindo, muito acima deles. Ela ergueu o olhar, mas não conseguiu ver. Devia ter passado no alto antes do som chegar. A estradinha deles deu uma guinada morro acima.

— E você, Polly?

— E eu o quê?

— Você planeja fazer faculdade?

— Claro.

— Quer ser cientista?

— Não sei. Eu me interesso por muita coisa. Um dos problemas... Bem, a Max dizia que eu tenho muitas opções.

— Você já superou?

— O quê?

— A morte da sua amiga.

— Ah, Zachary, não se supera a morte de alguém. Nunca. A gente só aprende a viver com isso da melhor maneira possível.

— Eu superei a morte da minha mãe. — Ele suspirou.

*Superou? Mesmo?*, ela se perguntou. *E a avó que acreditava nele?*

— Eu não quero superar a morte da Max. Ela sempre vai fazer parte de mim e vou ser... mais... por ela ter sido minha amiga.

— Ah, Polly. — Ele tirou a mão da direção e esticou para tocar o ombro dela com carinho. — Você me ensina tanta coisa e amo que você seja assim. Se vamos nos ver tanto quanto eu quero nesses próximos meses, tem uma coisa que eu preciso contar.

Então ele ficou em silêncio. A estrada levou para fora da floresta, passou por uma fazenda e chegou a uma vista desimpedida do vale até uma cadeia de montanhas ao longe, uma vista muito mais espetacular do que a paisagem bucólica da casa dos avós. Ele estacionou o carro, parou e ficou ali, apenas olhando.

Ela aguardou. Achou que ele não ia mais contar o que quer que fosse. Mas então ele falou baixinho:

— Polly, se eu morresse, você ia superar?

Ela virou-se para olhar para ele.

— Eu sempre fui meu maior inimigo e agora estou pagando por isso. — Ela viu os olhos dele encherem-se de lágrimas repentinas.

— Zachary. O que houve?

— Meu coração. Ele nunca foi muito bom. E agora...

Ela olhou para o rosto branco, o leve azulado dos lábios, seus olhos tentando piscar para conter as lágrimas. Ela estendeu a mão para tocá-lo.

— Não me toque. Por favor. Eu não queria chorar. Mas não quero morrer. Não estou pronto. Mas eu tenho só, ah, ninguém é muito específico, mas acho que eu não chego à faculdade de Direito.

— Ah, Zachary. — Ela continuou parada, sem tocar nele, respeitando o que ele pedira. — E quanto a cirurgias?

— Não ajudariam muito.

— E se você se cuidar, se trabalhar menos...

Ele fez que não, esticou as mãos e esfregou os olhos com força, usando o calcanhar da mão.

— Ah, Zach...

— Ah, Polly querida. Viu? Só de existir eu já magoo você. Não quero fazer chantagem emocional, sabe? O que eu tenho feito é viver como se fosse continuar a viver. Neste semestre vou trabalhar em Hartford. Tenho planos de voltar à faculdade. Fazer Direito. Meus médicos dizem que é melhor assim.

Fazer tudo com moderação, mas viver enquanto eu posso. Então o que eu gostaria é de ver você com certa frequência. Seria possível?

— Ora, é claro, Zach. — As palavras não pareciam adequadas.

Ele ligou o carro de novo e partiu, muito rápido. Ele disse que não queria morrer, que não estava pronto. Disse que não queria magoá-la.

— Pode ir um pouco mais devagar? — sugeriu ela.

Ele tirou o pé do acelerador e seguiu a velocidade mais moderada. Em silêncio. Ela não interveio porque não havia o que dizer. Quando chegaram à propriedade dos avós dela, ele dobrou na estrada de terra que dava para a casa e parou o carro na frente da ala com a piscina.

— Eu fui péssimo — disse ele. — Desculpe.

— Você não foi péssimo.

Ele a abraçou para beijá-la e ela deixou os lábios se tocarem. Depois se virou, educadamente. Polly tinha enorme carinho por ele, mas beijar por pena só causaria problemas.

Em vez de tentar beijá-la de novo, como ela esperava, ele ficou olhando pelo para-brisa.

— Ei, quem é aquela menina?

Ela olhou, mas não viu ninguém.

— Quem?

— Ela acabou de dobrar a esquina da sua piscina. — Ele apontou.

— Quem? — perguntou Polly, de novo.

— Uma menina com uma trança negra bem comprida. Ela se virou e saiu correndo.

. . .

Polly ficou olhando. Lá estava a ala nova, branca, com lilases sob as janelas, as folhas se acinzentando com o outono e caindo aos poucos pelo chão. Não havia ninguém ali.

— Ela estava indo na direção da sua piscina — explicou Zachary. — Uma menina bonita. Mas quando ela me viu e eu dei um sorriso, ela saiu correndo. Parecia um cervo.

Anaral. Zachary só podia ter visto Anaral. Não tinha como ser outra pessoa. Primeiro Karralys, agora Anaral... Por quê?

— É alguém que você conhece? — perguntou ele.

— Bem, é, mas...

— Olha, eu não queria deixar você chateada contando sobre mim. Desculpe. Era óbvio que ela estava chateada. Em todos os sentidos.

— Polly, a última coisa que eu quero no mundo é magoá-la. Mas achei que você devia saber mais sobre mim. Eu sei que tenho sido autodestrutivo, mas não esperava... — Seus olhos negros voltaram a brilhar com lágrimas. Ele fez força para piscar e fazer elas voltarem. — Sinto muito. Não é justo da minha parte. É melhor eu ir embora e vejo você de novo, quem sabe, no fim de semana?

Ela fez sim com a cabeça, bem devagar. Agora Zachary havia visto Anaral. O que os avós iam achar? E o Bispo Colubra? Ela tirou o cinto de segurança. Estava bastante abalada, tanto pelo que Zachary havia lhe contado sobre a doença quanto por ele ter visto Anaral. Seus ouvidos estavam atentos para a chegada dos Colubra. Quem sabe se eles aparecessem, Zachary poderia conversar com o bispo.

— Olha, você vai fazer alguma coisa hoje à noite? Poderia ficar para jantar?

— Hoje?

— Se estiver tudo bem por você... É que a Dra. Louise e o Bispo Colubra estão vindo, e o Bispo Colubra conhece muito bem a Anaral, a menina que você viu. — *A Dra. Louise, pensou ela, poderia conferir com os médicos de Zachary, ver se ele tinha mais esperanças.*

— Infelizmente não posso, desculpe. Queria muito ficar, muito mesmo, mas prometi ao meu chefe que jantaria com ele e o deixaria falar mais dos Ogam. Minha sorte é que ele não tenta pedir comida em Ogam. Ele iria pirar se soubesse que eu vi a pedra.

*Se soubesse que Zachary vira uma menina dos tempos Ogam, então...*

— Mas estou livre no sábado — acrescentou ele. — Posso aparecer?

— Sim, por favor.

— Quem sabe damos uma caminhada na volta da casa dos seus avós? Vai ser bom ficar só com você. Mas agora preciso muito voltar a Hartford.

Zachary saiu do carro e deu a volta até ela.

— Não se preocupe demais, linda Pol. Eu não vou cair morto de repente. Não seria justo. Ainda tenho algum tempo. — Ele lhe deu um abraço rápido, parecendo fraco de tão magro. Os Colubra ainda não tinham chegado e provavelmente levariam mais uma hora.

Era Véspera do Dia de Todos os Santos. *Samhain*. Aquilo fazia diferença. Ela tinha certeza de que o bispo acharia que sim. O *Samhain* devia ser o motivo pelo qual Zachary conseguia ver Anaral. E ele também havia visto Karralys. Seria isto? Conforme chegava a hora do *Samhain*, as portas começavam a se abrir?

Ela circundou a casa lentamente, arrastando os pés pelas folhas caídas, e deu a volta na ala da piscina. A casa era voltada para o sul. A ala ficava na ponta leste, com janelas dos três lados e claraboias a norte e sul. Ela cruzou em direção ao pasto pelo canto nordeste, embora não fosse cruzá-lo propriamente. Não ia

chegar nem perto do muro de pedra.

Vindo na direção dela, estava o jovem de olhos azuis intensos. Desta vez ele não vinha com o cachorro, mas sim com um lobo cinzento. Quando viu Polly, falou com o lobo, que deu meia-volta e correu até sumir na floresta.

Hipnotizada, Polly ficou parada e aguardando. Ele veio na direção dela sem pressa, com um leve sorriso. Não havia como saber sua idade. Com certeza mais velho que ela, mas havia algo de eterno e sereno no rosto.

— Karralys...

Ele assentiu.

— Você deve ser Pó-li. — Assim como Anaral, ele falava lenta e cuidadosamente, com traços de um sotaque indeterminado. Provavelmente o Bispo Colubra também havia lhe ensinado inglês. — É hora de conversarmos. Sinto muito que Anaral não tenha me convocado quando você veio a nós.

Ela ficou olhando para ele.

— Quem é você?

— Como você disse. Karralys.

— O druida?

Ele assentiu, sério.

— Você veio da Inglaterra, da Grã-Bretanha?

O leve assentir, mais uma vez. O azul de seus olhos era sereno.

— Por que veio?

— Fui banido.

Ela olhou para ele com assombro.

— Por heresia — disse ele, baixinho. — Já ouviu falar de punição por heresia?

— Sim.

Polly pensou em Giordano Bruno queimando na fogueira por sua compreensão do tempo, e também por não acreditar que o planeta Terra era o centro de tudo. Ficou se perguntando qual teria sido a heresia de Karralys a ponto de ser expulso e mandado para tão longe de casa. No que os druidas acreditavam?

— Estou aqui, nestas terras, há o que você conta como três anos — disse ele. — São terras boas. Benignas. O grande rio subterrâneo flui do local de nossas pedras em pé — ele apontou para a ala da piscina — até o lago, com toda sua beneficência. Creio que foram a estas terras, a estas montanhas, a este lago, que a Presença me convocou para estar. Quando fui banido, me agarrei à esperança de que havia motivo para deixar minha casa e que encontraria um novo lar à minha espera, e assim foi. A Presença aquietou a tempestade que me soprou até aqui, trouxe a promessa do arco-íris, e eu soube que estava onde deveria estar.



— Ele sorriu para ela. — E você? Você também foi banida?

Ela riu.

— Não, não fui banida. Eu precisava aprender mais do que estava aprendendo no colégio, então meus pais me mandaram para cá. Mas não é como se eu tivesse sido banida. Aqui é maravilhoso.

— Também acho. — No céu, muito acima de Karralys, uma águia passou voando. — Aqui se tem — ele apontou para o anexo com a piscina — água que é contida pelos quatro lados, e que fica no mesmo ponto das nossas grandes pedras de pé, nosso local mais sagrado, mais sagrado até que a rocha e o altar perto do lago. Mas para você o lago se foi, assim como se foram as grandes pedras, e não há neve nos morros. Vejo você e me pergunto.

— Também me pergunto.

— Bispo Garça...

— Bispo Colubra. — Ela riu, satisfeita por Karralys também achar que o bispo parecia uma garça.

— Sim. Ele, creio eu, é uma espécie de druida.

A águia voou alto, mais alto, até se perder no azul. Polly ficou assistindo ela sumir, depois perguntou:

— O Bispo Colubra passa bastante tempo com vocês?

— Quando pode. O limiar nem sempre se abre para ele, que não pode deixar seu círculo. Ele é sábio nos caminhos da paciência e do amor. Ele transformou sua perda em compaixão pelos outros.

*Qual perda?*, perguntou-se Polly de imediato.

Mas Karralys prosseguiu:

— Ele tem grande entendimento do coração, mas não sabe por que você conseguiu me ver perto do carvalho, ou por que o outro jovem me viu. Ele não entende como você adentrou nossa época.

— Eu também não entendo.

— No *Samhain*, tudo é mais possível de acontecer do que em outros momentos. Por isso acho que tem que haver um motivo. Anaral disse que você não é druida.

— Deus do céu, não.

— Tem que haver motivo para você ter vindo, então. Talvez o Garça tenha aberto o portal temporal especialmente para você.

— Mas eu não sou a única. Ah, Karralys. — Ela deu um grande suspiro de ar fresco. — Karralys, Zachary estava aqui comigo há poucos minutos e ele viu Anaral.

Karralys parecia chocada, congelado, imóvel.

— Quem viu Anaral?

Na pressa, Polly pareceu impaciente.

— Aquele garoto que você viu perto do carvalho. O nome dele é Zachary Gray. É um rapaz que conheci no verão passado na Grécia.

— Na...

— Grécia. Fica longe, no sul da Europa, perto da Ásia. Deixa pra lá. A questão é que ele é uma pessoa que conheci no verão passado, mas que não conheço tão bem. Hoje à tarde, ele me disse que o coração dele está parando, que ele vai morrer. E então ele viu Anaral.

Karralys assentiu várias vezes, sério.

— Às vezes, quando a morte está próxima, o limiar se abre.

De repente as palavras de Zachary soaram assustadoramente reais. Até então ela não havia entendido nem acreditado nele plenamente.

— Mas ele não cruzou o limiar.

— Não — disse Karralys. — Ele nos avistou quando atravessamos o limiar e entramos no seu círculo. Mas você, você entrou no nosso círculo, e isso é uma coisa muito diferente.

— Mas... — Ela não tinha certeza do que queria perguntar.

— Quando estamos no seu círculo, não somos invisíveis — disse Karralys. — As pessoas não esperam nos ver, por isso somos traduzidos, por assim dizer, para o povo da sua época.

— Quer dizer que as pessoas não sabem o que, quem, elas viram? Quer dizer, eu não sabia, quando vi você perto do carvalho.

— Exatamente — disse Karralys.

— E quando vi Anaral pela primeira vez, perto da piscina, achei que era uma garota normal...

— Sim.

— Mas, aí, quando eu estava na rocha de observação estelar, tudo mudou, e eu estava na sua época... — Sua voz se perdeu mais uma vez.

— Existe uma configuração — disse Karralys. — Há linhas desenhadas entre as estrelas, e linhas desenhadas entre os lugares, e linhas desenhadas entre as pessoas, e linhas que conectam as três. É possível que Zachary seja como você.

Polly franziu a testa.

— Eu acho estranho o chefe dele ser tão interessado pelas pedras Ogam. Mas e a Dra. Louise, Karralys? Ela viu Anaral.

— Foi por acaso, uma questão de emergência. Anaral não se encaixa na visão de mundo dela, por isso ela não acredita. Mas você, Polly... você deve fazer parte da configuração. Há uma linha forte que a atrai do seu círculo ao nosso. Temo por você.

— Teme? Por quê?

— Você falou com meu conterrâneo? Tav?

— Sim. — Ela sorriu. Tanto Zachary quanto Tav achavam os cabelos ruivos dela lindos. Tav tentou lhe ensinar Ogam no que virou uma brincadeira, que fez ambos rirem de alegria.

— Você não pode conversar com ele.

— Por que não? Tenho estudado o caderno de Ogam do Bispo Colubra e Tav me ensinou um pouco mais.

— A mão que alimenta a galinha é a mesma que acaba torcendo-lhe o pescoço.

— Hã?

— Se Tav gosta de você, e você dele, será ainda mais difícil.

— O que vai ser mais difícil?

— Não cruze o limiar de novo. É perigoso para você.

— Não entendi.

— Anaral tem vindo a você com muita frequência. Ela é muito jovem e tem que aprender a não desperdiçar o poder que lhe foi concedido. Fale com o Garça. Conte a ele. Conte deste... Como é o nome dele mesmo?

— Zachary. Zachary Gray.

— Ele altera a configuração. Conte ao Bispo Garça. Promete?

— Prometo. — De repente ela lembrou que o bispo dissera que Zachary não estava com boa aparência. A Dra. Louise também comentara que ele estava muito pálido.

— Preciso ir. — Karralys fez uma mesura a ela, virou-se e cruzou o pasto. Ela ficou olhando até ouvir um carro chegar, muito rápido, raspando o macadame ao estacionar. Era o Bispo Colubra.

. . .

O bispo e a Dra. Colubra haviam trazido roupas de banho, mas ficaram à mesa ouvindo Polly contar sobre Zachary. E sobre Karralys.

— Eu não acreditei cem por cento em Zachary... sobre o coração dele estar ruim. Até que Karralys... — Sua vez hesitou.

— Espera um pouco — disse a Dra. Louise. — Eu gostaria de conversar com o médico dele. Alguém nos últimos estágios de insuficiência cardíaca não trabalha em um escritório de advocacia nem sai dirigindo carro esporte por aí. Ele estaria de cama. A aparência dele é bem pálida, de quem não sai muito na rua, mas não me parece alguém que está no leito de morte.

— Ele não disse que estava no leito de morte — disse Polly. — Ele não me deu um prazo. Só disse que provavelmente não chegaria à faculdade de Direito.

E pra isso ainda faltam alguns anos.

— Ainda me parece um exagero dramático.

— Bem, eu também achei, mas Karralys...

A Dra. Louise falou, ríspida.

— Karralys não é médico.

— Ele é druida — disse o bispo —, e eu o levo a sério.

— Ora, Nason. Achei que fosse mais ortodoxo.

— Sou totalmente ortodoxo — advertiu o bispo. — O que não significa que eu tenha a cabeça fechada.

— Desde quando esta crença esquisita em druidas faz parte da sua ortodoxia? Eles não se envolviam com esoterismos e ocultismos?

— Me parecem bem menos esotéricos e ocultistas que a medicina moderna.

— Chega, vocês dois — interveio o Sr. Murry.

— E se vão nadar antes do jantar — sugeriu a Sra. Murry —, que nadem. Vocês brigavam muito quando eram crianças?

— A ponto de enlouquecer nossos pais — respondeu a Dra. Louise, com um sorriso.

O bispo levantou-se. Ele tinha quase meio metro a mais que a irmã.

— Mas quanto a coisas importantes, quanto ao que faz diferença, sempre fomos unidos. A propósito, Louise, São Columba fala de Cristo como um druida. Vocês, cientistas, tendem a ser muito literais. Não se sabe muita coisa sobre druidas, e eu acredito que eram apenas os sábios da época. César considerava que todos de grau ou dignidade especiais eram druidas.

— Nase, vamos nadar — implorou a Dra. Louise.

— É claro. Voltei a falar mais que deveria. Alex, posso me trocar no seu escritório?

— Claro. E Louise pode ir ao quarto dos gêmeos. Eu vou sair para buscar mais lenha para a fogueira. É um trabalho sem fim.

— Eu arrumo a mesa — disse Polly.

A avó estava lavando brócolis.

— Amanhã, assim que amanhecer, vou tirar essas pedras Ogam do guarda-louças da cozinha e colocar para fora, em algum lugar. Levaria hoje, mas Alex e Nase, principalmente Nase, seriam contra.

— Por quê? — perguntou Polly. — Por que tirá-las daqui, no caso?

— O guarda-louças já está bem abarrotado. Pedregulhos não costumam ser decoração de cozinha, certo? E se esta escrita Ogam tiver sido entalhada nelas há três mil anos, pode ter a ver com o poder de Anaral e Karralys de vir para nossa época e nossa casa. E seu poder de ir a deles. Eu vou ao laboratório buscar a caçarola. Vai ser um dos meus Bourguignons de Bico de Bunsen.

Quando a porta fechou após sua avó passar, Polly lembrou que Karralys havia alertado-a quanto a algum perigo. Ela havia esquecido, devido a sua preocupação com Zachary, e não levou a sério porque não acreditava que Tav, com seu riso ao lhe ensinar Ogam, com seus dedos carinhosos a tocar seu cabelo, seria de algum modo uma ameaça a ela.

Ela abriu uma gaveta no balcão da cozinha e tirou descansos de pratos, que começou a colocar na mesa. Aos poucos acrescentou talheres, louças, copos. Ela já havia estudado história inglesa? Recordou-se de alguns livros que havia lido, sobretudo romances históricos. A Grã-Bretanha, lembrou, era constituída por várias tribos em guerra nos tempos primordiais, pré-romanos, que empalavam as cabeças dos inimigos em estacas e, sim, algumas delas também faziam sacrifícios humanos. Ugh. Mas isso fora há muito tempo, e era um jeito de ver o universo totalmente distinto do tempo em que viviam.

Ela estava dobrando guardanapos quando a avó entrou, trazendo uma caçarola fumegante.

— Anevó, você tem uma enciclopédia?

— Na sala de estar. É a Britânica de 1911, que era supostamente excelente. Obsoletíssima em relação a questões científicas, mas acho que serve para druidas, se é o que deseja conferir. Está na prateleira inferior, à direita da lareira.

Polly pegou a enciclopédia, volume D. Havia apenas uma página sobre o assunto druidas. Mas, sim, havia uma menção a César, o bispo tinha razão. Os druidas passavam por treinamento intensivo, com muita memorização de sabedoria transmitida através das gerações. Como Anaral havia lhe contado.

A avó lhe chamou da cozinha.

— Achou alguma coisa?

Polly pegou o tomo e voltou para a cozinha.

— Algumas. Os druidas estudavam astronomia e geografia e toda a ciência que se conhecia na época. Ah, e isso é fascinante: sugere-se que eles podem ter sido influenciados por Pitágoras.

— Realmente interessante. — A avó estava picando legumes para a salada.

— Ah, veja só, Anevó, gostei disso aqui. Antes de batalhas, era comum druidas interpirem-se entre os exércitos para impedir a guerra e trazer paz.

— Os exércitos deviam ser bem pequenos — comentou a avó.

Polly concordou.

— No mundo superpopuloso em que vivemos é difícil lembrar que dois exércitos podiam ser pequenos a ponto de um único druida ser capaz de impedir uma guerra.

— Então eles eram pacificadores — disse a avó. — Gostei.

Polly seguiu lendo.

— Dá pra ver o motivo pelo qual os carvalhos eram especiais para eles. São as árvores mais majestosas por aqui. É o que se tem de informação sobre os druidas daqueles tempos. Mais tarde, quando o Império Romano assumiu, druidas e cristãos não se deram muito bem porque um parecia uma ameaça ao outro. Fico me perguntando se eram de fato...

— Cristãos são ameaças até entre si — disse a avó — dados os desentendimentos entre protestantes e católicos, liberais e fundamentalistas.

— Não seria ótimo — sugeriu Polly — se houvesse druidas para se interpor entre muçulmanos e cristãos e palestinos e judeus no Oriente Médio, ou católicos e protestantes na Irlanda?

— E entre Louise e Nason, quando brigam — disse a avó, quando a médica e seu irmão desceram a escada em trajes de banho, carregando toalhas.

Polly deixou a enciclopédia de lado. De qualquer modo, havia aprendido alguma coisa.

O bispo, evidentemente dando sequência a um pensamento, dizia:

— Quem quer que tenha construído Stonehenge tinha os mesmos questionamentos que físicos como Alex têm hoje quanto à natureza do universo.

O Sr. Murry vinha trazendo um carregamento de lenha dentro de uma lona. Deixou tudo ao lado da lareira da sala de jantar.

— Ainda não chegamos a uma Grande Teoria Unificada, Nase, não a uma que funcione, ao menos.

O bispo foi caminhando em direção à piscina, suas pernas aparecendo por baixo do roupão.

— O motivo com certeza foi religioso. Por trás da construção de Stonehenge, digo. Mais religioso, aliás, que os rituais toscos e os “cultos” que passam por religião na maioria das igrejas de hoje.

— Vindo de quem passou a vida numa instituição religiosa, é um comentário muito triste — comentou sua irmã.

O bispo abriu a porta, falando por cima dos outros.

— Triste, quem sabe, mas verdadeiro. E nada surpreendente. Venham. Achei que íamos nadar.

— E quem o está impedindo? — Os dois passaram pela porta da piscina e depois fecharam-na com cuidado.

O Sr. Murry colocou um pedaço de lenha considerável na lareira.

— Polly consultou druidas na enciclopédia — disse a Sra. Murry. — Mas não foi muito esclarecedor.

— Precisamos de mais que uma enciclopédia para explicar como Nase abriu um limiar temporal. — O Sr. Murry soprou por um canudo longo e fino e as chamas reluziram com força. — Sem falar no envolvimento de Polly. É tudo

incompreensível.

— Não é a primeira coisa incompreensível que aconteceu na nossa vida — lembrou a esposa.

— As coisas já foram esquisitas como agora?

Sua avó riu.

— Sim, Polly, já foram, mas isso não deixa a situação atual menos complicada.

O Sr. Murry levantou-se com dificuldade.

— Me parece que o amigo de Polly, Zachary, acrescenta um componente novo e inesperado. Por que esta pessoa relativamente estranha vê gente de três mil anos atrás que você e eu nunca vimos?

— Ninguém contou sobre ela a ele — disse o Sr. Murry —, então ele não teve tempo de erigir um muro de incredulidade.

— E nós fizemos isso?

— Não é o que Louise fez?

— Assim parece.

— Lembram da frase preferida de Sandy? *Há coisas em que se deve acreditar para ver?* Louise não acredita, mesmo tendo visto. Zachary, ao que parece, não tem ideia do que, ou quem, ele viu.

O Sr. Murry tirou os óculos e limpou na sua camisa de flanela, soprou, limpou de novo e colocou-os de volta.

— Por que diabos eu pensei que a maturidade me levaria a menos encontros com o inesperado? Ei, não acham que uma taça de vinho não iria bem com o jantar? Vou até a adega buscar uma garrafa. — Em um instante ele voltou, carregando uma garrafa bem empoeirada. — Tem um cachorro latindo lá fora.

Havia mesmo. Um cachorro latindo com muita insistência.

— Sempre há cachorros latindo lá fora — disse sua esposa.

— Não assim. Não é um latido comum, por causa de esquilos ou crianças de bicicleta. O bicho está latindo para nossa casa. — O Sr. Murry soltou a garrafa e saiu pela porta da despensa. O cachorro seguiu latindo. — Não é cachorro de nenhuma fazenda da nossa rua — disse ele enquanto voltava. — E não tem coleira. Está na frente da garagem e latindo como quem quer entrar.

— E então? — A Sra. Murry estava limpando a garrafa com um pano seco. — Quer que eu abra isso para deixar respirar?

— Por favor. Louise acha que precisamos de outro cachorro.

— Alex, se você vai deixar o cachorro entrar, pelo amor de Deus, deixe entrar. Mas lembre-se de que temos convidados para jantar.

— Polly, vamos comigo lá fora analisar a situação? Eu concordo com Louise. Esta casa não parece certa sem um cachorro. Cachorros são proteção. — Ele

atravessou a despensa e a garagem, e Polly foi atrás. Um cachorro estava sentado na entrada, aos últimos raios de sol, latindo. Quando apareceram, o bicho se ergueu e começou a sacudir o rabo, esperançoso. Era um cachorro de tamanho médio para grande, com belas orelhas eriçadas, de pontas pretas. Seu rabo também tinha a ponta preta. O restante do corpo era de um bronze suave. Ele aproximou-se deles aos poucos, balançando o rabo. O Sr. Murry estendeu a mão, e o cachorro roçou o focinho.

— O que acha? — perguntou a Polly.

— Vovô, parece o cachorro que eu vi com Karralys. — Mais cedo, à tarde, Karralys tinha consigo um lobo, no entanto. Polly não tinha certeza.

— Parece igual a metade dos cachorros de fazenda daqui — disse seu avô. — Duvido que tenha relação. É um vira-lata de boa aparência. Magro. — Ele passou as mãos pelo peito do animal e o rabo se sacudiu de alegria. — Magro, mas não esfomeado. Poderíamos colocá-lo para dentro e dar uma refeição, pelo menos.

— Vovô. — Polly envolveu a cintura do avô com os braços para abraçá-lo. — Está tudo muito esquisito. Eu voltei três mil anos no tempo, Zachary viu Anaral e você está aqui pensando em adotar um cachorro de rua.

— Quando as coisas ficam muito esquisitas — disse o avô —, um cão é um bom lembrete de que a sanidade existe. Vamos levá-lo para dentro?

— A Aevó não vai se importar?

— O que você acha?

— Bom, Vovô, ela é bem imperturbável, mas...

— Não acho que um cachorro será capaz.

O Sr. Murry colocou a mão no pescoço do cachorro, no ponto onde deveria haver uma coleira, e entrou na garagem. O animal entrou com ele, ganindo baixinho, despensa e cozinha adentro, bem quando os Colubra vinham na outra direção, enrolados em toalhas.

— Vejo que seguiu meu conselho em relação a ter um novo companheiro — disse a Dra. Louise.

— Minha nossa. — A voz do Bispo Colubra era do mais puro choque.

A Sra. Murry olhou o cachorro de cima a baixo.

— Parece limpo. Nada de pulgas, nem carrapatos até onde eu vejo. Dentes bem cuidados. Gengivas saudáveis. Pelo lustroso. O que foi, Nase?

— Não sei, mas acho que já vi esse cachorro.

— Onde? — perguntou a irmã.

— Três mil anos atrás.



O silêncio na cozinha rompeu-se com a Dra. Louise tamborilando na mesa.

Sr. Murry colocou um prato de comida para o cachorro na porta da despensa.

— Tem certeza?

O bispo coçou os olhos.

— Posso estar enganado.

Hádron, dormindo em seu tapete puído, ficou observando com um olho só, desconfiado. O cão comeu com voracidade, mas sem fazer bagunça. Quando ele terminou, Hádron foi perto para conferir o prato, lambendo-o atrás de migalhas, enquanto o cachorro ficou de pé e balançando o rabo comprido.

A Sra. Murry trouxe um cobertor velho da garagem.

— Ele pode ficar aqui hoje à noite. Se for um cão de três mil anos de idade, não quero ele — A voz se perdeu.

A Dra. Louise riu.

— Se ele veio de um passado tão distante, acha mesmo que deixá-lo dentro ou fora de casa faria diferença?

A Sra. Murry ficou desgostosa.

— Você tem razão, é claro. Mas de algum modo eu me sinto mais livre para ir e vir se ele estiver fora. Pelo menos por hoje. Amanhã a gente vê. Hoje à noite vamos nos sentar à mesa e fazer uma refeição civilizada com uma boa taça de Borgonha. — Ela lavou as mãos. — Certo? Estamos prontos. Vamos nos sentar.

As cortinas da cozinha estavam fechadas para cobrir a janela comprida. O fogo na lareira aberta estalava, aconchegante. O aroma da caçarola da Sra. Murry era tentador. Era para ter sido uma noite normal, agradável, mas não foi.

— Bispo, fale mais sobre o cachorro, por favor — pediu Polly.

Ele ergueu a taça de vinho para iluminar o líquido, que brilhou como um rubi.

— Estou ficando velho. Não tenho certeza. Talvez esteja errado. Mas Karralys tinha um cão assim.

— Sim — concordou Polly. — Da primeira vez que eu o vi, perto do carvalho grande, havia um cachorro com ele.

— Era esse? — perguntou o avô.

— Do mesmo tipo, com orelhas grandes de pontas pretas.

— Tem certeza que Karralys tem mesmo um cachorro?

— Sim. Por quê? — perguntou o bispo.

— É que me parece muito improvável. Há três mil anos, havia poucos cães domesticados. Havia lobos e cães-lobos. Mas cães domesticados são algo que só

se começou a mencionar no Egito.

— Não sabemos exatamente há quanto tempo Karralys viveu. Três mil anos é só um chute. De qualquer modo, como você sabe?

— Sou um banco de informações inúteis.

— Nem tão inúteis — disse a esposa. — Este cachorro não parece ter sangue de lobo. É improvável que Karralys tivesse um cachorro assim.

— A não ser — disse o bispo — que ele o tenha trazido ao Novo Mundo consigo?

— Por que o alvoroço? — A Dra. Louise ergueu as sobrancelhas. — Se você vê gente de três mil anos atrás, por que se empolgar tanto com um cachorro?

— É um fator a mais — disse o bispo. — Acho que é um sinal.

— Sinal de quê? — Sua irmã soava impaciente.

— Eu sei, Louise, eu sei. Vai contra toda sua formação. Mas você vai ter que admitir que cuidou de Annie.

— Eu cuidei de uma garota com uma laceração profunda no dedo que precisava de atendimento imediato. Ela não era muito diferente dos passarinhos feridos que você acha que tem o dever de salvar.

— Louise — disse a Sra. Murry. — Eu acho muito difícil acreditar que Nase tenha mesmo levado Anaral até o seu consultório e que você a tenha tratado como uma paciente comum.

— Para mim era uma paciente comum — falou a Dra. Louise, com firmeza. — Se a menina tinha ou não três mil anos de idade, eu não tenho ideia.

— Você me disse para levá-la de volta — disse o bispo.

— Para o lugar ou tempo de onde ela tivesse vindo, sim.

— Louise, tudo começou na sua cava com a primeira pedra Ogam.

— Eu sou uma simples episcopaliana — disse a Dra. Louise. — Para mim tudo isso é demais.

— Você não tem nada de simples, este é o seu problema. — O bispo olhou as pedras Ogam no guarda-louças. — E dar atenção a um passarinho caído é uma atividade que você não desconhece, Louise. Talvez devesse ir à rocha de observação estelar comigo. Quem sabe se você cruzasse o limiar temporal...

A Dra. Louise fez que não com a cabeça.

— Não, obrigada.

O prato do bispo estava vazio e ele serviu-se copiosamente da caçarola que a Sra. Murry ofereceu. A quantidade de comida que ele era capaz de ingerir parecia em desproporção direta a sua magreza.

— Isto está maravilhoso, Kate. E o vinho... Vocês bebem desse vinho toda noite?

O Sr. Murry encheu a taça do bispo mais uma vez.

— Tudo em sua homenagem.

O bispo bebeu do vinho como bom apreciador.

— As inscrições, se eu as decifrei corretamente, são pacíficas, carinhosas. São pedras memoriais. E vez por outra algo que parece parte de uma runa. A que Polly veio trazendo para mim, por exemplo: *Que a canção de nossas irmãs as estrelas cantem em nossos corações para...* e aí acaba. Não é lindo? Mas, enfim, na época de Annie, tal como agora, o sagrado nem sempre era honrado. As palavras... runas, por exemplo... às vezes eram mal utilizadas. Eram feitas para abençoar, mas às vezes eram invocadas para amaldiçoar. E então usadas para influenciar o clima, a fertilidade, o amor humano. As pessoas abusavam delas, sim, mas sem nunca esquecer que tinham poder.

— De volta ao sermão... — comentou sua irmã.

Mas Polly, interessada, perguntou:

— Quer dizer que o velho ditado “Paus e pedras podem me machucar; palavras, nunca” está errado?

O bispo concordou.

— Totalmente errado.

A Sra. Murry puxou a cadeira só um pouquinho e Hádrón, entendendo como convite, deixou seu lugar perto da lareira e pulou no seu colo.

O bispo prosseguiu.

— Este pequeno ditado não leva em conta que palavras têm poder, poder intrínseco. *Eu te amo*. O que seria mais potente que esta pequena trindade? Por outro lado, a fofoca maliciosa pode causar prejuízos horríveis.

— Se a Dra. Louise me disser que eu estou péssimo — disse o Sr. Murry —, minhas juntas vão inflamar.

— E no caso, felizmente, posso dizer que você está muito bem — disse a Dra. Louise.

— A natação ajuda muito — disse o Sr. Murry —, mas, sim, nós reagimos a sugestões do ambiente externo.

A Dra. Louise seguiu naquela linha de pensamento.

— Eu sou clínica geral, não cardiologista, mas gostaria de dar uma olhada em Zachary. Ele é um rapaz tão encantador... Não gostei do que ouvi.

— Ele vem aqui no sábado — disse Polly. — Também gostaria que você desse uma olhada nele, Dra. Louise, gostaria muito.

— Ele é um amigo especial? — perguntou ela.

— É um amigo. Não o conheço tão bem. Não o conheço nem o bastante para saber se ele tende a exagerar. Só sei que ele está com medo.

— Uma das pedras Ogam — o bispo franziu a testa levemente ao lembrar — diz: *De temores e medos sejamos poupados pelo sopro do vento e pela quietude*

da chuva.

— Uma runa é tipo uma oração? — perguntou Polly.

— Caso se acredite na oração, sim.

— Como o Cântico de Tallis? — sugeriu ela.

— *Glória a vós nesta noite, Senhor* — assentiu o bispo —, *pelas graças da luz*. Sim, com certeza. E depois: *Que toda carne se cale*. Ah, sim, com certeza.

A Sra. Murry trouxe o prato de salada à mesa.

— Que conversa para um grupo de cientistas pragmáticos. Com exceção de você, Nase.

— Enfim. — O Bispo Colubra pegou um pedaço de pão e limpou o molho do prato. — Bispos frequentemente limitam-se ao pragmático. E há momentos em que o pragmatismo é essencial. O problema é quando tendemos a esquecer que existe outra coisa. Mas existe, não é, Louise? Até na ciência mais pragmática?

— Louise tem grande reputação na área de diagnósticos — disse a Sra. Murry —, e eles são baseados não só em observação, informação e conhecimento, mas também em palpites. Certo, Louise?

A Dra. Louise concordou.

— Intuição. — O bispo sorriu para a irmã. — Entender o coração, em vez da mente.

— Você sempre foi inteligente, irmãozão. — A Dra. Louise de repente ficou nostálgica. — Sempre foi aquele a quem eu podia recorrer quando as coisas saíam do rumo. Hoje eu diria que você está completamente fora da casinha, se as outras pessoas ao redor desta mesa não o levassem a sério. E Polly, que me parece uma pessoa muito sensata, tem as mesmas alucinações que você.

— Alucinações coletivas, embora duas pessoas não cheguem a compor um coletivo — disse a Sra. Murry. — É uma possibilidade, mas de baixa probabilidade.

— Eu queria não me sentir tão indignada — desculpou-se a Dra. Louise. — Esse assunto está me deixando rabugenta demais. Quando Nase levou Annie ao consultório eu também entrei nesse delírio de vocês? Não fosse esta possibilidade, eu podia apagar tudo que aconteceu e voltar ao meu mundo racional.

A Sra. Murry levou a caçarola até o balcão e voltou com um cesto de frutas.

— Eu não consigo comer mais nada — disse Polly —, nem uma maçã. De qualquer maneira, eu prefiro as mais retorcidas, as esquisitinhas. Essas daí são bonitas demais.

O bispo levou a mão ao cesto e serviu-se.

Ninguém queria café, e a Dra. Louise levantou para anunciar que era hora de ir para casa.

Polly e seus avós foram para até a entrada da casa fazer a tradicional despedida aos Colubra. O vento noroeste soprava frio, mas o céu estava claro e as estrelas reluziam como diamantes. O rio distante da Via Láctea fluía pelo céu.

O bispo ergueu o rosto para ver as estrelas.

— Quanto milhões de anos estamos vendo, Alex?

— Vários.

— Qual é a estrela mais próxima?

— Proxima Centauri, a aproximadamente quatro anos-luz.

— E quantos quilômetros?

— Ah, uns 40 milhões de milhões.

A respiração do bispo fazia nuvens sob a luz da porta da garagem.

— Olhe só essa a estrela logo acima. Estamos vendo-a tanto no tempo quanto no espaço, em tempos idos. Não sabemos como esta estrela é agora, sequer se ainda está lá. Pode ter virado uma supernova. Ou entrado em colapso sobre si própria e se tornado um buraco negro. Como é extraordinário estar diante de uma estrela no momento atual e vê-la há milhões de anos.

A Dra. Louise tomou o braço do irmão afetuosamente.

— Chega de fantasiar, Nase.

— E é fantasia? — Ele entrou no carro e assumiu o volante.

— Louise demonstra boa dose de coragem e confiança ao deixar Nason dirigir — resmungou a Sra. Murry.

A Dra. Louise, subindo no banco do passageiro, riu.

— Ele também pilotou aviões.

— Que ideia assustadora — disse a Sra. Murry.

Os dois ficaram acenando enquanto o bispo disparou sob uma nuvem de pó.

• • •

— Bom, Polly. — A Sra. Murry estava sentada na lateral da cama da neta.

— Avevó, não faz sentido me deixar confinada. Zachary viu Anaral ali do lado da piscina, mesmo que achemos estranho. E eu vi Karralys. — Ela lembrou do alerta de Karralys, mas falou com firmeza. — Não creio que exista algum perigo nisso.

— Talvez não com Annie nem com Karralys. Mas sair vagando pelo tempo não me parece uma coisa muito segura.

— Não é sair vagando pelo tempo — insistiu Polly. — É só um círculo específico do tempo, há mais ou menos três mil anos, até agora e vice-versa.

— Não quero que você se perca três mil anos atrás.

— Não acho que isso vá acontecer, Avevó.

A Sra. Murry ajeitou delicadamente o cabelo bagunçado de Polly.

— O Bispo Colubra sugeriu que você só fosse à rocha de observação estelar depois do fim de semana. Siga o conselho dele, por favor, querida. Pela minha paz de espírito. E também não vá ao muro das pedras.

— Tudo bem. Por você.

A avó lhe deu um beijo de despedida e partiu. O vento continuou a ganhar intensidade e açoitar a casa. Uma das persianas batia. Polly ouviu os avós preparando-se para dormir. Ela mesma não estava com sono. Tudo, menos sono. Se remexia de um lado para outro. Se enrolou. Se esticou. Virou de bruços. Suspirou. Insônia era um mal do qual ela raramente sofria, mas naquela noite Polly não conseguiu dormir. Acendeu a luminária da cama e tentou ler, mas não conseguiu se concentrar. Seus olhos pareciam arenosos, mas não sonolentos. Ela não conseguia encontrar uma boa posição na cama porque alguma coisa a puxava para lá.

A piscina. Ela tinha que ir à piscina.

*Que absurdo, Polly. É o último lugar no mundo aonde você deveria ir. Você prometeu. Não seja doída.*

Mas a piscina continuava exercendo um magnetismo sobre ela. Talvez Annie estivesse lá. Talvez precisasse dela.

*Não. Na piscina, não.* Ela aquietou-se e puxou a colcha por cima da cabeça. *Não. Não. Vá dormir. Esqueça a piscina.*

Mas ela não esquecia. Quase contra a própria vontade, ela tirou as pernas da cama e colocou as pantufas. Desceu a escada.

Quando chegou na piscina, a lua, que estava a alguns dias de ficar cheia, brilhava pelas claraboias, de modo que não havia necessidade de acender as luzes. Ela tirou a camisola e entrou na água, que estava consideravelmente mais gelada do que durante o dia. Nadou de costas para observar o céu da noite, com apenas um salpicado das estrelas mais brilhantes à vista por conta do luar. Então nadou submersa por toda a extensão da piscina e achou ter visto um metal brilhando na parte mais funda.

Ela mergulhou e recolheu uma coisa dura. Brilhante. Era um diadema de prata com uma lua crescente. De início ela achou que fosse um torque, mas não havia onde abrir, então percebeu que era para a cabeça. Ela colocou sobre o cabelo molhado e sentiu que estava frio e firme. Tirou e olhou de novo. Não entendia muito de joias, mas sabia que aquela coroinha era linda. Por que haveria uma coroa de prata com lua crescente na piscina dos seus avós?

Ela saiu da água, enrolou-se numa toalha grande e sentou-se para secar antes de ir para seu quarto gelado. Seguia bem acordada. Ao luar, ela via o grande relógio na ponta da piscina. Ainda não era meia-noite. Vestiu sua camisola

quentinha com a intenção de subir para o quarto. Mas o diadema de prata reluziu ao luar, então ela pegou-o, olhou de novo e mais uma vez colocou sobre a cabeça, com a lua crescente no centro da testa.

O tramado de sua cadeira deixou de parecer macio e resistente, mas sim algo duro, gelado. Polly sentiu um vento ardido.

Ela estremeceu.

E de repente estava sentada em um trono de pedra, levemente desbastado, de maneira que suas mãos descansavam em braços baixos. Um círculo de tronos parecidos cercava um grande altar, similar àquele diante do qual Anaral havia cantado sua adoração à Mãe, mas muitas vezes maior. Atrás de cada trono havia um grande menir. O local lembrava imagens que ela havia visto de Stonehenge, mas em Stonehenge não havia tronos nem montanhas escarpadas de fundo, não havia neve nem os cumes brancos ao luar.

Ela não deveria ter ido à piscina.

Sua respiração ficou acelerada, assustada. Seu coração batia tão forte que doía. Karralys estava sentado em um dos tronos, a mais ou menos um quarto de distância de Polly no círculo. Ele usava um conjunto de colares de bronze decorados com uma pedra que ela achou ser um quartzo *cairngorm*, que a lembrou do topázio no anel do Bispo Colubra. Karralys vestia um manto comprido que parecia ser de linho branco, mas provavelmente era couro curtido e alvejado. Seu cachorro estava a seu lado, sentado ereto com orelhas eriçadas de atenção, o cão que lembrava o que o Sr. Murry havia trazido para casa. Anaral estava à sua direita, usando um diadema de prata parecido com o que Polly havia encontrado na piscina e que ainda estava em sua cabeça.

Em frente a Karralys no altar estava Tav, que vestia uma túnica curta e clara, uma pele de gato selvagem sobre o ombro, e tiras de couro em volta dos punhos e braços. Sua grande lança estava encostada no trono. Havia outros homens e mulheres, vários, alguns jovens, alguns velhos, muitos usando peles de animal ou mantos ou penas. Apenas Anaral e Polly usavam diademas de prata. O trono à esquerda de Karralys estava vazio.

A lua estava se pondo diretamente atrás do menir atrás da poltrona de Karralys, e logo acima dela havia uma estrela a brilhar. Não, não uma estrela, pensou Polly; um planeta. Ela ia falar, ia fazer uma pergunta, mas Anaral ergueu a mão e a silenciou.

No fundo havia mais gente. Ela ouviu o pulsar baixo, quase subliminar de um tambor. Ao longe, o som ecoou. Fora isso, silêncio. Todos os rostos no círculo eram sérios. Esperavam algo.

Karralys e Anaral ergueram-se e foram para o lado de fora do círculo, onde havia uma grande fogueira armada em uma pira rasa. Anaral deu uma pederneira

a Karralys, e ele soltou uma faísca para fazer fogo. Os dois druidas ergueram os braços com um amplo gesto de graças, e juntos dançaram lenta e majestosamente, primeiro ao redor do fogo já ardendo, depois em torno do círculo de menires. Então, uma a uma, cada pessoa no círculo pegou um atizador, acendeu no fogo e entregou a uma das pessoas fora do círculo.

Quando encerraram a passagem do fogo, houve um eclodir de música, rico de harmonia, jubiloso de melodia. O coração de Polly alçou voo com as vozes do povo dentro e em torno do círculo, de modo que ela esqueceu do medo. Aos poucos a canção extinguiu-se em delicado silêncio.

Então Karralys falou com sua voz baixa e ressonante.

— Este ano nos foi bondoso. — Ele apontou o trono vazio ao lado do dele. — Lobo Cinzento Antigo estava cheio de anos e foi recolhido aos ancestrais no sexto dia da lua durante a noite. Seu espírito continuará a cuidar de nós, unido aos espíritos de todo o Povo do Vento que está entre as estrelas, mas cuja atenção nunca se distancia do que conosco se passa. — Uma brisa suave tocou as bochechas de Polly, passando pelo grande círculo de menires. Atrás deles as sombras sacudiam-se, em tons de roxo, prata, índigo, sombras de homens e mulheres tão altas que pareciam chegar às estrelas. Polly não entendia tudo que era dito, mas sentiu-se envolvida por uma força amorosa.

Karralys prosseguiu.

— O Filhote ainda é novo, mas tem o dom, e há de aprender sob a orientação daqueles que o precederam.

Um menino, realmente muito novo, usando pele de lobo cinzento, levantou-se.

— E com você, Karralys. — Ele girou lentamente, fazendo medidas aos reunidos.

Então Tav falou, de pé e apoiado em sua grande lança. O luar tocou seu cabelo e transformou-o em prata. Seus olhos tinham brilho de prata. O luar tocou o franzir de penas na sua lança.

— Nós honramos o ritual. O fogo queima. Ele arde tão forte quanto a cabeça daquela que nos foi enviada pela Mãe. — Ele apontou para Polly e seu rosto era sério.

— Tav, você supõe demais e com muita pressa — repreendeu-o Karralys.

— A Mãe manteve a promessa — disse Tav. — Assim como eu. Ela veio. — Mais uma vez sua lança foi apontada para Polly.

— Você a trouxe — falava Karralys, com gravidade.

— Fiz o que a Mãe pediu. Deixei o diadema no altar e ela o traduziu para o local da água sagrada.

— O tempo é fluido no *Samhain* — disse Karralys. — Pode não ter sido a vontade da Mãe.



— Me escute. — Tav curvou-se para a frente. — A Mãe fala no escuro, nas águas, no ventre da terra. Nunca deve ser entendida diretamente.

— Ela não pede sangue! — A voz de Anaral ressoou com clareza.

— Não — concordou Tav. — A Mãe não quer o sangue de seus filhos. Dos filhos *dela*. Escutem o que eu digo! Esta criança com a cabeça do sol não é dela, tampouco é nossa. Ela nos foi enviada para que a Mãe possa ser alimentada e sua exigência cumprida.

Tav falava mais rápido que Karralys e, por isso, Polly não compreendia completamente seu discurso. Ela se esforçava bastante para entender as locuções Ogam. Se ouvisse atentamente, conseguia distinguir cada palavra, mas levava alguns segundos para as frases ganharem sentido. O fogo tinha alguma coisa a ver com o *Samhain*, um fogo sagrado que era passado entre cada família da tribo. A dança fora bela e serena, e a cantoria fora alegre, levando seu medo embora, mas agora Tav trazia outra nota, uma nota mais sombria, e sua pele formigava.

— E o que diz a deusa? — perguntou Karralys.

Tav olhou para a lua.

— A deusa diz que há perigo para nós. Grande perigo. Não há chuva para o Povo do Outro Lado do Lago. Na semana passada, um grupo de saqueadores nos tomou ovelhas e duas vacas. Seus tambores nos dizem que sua lavoura definha. A terra está seca e precisa de alimento.

Karralys respondeu.

— Ora, Tav, não é sangue que nossa Mãe exige, tampouco o que querem os deuses do outro lado do lago. O que se pede de nós é carinho, nossa atenção com a lavoura, que não abusemos das terras plantando as mesmas culturas no mesmo solo por muitos anos seguidos, sem molhar os pequenos brotos. Nossa Mãe não é um monstro devorador, mas a amada que dá o nascer.

— Foi por estas ideias tão estranhas que você foi expulso de seu lar. Excomungado. — O luar se refletiu de novo nos olhos de Tav.

— E você, Tav? Por que você foi expulso de seu lar? — questionou Karralys.

— Você não esqueceu que houve época em que não havia chuva, e o povo pequeno do norte veio e roubou nosso gado, esqueceu? Nossas lavouras também definharam, assim como as do Povo do Outro Lado do Lago definham agora. Então entendi que se exigia sangue, não o do cordeiro, mas sangue verdadeiro, sangue humano. Um saqueador apareceu à noite e eu o enfrentei em combate justo e o derrubei. E assim tivemos o sacrifício necessário. Sim, eu o coloquei no altar, fiz isso eu mesmo porque vocês não o fariam, tampouco autorizariam outros. Eu, apenas eu, obedeci à Mãe. E assim tivemos o sangue que trouxe a chuva, embora eu tenha sido expulso por tomar para mim o papel sacrificial de

um druida. E assim nós dois fomos expulsos; você por recusar-se, eu por fazer o que você deveria ter feito. Naquele momento o sangue era a exigência da Mãe, assim como é agora. Se não cuidarmos, tribos mais fortes que a nossa virão e vão nos tirar de nossas terras.

Anaral levantou-se.

— Tav, aqui em minha terra você e Karralys viveram juntos em harmonia durante três voltas do sol. Não retome as antigas disputas, principalmente numa noite como esta.

A voz de Tav era de urgência.

— Haverá mais saques. E nós mesmos não temos chuva desde a última lua.

— Fizemos nossa colheita. Havia abundância de milho. — Karralys sorriu.

— A água do rio está baixa. Os rios estão secos. Até o rio subterrâneo que dá água a nossas lavouras flui com velocidade menor.

— Como sempre nesta época do ano. Quando as neves do inverno vierem, os rios voltarão a encher.

— As neves do inverno talvez não venham — alertou Tav — se a terra não receber aquilo que exige.

— Tav. — Karralys olhou para ele com muita seriedade. — Por que retomar isto, que já estava resolvido quando nos tornamos unos com o Povo do Vento? Os filhos destas terras, que nos aceitaram em suas vidas, proíbem tais sacrifícios. Assim como eu.

— Há outros povos, do outro lado do lago, além das montanhas, que não pensam como você nem como o Povo do Vento. Temos que nos proteger. Não tem escutado os tambores que ecoam os nossos e que não são mero eco? São do Povo do Outro Lado do Lago. Acha mesmo que vão cessar depois de um pequeno saque? Entenda, por favor. Sei que você não gosta de sacrifícios. Eu, tampouco. — Ele olhou para Polly e sua expressão era de angústia. — Mas, a não ser que obedeçamos, nossa terra está condenada.

Atrás de Karralys, a lua desceu sob os grandes menires, deixando a estrela brilhar forte logo acima, quase como uma joia a tocar seus cabelos claros.

A voz de Tav rascava com urgência.

— Uma lança de guerra bastará se outros quiserem nossas terras? — Ele ergueu sua grande lança. — E por que, Karralys, por que nos foi enviada esta estranha ensolarada?

— Sim, ensolarada — disse Karralys. — Vida, não morte.

— Um portal temporal se abriu — disse Anaral.

— E por quê? Um portal temporal abre-se uma vez em quantas centenas de anos? Por que agora? Por que aqui? E justamente quando os tempos exigem?

Anaral levantou-se de novo.

— Ela foi enviada para o bem, não para o mal. Tanto a garota quanto o velho Garça. Eles vieram para nosso bem. Temos que tratá-los com cortesia e hospitalidade até que sejamos capazes de entender.

— Eu entendo! — berrou Tav. — Por que vocês estão de ouvidos fechados?

— Talvez os ouvidos fechados sejam os seus — repreendeu-o Karralys, educadamente.

— Anseio por meu lar — disse Tav. — Em torno de nossas pedras de pé havia estacas, e nestas estacas, os crânios de nossos inimigos. O sangue corria do altar ao chão, e os verões eram gentis, e os invernos, curtos. Aqui definhamos com o calor do sol, ou nossos ossos ficam quebradiços pelo gelo e frio. Sim, fomos tratados com gentileza pelo Povo do Vento, mas os costumes deles não são os costumes antigos e conhecidos. E agora um portal temporal se abriu e se não tivermos cuidado vai fechar-se de novo, e perderemos aquela que nos foi enviada.

Atrás de Karralys, a estrela também se escondia atrás da grande pedra. Ele levantou-se, deu a volta na mesa muito lentamente e tirou o diadema de prata da cabeça de Polly.

— Vá para casa — ordenou ele. — Vá para casa.

Ela ergueu-se de solavanco, como se houvesse acordado. Olhou em volta. Não havia diadema de prata com a lua crescente. Vestia apenas sua camisola úmida. A piscina fazia pequenas ondas ao luar. A lua se fora. O som distante do sino da igreja chegou a ela, doze notas, sopradas e distorcidas pelo vento. Ela tremeu.

Polly sabia que não fora um sonho.

• • •

Quando acordou, era dia claro e o sol entrava no seu quarto. Ficou deitada na cama, discutindo consigo mesma. Como explicar a seus avós o que lhe havia acontecido? No *Samhain*. Véspera do Dia de Todos os Santos. Que já havia acabado. Já era sexta-feira, Dia de Finados.

Ela os ouviu vindo da piscina. Então colocou uma roupa e desceu, sentindo-se cansada e nervosa. O café ainda pingava do filtro no jarro de vidro. Ela pegou uma xícara da guarda-louças. As pedras Ogam permaneciam ali. Ela se perguntou para onde a avó as levaria. Esperou até o café parar de pingar, depois encheu a xícara e serviu leite. Estava muito cansada para fazer *café au lait*.

Seus avós desceram e entraram na cozinha. Cumprimentaram-na. E em seguida:

— O que houve?

Ela começou a cuspir a história.

— Espere — disse o avô, e serviu-se uma xícara de café antes de sentar no seu lugar.

A avó também sentou.

— Prossiga.

Eles ficaram ouvindo sem a interromper. Não disseram que ela não deveria ter ido à piscina. Quando ela terminou, os dois se olharam.

— É bom chamarmos o Nase — disse o avô.

Fizeram o desjejum enquanto esperavam o bispo. Na noite anterior, a Sra. Murry havia feito mingau, que estava nos fundos do fogão, quente, em uma panela de banho-maria. Automaticamente, ela acrescentou açúcar mascavo, uvas-passas e leite.

— Sirvam-se.

— Não gosto das implicações — disse o Sr. Murry. — Parece que não temos

como proteger Polly, a menos que acorrentemos ela a um de nós.

Eles pararam de falar ao ouvir um latido insistente do lado de fora. O Sr. Murry levou a mão à testa.

— Eu quase me esqueci... — Ele saiu pela porta da despensa e entrou com o cachorro, que pulava de animação. — Polly, este é o cachorro de Karralys?

— Acho que é.

O Sr. Murry fez um não com a cabeça, foi à garagem e voltou com um cobertor, que deixou perto do fogão à lenha. O cão se esparramou nele, com o rabo batendo, e Hádron pulou em cima, brincando com o rabo como se fosse um ratinho. O cão deu um suspiro resignado.

— Parece que três mil anos não fazem grande diferença para o Hádron — disse ele. — Por algum motivo, acho isso reconfortante. Mas talvez eu esteja me agarrando à uma última esperança.

O bispo chegou junto com a Dra. Louise.

— Quero ter certeza que a sanidade vai vencer os delírios do meu irmão — disse ela. — Só tenho que estar no hospital daqui a uma hora.

— O cachorro ainda está aqui. — O bispo acariciou a cabeça do animal, passando a mão pelas suas orelhas grandes.

— Ele estava com Karralys na noite passada — disse Polly —, seja lá quando foi noite passada❖

— Já tomaram café da manhã? — perguntou a Sra. Murry.

— Há bastante tempo — respondeu a Dra. Louise.

O bispo olhou para o forno.

— Muito, muito tempo.

A Sra. Murry lhe alcançou uma tigela.

— Sirva-se, Nason. Hoje é só mingau.

Ele encheu a tigela, empilhou açúcar mascavo e uvas passas, serviu leite e sentou-se à mesa.

— Acho reconfortante o cachorro ter ficado. Tenho certeza que ele nos protege. Agora, Polly, quero saber exatamente o que aconteceu na noite passada. Não deixe nada de fora.

— Eu não estava conseguindo dormir e foi como se a piscina estivesse me chamando. Não sei explicar. Eu sabia que não deveria ir. Eu não queria ir. Mas a piscina ficava me atraindo. Então eu fui.

O bispo ouviu com atenção, comendo o tempo todo, erguendo os olhos quando ela descreveu o diadema de prata com a lua crescente.

— É claramente — disse ele — um símbolo da deusa da lua. Você disse que Annie tinha um também?

— Sim.

— A deusa da lua. E a Mãe, a terra. O que temos, veja bem, é um misto das tradições celta e dos indígenas americanos. Elas se sobrepõem em muitos pontos. Prossiga.

Passado um tempo, o Sr. Murry o interrompeu.

— Você disse que Karralys e essa outra pessoa...

— Tav.

— ... estavam aqui, no Novo Mundo, havia apenas três anos.

— Acho que sim, Vovô. Foi o que tanto Anaral quanto Karralys disseram.

O bispo assentiu.

— Sim. Foi o que me disseram. Prestei menos atenção ao tempo do que à viagem. Karralys e Tav vieram de barco. Claro que agora que o lago se foi, assim como tudo que derreteu das geleiras, isso não seria possível. Mas, três mil anos atrás, é bem plausível que eles pudessem ter atravessado o oceano, depois tomado os rios. O que hoje são pequenos córregos e riachos provavelmente eram rios de bom tamanho na época. E assim eles chegaram ao lago e a este ponto. O que acha, Alex?

— É possível — concordou o Sr. Murry. — Assim que chegassem neste continente, eles poderiam ter seguido viagem em um barco menor.

— Cruzar o oceano que é a parte difícil de entender — disse a Dra. Louise.

— As pessoas cruzam oceanos, lembra? — disse seu irmão. — Navegação pelas estrelas. E os druidas eram astrônomos. — O bispo serviu-se de mais mingau. — Prossiga, Polly.

Quando ela terminou, a tigela do bispo estava vazia de novo.

— Certo. Então você tomou parte na cerimônia de *Samhain* do Povo do Vento.

— E Karralys e Tav foram assimilados pelos nativos... o Povo do Vento? — perguntou o Sr. Murry.

— Karralys tornou-se o novo líder deles — disse o bispo. — Ele e Tav foram levados pelo vento em um furacão, que já em si pareceu um presságio. — Ele pegou um punhado de uvas passas. — Karralys e Tav foram ambos enviados da Britânia por heresias opostas: Karralys por se recusar a derramar sangue, e Tav não tanto por derramar, mas por executar o sacrifício que só poderia ser feito por um druida. Tav acreditava que o sacrifício humano era exigido, que a terra clamava por sangue, e agiu de acordo.

— Polly. Sangue. — A voz do Sr. Murry ficou grave. — Ele está pensando em sacrificar Polly.

Até aquele momento em que o avô havia colocado de forma tão clara, Polly não havia absorvido o peso das palavras de Tav na noite anterior.

— Sacrifícios de sangue faziam parte do ritual druida? — perguntou a Sra.

Murry.

— Não foi provado — disse o bispo. — Há uma teoria de que se acreditava que a Mãe Terra exigia sangue e que a cada ano, talvez no *Samhain*, havia um sacrifício humano. Se possível, de um prisioneiro. Se não, então alguém, geralmente o mais fraco da tribo, era levado ao altar e o sangue era entregue ao solo.

Polly tremeu.

— E os crânios? — perguntou a Dra. Louise.

— Creio que isso era uma prática comum entre algumas tribos. Os crânios dos inimigos eram posicionados em estacas que faziam um círculo em torno do altar ou dos menires. Lembrem que essas tribos eram da Idade das Pedras e seus membros pensavam muito diferente de nós.

— Tinham sede de sangue — declarou a Dra. Louise.

— Uma sede maior do que contemporâneos nossos que incineram gente com napalm? — perguntou o bispo, sem erguer a voz. — Ou bombas de hidrogênio? Parece que nós, ditos seres humanos, somos criaturas sanguinárias, e temo que pacificadores como Karralys estejam em minoria.

— Enquanto isso — falou o Sr. Murry —, como fica Polly?

— O *Samhain* acabou — disse o bispo. — Karralys conseguiu enviar Polly para casa com segurança.

— Você acha que o perigo acabou?

O bispo fez que sim.

— Creio que sim. O período já passou.

O cachorro ergueu-se do cobertor e veio até Polly, sentando-se ao lado dela e deitando a cabeça no seu joelho. Ela levou a mão ao pescoço dele, que era forte e quente. Seu pelo, embora não fosse comprido, era macio.

O bispo assentiu de novo.

— Karralys e Annie vão proteger Polly. Karralys enviou seu próprio cachorro.

O Sr. Murry falou com firmeza.

— Não é necessariamente o mesmo. Não quero que Polly veja eles de novo, nenhum deles. E assim que seu portal temporal fechar, quero Polly longe daqui.

— Mas, Vovô, se o portal temporal já fechou, não há mais problema e não temos que nos preocupar com o tesseracto nem nada.

O bispo concordou, depois falou:

— O *Samhain* está encerrado. Hoje é Dia de Finados, quando lembramos aqueles que nos precederam. É um dia tranquilo onde deixamos que nosso luto se transforme em paz.

— Nason. — O tom do Sr. Murry era ríspido. — O que faremos agora? Você garante que o perigo com Polly acabou?

O bispo fitou a última uva passa na tigela como se buscasse uma resposta.

— Não sei. Não fosse aquele jovem, Zachary...

— O que tem ele?

— O papel que ele tem nisso tudo, seja qual for, ainda não se desenrolou.

A Sra. Murry fez uma pergunta em voz baixa.

— Polly ainda está no tesseracto?

O bispo voltou a fitar a uva passa.

— Ainda há muitas questões não solucionadas.

— Isto é resposta que se dê?

— Não sei. — O bispo olhou para a Sra. Murry. — Não entendo seu tesseracto.

Polly já passou pelo portal temporal e fui eu quem o abrii... Me desculpem.

— Bispo — interrompeu Polly. — Tav. E o Tav?

— Tav tem motivo para se preocupar. Há tribos vizinhas que não são pacíficas como o Povo do Vento. Houve vários verões de seca, muito mais severos do outro lado do lago, onde não há rio subterrâneo que se possa acessar para irrigações. Os saques já começaram. Estas terras são desejáveis. Tav está pronto para lutar e protegê-las.

— E Karralys? — perguntou o Sr. Murry.

— Não tenho certeza. — O bispo coçou a testa. — Ele busca a paz, mas é difícil para um homem só manter a paz.

O Sr. Murry foi até o guarda-louças.

— Queria que você não tivesse encontrado as pedras Ogam, nem aberto o portal temporal.

— Foi... foi sem querer. Não estava nos meus planos.

— Não? Você escancarou o portal temporal quando trouxe Annie a Louise. — A voz do Sr. Murry manteve-se no mesmo nível, mas continuava sendo uma acusação.

A Dra. Louise falou com pressa.

— Ela teria perdido o movimento do indicador. A infecção teria se espalhado caso eu não usasse antibiótico. O que pode parecer um simples descuido com a faca poderia ter sido fatal.

A Sra. Murry deu um leve sorriso.

— Irmão e irmã ficam juntos na hora do aperto — cochichou ela com Polly. — De qualquer modo, Alex, você e eu ficamos fascinados, incrédulos, mas fascinados, até que Polly se envolveu.

— É seguro mandar Polly de volta para casa em Benne Seed? — perguntou o Sr. Murry.

— Não — começou Polly, mas o bispo a interrompeu, erguendo a mão autoritariamente.



— Creio que ainda não. As coisas têm que se desenrolar. Mas enquanto isso ela vai ficar aqui conosco, a salvo. Um de nós precisa estar com ela o tempo todo para prevenir uma recorrência da noite passada.

— Você não, Nase, por favor — disse a Sra. Murry. — Desculpe, mas foi você que abriu o portal.

— Acho que você tem razão — reconheceu o bispo —, mas você, minha cara. E Alex. Fiquem com ela.

— O que aconteceria — sugeriu o Sr. Murry — se você lacrasse a cava?

— Creio que nada, infelizmente. Era apenas a cava mais próxima à rocha de observação estelar, e do local da sua piscina. São os locais sagrados.

— Sagrados? — perguntou a Dra. Louise.

— Sacros. Perdemos a noção da sacralidade do espaço conforme nos assentamos no literal e no passível de prova. Lembramos de alguns desses locais, como o monte Moriá em Jerusalém, ou a Abadia de Glastonbury. O monte Moriá era sagrado antes mesmo de Abraão levar Isaac até lá. Assim como Betel, a casa de Deus, antes de Jacó ter o sonho, ou antes da Arca da Aliança ficar lá por algum tempo, segundo Juízes.

— Nase — falou sua irmã, com voz suave —, pode descer do púlpito.

Mas ele prosseguiu.

— Uma das teorias é que estes locais eram conectados por Linhas de Ley.

Ela o interrompeu.

— Nase, que diabos são Linhas de Ley?

— São conexões de poder eletromagnético, bem documentadas na Inglaterra, que vão de um lugar sacro a outro. Linhas de energia. Suspeito que exista uma Linha de Ley entre a cava e a rocha de observação estelar, entre a rocha de observação estelar e a piscina.

— Que disparate, que imbecilidade — disse sua irmã.

Mas Polly lembrou de Karralys falando das linhas entre as estrelas, das linhas entre lugares, entre pessoas. Não parecia bobagem.

— Pode até ser um disparate — disse o bispo à irmã —, mas não torna a sacralidade original menos sagrada.

— Não aceito ver você caindo nestes disparates na velhice — avisou a Dra. Louise.

— Louise, eu não pedi nada disso. Não saí atrás de pedras Ogam. Mas é difícil classificá-las como imbecilidade. Eu não tinha ideia de que a sua cava sequer era uma cava. Não esperava que Annie cruzasse três mil anos rumo ao passado. Mas Annie é uma criatura adorável e inocente, e sinto certa responsabilidade particular, com ela.

— Como você pode ser responsável por alguém que morreu há

aproximadamente três mil anos? — perguntou a Dra. Louise. — A história dela já foi contada. Kaput. Fim.

— Foi mesmo? — sussurrou o bispo. — Tem certeza?

• • •

A Dra. Louise dirigiu-se à porta de saída.

— Preciso ir para o hospital. Mas acho que seria boa ideia todos vocês irem à nossa casa almoçar e quem sabe passar o resto do dia. O maior risco para Polly parece vir destes arredores, e acho que ela fica razoavelmente segura conosco, os pragmáticos, que talvez possamos ajudar a manter o portal temporal de Nase fechado porque ainda não cedemos à suspensão de descrença.

O plano foi prontamente aceito, embora tenha havido discussão considerável a respeito de Polly poder ou não andar na caminhonete com o bispo.

— Não há portais temporais na estrada — disse o bispo. — Vamos diretamente até sua casa, Louise, e Kate e Alex podem vir atrás.

— Por que Polly não pode ir com Kate e Alex?

— Eu me sinto responsável.

— Nase, você é a última pessoa com quem ela deveria ficar.

Mas o bispo foi insistente e finalmente se concordou que Polly podia andar com ele desde que ficasse dentro do limite de velocidade e os avós fossem logo atrás.

— Estarei em casa para o almoço — disse a Dra. Louise. — Vou comprar frios no caminho.

Polly subiu na caminhonete depois do bispo. O cachorro ganiu e latiu, sem querer ficar para trás.

— Vá — ordenou o Sr. Murry ao cachorro. — Volte para o lugar de onde saiu.

O bispo deu partida no carro.

— Polly, me desculpe.

Ela deu um suspiro.

— Não precisa se desculpar. Não era nada que o senhor havia planejado e pode ser assustador, mas também é empolgante.

— Eu queria lhe dar algo de proteção, algum tipo de talismã.

Ela havia vestido sua jaqueta vermelha. Colocou a mão no bolso e sentiu o ícone de Zachary.

— Zachary me deu isto ontem à tarde.

O bispo pegou o ícone, mantendo uma das mãos no volante.

— Um ícone de anjo da guarda! Que encantador, absolutamente encantador!

Atrás deles, os Murry buzinaram e o bispo aliviou o pé no acelerador enquanto devolvia o ícone a Polly.

— Serve para lembrar que existem poderes de amor no universo e que, desde que responda com amor, eles vão ajudá-lo.

Ela colocou o ícone de volta no bolso.

— Uma vez meu tio Sandy me deu um ícone de São Jorge e o dragão.

— E isso não impediu que acontecessem coisas ruins? — sugeriu o bispo. — Um ícone não foi feito para ser ídolo. É apenas para lembrar que o amor é maior que o ódio.

— O senhor também acredita nisso?

O bispo assentiu devagar. Depois falou:

— Você entende bastante de física, não é?

— Estamos falando do mesmo assunto?

— É claro que sim. Sabe como os físicos chamam as interações muito distintas entre forças eletromagnéticas, gravitacionais, fortes e fracas?

— Não.

— A *hierarquia* das interações. Hierarquia foi a palavra que Dionísio, o areopagita, usou para se referir à disposição dos anjos em três divisões, cada uma consistindo em três ordens. Hoje os físicos dispõem as interações fundamentais da matéria em hierarquias. Mas isto mostra que pelo menos ouviram falar dos anjos.

— Por que mostra?

— Seu avô me chamou a atenção para isso.

— Quer dizer que ele acredita em anjos?

— Talvez. Eu acredito, embora não sejam parecidos com estes anjos bonitos no seu ícone. Qual é a primeira coisa que os anjos das Escrituras dizem quando aparecem na frente de alguém?

— O quê?

— *Nada temas!* Dá uma ideia de como devia ser a aparência deles.

Os Murry buzinaram mais uma vez. O bispo desacelerou de novo, depois dobrou no morro para a casa da Dra. Louise em um rompante de aceleração, parou e desligou a ignição. Os Murry estacionaram ao lado dele.

• • •

Sentaram-se todos à mesa da cozinha da Dra. Louise.

— De longe, o lugar mais aquecido da casa — disse o bispo.

Polly sentiu-se assolada por uma onda onírica. De certo modo, ela estava tão distanciada do mundo ao ficar com seus avós, ou aqui na cozinha da Dra.

Louise, quanto quando entrou nos tempos de Anaral. Seus avós ficavam isolados em seu mundo especial, científico. A casa deles ficava longe do vilarejo. Ela podia passar dias sem ver ninguém se não fosse ao correio ou à venda.

Em casa — embora o lar dos O’Keefe na Ilha Benne Seed fosse tão isolado quanto a casa dos avós —, o colégio e seus irmãos a mantinham em contato com o mundo real. Real, mas quanto? Drogas eram um problema no Colégio Cowperton. Assim como gravidez na adolescência. Assim como a falta de motivação, a convicção preguiçosa de que o mundo devia prover tudo aos alunos.

De repente ela percebeu que, embora houvesse uma televisão no escritório do seu avô, eles nunca a ligavam. O rádio ficava sintonizado na estação de música clássica. Seus avós liam jornais, e ela supunha que, caso acontecesse alguma coisa devastadora, eles iriam lhe contar. Mas ela havia, por assim dizer, se desligado do mundo desde que viera ficar com eles.

Ela olhou para os avós e o bispo.

— Zachary vem amanhã. O que vamos fazer quanto a ele?

— Quero que Louise o examine — disse a Sra. Murry.

— Ela não é cardiologista — avisou o Sr. Murry.

— Ela é clínica geral há tanto tempo em um lugar com poucos especialistas que, com base nos anos e anos de experiência, tem um conhecimento considerável.

— Tudo bem, eu aceito, mas suspeito que Zachary gostaria que o tratássemos do modo mais normal possível. Ele ver Annie pode ter sido uma aberração. Ou talvez ele nem tenha visto.

— Quem mais seria? — perguntou Polly.

Todos ergueram o olhar ao ouvir um latido insistente do lado de fora. O bispo foi até a porta, abriu e o cachorro entrou, abanando o rabo, brincando primeiro com o Sr. Murry e Polly, depois com os outros.

O bispo pôs a mão sobre a cabeça do cachorro.

— Nem aqui conseguimos escapar do passado.

— É um cachorro perfeitamente comum. — O Sr. Murry estava resolutivo. — Para mim ainda não passa de um vira-lata.

— Ele é uma proteção — disse o bispo. — Não o desconsidere.

O cachorro empinou-se para cima da Sra. Murry e encostou sua cabeça nos joelhos dela. Distraída, ela acariciou as orelhas do animal.

— Parece que não temos muita opção quanto a ficar com esta criatura.

— Vocês foram escolhidos. — O bispo sorriu. Como se fosse em resposta, o rabo comprido do cão golpeava o chão. — Agora deviam batizá-lo.

— Se fizermos isso, estaremos nos comprometendo com ele — disse o Sr.

Murry.

— Mas já nos comprometemos, não? — perguntou Polly.

Sua avó deu um leve suspiro.

— É o que parece.

Polly complementou:

— E a Dra. Louise disse que você precisava de outro cachorro.

— Gostaria de batizá-lo, Polly? — sugeriu o bispo.

Ela olhou para o cachorro, que, embora não parecesse de raça alguma, era belo a seu modo. Seu pelo bege era lustroso, e o traçado negro em volta das orelhas lhe dava um visual distinto. Seu rabo era uma corda de tão comprido e tinha a ponta preta.

— Acho que deveria ter um nome celta. Se ele tiver algo a ver com Karralys, no caso.

— Pode ser só um vira-lata. — O Sr. Murry não queria ceder.

— Ogam. Quem tal chamarmos ele Ogam?

— Por que não? — perguntou a avó de Polly. — Batizar um cão é uma coisa normal, comum de se fazer, e estamos precisando de coisas normais e comuns.

O cão acomodou-se nos pés de Polly, com um ronco suave e contente.

— Certo, Polly — disse o avô. — Vamos tirar um tempinho comum e normal de aprendizado. Qual é o princípio da incerteza de Heisenberg?

Ela deu um suspiro e entrou no mundo da física de partículas, o qual, por mais estranho que fosse, era um alívio bem-vindo.

— Bem, quando você mede a velocidade de uma partícula, não consegue medir sua posição. Ou, se você mede a posição, não consegue medir a velocidade. Você pode medir uma ou outra, não as duas juntas.

— Certo. E quantos quarks há em um próton?

— Três. Um de cada cor.

— Posição?

— Dois quarks *up* e um quark *down*.

— E quarks são?...

— Partículas infinitesimalmente pequenas. A palavra *quark* vem do livro *Finnegans Wake*.

— Então Murray Gell-Mann, que as batizou, obviamente leu Joyce. Acho isso reconfortante.

Assim como Polly. Trabalhar com o avô era algo normal, corriqueiro, mas estar sentada na cozinha da Dra. Louise não era.

Os avós dela também se sentiam fora de lugar. A aula tinha acabado. Sua avó pegou o maço de rosas que desfalecia sobre a mesa e esvaziou a água do vaso.

— Vou só jogar este adubo e ver se tem mais para trazer.

O Sr. Murry olhou para a neta.

— Você está bem?

— Claro. Tudo bem.

— Se eu for ao jardim com sua avó, você não sai daqui?

— Não vou a lugar nenhum.

— Nem eu — prometeu o bispo.

— Serão só alguns minutos.

Depois que a porta bateu ao Sr. Murry passar, o bispo veio falar com ela.

— O que aconteceu na noite passada...

— Foi muito assustador.

— Foi? — perguntou ele. — *Você está assustada?*

— Um pouco.

— Um pouco não basta. Não podemos deixar que você passe de novo pelo portal temporal.

Polly olhou para o cachorro de novo. Ogam. Seu focinho negro brilhava. Seus olhos estavam fechados e ele tinha cílios compridos e muito pretos.

— Eu cruzei o portal temporal na noite passada porque fui até a piscina e usei o diadema de prata.

— Não faça isso de novo.

— Claro que não, Bispo. Mas da primeira vez que eu cruzei, estava só a caminho da rocha de observação estelar.

— Gostaria muito que você pudesse voltar para casa.

— Bispo, eu estou em um tesseracto. Vovô acha que posso sofrer consequências graves se sair daqui.

— Provavelmente ele tem razão. Ele acredita que Tav a levaria ao altar para o sacrifício?

— Não sei. Não sei nem se eu mesma acredito.

— Pode acreditar, criança. A ideia do sacrifício de sangue já deixou nosso referencial, mas não é muito diferente nem pior do que as coisas que se passam nos dias de hoje. O que mais seriam a cadeira elétrica ou a injeção letal senão sacrifícios?

— Disseram para a gente que é para proteger a sociedade — disse Polly.

— E Tav não está tentando proteger a sociedade do único jeito que sabe? Ele acredita que se a Mãe não for saciada, as terras e o povo serão tomados por tribos mais fortes.

— Tav gosta de mim — disse Polly baixinho.

— E quem não gosta? — perguntou o bispo. — Ele gostar de você só vai dificultar que ele faça o que acredita que é necessário. Entendeu? Ele tem que obedecer à Mãe, querendo ou não.

— Ela não parece muito maternal — disse Polly.

O bispo prosseguiu.

— Não quero falar deste modo na frente dos seus avós. Eles já estão bastante angustiados, e se fosse realmente muito perigoso mandar você embora, não há por que os incomodar ainda mais.

— Concordo — disse Polly — e prometo que não vou fazer nada idiota.

— Então. Mas e quanto a Zachary...

— Não entendo o que ele tem a ver com isso tudo.

— Karralys deve estar certo. Se ele estiver perto da morte...

— Não creio que a morte seja iminente nem nada. Mas ele tem medo.

— De?

— De morrer. A morte deixa ele assustado.

— Sim. — O bispo assentiu.

— Ele acha que significa é o fim. A aniquilação.

— E você, Polly?

— Não imagino Max totalmente à parte do universo. Não preciso saber *como* ela continua integrando o todo. Mas é como se Max... estivesse aprendendo o que tem que aprender, fazendo o que ela precisa fazer. Não consigo imaginá-la totalmente apagada.

— Acreditamos na mesma coisa então — disse o bispo. — Já basta.

Os Murry retornaram, a Sra. Murry carregando alguns botões de rosas amarelas e colocando-as em um canto protegido. Ela cortou os caules, pôs em um vaso e arranjou na mesa. Estavam todos nervosos, deslocados, tentando normalizar o que não era normal.

— Pelo menos vocês levam a sério — disse Polly. — Vocês não acham que eu e o bispo estamos malucos.

— Se pudéssemos, acharíamos — disse a avó.

— Eu só queria — o Sr. Murry esticou as mãos retorcidas — que pudéssemos estar junto com você nessa.

A Dra. Louise entrou com duas sacolas de papel pardo, que deixou sobre a mesa; depois se livrou dos agasalhos, pendurando nas galhadas.

— Trouxe pão, não tão bom quanto o seu, Alex, mas razoável. E vários frios.

O bispo tirou tudo das sacolas, servindo pratos de pão e frios, enquanto a Dra. Louise pegava condimentos da geladeira e um jarro de leite.

— Eu preparo o chá — ofereceu-se o bispo.

Eles sentaram-se em torno da mesa para preparar os sanduíches. *E não sabemos o que dizer*, pensou Polly.

A Dra. Louise deu um suspiro.

— Dia de Finados — disse o bispo. — Sempre um dia tocante para mim e

Louise.

Houve silêncio, e Polly olhou de modo questionador para os avós. A Sra. Murry falou com voz calma.

— Foi nesta data que o marido e o bebê de Louise, assim como a esposa de Nason, morreram em um acidente de trem. Louise sobreviveu. Nason estava viajando.

— Foi há muito tempo. — A expressão da Dra. Louise era tranquila. — Eu estava grávida de novo e sofri um aborto. Achei que havia perdido tudo que valia a pena na vida, mas Nason continuou incentivando, então entrei na faculdade de medicina e tive uma vida boa. *Tenho* uma vida boa.

— E eu também — disse o bispo —, com amigos que mantêm as estrelas no devido rumo, e uma fé no propósito amoroso de Deus e no eventual desvendar da configuração.

— E isto? — perguntou a Dra. Louise. — Esta cápsula do tempo de três mil anos que você abriu, como ela abala a sua fé?

O bispo sorriu.

— Ora, não acho que abala. Acho que amplia.

A Dra. Louise riu suavemente.

— Nason, se você fosse druida, provavelmente teria sido excomungado por heresia, assim como Karralys.

— A heresia de ontem vira o dogma de amanhã — respondeu o bispo com tranquilidade, e Polly pensou mais uma vez em Giordano Bruno.

Depois do almoço foram caminhar na floresta atrás da casa da Dra. Louise, com Ogam seguindo atrás, vez por outra dando arrancadas à frente, mas sempre voltando.

— Comportando-se como um cachorro comum — disse o bispo. — Abençoado Og.

— Ele pode passar uma sensação de segurança para você, Nase — disse a Dra. Louise —, mas me faz lembrar do motivo pelo qual mantemos Polly aqui o dia todo, e isso é uma coisa que eu preferia esquecer.

Eles encontraram belos cogumelos rosa-chá, viram as bagas vermelhas de um nabo-selvagem e tentaram fingir que estavam focados em uma simples caminhada pela natureza. Mas o vento que aumentava e a própria inquietação que sentiam os trouxe para dentro. O bispo fez chá com uma seleção de ervas do jardim. Jogaram adivinhas e outras brincadeiras, mas ninguém conseguia se concentrar. Quando o sol se escondeu atrás das montanhas, o Sr. Murry anunciou:

— Hora de ir. Vamos ficar de olho em Polly. E, como você disse, Nase, o *Samhain* acabou. Fique com o cachorro por aqui.



Mas não muito depois de chegarem em casa, ouviram um latido agudo e insistente do lado de fora.

— Ele fica na garagem — disse o Sr. Murry.

Fizeram um jantar calmo, com música de fundo. Depois, Polly ajudou seu avô com os pratos. Quando acabaram, ele sugeriu:

— Vamos dar uma caminhada em volta da casa?

Eles vestiram jaquetas e assim que saíram Og apareceu pulando ao lado dos dois.

— Costumávamos passear com o cachorro três vezes em volta da horta — disse o avô. — Quem sabe não continuamos com a tradição? Ajuda a manter os pica-paus à distância. Eu já arei e adubei metade da horta, mas ainda estamos bem de brócolis, couve-de-bruxelas, cenoura e beterraba. A horta dos gêmeos era magnífica. Depois que eles foram para a faculdade, passaram um tempo plantando pinheiros de Natal, mas quando venderam todos descobri que eu queria um jardim de hortaliças de novo. Que horas seu rapaz chega amanhã?

— Por volta das duas, eu acho.

Og correu para o pasto, aí o Sr. Murry assobiou, o cachorro virou-se e correu de volta a eles.

— Bom garoto — elogiou o Sr. Murry —, embora meu assobio tenha sido por reflexo. Devia ter deixado que você fosse embora. — Ele levantou-se, erguendo o rosto na direção do céu. Era uma noite sem nuvens, em que a Via Láctea parecia um rio de estrelas. Polly deixou a cabeça pender para procurar a Estrela Polar.

— Entendo como as pessoas conseguem ver uma carruagenzona ou uma carruagenzinha — falou ela —, mas ursos, não. E quem sabe se você fizer linhas entre estas estrelas dá para fazer uma cadeira torta para Cassiopeia. — *Linhas de Ley entre as estrelas?*

— Ali está o Cinturão de Órion — seu avô apontou. — Viu aquelas estrelas bem brilhantes?

— Cinturão, tudo bem — disse ela —, mas não enxergo Órion, o caçador. Alguma noite dessas podemos ter uma aula de astronomia simples, à moda antiga? — Enquanto ela falava, uma estrela cadente cruzou o céu e sumiu num piscar de luz verde.

— É claro. Só preciso me reciclar antes. Seria bom ter um cachorro de novo. Garante uma caminhada noturna e assim tenho chance de olhar o céu.

— Vô, de onde você acha que o Og veio?

— Não acho que ele tenha vindo de três mil anos atrás. É comum termos viralatas pelo vilarejo, que as pessoas que voltam para a cidade jogam do carro.

— Isso não se faz!

— Infelizmente se faz. Eles ficam com um cachorrinho ou gatinho no verão e aí, quando voltam para a cidade, abandonam o bichinho. Pode ser porque eles têm a cidade no sangue e vivem na ilusão de que cães e gatos do interior sabem se virar. Dei alguns telefonemas para saber se alguém tinha perdido um cachorro, mas até agora, ninguém se pronunciou. É um cachorro muito bacana, mas essa noite ele vai dormir na garagem.

• • •

A Sra. Murry foi até o quarto de Polly usando suas roupas de dormir.

— Polly, meu amor. Que bom que é uma bicama. Vou dormir com você.

— Avevó, está tudo bem. Eu não vou embora. Não vou descer. Prometo.

— Seu avô e eu vamos nos sentir melhor se eu ficar aqui.

— Mas a senhora não vai ficar confortável. Vou deixá-la acordada...

— Por favor. Por nós.

— Tá bom, Avevó, mas eu não acho necessário mesmo. Quer dizer, por mim tudo bem, mas...

A Sra. Murry riu.

— Faça as vontades do seu avô e sua avó. Só queremos a certeza de que um de nós está com você. — Ela subiu na cama ao lado de Polly. — Vamos ler um pouco.

Polly pegou um livro, mas não conseguiu se concentrar. Depois de meia hora, sua avó lhe deu um beijo de boa-noite e virou-se de lado para dormir. Polly desligou a luz, mas não estava com sono. Hádron estava esticado entre as duas, ronronando adormecido.

A piscina a atraía de novo. Ela sentia o magnetismo, mas desta vez ia resistir. Apertou-se contra as costas da avó. Seria influência de Tav, puxando-a para a piscina e para o passado tal como a lua atraía a maré?

Polly se retesou. Não. Não. Ela não iria até lá. Se saísse da cama, sua avó ia acordar e impedi-la.

O que Tav queria era proteger as terras, os rebanhos, o povo, e não havia como Polly não sentir alguma simpatia. Os O'Keefe tiveram que abandonar a ilha de Gaea, com suas praias douradas e águas azuis, por causa da especulação imobiliária, da ganância por poder e dinheiro, da corrupção, de pessoas que ignoravam como eram belos a ilha, os pássaros, os animais e os nativos que viviam do mesmo modo havia séculos. A Ilha Benne Seed estava passando por uma reforma e em breve estaria transformada para sempre, sem consideração aos pássaros cujo habitat fora a floresta selvagem, nem pelas grandes árvores de duzentos, trezentos anos.

*Seria tudo ganância e corrupção?*, perguntou-se ela. *Viramos um planeta da superpopulação. As pessoas precisam de lugar para morar.*

Mas os condomínios e *resorts* eram para os ricos, não para os pobres. Ninguém estava construindo condomínios nos desertos do Saara ou Kalahari. Ainda não.

Mas, três mil anos antes, o planeta não sofria de superpopulação. Havia terra suficiente para todos. A seca era ruim o bastante para tirar tribos de seus lares e levar a terras que pertenciam a outros? A história do planeta não era a de gente que toma as terras de outros? Jacó e seu povo não tomaram a terra de Canaã? Os romanos, depois os saxões, depois os normandos, tomaram as Ilhas Britânicas, depois os britânicos tomaram a Índia, e embora alguns colonos norte-americanos quisessem viver em paz com os índios, outros não. Então esses outros foram lá e tomaram as terras.

Ela deu um suspiro. Não havia respostas simples.

A atração da piscina diminuiu. Polly aninhou-se à avó e pegou no sono.

Polly dormiu até tarde e, quando levantou, tanto sua avó quanto Hádrón não estavam por perto. Ela correu para o andar de baixo.

Teimosa, estava decidida a levar esta aventura até o fim. Todos os sentidos estavam alertas. O cheiro de perigo estava no ar e ela tinha a forte sensação de que, mesmo que quisesse, não havia como fugir do que quer que a aguardasse.

Tav poderia sacrificá-la sem o consentimento de Karralys ou Anaral? Porque os dois jamais cederiam. Eram líderes da tribo e era certo que seriam ouvidos.

Ela bebericou seu café pensativa. Seus avós chegaram da piscina. O avô se vestiu para vir à mesa com o jornal da manhã. Quando sua avó foi para o laboratório levando a xícara de café, o cachorro veio aos pulos, deu um salto e recebeu Polly e o avô. Depois ele foi a Hádrón e lambeu o gato, que sacudiu o rabo com indiferença. Distraída, Polly ficou observando o cachorrão e o gato semiadulto. Hádrón havia se posto de pé e estava limpando o rosto de Og plena e diligentemente enquanto o cachorro ficava sentado, impaciente.

— Vô, olha.

Ele sorriu para as duas criaturas.

— Nossos bichos sempre fizeram amizade, mas isto é notável. Tenho a sensação de que não vamos conseguir nos livrar do Og e, estranhamente, eu não quero. Só queria me agarrar à ideia de que ele é um vira-lata comum. — Ele pegou uma esferográfica e começou a resolver as palavras cruzadas.

A Dra. Louise chegou pouco depois do almoço. As nuvens estavam correndo pelo céu, e embora estivesse quente ao sol, o vento era gelado.

— E Nase? — perguntou a Sra. Murry.

— Não sei onde ele está. — A Dra. Louise parecia perturbada. — Ele saiu com botas de caminhada logo depois do café da manhã e disse que me encontraria aqui.

— Acho que já temos pedras Ogam suficientes. — A Sra. Murry espiou as duas que ainda repousavam dentro do guarda-louças.

— Não acho que ele tenha saído para fazer isso. Ele parecia preocupado, de um jeito incomum. Olha, Kate, foi uma tolice minha ter vindo aqui. Não posso simplesmente pedir a esse jovem para auscultar o coração dele, e não sou de dar diagnósticos à distância. Preciso conhecer o histórico dele, conversar com o médico de origem. Mas também preciso proteger Polly. Não tenho consultas no sábado, tenho só um paciente no hospital, e prometi a Nason que o encontraria aqui.

— Que bom que você veio — disse a Sra. Murry, ao que Polly fez eco.

— E estou curiosa — admitiu a Dra. Louise. — Acho que é tudo uma tolice, mas ao mesmo tempo estou curiosa. — Ela riu de si mesma, depois espiou Polly, que estava terminando de lavar os pratos. O Sr. Murry estava lá fora, na tarefa sem fim de picar lenha, e eles ouviam o ataque rítmico do machado. Ogam estava com ele, e ocasionalmente latia com grande exuberância. — Espero que não tenha nenhuma novidade, Polly.

— Nada. Eu só queria que o bispo estivesse aqui.

— Por quê?

— Quero perguntar a ele sobre sangue.

— Que sangue?

— Bem, eu sei que o sangue é importante em todas as culturas. E em muitas religiões orientais as mulheres têm que ficar isoladas, longe de todos os outros, pois durante o período menstrual acreditava-se que eram sujas.

— Talvez não sujas como você imagina — disse a médica. — Lembre que absorventes são invenções deste século. — Polly olhou para ela de modo questionador. — Minhas avós, e as mulheres de antes, usavam lençóis velhos, qualquer pedaço de pano. Na Idade da Pedra, não havia nada disso. Isolar as mulheres durante a menstruação era uma simples medida sanitária. E um ritual muitas vezes aguardado, pois as mulheres podiam ficar juntas e descansar das lidas opressivas e constantes. Era época de rejuvenescimento, de paz e oração.

— Eu não tinha pensado nisso — disse Polly. — Acho que eu aceitava tudo muito fácil. Mas os homens não acreditavam que as mulheres se ausentavam de Deus nessas épocas? Acho que eu li isso em algum lugar.

A Dra. Louise sorriu.

— Quanto a isso, você vai ter que perguntar ao Nase. Só posso dizer que a superstição existe desde que o ser humano existe.

Polly ainda tinha uma toalha de prato sobre o braço.

— Certo. Sim. Mas e sacrifícios de sangue?

— Creio que eu considere superstição — disse a Dra. Louise. — A terra não precisa de sangue para ser fértil.

— Mas e... mas e...

— O que, Polly? — perguntou a avó.

— Jesus, oras. Não era para acreditarmos que ele derramou sangue para nos salvar?

A Dra. Louise fez um não decisivo com a cabeça.

— Não, Polly, ele não tinha que ter feito aquilo.

— Então...

— Pense que um de seus irmãos sofreu um acidente, perdeu muito sangue e

precisa de uma transfusão, e imagine que seu sangue é do tipo certo. Você não ia oferecer?

— Bem, é claro...

— Mas você faria isso por amor, não por obrigação, certo?

— Bem, sim, é claro, mas...

— Eu sou médica, Polly, não teóloga. Muitos dogmas cristãos me parecem cracas ao redor de uma grande rocha. Não creio que Deus exigiria que Jesus derramasse seu sangue sem necessidade. Com sofrimento, sim, mas com amor. Tudo que damos, temos que dar *por amor*. Esta, creio eu, é a natureza de Deus.

— Está bem — disse Polly. — Está bem. Eu não entendi muito bem, mas faz sentido, pelo menos um pouquinho. — Ela olhou para a Dra. Louise e pensou que ela devia ser boa médica, alguém a quem se podia confiar a vida.

— Polly — questionou sua avó —, por que estas perguntas?

— Ah... bem... É que parece que Tav acredita em uma espécie de sacrifício de sangue.

— Tav viveu há três mil anos — lembrou sua avó. — Ele não sabia o que ia acontecer mil anos depois.

Ouviu-se um barulho de carro do lado de fora, na entrada, e o soar de uma buzina. Ogam latiu, relatando o que acontecia, o rabo balançando para lá e para cá, pronto para receber o convidado.

A Sra. Murry deu tapinhas na sua cabeça.

— Obrigada, Og. — E se voltou para a porta. — Deve ser o Zachary.

— Traga ele para cá — sugeriu a Dra. Louise —, para tomar uma xícara de chá.

Mais uma vez Zachary estacionava seu carro na frente da casa. Ele deu um beijo em Polly de cumprimento.

— Obrigado por me convidar — disse ele. — Fiquei muito feliz.

— É bom te ver. Entre para dar um oi.

— Quem está aí?

— Meus avós. Mas o vô está fazendo uma coisa lá fora. E a amiga da Avevó, a Dra. Louise. Vocês já se conhecem.

— Sim. Que ótimo. Formidável, quem sabe, mas ótimo. Que tipo de médica ela é? — Eles entraram pela garagem.

— Clínica geral. Mas ela diz que é basicamente médica de família, uma raça quase não existe mais. Em extinção.

Eles passaram pelo laboratório da Sra. Murry e subiram os três degraus até a cozinha assim que a chaleira começou a soar. A Sra. Murry foi até o fogão de lenha.

— Olá, Zachary. Nos acompanha numa xícara de chá?

— Obrigado. Chá seria bom. Olá, Dra. Colubra. Que bom revê-la. — Zachary apertou a mão dela com cortesia, depois sentou-se à mesa.

A Sra. Murry serviu chá.

— Açúcar? Limão? Leite?

— Puro, por favor.

Ela lhe alcançou uma xícara.

— Mais um belo dia de outono. Você e Polly têm planos?

Zachary estava de calça jeans, um blusão volumoso de tricô irlandês e tênis de corrida que pareciam novos.

— Achei que podíamos dar uma caminhada.

— Ah, ótimo. Se vocês forem até a área de esqui, há várias trilhas de caminhada muito boas.

— Polly disse que há bons lugares para caminhar bem aqui.

— Sim, temos, mas...

*E agora, Polly pensou. Como eles vão fazer para não ficarmos por aqui?*

A Sra. Murry estava ocupada em colocar mais água no bule.

— Imagino que tenha um bom filme passando na cidade. Fica só a meia hora.

— Não, obrigado — disse Zachary. — Eu posso ir no cinema a qualquer hora, mas o que eu queria mesmo era andar por aí e conversar com Polly.

Polly estava empoleirada no banco perto do balcão da cozinha, onde a avó picava legumes, e esperou. Ela sabia que tinha que dizer alguma coisa, fazer alguma sugestão sensata, mas não conseguia pensar em nada. Como ela iria explicar suas viagens à época de Anaral? Zachary não tinha ideia de que a menina que ele tinha visto era do passado, e se Polly se importava um pouco que fosse com ele, tomaria cuidado para que não fosse tragado por aquilo.

— Zachary — disse a Sra. Murry —, vou ter que pedir que leve Polly a outro lugar para a caminhada. Como eu disse, há bons locais perto área de esqui.

Zachary soltou a xícara.

— O chá estava excelente. Sra. Murry, está acontecendo alguma coisa? Tem a ver com o cara com o cachorro ou com a menina que eu vi no outro dia, que a Polly fez tanto mistério?

— Anaral? De certo modo, sim.

— Não quero ser insistente, mas pode explicar?

A Dra. Louise levantou-se, levou sua xícara até a pia, lavou e colocou na prateleira.

— Tem certeza, Zachary?

— Sim. Por favor.

— Meu irmão, que é bispo aposentado, acidentalmente abriu um portal temporal entre o presente e três mil anos atrás, quando havia druidas vivendo

com os nativos dessas terras. — A voz dela era tranquila, sem ênfases. — A menina que você viu na quinta-feira é uma druida e pertence àquela época. O povo dela é no geral pacífico, mas um dos celtas que veio da Britânia acredita que a Mãe Terra precisa de sangue humano para impedir a seca que vem trazendo outras tribos a esta região do mundo, tribos estas que não são pacíficas.

Zachary ficou olhando para ela e soltou uma gargalhada.

— Você está de brincadeira!

— Gostaria de estar.

— Mas isso é...

— Loucura? — A Dra. Louise sorriu.

— É inconcebível.

A Dra. Louise prosseguiu, mais uma vez de modo frio e acadêmico.

— Parece que há ao menos uma pessoa naquela época distante que acha que Polly seria o sacrifício humano adequado. Naturalmente, não ficamos ansiosos para que Polly seja tragada pelo portal temporal e que corra mais riscos.

Seguiu-se um silêncio que Polly considerou bastante longo. Então Zachary falou:

— Isto é a coisa absolutamente mais alucinada...

— Você viu Anaral — disse a Sra. Murry.

— Eu vi uma menina bonita.

— E como ela era?

— Ela tinha uma trança negra comprida. E pele cor de mel, e olhos que não eram exatamente puxados, mas...

— Um pouco exóticos? — sugeriu a Dra. Louise.

— Com certeza. Eu gostaria de vê-la de novo.

— Mesmo que tenha que voltar três mil anos?

— Que ideia extraordinária — disse Zachary —, ainda mais vindo de uma... uma...

— Uma médica. Que se opõe a tudo que acabou de dizer, mas que em outro nível tem que admitir a possibilidade.

— Por quê? É impossível.

— Muitas das coisas que meus antepassados consideravam impossíveis, tais como a televisão, os astronautas e boa parte da medicina moderna, agora são coisas comuns.

— Mesmo assim...

— Polly já passou pelo portal temporal. Assim como meu irmão. Ele pode ser excêntrico, mas não é bobo.

A voz da Sra. Murry também era tranquila.

— Não queremos que Polly corra perigo algum, real ou imaginário. Talvez o



perigo imaginário seja mais assustador porque é menos compreendido.

Zachary olhou para Polly, erguendo as sobrancelhas diante da história que queriam que ele levasse a sério.

Polly disse:

— Bom, eu sei que parece loucura, mas aí está.

— Neste caso — Zachary tocou o braço dela com delicadeza —, eu ainda gostaria de dar aquela caminhada com você. Imagino que este portal temporal fique nestas terras, não?

— Sim. Perto da rocha de observação estelar, onde estávamos outro dia. Mas também perto da piscina. Foi lá que você viu Anaral.

— Uma piscina não me parece o lugar mais propício para um portal temporal, ou seja lá como chamam. — Ele soava um pouco desnorteado.

— A piscina fica sobre um rio subterrâneo e há três mil anos não havia piscina nem casa. Era um grande círculo de menires.

— Se eu não soubesse que você é uma pessoa inteligente, e, no caso, muito inteligente... Você acredita nisso?

— Eu estive lá. Naquela época.

— Então eu não tenho como ignorar, não é? — De repente ele riu. — Eu estou intrigado. Realmente intrigado. Vocês acham que a menina que eu vi viveu mesmo há três mil anos?

— Sim — disse Polly.

— Sra. Murry? Dra. Colubra?

— Parece uma possibilidade — disse a Sra. Murry.

— Então, quem sabe? — De repente ele soou triste. Olhou para a Sra. Murry e a Dra. Louise. — Polly deve ter contado que estou com problemas de saúde.

— Ela disse que você anda preocupado com o coração — disse a Sra. Murry.

— E minha expectativa de vida não é boa. Se eu levar a sério tudo que vocês disseram, talvez fosse boa ideia eu voltar três mil anos.

— Não com Polly. — A Sra. Murry foi firme.

— Zach... — Polly foi tateando. — Você deixaria que a Dra. Louise o examinasse, que auscultasse seu coração?

— Claro — disse Zachary. — Mas não acho que — ele voltou-se com respeito à Dra. Louise — a doutora encontre mais do que um murmúrio e alguma irregularidade.

— Provavelmente não — concordou a Dra. Louise. — Estou com meu estetoscópio, mas é só isso. Podemos ir a outro aposento?

Zachary a acompanhou e Polly virou-se para a avó.

— Acho que ele tem razão. Quer dizer, ela não vai encontrar muita coisa desse jeito, vai?

— Duvido muito. Mas Louise tem um sexto sentido em se tratando de diagnósticos. Polly, você poderia sugerir a Zachary de irem ao clube ou caminhar nas trilhas de esqui?

— Posso, é claro — concordou Polly—, mas acho que Zach não está apto a trilhas.

Quando a Dra. Louise e Zachary voltaram, o rosto da médica não traía nada.

— É evidente que Zachary tem excelentes médicos — disse ela —, que estão fazendo tudo que eu recomendaria. Agora, minhas queridas, preciso seguir meu rumo. Quais são seus planos?

— Podemos passear pela estrada em direção ao vilarejo — sugeriu Polly.

— Da minha parte, passear parece bom — disse Zachary. Depois dirigiu-se à Dra. Louise. — Muito obrigada, Doutora. A senhora é muito gentil. — E à Sra. Murry: — Seria possível tomarmos mais chá e comermos mais dessa maravilhosa torrada com canela quando voltarmos?

— Perfeitamente possível. Polly, caminhem só pela estrada no caminho até o vilarejo, por favor.

— Sim, Avevó. — Então ela e Zachary saíram pela despensa, e Polly tirou a jaqueta vermelha do gancho. — Você está bem aquecido? — perguntou ela.

— Claro. Este blusão me aqueceria até no Ártico. Polly, queria que sua amiga médica tivesse me dado boas notícias. Ela não disse nada.

— Bom, como você disse, ela só tinha um estetoscópio.

— Polly, você acredita em anjos? — Ele virou-se para segui-la quando ela começou a andar pela estrada de chão.

— Não sei. Acho que sim.

*Mas não acho que sejam fadas com varinhas mágicas que conseguem parar balas ou fazer um coração doente ficar bom de novo.*

— Queria que minha avó ainda fosse viva. Ela me deixava ser quem eu quisesse, não jogava tantas expectativas em cima de mim. Eu segui a expectativa. Eu podia seguir os passos do meu pai se tivesse uma expectativa de vida para dar conta. Agora não sei ao certo se é o que eu quero. Talvez a vida seja mais que isso. — Ele virou-se com um barulho atrás deles, e Og correu até Polly, balançando o rabo e saltitante.

— Calma, Og — disse ela, bastante séria, e o cachorro obedientemente ficou nas quatro patas.

— Ei! — Zachary ficou olhando Og. — De onde veio esse cachorro? Ou melhor: eu já não vi ele por aí?

— Viu. — Polly olhou nos olhos de Zachary. — Lembra daquele homem que você viu sob o carvalho no dia que veio me procurar?

— Aham. Ele tinha um cachorro.

— Este aqui. — Polly tentou manter a voz seca e desprovida de emoção, tal como a da Dra. Louise.

— Então como ele está aqui e obviamente pensando que é seu?

— Bem, ele apareceu.

— Como assim?

— O que eu falei. É sempre assim que meus avós adotam cães.

— Que louco. — Zachary deu de ombros.

— Pode até ser — disse Polly. — O caso é que ele também passou pelo portal temporal.

Zachary deu um suspiro exagerado, depois olhou de novo para Og, que estava ao lado de Polly, o rabo comprido oscilando suavemente para a frente e para trás.

— Cachorros que cruzam portais temporais? Isso é o mais doido de tudo.

— É — concordou Polly.

— Ele tem uma aparência estranha. Me lembra os cachorros dos frisos egípcios. Mas bem, se ele tem mesmo três mil anos, seria explicação de tudo, não é? — Ele riu com um som curto, sem achar graça. — Ele tem nome?

— Estamos chamando ele de Og. Apelido de Ogam.

— Bem apropriado, eu diria. — Zachary arrancou uma lâmina de grama e começou a mascar. — Polly, esse cão é outro sinal. Eu quero voltar àquele lugar, à rocha de observação estelar, e àquele carvalho, e ao muro de pedra onde a encontrei.

— Eu não posso ir até lá, Zach. Eu prometi. — Og encaixou sua cabeça sob a mão dela, e Polly coçou entre suas orelhas.

— Eu tenho uma sensação muito forte de que, se você for até lá, vai haver coisas que eu preciso descobrir.

— Eu acho que não, Zach. Existem coisas a descobrir só de caminhar aqui. Este lugar é lindo. — Ela parou para observar um pequeno córrego, pouco mais que água pingando, que deslizava sob os salgueiros.

Zachary ficou repentinamente feroz:

— Não dou a mínima se é lindo ou não. O que eu quero saber é se tem um jeito de viver mais. Não acho que aqui, nesta época, seria possível encontrar algo assim. Não gostei do jeito como sua amiga médica teve todo o cuidado de não me explicar nada. Mas vi no rosto dela. Vi o olhar.

— Você está projetando coisas — falou Polly, com firmeza. — Ela não disse nada porque não tinha o que acrescentar.

Passando o pequeno córrego havia uma trilha meio apagada à esquerda, provavelmente feita por animais.

— Vamos por aqui — disse Zachary.

— Não leva a lugar nenhum. Vai parar num matagal. — Polly não lembrava

de já ter visto aquela trilha, mas ela era praticamente paralela ao pomar e ao pasto que levava ao muro de pedra.

— Polly. — Agora a voz de Zachary saía suave. Ela o seguiu pela trilha para ouvi-lo, com Og em seu encalço. — Quero saber qual é a dessas coisas Ogam. Se eu tivesse como voltar três mil anos, o que aconteceria? Eu seria o mesmo eu? Meu coração ia ficar bem?

— Eu não sei. — Polly ficou olhando Zachary abrir caminho entre arbustos de amora-preta. Então a trilha se alargou levemente e se enroscou entre colinas relvadas e passou pelas ubíquas rochas glaciais.

— Estou certo? — perguntou Zachary. — Esta trilha passa pela rocha de observação estelar?

— Nunca estive aqui. Acho que não vai a lugar nenhum.

Ele estendeu a mão e pegou a dela.

— Polly. Por favor. Preciso da sua ajuda.

— Isto não vai ajudar em nada. Venha. Vamos para casa. — Ela tentou soltar a mão dele.

— Polly. Por favor. Por favor. Não fique contra mim. Preciso que você me ajude. Por favor.

Og tinha corrido na frente e deu meia-volta, com o rabo farfalhante de alegria.

— Viu, Og acha que está tudo bem — disse Zachary.

Agora a trilha passava por macieiras selvagens e eles tinham que se abaixar. Depois se abria e encontrava a trilha do muro de pedras. Louise Larguda estava deitada ao sol, mas eles estavam na outra ponta do muro e Zachary correu dela, seguindo o caminho para a rocha de observação estelar.

— Não, Zach, volte!

Louise ergueu a cabeça e vários centímetros do corpo, antes de começar a contorcer-se para a frente e para trás.

— Não, Zach! — repetiu Polly. — Zach! Volte!

Mas ele seguia pela trilha, aos gritos:

— Polly! Por favor! Não vá me abandonar agora!

Og fez força contrária, com um leve grunhido, mas ela não ia deixar que Zachary seguisse sozinho. Ela correu atrás dele aos tropeços.

— Zachary, isso é uma tolice. Não vai acontecer nada.

— Ok, então se não acontecer nada, voltamos e tomamos chá. — Ele parou, com a respiração acelerada e difícil. Seu rosto estava muito pálido, os lábios azulados. Ele estendeu a mão para segurar a dela, que a aceitou.

O chão pareceu tremer sob seus pés. Houve um leve ronco, como de um trovão distante. O ar em torno deles agitou-se com relâmpagos ocultos.

— Ei! Polly! — A voz de Zachary se elevou de surpresa.

Os troncos das árvores engrossaram, os galhos se esticaram para o alto. À frente deles, a luz do sol reluziu em água.

— Bem — disse ela, categórica — aconteceu.

— O que aconteceu?

— Cruzamos o portal temporal. Olhe só para as árvores. Estão muito mais velhas, maiores. E aquilo ali é um lago, que preenche todo o vale. E olhe as montanhas. São mais jovens e mais selvagens e ainda tem bastante neve nos cumes. Acho que, em termos geológicos, não faz tanto tempo da Era do Gelo.

Zachary ficou observando a floresta primeva, as montanhas escarpadas.

— Será que eu tive um ataque cardíaco e morri?

— Não, Zach.

— Se fosse o caso — prosseguiu ele —, você também estaria morta.

— Não, Zachary. Não morremos. Estamos três mil anos atrás.

— Então, na nossa época, também estaríamos mortos, não é?

— Estamos vivos. Agora.

— Não sinto nada de diferente. — Ele inspirou, profundo, desapontado. — Ei, e o cachorro continua conosco.

Polly levou a mão ao braço dele e viu Anaral correndo na direção dos dois.

— Pó-li! Volte! Não é seguro! — De repente ela olhou para Zachary e levou a mão à boca. — Quem...?

— Zachary Gray. Ele a viu no outro dia. Acho que você também o viu.

Zachary ficou olhando Anaral.

— Quem é você?

Os olhos de Anaral estavam sombrios. Polly respondeu:

— Ela é uma druida.

— Pai do céu...

— Voltem, vocês dois. Não é seguro.

— O que não é seguro? — perguntou Zachary.

— Na noite passada fomos saqueados. Levaram várias das nossas ovelhas e vacas, as melhores.

— O que isso tem a ver... — Zachary começou a falar.

Anaral prosseguiu.

— Tav está louco, e não é só ele. Estamos todos em perigo. Os saqueadores podem voltar a qualquer momento.

— Tav? — perguntou Polly.

— Tav não é o único disposto a lutar pelas nossas terras. Karralys teme que um enorme derramamento de sangue aconteça. Entende?

— Não — disse Zachary.

Polly ainda não conseguia conceber divertir-se com alguém que você

planejava sacrificar.

Anaral olhou para ela.

— Você entendeu o que estava sendo dito — ela fez uma pausa, procurando as palavras — ... na mesa do conselho?

— Acho que a maior parte.

— O que você entendeu, por favor?

— Eu acho... acho que Tav acredita que a Mãe, a Mãe Terra?

— Sim.

— Que ela exige um sacrifício de sangue e que eu fui enviada — Sua pele se eriçou. — Você e Karralys?

— Não. Nós, não. Para nós, a Mãe é gentil e amorosa. Karralys também acredita que você foi enviada.

— Enviada?

— Não para derramar sangue. Karralys deita no grande altar de pedra e reza, por muito, muito tempo, e diz que a configuração ainda não está clara.

— Ei, do que vocês estão falando? — perguntou Zachary.

— Bem. — O rosto de Polly estava sério. — Tav acredita que a terra, talvez, exija sangue para ser fértil, e que meu sangue... — Sua voz se perdeu.

— Karralys diz que há um problema — disse Anaral — do outro lado da grande água, de onde vieram ele e Tav. Ele diz que derramar sangue de carneiro já... já... — Ela parou.

— Bastava? — sugeriu Polly. — Era suficiente?

— Sim, e davam graças ao carneiro, enlutavam-se por ele, e depois faziam um grande banquete. Mas começou um período sem chuva, você lembra, Tav disse...

— Sim.

— O sangue de carneiro não foi suf...

— Suficiente.

— Suficiente. A chuva não caiu. As lavouras morreram. O povo passou fome. E depois que Tav matou o homem e seu sangue se derramou no chão, veio a chuva.

— Você acha que foi por isso que a chuva veio? — perguntou Zachary.

— Não. Nós do Povo do Vento não tentamos dizer à Presença como agir, mas sim entender e usar o que é dado, seja bom ou ruim. Parte do meu povo acredita que pode haver deuses diferentes do outro lado da água, deuses que são raivosos e que precisam ser...

— Aplacados? — sugeriu Zachary.

Anaral o encarou com um olhar interrogativo.

— Os deuses ficarão bravos com vocês se não der o que eles querem? — disse Polly.

— Sim.

Zachary fechou a cara.

— Mas vocês acham que seu deus os ama?

Anaral sorriu.

— Ah, sim. Nem sempre entendemos nossa parcela em desvendar a configuração. E, veja bem, é possível que as pessoas ajam em desacordo com a configuração... É possível emaranhar as linhas do amor entre estrelas e pessoas e lugares. A configuração é perfeita como a teia da aranha, e delicada do mesmo modo. E você — o rosto dela fixou-se em Zachary —, não sabemos onde você se encaixa na configuração, que linhas chegam até você, ou quais linhas saem de você, ou onde as linhas que o tocam também nos tocam.

Og, que estava parado e em silêncio ao lado de Polly, foi até Anaral, e ela estendeu a mão para fazer carinho na cabeça do cachorro.

— Karralys enviou ele a você. Fico contente. Agora vá. Por favor vá. Volte para seu lugar na espiral. — Ela deu as costas a eles e correu com velocidade.

— Uau — disse Zachary. — Vamos atrás dela. — Ele deu alguns passos com pressa.

— Não, Zach. Vamos para casa.

— Por quê?

Polly estava impaciente.

— Você ouviu Anaral.

— Sim, e fiquei fascinado. Quero saber mais.

— Zachary, não é seguro.

— Você não pode acreditar que alguém vai sacrificá-la.

— Eu não sei no que acreditar. Só sei que deveríamos ir para casa. — Ela caminhou na direção da casa dos avós, ou do que deveria ser a direção, mas as árvores continuavam a pairar sobre eles.

De trás de um dos grandes carvalhos veio um assobio baixo, e ela congelou. Og se encolheu contra as pernas de Polly, as orelhas erguidas e alertas, o rabo baixo e imóvel.

— Pó li. — Era a voz de Tav. Ele apareceu de trás da árvore, e o rabo de Og começou a sacudir. — Você veio.

— Quem é? — perguntou Zachary, alarmado. — Não entendo uma palavra do que ele diz.

— É Tav — disse Polly — e ele está falando Ogam.

— Isso eu sei. — Zachary parecia irritado. — É muito mais rápido do que quando meu chefe começa a falar.

Polly voltou-se de novo a Tav e, apesar do aviso de Anaral, ela sentia-se absurdamente feliz em vê-lo.

— Ele é celta, um guerreiro da antiga Britânia. — Og estava bem colado em Polly, mas não rosnava. Seu longo rabo sacudia para lá e para cá.

Tav, segurando sua lança com firmeza, apontou para Zachary.

— Quem?

— Ele se chama Zachary. — Polly falava devagar em Ogam, separando Zachary lentamente. — Ele é da minha época.

Tav ergueu as sobrancelhas.

— Zak?

— Zachary.

— Mas não precisamos de outro! — Os olhos de Tav estavam esbugalhados de surpresa. — Por que a deusa enviaria outro? Não entendo. — O sol deixava seu cabelo pálido cor de prata.

Zachary o interrompeu.

— O que ele disse?

Atrás deles surgiu o pulsar de tambores, baixo, ameaçador. O rabo de Og caiu e ele começou a rosnar, seu pelo ficou eriçado.

Tav ficou escutando.

— Há perigo. Voltem. Sabe que sofremos um saque e nossos melhores animais foram levados?

— Sim — disse Polly. — Sinto muito.

— Vá para casa — disse Tav. — Rápido.

— Eu não vou voltar — resmungou Zachary.

Tav o ignorou.

— Ah, minha Pó-li, haverá outro saque. Você tem que ir. Eu não entendo por que este — ele olhou para Zachary —, este Zak foi enviado.

O som dos tambores ficou mais alto, mais próximo. Og latiu.

Polly virou-se para Tav.

— Não sei como faço ele voltar.

Tav sacudiu sua lança.

— Então vá, Pó-li. Vá.

Mas de repente o soar dos tambores estava em cima deles, acompanhado de gritos, berros, mais próximos, mais altos, e, subindo a trilha na direção do lago, irrompeu um grupo de homens vestindo peles, com penas sobre o cabelo negro. Dois deles arrastavam Anaral consigo e dois seguravam o Bispo Colubra. Anaral gritava e o bispo berrava, tentando se soltar.

Tav saltou entre eles com sua grande lança de guerra, um homem contra uma turba. Polly pegou um galho do chão e correu atrás dele. Og se encolheu e então pulou num dos homens que seguravam Anaral. Ele a soltou, agarrando o cachorro pela garganta. Mas ela ainda estava presa pelos braços do outro



guerreiro. Polly acertou-o com um galho, que estava seco e quebrou sem fazer diferença. Ela começou a dar chutes, socos, a unhar, morder, tudo que pudesse para soltar Anaral. Devia ser um espectro extraordinário, com sua jaqueta vermelha e o cabelo flamejante, de modo que quase arrancou Anaral do guerreiro antes de ele jogá-la com violência contra o chão.

— Não! — gritou Anaral. — Vá para casa, Pó-li!

Os homens gritavam, cantando uma melodia de agudos, cada frase encerrando com um “*Rau!*” estridente.

De repente o bispo também começou a cantar, sua voz tremulante mas límpida.

— *Kyrie eleison! Christe eleison! Kyrie eleison!*

Houve uma pausa de surpresa, mas o clamor se retomou assim que o Povo do Vento veio correndo de todas as direções, trazendo lanças, tacapes, arcos e flechas, gritando ao acosar os saqueadores. O barulho e a confusão fizeram Polly cambalear, mas ela continuou lutando como louca.

Então, aparentemente do nada, surgiu Karralys, carregando um cajado, tentando encaixá-lo entre dois grupos.

— Parem! — gritava ele. — Parem com esta insanidade!

— Você não tem como impedir! — Tav gritou de volta. — Eles estão com Anaral e o Garça!

Polly foi pega por trás e içada aos braços de um dos saqueadores. Ela agarrou o cabelo dele, deixando suas penas tortas. Og saltou para defendê-la, mas foi derrubado pelo golpe de um tacape pesado.

— Socorro! — gritava Polly. — Socorro! — Então uma mão lhe deu um tapa na boca e ela mordeu. — Socorro!

Agora era Karralys que atacava com toda ira com seu grande cajado, enquanto seus jovens guerreiros gritavam, e não se via nada fora caos e terror.

Polly conseguiu liberar sua cabeça da mão do homem.

— Socorro! — gritou ela de novo.

Então houve um silêncio incomum, uma calma como no olho do furacão. Um grito de terror. Os saqueadores que seguravam Anaral e o bispo a soltaram de repente e, para surpresa de Polly, deram meia-volta e saíram correndo. Ela mesma foi largada no chão. Levantou-se e viu Louise Larguda rastejando pela trilha, a língua vermelha exposta em um sibilo.

Eis que tão rápido quanto começou, tudo terminou.

Os saqueadores fugiam aos trambolhões, morrendo de medo.

• • •

A batalha havia sido barulhenta e pesada, mas não letal. Reuniram-se os feridos.

Os saqueadores fugiam em canoas compridas e velozes, e já estavam no meio do lago, remando com toda força.

Entre o Povo do Vento havia uma mulher de cabelos brancos que tinha uma flecha quebrada presa no ombro. Karralys olhou ao redor e viu Polly.

— Nossa Mulher Águia foi atingida e não pode ajudar com os feridos. Filhote e eu precisaremos de assistência. Precisamos de mãos e cabeças firmes. — Ele olhou para ela com ar questionador.

— Claro, farei o que for possível — disse Polly. — Não tenho medo de sangue. — Ela olhou em volta em busca de Zachary, mas não o viu em lugar algum. Ela poderia ajudar. Voltou-se para Karralys, que a apresentou ao jovem que usava pele de lobo cinzento por cima do ombro, o jovem que estivera no círculo de menires no Dia das Bruxas/*Samhain*.

— Este é Filhote, nosso jovem curandeiro.

— Não tenho a experiência de Karralys nem do Lobo Antigo — disse o jovem. — Ficarei grato por sua ajuda.

Ela obedecia Karralys e Filhote enquanto tiravam a flecha do ombro da Mulher Águia. A seta havia se quebrado com o impacto. A mulher cerrou os dentes enquanto eles trabalhavam, e Polly molhava um pedaço de couro para limpar o suor do seu rosto. Depois eles começaram a colocar ossos quebrados em posição e estancar o sangue das feridas.

O que se exigia de Polly era sobretudo segurar uma tigela de água limpa e enchê-la no lago depois do uso. Um dos saqueadores estava caído devido a uma concussão, e Karralys deixou-o esticado num leito de musgo, coberto de peles para que ficasse aquecido. Outro estava com uma fratura exposta na perna, e Polly ajudou-o a segurar a cabeça enquanto Karralys e Filhote fixavam o osso. A fissura tinha sido feia, e o jovem saqueador se agarrava a Polly na dor. Filhote lhe deu algo de beber, dizendo que ajudaria a acalmar a dor, depois derramou um líquido verde e espesso onde o osso estava exposto, explicando que evitaria infecções.

Quando a perna estava no lugar e atada entre duas talas, o jovem saqueador conseguiu falar. Polly teve dificuldade em entendê-lo, e Karralys traduzia para ela.

— Ele diz que as lavouras não deram certo. Não há milho. O pasto está árido e a terra está seca e dura. Eles não terão o bastante para comer neste inverno. Virão saquear de novo, desta vez com mais homens. Ele diz que eles não têm escolha. Se não tomarem nossas terras, lavouras e gado, vão morrer de fome.

— Eles não poderiam pedir para vocês dividirem? — perguntou Polly.

Karralys deu um suspiro.

— Não faz parte dos costumes.

— Entendo. — Polly também suspirou. — Bem, ao menos ninguém morreu.

— Desta vez — disse Karralys. — Obrigado pela ajuda, Pó-li. — Ele olhou de lado para a mulher de cabelos brancos, que ainda estava entre os feridos, seu ombro imobilizado por uma tipoia de couro duro. — Mulher Águia é nossa... — Ele fez uma pausa, procurando a palavra correta.

— Mulher dos remédios? — sugeriu Polly. — Bruxa? Xamã?

Karralys fez que não. Nenhuma daquelas palavras lhe tinha significado.

— Pelo que Garça me conta, creio que ela seja o que vocês chamam de médica, e que vocês não têm ninguém como Filhote, que é curandeiro. Ela tem conhecimento de ervas e da cura de febres e calafrios, e ajuda Filhote a cuidar dos doentes e feridos. Mas a ferida no ombro vai impedir Mulher Águia de trabalhar por muito tempo. O osso se estilhaçou no ponto onde a flecha entrou. Você tratou muito bem. Não precisou nem olhar para o lado. Tem formação para tratar de feridas?

Polly fez que não.

— Minha família é bem grande. Morávamos em Gaea, uma ilha distante, onde não havia médicos, então quando alguém ficava doente ou se machucava eu ajudava meus pais. Karralys, onde está Zachary? — Ela havia acompanhado Zachary por questão de responsabilidade, e agora não tinha ideia de onde ele estava.

— Zak?

— Aquele de quem lhe falei, o que viu Anaral. Ele estava do meu lado, mas, quando o combate começou, eu o perdi de vista.

Karralys parecia tenso.

— Ele está aqui?

— É por isso que *eu* estou aqui — disse Polly. — Tentei impedi-lo, mas não podia deixar que viesse sozinho, então...

— Eu não entendo por que ele está aqui — disse Karralys.

— Nem eu.

— É uma complicação inesperada. Ele pode alterar a configuração.

— Karralys. — Polly ficou pensando na questão. — Se Zachary e eu viemos à sua época, isto não altera o que acontece na nossa época?

— Sim — respondeu Karralys, calmamente. — O futuro muitas vezes é alterado pelo passado. Pode haver inclusive muitos futuros. Mas alguém que se descuida em nossa época e que não faz parte da configuração pode emaranhar e criar nós nas linhas.

— A não ser... — questionou Polly — que ele seja parte da configuração?

— É possível — disse Karralys. — Se for assim, então não será nada fácil.

— Mas onde ele está?

Anaral veio até eles ao ouvir a pergunta.

— Zak? Ele está bem. Está com o Bispo.

Polly então lembrou que a Dra. Louise havia dito que seu irmão havia saído com botas de caminhada. Teria ele cruzado o limiar temporal, sabendo que seria necessário?

Anaral havia trazido uma tigela de água limpa para Karralys e Polly lavarem as mãos. O druida olhou para Polly muito sério.

— Você foi de grande ajuda. Você é corajosa.

— Ah, não fiz nada de mais.

— Suas mãos têm o dom — declarou Karralys. — Você deveria segui-lo. Agora temos que nos unir aos outros nas pedras de pé. Estarão à nossa espera.

. . .

Sentaram-se todos nas poltronas de pedra dentro do grande círculo de menires: Polly, Anaral, Karralys, Filhote, Tav, Zachary, o bispo e vários outros do Povo do Vento.

Polly ainda estava com a sensação de pesadelo diante da estranha batalha entre dois pequenos exércitos... ou pelotões de gente — não havia como chamá-los de exércitos. Mas se o combate houvesse terminado de outra maneira, Anaral poderia ter sido levada pelos saqueadores.

E o Bispo Colubra? O que teria acontecido se os saqueadores tivessem levado o bispo? Como aquilo afetaria os círculos temporais? Polly sacudiu a cabeça em negação. O que importava agora é que ela havia ajudado Filhote e Karralys com os feridos, e ela precisava entender que, embora o embate houvesse terminado, havia mais perigos pela frente.

Polly observou o círculo de homens e mulheres ao seu redor, os líderes do Povo do Vento. Cada um usava uma pele de animal ou penas de pássaro ou algo que representava um papel específico nos assuntos da tribo. Mulher Águia estava em sua poltrona, o rosto pálido, mas determinado, o braço imobilizado pela tipoia de couro e recostada em um leito de musgo e samambaias.

O bispo estava sentado em frente a Polly, e ao lado dele estava Zachary, pálido como alabastro. Karralys estava sentado na poltrona de pedra, com aparência de intenso cansaço. Usava o mesmo manto branco e o torque com a pedra do mesmo tom de topázio do anel do bispo. Og estava deitado ao lado dele, ferido pelo ataque do saqueador, mas sem ossos quebrados, Karralys lhe garantiu.

— A cobra — disse Tav. — Como é que a cobra veio a encerrar a luta?

Karralys olhou para Polly.

— Temos poucas cobras e elas são reverenciadas como deusas. O fato de que convocou uma cobra... Foi você que convocou esta cobra, não foi?

— Não! — Ela estava estupefata. — Eu só gritei pedindo socorro.

— Mas a cobra veio imediatamente.

— Não teve nada a ver comigo — protestou Polly.

— Talvez ela estivesse vindo... a caminho de outro lugar.

— Uma cobra não vem cruzar um campo de batalha de propósito — disse Filhote. — Você chamou e ela veio.

Tav bateu a coronha da lança no chão duro.

— A cobra veio atrás de você antes, no muro, quando estávamos conversando. Ela é sua amiga, foi o que você disse.

Quando Polly estava prestes a argumentar, Karralys ergueu a mão mais uma vez.

— Pode ter parecido aos saqueadores que você chamou a cobra, que você teve auxílio especial da deusa, e que você tem poderes especiais.

— *Archaiai exousiai* — disse o bispo.

Era grego, que Polly entendia: alguma coisa a ver com poderes. O bispo havia pedido ajuda aos Kyrie. Louise não teria vindo tanto por aquilo quanto pelo seu grito de socorro? Ou talvez fosse coincidência que a cobra tivesse passado pela trilha naquele instante — o que era mais provável?

— Principados e poderes — disse o bispo. — Aos saqueadores deve ter parecido que você sabe invocar os principados e poderes. — Ele falava arfando, como se mal conseguisse respirar.

— Bispo! — A voz de Anaral estava aguda de nervosismo. — Está tudo bem?

Todas as atenções voltaram-se ao bispo, que estava respirando com arfadas doloridas. Via-se o tremular veloz de seu peito pela camisa xadrez.

Filhote levantou-se e foi até ele.

— Garça, nosso amigo, ficaria contente se você me autorizasse a diminuir o ritmo de seu coração. Ele está muito rápido, mesmo para um pássaro.

O bispo concordou.

— É claro, Filhote. Seria uma grande inconveniência a todos eu morrer agora, e pode render um paradoxo que vai distorcer o futuro.

Filhote ajoelhou-se ao lado do bispo, pousando a mão na camisa xadrez, firme contra o peito do bispo.

Polly viu os olhos de Zachary iluminarem-se de interesse e esperança.

Karralys ficou fitando Filhote, fazendo sinais de aprovação.

Tav passou seu olhar de Filhote a Karralys, depois a Zachary. Zachary havia sumido durante a luta, e Polly achou que Tav o encarava com desdém.

Mas, em vez de acusar Zachary, ele quis saber outra coisa:

— Aonde foi a cobra?

— Louise Larguda — disse o bispo, arfante.

— Silêncio, Garça — disse Filhote, e apertou a palma da mão mais forte contra o peito do idoso. A respiração do próprio Filhote era lenta e ritmada, e a pressão de sua mão reforçou o ritmo.

— Aonde? — repetiu Tav.

— Ei — disse Zachary. — Traduza pra mim, Polly.

— Eles estão falando da cobra — disse Polly. — Tav quer saber onde ela foi.

— Eu vi ela sair por aquela trilha — disse Zachary. — Provavelmente seguiu pra três mil anos no futuro.

— Você... — Agora a voz de Tav usava um tom definitivamente acusatório.

Os dedos de Zachary estavam brancos ao agarrar as laterais da poltrona de pedra em que Karralys havia lhe disposto.

— Você está falando muito rápido para eu entendê-lo, mas se quer saber por que eu não estava naquela briga de bar com você, eu não teria ajudado em nada. Tenho coração fraco e só teria atrapalhado. — Ele falava com orgulho.

Polly rapidamente traduziu da melhor maneira possível para Tav e os demais.

Filhote tirou a mão do peito do bispo.

— Pronto. Está melhor.

— Sim, meu filho — disse o Bispo Colubra. — Eu senti meu coração se firmando sob sua mão. Muito obrigado.

— Ele está bem? — perguntou Anaral, nervosa.

Filhote fez que sim.

— Agora o coração está batendo com tranquilidade e regularidade.

— Estou bem — disse o bispo. Sua respiração também se acalmou com o coração e ele voltou a falar normalmente. — Agora temos que pensar no que fazer em seguida.

— Por favor — disse Zachary. — Eu vi o garoto — ele apontou para Filhote — acalmar o coração do bispo. Eu vi. Por favor. Eu quero que ele ajude meu coração.

Polly falou em Ogam com Filhote.

— Sim. Eu tentarei. Não agora. Depois, quando voltarmos às barracas — assegurou Filhote.

— Ele vai tentar ajudá-lo — Polly traduziu para Zachary —, mais tarde.

— A cobra — insistiu Tav. — A cobra que veio por Pó-li...

— Não. — Polly começou a negar de novo.

Mas o bispo estendeu a mão.

— Sim, Tav. Não podemos esquecer da cobra de Polly.

— Mas ela não...

Karralys dirigiu-se ao bispo.

— Pode explicar?

— Não tenho certeza de que posso. Você falou que, para vocês, a cobra é sagrada?

— Nós reverenciamos a cobra — concordou Karralys.

— E o Povo do Outro Lado do Lago? Eles correram da cobra.

— É verdade. — Karralys apoiou-se sobre o cotovelo, com o queixo na mão.

— Eles não se retiraram apenas porque lutamos bem.

— Eles acharam que, se Pó-li podia invocar a cobra, depois ela podia fazer a cobra lhes causar grande mal. É assim que eu me sentiria. — disse Tav. Ele olhou para Polly, e ela se lembrou da primeira reação que ele tivera com Louise.

Ela falou diretamente com ele, depois voltou-se para os outros.

— Louise, que é como a chamamos, é a primeira cobra inofensiva que eu já conheci. Lá de onde eu venho, antes de morar com meus pais, a maioria das cobras era muito venenosa.

— A tribo Anula, do norte da Austrália, associa um pássaro e uma serpente com chuva — disse o bispo.

Karralys fez não com a cabeça.

— O Povo do Outro Lado do Lago tem tradições diferentes das nossas, mas até onde eu sei, eles não acreditam que cobras possam trazer chuva. Mas nem eles nem eu mataríamos uma.

Mulher Águia se pronunciou.

— Os familiares da serpente viriam e nos causariam mal por vingança. Se matarmos uma cobra porque de outro modo ela nos mataria, ou por acidente, pedimos perdão ao espírito da cobra.

Tav apontou sua lança para Zachary e todos os olhos voltaram-se na sua direção.

— Este é Zachary Gray — disse Polly.

— Ele é da sua espiral? — perguntou Filhote.

— Foi ele que viu Anaral — explicou Karralys — porque está perto da morte.

— O que ele está dizendo? — perguntou Zachary.

Polly ficou grata por Zachary não ter facilidade em entender Ogam. Independentemente do que ele dizia sobre o coração e a expectativa de vida, Polly tinha certeza de que ele não estava pronto para ouvir alguém falar de sua morte iminente. Ela tentou deixar o rosto neutro ao voltar-se para ele.

— Karralys quer saber de onde você vem.

— Da Califórnia — disse Zachary.

Tav ficou parado.

— Karralys, você lutou muito bem.

— Eu não queria lutar — disse Karralys. — O que eu queria era impedir o combate.

— Eles teriam levado Anaral e Pó-li, assim como o Garça.

— Por isso lutei. Sim, lutamos bem. Mas eles eram mais do que nós, muitos mais, e se a cobra não aparecesse...

— Abençoada seja Louise Larguda — disse o bispo.

Os olhos de Karralys iluminaram-se.

— Não basta para você, Tav? Que Polly nos tenha sido enviada pela deusa para isto?

— Eu tinha tanta certeza — murmurou Tav. — Mas talvez ele... — Ele olhou para Zachary.

— Ei! — A voz de Zachary era de urgência. — Calmem lá! Eu não sou rápido com idiomas como Polly. Do que eles estão falando?

— Bem... — desconversou Polly. — Estávamos em desvantagem numérica diante dos saqueadores...

— Nós? Você faz parte do “nós”?

Ela olhou em volta do círculo de poltronas de pedra protegido pelos grandes menires.

— Sim. — Ela era igual a Anaral, Karralys, Tav, Filhote e os demais. Assim como o bispo. Ele já havia provado isso.

Tav olhou para ela com esperança, e a palidez de seus olhos não era dura nem metálica como um céu esbranquiçado e ofuscante de muito sol. Era suave e fria, como as águas do lago.

— Você tinha razão quando disse que a cobra era sua amiga. Talvez eu estivesse errado quanto às necessidades da Mãe.

— Você está. — Karralys levantou-se. — Bispo Garça. Polly, Zak. Vocês têm que ir embora. Agora, enquanto ainda há tempo.

O bispo olhou em volta.

— Acho que não podemos.

— Por que não? — perguntou Filhote.

— Posso estar errado, mas não creio que o portal temporal esteja aberto.

Karralys parecia assustado. Ele foi à pedra plana no centro, subiu nela, depois deitou-se de costas, de braços esticados e olhos fechados. Imóvel. Foi como se o tempo fosse suspenso. Ninguém falou. O Povo do Vento parecia ter entrado em outra dimensão onde lhes era possível esperar infinitamente. O bispo deu um suspiro. Zachary mudou de posição, agitado. Polly tentou não se mexer, mas começou a ficar com medo de que suas pernas fossem ter câibras.

Enfim Karralys sentou-se, balançando a cabeça lentamente.



— O limiar se fechou.

Estava ficando escuro. O sol se escondeu atrás dos menires. Soprava um vento noroeste, gelado.

— Talvez devêssemos ir a um lugar mais quente e fazer planos? — sugeriu o bispo.

Karralys ergueu a mão para pedir atenção.

— Estão preparando uma fogueira e um banquete. Precisamos comemorar nossa vitória. E depois providenciar sentinelas para vigiar durante esta noite.

— E juntem todas nossas armas. — Tav tomou distância da poltrona. — Ao banquete, com nossos agradecimentos a Pó-li.

— Foi a Louise Larguda — insistiu Polly. — Não teve nada a ver comigo.

— Conversaremos sobre o portal mais tarde. — Karralys começou a se dirigir ao lago e às barracas.

Zachary gritou atrás dele:

— Espere!

Karralys parou.

— Não entendo nada desses portais — disse Zachary — nem como é possível que eu esteja aqui, mas eu vi o garoto com a pele de lobo...

— Filhote. Nosso jovem Lobo Cinzento.

— Eu vi ele aquietar o coração do velho.

— O bispo — corrigiu Polly.

— Por favor. Eu não quero que ele esqueça de mim.

Karralys olhou para Zachary com compaixão.

— Ele não vai esquecer. Agora, venham comigo.

Próximo ao lago, ardia uma grande fogueira, tão luminosa que quase apagava as estrelas que despontavam no céu à medida que a noite se aprofundava. Os feridos e feridas estavam sob cuidados de outros membros da tribo para não ficarem de fora dos festejos e os dois saqueadores estavam junto. O homem da concussão havia recobrado a consciência, e a Mulher Águia fora colocada ao seu lado. Apesar de estar com o braço e o ombro na tipoia, e de seus lábios estarem brancos de dor, ela cuidava do outro.

— O negro de seus olhos voltou ao normal — disse ela. — Ele vai ficar bem.

A Polly, o bispo e Zachary foram dados assentos em peles empilhadas perto da rocha de observação estelar. Perto deles estava o jovem saqueador com o fêmur quebrado e Anaral, sentada ao seu lado, ajudava-o a comer e beber. Atrás deles, os carvalhos erguiam-se sinistros e majestosos, seus grandes galhos

espalhando-se pelo céu, as estrelas cintilando entre os galhos em meio ao voo de uma e outra folha de bronze que se desgarrava. Do outro lado do lago, as montanhas pairavam, seus cumes cobertos de neve reluzindo com a ascensão da lua. A costa onde ficavam as barracas do Povo do Vento era invisível a distância.

Karralys estava à beira d'água e ergueu os braços ao céu.

— Bendito seja o céu que contém a luz e a vida do sol e a promessa de chuva — entoou, e um a um os outros membros do conselho uniram-se a ele, ecoando a música.

— Bendita seja a lua com sua calma e seus sonhos. Benditas sejam as águas do lago, e a terra forte sob nossos pés. Benditos sejam aqueles que vieram até nós do tempo distante. Bendita seja aquela que invocou a cobra e bendita seja a cobra que veio em nosso auxílio. Bendito seja o leste onde o sol se ergue e o oeste onde o sol vai descansar. Bendito seja o norte de onde vêm as neves e o sul que traz a primavera. Bendito seja o vento que nos dá nosso nome. Ó, Aquela que abençoa todas bençãos, a ti agradecemos.

Ele deu as costas ao lago e sorriu para o povo reunido em torno das peles esticadas no chão. Um cervo estava sendo assado no espeto e um grupo de jovens guerreiros dançava em volta, também entoando o cântico.

— O que eles estão cantando? — perguntou Zachary a Polly.

— Acho que estão agradecendo ao cervo por lhes dar, ou nos dar, a vida.

— Ele não teve muita escolha — ressaltou Zachary.

Talvez não, mas Polly sentiu generosidade na dança e no cantar.

— Quando aquele garoto vai sentir meu coração?

— Logo — garantiu Polly. — Na hora certa, Zachary, confie nele.

Distribuíram-se tigelas de legumes, com pães fragrantes, travessas de madeira e argila com manteiga e queijo. Meia dúzia de meninos e meninas, de braços e pernas compridos e corpos esguios, próximos da puberdade, começaram a repassar a comida. Dois jovens guerreiros trincharam o cervo, e uma idosa, usando uma coroa de penas com cabeça de coruja, serviu uma espécie de líquido pálido em pequenas tigelas de madeira; ela era uma das que estavam no círculo de pedra.

Anaral trouxe tigelas a Polly, Zachary e Bispo Colubra. Ao aceitar a sua, Zachary tentou tocar os dedos de Anaral, fitando-a com olhos que pareciam anormalmente escuros em seu rosto pálido. Anaral retirou a mão e voltou ao jovem saqueador, segurando sua cabeça para que ele pudesse beber. Polly notou que no altar de pedra havia um grande buquê de flores de outono, disposto em meio a abóboras, abobrinhas, berinjelas, todas as cores do outono organizadas de modo que uma parecia iluminar as demais.

— É loucura — resmungou Zachary a Polly. — Estamos aqui sentados,

enchendo a barriga como se houvéssemos vencido uma grande batalha, e estes marginais que fugiram pelo lago podem voltar a qualquer momento para fazer uma carnificina.

O bispo respondeu:

— Creio que Karralys está ciente dessas intenções, mas ele também sabe que a criatura humana precisa de celebrações. Os ritos em si não podem dar a vida. Aliás, podem ser vazios, sem sentido. O que lhes dá vida e morte é o coração do povo.

— Isto é tudo em homenagem a um deus? — perguntou Zachary.

— É uma maneira de agradecer à Presença.

— Qual presença?

O bispo falou delicadamente:

— O Criador do Universo.

— Ah, zogue — resmungou Zachary.

— Não necessariamente. — O bispo deu um leve sorriso. — Ritos sagrados viram *zogue*, como você dispôs tão explicitamente, apenas quando se tornam fins em si, ou desagregadores ou egocêntricos.

Polly viu um jovem com uma lança perto da ponta da rocha de observação estelar, olhando para o outro lado do lago. Uma mulher de arco e flecha estava a postos na trilha que levava aos menires. Provavelmente havia outras sentinelas não lhe eram visíveis. Karralys não deixaria o povo sem proteção. Ele ficava andando de grupo em grupo, saudando, louvando e, onde quer que fosse, Og ia junto.

Depois que os jovens tiraram a comida, houve mais cantoria e dança. A lua estava alta e clara, desenhando um rastro de luz no lago.

Karralys e Anaral conduziram a dança, de início movimentando-se em um círculo imponente e gracioso, depois dançando cada vez mais rápido.

— Olha, essa menina é linda — comentou Zachary. — As coisas não melhoraram em três mil anos. A propósito, acho que aquele Neandertal se interessou por você.

— Quem? — perguntou Polly, sem expressão.

— Aquele loirinho das pernas tortas e braço de macaco.

Ele estava falando de Tav. Talvez as pernas de Tav não fossem bem retas. Talvez seus braços fortes fossem compridos. Mas Neandertal ele não era. Polly ficou tinindo de indignação, mas não disse nada. Ela não estava à vontade nem com o fascínio evidente de Zachary por Anaral nem com o ciúme pelo interesse de Tav nela. Ficou quieta.

— Não acho que seja boa ideia algum de nós se envolver com alguém que está morto há três mil anos.

— Hoje eles não estão mortos — disse Zachary — nem nós. E se eu puder prolongar minha expectativa de vida ficando aqui, eu fico. De qualquer modo, o bispo não disse que o portal temporal estava fechado? Estamos presos aqui, então é melhor aproveitarmos ao máximo.

Filhote chegou perto deles e falou com Zachary:

— Eu sinto seu coração. Creio que temos problemas.

Zachary virou-se para Polly. Ela explicou. Ele olhou para ela com olhos nervosos.

— Por favor, diga para ele continuar.

Filhote passou a mão por baixo da camisa de Zachary, fechou os olhos e respirou devagar, bem devagar.

— E aí? — perguntou Zachary, impaciente.

Filhote ergueu a mão para pedir silêncio. Manteve a outra mão no peito de Zachary por bastante tempo, sentindo, escutando. Então ergueu os olhos para Polly.

— Há grandes problemas aqui. Talvez Lobo Antigo soubesse consertar. Farei o que é possível para mim, mas não será o bastante.

— Mas o coração do bispo...

— O coração do bispo é apenas velho, e ele não está acostumado a ficar no meio de uma batalha. Mas isto... — Aos poucos ele tirou a mão do peito de Zachary. — Isto exige habilidades que eu não tenho. Mas talvez não devêssemos tirar a esperança dele.

— O que ele disse? — indagou Zachary. — Queria que ele falasse mais devagar.

Polly respondeu com calma.

— Ele disse que seu coração tem problemas, como você já sabe, e que não será fácil de consertar.

— Ele sabe consertar?

— Ele vai dar o melhor de si.

Zachary gemeu. Levou o rosto às mãos. Quando olhou para Polly, seus olhos estavam úmidos.

— Eu quero que ele consiga consertar...

— Ele vai dar o melhor de si. — Polly tentou transmitir segurança, mas estava ficando impaciente.

— Todo dia vou trabalhar na estranheza que sinto em seu coração — disse Filhote. — Os ritmos estão um contra o outro. Não há harmonia.

— Como é? — perguntou Zachary.

— Ele vai trabalhar com você todo dia — disse Polly. — Ele é curandeiro mesmo, Zachary. Ele vai fazer tudo que puder.

Filhote franziu a testa de preocupação.

— Talvez se Karralys... — Ele olhou para as mãos, flexionando os dedos. — Agora tenho que ir cuidar dos outros que se feriram.

— O que você acha? — Zachary era pura ansiedade. — Eu ficaria contente de ficar neste lugar mesmo sem chuveiros nem TV nem carro esportivo nem todas as coisas em que eu achei que fosse vidrado. Acho que sou mais vidrado na vida.

— Ele é curandeiro — repetiu Polly.

Os tambores aumentaram o ritmo e as pessoas que dançavam acompanharam a batida. Tav veio, pegou as mãos de Polly e trouxe-a à roda de dança. O toque das suas mãos fortes lhe causou algo que as de Zachary não faziam. Ela não entendeu a reação que estava tendo àquele estranho jovem, que achava que ela havia sido enviada pela deusa como sacrifício à Mãe.

As palavras da Dra. Louise sobre sacrifícios cruzaram sua mente e foram apagadas quando Tav tomou suas mãos e lançou-a na roda.

Quando Polly estava quase sem fôlego, ele a levou até a beira do lago, seu braço firme ao redor dela.

— Não posso deixar que vá.

Ainda tomada pela euforia da dança, ela questionou:

— O quê?

— É muito estranho, Pó-li. A Mãe costuma ser clara nas suas exigências. Mas agora estou confuso. A seca do outro lado do lago é grave. Se eles não tiverem chuva, não só pouca chuva, mas muita chuva, aqueles que levaram nosso gado... Se não houver chuva, eles virão de novo e eles são muitos, e nós somos poucos, e não conseguiremos nos defender.

— Mas você foi excepcional — exclamou Polly. — Você correu lá de mãos nuas e lutou como... — Se ela o comparasse a um dos heróis na corte do Rei Artur, ele não entenderia. Então, ela apenas repetiu: — Você foi excepcional. Valente.

Ele deu de ombros.

— Eu sou guerreiro. Pelo menos era, no meu lar. Tinha que haver guerreiros. Aqui estamos tão distantes das outras tribos que apenas a seca fez ressurgir o entendimento de que a terra precisa de proteção. A terra e aqueles que amamos. — Ele estendeu a mão e tocou delicadamente a dela, depois a retirou.

Polly deu um suspiro.

— Queria que as pessoas vivessem em paz. Aqui há tanta terra. Por que querem a sua?

— Nossa terra é verde e bela. Tivemos mais chuva que do outro lado do lago. Usamos a água do nosso rio para... — Enquanto ele tentava explicar, ela entendeu que o Povo do Vento usava uma forma de irrigação que o Povo do

Outro Lado do Lago não usava. Mesmo assim, não houvera chuva suficiente. Se as neves do inverno não viessem, todos sofreriam. — Quando você veio, me pareceu claro que a deusa havia lhe enviado. Mas agora temos não apenas o velho Garça, que veio antes de você, mas este jovem estranho de pele tão branca quanto meus cabelos.

— Vocês rezam pela chuva? — perguntou Polly.

Tav riu.

— Pelo que mais estaríamos dançando e cantando?

É claro, percebeu ela. Todos os rituais do Povo do Vento eram religiosos.

— Dançar e cantar não basta — prosseguiu Tav. — Temos que ofertar.

— Seu amor não basta?

A pergunta soou sentimentalóide no momento em que ela proferiu. Mas, conforme Polly olhava a lua cintilando no lago, ela teve o breve entendimento de que o amor em que estava pensando não era nem um pouco sentimentalóide, mas firme e resistente como a rocha de observação estelar.

Tav negou com a cabeça. Sua voz ficou tão baixa que ela mal conseguia ouvi-lo.

— Eu não sei. Não sei nada mais do que se exige. — Conforme suas palavras caíram no silêncio, o vento suave delicadamente remexeu as águas enlugaradas do lago. Ele voltou a falar. — Muitas mulheres do Povo do Vento são belas e gostariam de me agradar, de ser minhas. Mas nenhuma me trouxe o dom sem o qual tudo é insípido. Aquele dom! Agora vejo você e as montanhas ficam mais altas, e a neve mais branca nos cumes, o lago mais azul e mais profundo, as estrelas mais brilhantes do que já vi.

Polly tentou colocar em Ogam o que queria dizer. Tav estendeu a mão e alisou a testa dela.

— Tav, é muito estranho. Eu não entendo nada do que está acontecendo. Quando você me toca, eu me sinto...

— Como eu me sinto?

— Não sei. O que não tem a ver com... — Ela tocou na própria testa, tentando explicar que sua reação não tinha nada a ver com lógica. — Mas — ela olhou nos olhos dele, que eram prateados ao luar — você ainda acha que a Mãe quer sangue? O meu sangue?

Tav soltou um gemido.

— Ah, minha Pó-li, eu não sei.

— Eu acho que a Mãe não... — Ela parou de falar, sem conseguir chegar em uma palavra que significasse “exigir” ou “coagir”. *Mais perto da nossa época, ela pensou, um dos nomes da deusa era Sofia, Sabedoria. Uma mãe divina que cuida da criação com inteligência e propósito.*

Ela fez que não com a cabeça ao perceber que, mesmo se conseguisse colocar o que pensava em Ogam, o cenário não faria parte do quadro de referência de Tav.

Tav tomou as mãos dela.

— Temos que voltar aos outros, ou eles vão se perguntar...

Ela mal havia percebido que a cantoria havia mudado. Os tambores não soavam mais a batida da dança. A canção era similar àquela que Polly havia ouvido na primeira manhã, quando cruzou o limiar do Povo do Vento, mas agora mais suave, mais tranquila, quase uma canção de ninar.

— Cantamos boa-noite.

Com o braço em torno dela, Tav a devolveu ao ponto onde Bispo Colubra e Zachary estavam sentados. Anaral estava atrás deles, com o jovem saqueador. A cantoria ia cessando à medida que as pessoas, individualmente ou aos pares, iam para suas barracas.

Karralys veio até o bispo, com seu grande manto branco, puro como a neve ao luar, o topázio reluzente em seu torque.

— Será uma honra se compartilharem da minha barraca. E Zak...

— Zachary.

— E você também, Zachary.

Anaral parou de dar atenção ao saqueador e tomou a mão de Polly.

— E você virá comigo.

A barraca de Anaral era uma meia-água de brotos jovens cobertas de peles curadas. Ela apoiava-se em uma parede verde densa de abeto e pinus, com cheiro forte de frescor. Havia dois catres de samambaias cobertos de peles macias. Anaral entregou a Polly um cobertor de pelos enrolado. Polly tirou sua jaqueta vermelha e sentou-se em uma das camas de samambaia.

Anaral agachou-se ao seu lado.

— Tav, Pó-li, ele está... Bem, você precisa saber que ele se sente atraído por você.

Polly enrolou-se no cobertor de pelo.

— E eu por ele, mas não entendo como isso é possível.

Anaral sorriu.

— Essas coisas não se entende. Elas acontecem. Depois, se duas pessoas devem ficar juntas para sempre, aí vem o entendimento.

— Vai haver um depois? — perguntou Polly. — Eu sei que os limiares estão fechados, mas eu... eu preciso voltar para casa, para minha época. Antes... — ela mal conseguia se fazer articular — ... antes que eu tenha que ser sacrificada à Mãe.

— Isto não vai acontecer — contestou Anaral. — Haverá chuva.



— Do outro lado do lago?

— Do outro lado do lago.

— Se não fosse Tav hoje à tarde — disse Polly —, quando vieram os saqueadores...

— E os outros.

— Mas Tav saltou e lutou sem saber que os outros viriam. E foi... Nossa, é estranho, mas foi excitante.

— Você também foi guerreira — disse Anaral.

— Eu não deixaria que aqueles homens levassem você.

Anaral suspirou.

— E eu sou grata. A Tav. A você. E a Karralys.

— Ele tentou impedir a luta — disse Polly. — Mas quando não conseguiu, ele lutou tão bem quanto Tav.

— Nós, o Povo do Vento — Anaral suspirou de novo —, sempre fomos o que o bispo chama de paci... paci...

— Pacifistas — ajudou Polly.

Anaral assentiu.

— Foi a seca que mudou tudo. Ao menos se chovesse! O Lobo Cinzento Antigo nos disse que houve seca há muitos anos e que nós, meu povo, viemos a este local fértil porque nossas próprias terras eram sedentas, as gramas amarronzadas e não verdes, o gado com os ossos à mostra, o milho nem formando franjas. Estamos neste lugar desde que Lobo Antigo era bebê. Não podemos apenas partir e deixar que o Povo do Outro Lado do Lago tome nosso lar. Aonde iríamos? Do outro lado da floresta agora há outras tribos. Ao menos se a deusa enviasse chuva!

— Você acha que a deusa está retendo a chuva? — perguntou Polly.

Anaral fez que não.

— Não é da natureza da deusa destruir. Ela envia bênçãos. Somos nós, é o povo que é destruidor. — Ela saiu da barraca abruptamente.

Em poucos minutos ela voltou com uma tigela de madeira cheia d'água, e uma pedaço de couro mole para usar de pano. Ela molhou o couro e delicadamente lavou o rosto de Polly, depois suas mãos. Era algo tão ritualístico quanto haviam sido o banquete, a cantoria e a dança. Ela entregou a tigela a Polly, que entendeu que era sua vez de lavar Anaral. Quando Anaral levou a tigela para esvaziá-la do lado de fora, Polly sentiu-se tão limpa quanto como se tivesse acabado de tomar um longo banho. Ela deitou-se na cama de samambaias, enrolou-se no cobertor de pelo macio e caiu no sono.

. . .

Quando acordou, primeiro achou que estava em casa com os avós. Mas mesmo sem Hádron dormindo ao seu lado, ela estendeu a mão e sentiu pelos. Era um pelo vivo, e Og esfregou o nariz úmido em sua mão, depois passou a língua quentinha por seus dedos. Ela reconfortou-se e continuou deitada escutando a noite. A quietude era diferente da que havia de sua casa, onde o sussurrar do vento nas árvores às vezes era rompido pelo rugido distante de um avião passando ao alto, por um caminhão na estrada a um quilômetro da casa. Aqui o lago cobria o lugar onde ficava a estrada, e ela conseguia ouvir pequenos respingos quando pulava um ou outro peixe. Havia também a sensação de muitas presenças, de que o Povo do Vento a circundava. Seus olhos se ajustaram ao escuro e ela viu Anaral enrolada no outro catre, sua respiração suave.

Polly sentou-se com cuidado. Estava frio, então ela vestiu a jaqueta vermelha e saiu à primeira luz fraca da alvorada, com Og logo atrás. As estrelas ainda brilhavam no alto, mas a lua há muito fora descansar, e havia um leve rastro de luz amarelada no horizonte do outro lado do lago. Ela viu alguém sentado no tronco de uma árvore, diante do lago, e reconheceu o Bispo Colubra pela camisa xadrez. Caminhou lentamente na direção dele.

— Bispo...

Ele virou-se e olhou para ela, e a convidou com um movimento para sentar ao seu lado.

— O portal...

Ele negou com a cabeça.

— Continua fechado.

— Ontem, quando a Dra. Louise apareceu, ela disse que você tinha saído com as botas de caminhada...

Ele olhou para os pés e suas botas de couro com cadarços.

— Achei que estaria mais preparado.

— Quer dizer que você sabia...

— Não. Eu não sabia. Só suspeitei que podia acontecer alguma coisa, e se você viesse a este momento e lugar e não pudesse voltar, queria estar com você.

— Nós vamos conseguir voltar para casa? Para nossa época?

— Ah, acho bastante provável que sim — disse o bispo.

— Mas não tem certeza?

— Minha cara, raramente eu tenho certeza de alguma coisa. A vida é no máximo precária, e ninguém nos diz que coisas difíceis ou dolorosas vão acontecer, apenas que vão acontecer coisas importantes. E importantes não só para a gente, mas para todo o universo.

Polly pensou na esposa do bispo, na família da Dra. Louise. Ela não sabia que Karralys estava com eles na beira do lago até que ele disse:

— Zachary não está na barraca.

• • •

Karralys estava de costas para o lago, olhando para Polly e o Bispo Colubra.

— Não quero causar pânico, mas vocês não viram ele por aí? Ele não falou com vocês?

— Não — responderam tanto o bispo quanto Polly.

— Eu tinha esperanças de que ele estivesse com vocês. Esperem aqui, por favor. Vou conferir nas outras barracas. Se Zachary vier a vocês, por favor mantenham-no aqui até eu voltar. — Ele deu as costas a eles e saiu apressado. Og olhou para Polly, lambeu a mão dela, depois partiu atrás de Karralys.

— Bispo — disse Polly, calmamente. — Zachary está apavorado com a morte.

O bispo assentiu.

— E ele acha que sua grande esperança está aqui, nesta época. Eu não acho que ele iria a lugar algum. Ele tenta ser indiferente a tudo, mas está com medo.

A voz do bispo foi compreensiva.

— Pobre jovem, com sua casa desabando na areia.

— Se fosse o meu coração e me dissessem que eu tinha um ano de vida, eu também estaria com medo — disse Polly.

— É claro, minha querida. O desconhecido sempre é assustador, independente do quanto confiemos nos propósitos do amor. E não creio que Zachary tenha esta confiança. Então o escuro de fato deve lhe parecer muito escuro.

— Também me parece bem escuro — admitiu Polly.

— A todos nós. Mas para você, e para mim, existe a benção da esperança. Não existe?

— Sim. Mas não sei exatamente qual é minha esperança.

— E tudo bem. Você teve uma vida boa, mesmo que curta.

— Nem sempre. Já fui muito crítica e rancorosa.

— Mas, no geral, você viveu uma vida plena e com amor. E suspeito que boa parte da vida de Zachary tenha sido evitando a própria vida. Agora quem está crítico sou eu, não é?

Polly riu.

— É que, no meu caso, ser crítica sempre foi um problema. E o Zachary é o tipo de pessoa que parece ser sempre julgado. Se ele não fosse meio que uma pessoa espetacular, os outros provavelmente não dariam bola.

Eles ergueram o olhar quando Karralys voltou, de rosto sério.

— Não consigo encontrá-lo. E o saqueador também se foi, aquele que quase

perdeu a cabeça. Terra Parda, o nome dele. O catre dele ficava perto do da Mulher Águia, mas Filhote lhe deu uma poção para aliviar a dor e ela está dormindo.

— Você acha que Zachary e o saqueador foram embora juntos? — perguntou o bispo.

— É possível que o saqueador tenha levado ele como refém — sugeriu Karralys.

— Mas como eles teriam conseguido escapar? Há sentinelas a postos em todos os pontos.

Karralys sentou-se ao lado de Polly no tronco caído.

— Aqueles do outro lado do lago caminham no mesmo silêncio que nós. Terra Parda pode ter entrado na floresta e chegado ao lago por outra rota. Há quilômetros de costa.

— Mas o saqueador não poderia ter levado Zachary sem chamar atenção — interpôs Polly. — Ele não teria gritado, feito barulho?

Karralys parecia estar estudando um pássaro que voava baixo sobre o lago.

— Mexemos nas coisas do saqueador. A faca dele está guardada conosco e ele não tinha flecha nem veneno para incapacitar Zachary. — De repente o pássaro fez um rasante e voltou ao céu com um peixe.

— Mas por que Zachary teria ido, então? — Polly não conseguia acreditar. — Ele acha que sua esperança de viver está aqui, Karralys. Acha que Filhote pode ajudar com o problema do coração. Ele não teria ido embora assim.

— Ninguém sabe o que aquele jovem faria ou não faria — disse Karralys. — Ele não é...

— Imprevisível? — propôs o bispo.

— Bem, é — concordou Polly—, mas não me parece uma coisa sensata.

— Muito do que as pessoas fazem parece insensato — ressaltou o bispo. — E agora, o que vamos fazer?

O lago era banhado por luz radiante conforme o sol subiu, e com o sol o canto forte da música matinal.

— Vou perguntar aos outros — disse Karralys. — Depois veremos.

• • •

Karralys deu a volta no povoado, perguntando de um a um, sempre com Og em seu encalço, ganhando um pouco, irrequieto. Houve consternação quanto ao sumiço do saqueador, mais do que quanto a Zachary.

Mulher Águia se repreendeu.

— Eu deveria ter ouvido. Normalmente meus ouvidos são afiados...

— Normalmente você não está com um ombro que foi trespassado por uma flecha — disse Karralys.

— E o jovem, onde ele estará? Filhote me disse que seu coração parecia uma folha seca ao vento.

— Vamos deliberar nas grandes pedras — disse Karralys. — Enquanto isso, temos que prosseguir com os trabalhos do dia. Seguiremos com sentinelas a postos para avistar canoas, ou mesmo um ataque da floresta.

Polly e o bispo foram convidados a unir-se ao grupo no círculo dentro da roda de menires.

— Se eles acham que podem usar esse Zak... — Tav começou a falar.

— Zachary.

— ... de refém, estão errados. Ele não vale nada para nós.

— Ele é nosso convidado — falou Karralys, baixinho. — Está sob nossa hospitalidade.

— Não entendo por que ele veio — disse Tav. — Temo que ele nos trará dor.

— Ainda assim, somos responsáveis por ele.

Filhote voltou-se para Karralys, nervoso.

— Se o tratarem com violência, acho que o coração dele não vai aguentar.

— Tão ruim assim? — perguntou Mulher Águia.

Filhote olhou para ela sério.

— Então — ponderou Tav — foi melhor ele não ter lutado ontem?

— Ele poderia ter morrido — disse Filhote.

— Ele é jovem para ter coração um tão frágil — protestou um homem usando pele de raposa vermelha.

— Talvez ele tenha tido a febre infantil das juntas inchadas que enfraquece o coração — sugeriu Filhote.

*Febre reumática*, pensou Polly. *É o que parece.*

— Basta — disse Tav. — O que nós vamos fazer? Por que o saqueador o levou? Que utilidade ele teria além de ser refém?

— Se ele foi mesmo levado como refém — disse Karralys —, vamos ouvir notícias deles, e logo.

Aparentemente não havia mais nada a discutir. Karralys dispensou o conselho e redobrou a guarda. Polly ajudou Anaral a preparar pão em um forno feito com pedras aquecidas. Procurou Og, mas não o encontrou. Devia estar com Karralys, ela pensou.

— A tal deusa — refletiu Polly — e a Mãe. Elas são uma só?

Anaral sovou a massa do pão.

— Para mim e para Karralys, sim. Para aqueles que não são druidas, como Tav, por exemplo, a deusa é a lua, e a Mãe é a terra. Para alguns, é mais fácil

pensar em deuses e deusas à parte no vento, nos carvalhos e na água. Mas, para mim, tudo é Uma Só Presença que tem muitos aspectos, tal como você e eu temos muitos aspectos, mas somos uma só. — Ela colocou o pão no forno de pedra. — Estará pronto quando voltarmos.

— Aonde vamos? — perguntou Polly.

— Às pedras de pé. É lá que a energia é mais forte. Por isso que é sempre lá que se faz o conselho.

Os menires. Onde, daqui a três mil anos, estará a casa dos pais de Polly, e a piscina que não pôde ser escavada propriamente por causa de um rio subterrâneo.

— Sob o local das pedras de pé — Polly seguiu Anaral para sair das barracas e do lago — existe água?

— Um rio. Ele corre no subsolo e depois sai da terra para desaguar no lago. Mas sua fonte fica abaixo das pedras de pé.

— Como você sabe?

— É um saber antigo.

— Saber antigo de quem?

— Do Povo do Vento. Mas Tav não aceitava minha palavra, então eu dei a ele uma varinha de madeira verde e disse para segurá-la à sua frente, bem reta, mas sem deixar que tocasse o chão, e depois pedi a ele que me seguisse. Ele achou que eu era... como diz o Bispo? Ah, sim, primitiva. Mas ainda assim obedeceu e veio atrás de mim, rindo e segurando a varinha. Quando chegamos nas pedras de pé, ele não conseguia ficar parado, não conseguia tirar do chão. A varinha pulava nas mãos dele como se estivesse viva. Então ele acreditou que eu estava falando a verdade.

Quando chegaram nos menires, havia alguém deitado no altar. Com um grito abafado, Anaral correu à frente, depois recuou.

— É o Bispo, conversando com a Presença.

Enquanto Polly observava, o bispo lentamente colocou-se em posição sentada e sorriu para ela e Anaral. Então voltou seu olhar para um lugar distante.

— *Eu, porém, faço a minha oração a ti, Senhor, em um tempo aceitável* — sussurrou ele.

Eram salmos. Como ele que sabia que o tempo era aceitável? Como sabemos? Um tempo aceitável, o agora, pois o agora de Deus está igualmente a três mil anos no futuro e há três mil anos no passado.

— Pedimos desculpas — disse Anaral. — Não queríamos atrapalhar suas orações.

O bispo ergueu as mãos com as palmas para o alto.

— Tentei ouvir, compreender.

— Quem você está tentando ouvir? — perguntou Polly.

— Cristo — disse o bispo, apenas.

— Mas, Bispo, estamos mil anos antes de...

O bispo sorriu com delicadeza.

— Existe uma canção de Natal pela qual tenho paixão especial. Conhece? *Do amor do Senhor se gerou...*

— *Eternos mundos vieram a ser* — Polly disse a segunda frase.

— *Ele é o alfa e o ômega, a fonte e o final ...* — prosseguiu o bispo. — A Segunda Pessoa da Trindade sempre foi, sempre é e sempre será, e consigo ouvir Cristo agora, três mil anos atrás, assim como na minha época, embora em minha época eu tenha tido a bênção extra de saber que Cristo, o alfa e o ômega, a fonte, visitou este planetinha. E isto revela o quanto ele nos ama. Mas, em lugar algum, em qualquer época ou lugar, somos unos com a fonte. Ah, minha cara, voltei a dar sermões.

— Tudo bem — disse Polly. — Ajuda.

— Você teve boa instrução — disse o bispo. — Percebo que você entende.

— Um pouco, pelo menos.

Ele desceu do grande altar de pedra.

— Zachary... — disse ele.

— O senhor acha que ele está bem?

— Isto eu não tenho como saber. Mas seja lá o que for, termos passado por este grande limiar do tempo deste modo extraordinário tem algo a ver com Zachary.

— Como assim? — Polly estava incrédula.

— Eu não sei. Eu estava aqui deitado, em contemplação, e de repente vi Zachary. Não aqui, mas no meu olho espiritual. E soube, soube pelo menos em um lampejo, que ele é o verdadeiro motivo pelo qual eu cruzei o portal.

Anaral sentou-se no chão de pernas cruzadas. Polly encostou-se em uma das cadeiras de pedra.

— Por causa do coração dele?

O bispo negou com a cabeça.

— Não, acho que não. Não sei explicar. Por que se dar ao trabalho de nos levar três mil anos no passado só por Zachary? Eu não o considero tão afetuoso.

— Às vezes ele é...

O bispo prosseguiu.

— Mas então penso nas pessoas pelas quais Jesus morreu e que elas também não eram muito afetuosas. Mas Ele devolveu à vida um jovem morto porque sua mãe estava desesperada de luto. Ele ergueu uma garotinha dos mortos e disse aos pais dela para lhe dar algo de comer. Ele tirou sete demônios de Maria

Madalena. Por que estas pessoas em específico? Havia outros, talvez mais dignos de atenção. Então, eu me pergunto, o que está acontecendo que me faz pensar que cruzei três mil anos por conta de Zachary?

Polly enfiou as mãos no bolso da jaqueta vermelha. Nada ali fazia sentido. Zachary era periférico ao mundo dela, não central. Se por acaso nunca mais visse Zachary, sua vida praticamente não mudaria. Seus dedos se remexiam incansáveis no bolso da jaqueta. E então ela sentiu uma coisa dura embaixo da mão esquerda. O ícone de Zachary. Ela puxou o pequeno retângulo, olhou.

— Acho que Zachary precisava de um anjo da guarda.

— Um grande anjo e uma criança pequena. — O bispo também olhou o ícone.  
— Os anjos claros e os anjos escuros lutam, e a terra é tragada pela batalha.

— O senhor acredita nisso? — perguntou Polly.

— Acredito.

— Como é um anjo escuro?

— Provavelmente igual a um anjo claro. A escuridão é interna, não externa. Bom, minhas filhas, prossigam com o que vocês têm que fazer. Vou ficar aqui, esperando.

— O senhor está bem, Bispo? — perguntou Anaral.

— Estou. Meu coração bate firme e tranquilo. Mas acho melhor eu não me envolver em outras batalhas. — Ele olhou para o sol, que estava alto no céu, depois subiu de novo no altar e deitou-se. A sombra de uma das grandes pedras protegia seus olhos do fulgor.

Polly acompanhou Anaral até o povoado.

. . .

Havia um certo mal-estar naquele dia, mas mesmo assim as rotinas normais seguiram. Pescaram. Deixaram as ervas para secar. Muitas mulheres, cada uma usando as penas coloridas de seu pássaro — um tentilhão, uma cotovia, um cardeal — faziam um manto de penas de pássaro.

Filhote chamou Polly.

— Talvez eu precise da sua ajuda.

Polly havia esquecido do segundo saqueador, o garoto muito novo com a fratura exposta, de quem Anaral havia cuidado com tanta atenção na noite passada. Agora ele estava deitado sob a sombra de uma meia-águia. Suas bochechas estavam coradas e estava aparente que ele tivera febre. Filhote agachou-se ao lado dele.

— Tome — disse ele. — Eu trouxe um remédio da Mulher Águia para ajudar a febre a passar. É feito com o bolor do pão e o cheiro não é muito bom, mas



— Você precisa tomar.

— Você é muito gentil — disse o jovem saqueador, grato. — Se você estivesse ferido e fosse prisioneiro da minha tribo, não teríamos tratado você desta maneira.

— Vocês *teriam* como me tratar? — perguntou Filhote.

— Ah, sim, nosso curandeiro é muito bom. Mas não desperdiçamos nossos poderes em prisioneiros.

— Desperdiçar? — Filhote estendeu uma tigela de argila aos lábios do saqueador e o rapaz engoliu obedientemente. — Agora tenho que ver a perna. Por favor, Pó-li, segure as mãos dele.

Polly ajoelhou-se ao lado do saqueador. Anaral, que tinha vindo atrás dela, se ajoelhou do outro lado. Era difícil para Polly entendê-lo, mas ela compreendeu o básico do que ele dizia em um idioma mais primitivo que o Ogam.

— Qual é o seu nome? — Ela tomou as mãos dele nas dela.

— Klep — disse ele. Pelo menos era o som que ela ouvia. — Eu nasci na época do escurecer do sol, da noite que veio pela manhã enquanto minha mãe fazia seu esforço supremo para me trazer ao mundo. Então, quando irrompi, a luz voltou, de início lenta, e depois, quando gritei, o sol estava de volta, reluzente. Foi um enorme prenúncio. Um dia eu serei chefe da minha tribo e farei tudo diferente. Eu também cuidarei dos feridos e não deixarei que morram. — Ele arfou de dor, e Polly viu Filhote banhando a pele aberta e esfolada com uma solução. Anaral virou o rosto enquanto Polly segurava firme as mãos de Klep, e ele a agarrou com tanta força que doeu. Ele fez uma carranca de dor, cerrando os dentes para não gritar. Depois, relaxou. Virou-se e olhou para Anaral. — Desculpe.

Ela sorriu para ele delicadamente.

— Você é muito corajoso.

— E você está indo bem — disse Filhote. — Hoje não vou ter que lhe causar mais dor.

Klep soltou um longo suspiro.

— Eu ouço que Terra Parda, meu companheiro, fugiu de vocês, assim como um dos seus. Ou ele é um dos nossos, de pele clara e cabelo escuro?

— Ele não é um dos nossos — disse Filhote. — Ele vem de lugar distante.

— Você sabe aonde foram? — perguntou Anaral, nervosa.

Klep fez que não.

— Nem aonde foram nem como partiram. Seu remédio me fez dormir como criança e não ouvi nada.

— Você diria que Terra Parda levou Zak junto? — perguntou Filhote.

— Eu não sei. Este Zak teria vontade de ir?

— Não sabemos — disse Anaral. — É muito estranho.

— Não conseguimos entender — disse Polly.

— Se soubesse alguma coisa — garantiu-lhes Klep—, eu diria. Sou grato. Mas Terra Parda tem boca grande. É possível que tenha feito promessas.

— Promessas que poderia cumprir? — perguntou Filhote.

— Quem sabe?

— Descanse — mandou Filhote. — Anaral vai lhe trazer comida e ajudar a comer. Eu voltarei esta tarde para botar compressas frescas na sua perna.

Eles relataram sua conversa a Karralys.

— Isto não resolve nada — disse ele —, mas obrigado pela ajuda. Klep talvez nos seja útil, quem sabe? Obrigado. Mulher Águia também mandou agradecimentos, Polly. Filhote vai precisar de você de novo quando for fazer as ataduras no ombro dela. Anaral — ele sorriu para a garota — é uma revigoradora, mas não suporta ver sangue.

— É verdade — concordou Anaral. — Quando eu cortei meu dedo, eu gritei. Pobre Bispo. Mas ajudarei Klep a comer, com todo prazer.

— Estamos contentes que você esteja aqui, Polly — disse Karralys. — E gostaríamos que pudesse voltar a sua época. Você também deve querer.

Polly fez que não.

— Não até encontrarmos o Zachary. E não enquanto não tivermos chuva.

. . .

O ataque veio à noite. Og acordou Polly com latidos altos. Anaral estava de pé em um instante, de lança na mão. Polly a seguiu. As tochas lançaram um brilho de sangue sobre o povo em luta, e de início Polly não sabia quem era do Povo do Vento e quem eram os saqueadores. Então ela viu Og correndo ao auxílio de Karralys, pulando em um saqueador que tinha enfiado uma lança nas costelas do líder do Povo do Vento. Og mordeu o pulso do homem e a lança caiu.

Então Polly sentiu algo escuro cobri-la e de repente estava sendo carregada como um saco de batatas. Seus gritos se misturaram à cacofonia geral. Ela tentou espernear, se remexer para se soltar, mas seu captor a segurava firme enquanto corria. Ela não sabia dizer em que direção seguiam. Ouviu gravetos estalando sob os pés. Sentiu galhos roçando. Enfim foi colocada no chão e tiraram o que cobria sua cabeça. Estavam na praia, longe da aldeia. As árvores chegavam quase à beira do lago. A lua estava alta, e ela ficou arfante ao ver Zachary ao lado de uma canoa rasa.

— Zach!

— Você a trouxe — disse Zachary ao captor. — Ótimo.

• • •

— Entre na canoa — disse Zachary. Seu rosto ao luar estava branco e emaciado, mas a voz era clara.

— O que é isso? — perguntou Polly.

— Está tudo bem, querida Pol, está tudo bem — Zachary a tranquilizou. — Preciso de você.

Ela recuou.

— Eu não vou a lugar nenhum.

As mãos do outro homem logo foram aos seus cotovelos e ela foi impelida à canoa. Não era Terra Parda, mas um homem mais velho, musculoso, parrudo.

— Prometo que ele não vai machucá-la, desde que não faça alvoroço — disse Zachary. — Por favor, Polly. — Ele tentava convencê-la. — Só venha comigo.

— Pra onde?

— Pro outro lado do lago.

— No povo que quer tomar nossa terra? — A voz dela ficou mais alta, com tom de incredulidade.

— Nossa terra? — perguntou Zachary. — Por que você se importa? Estamos três mil anos atrás. Você não sabe nada do Povo do Outro Lado do Lago. Eles não são inimigos.

— Eles nos atacaram.

Ele a ignorou, falando com entusiasmo.

— Eles têm um curandeiro, Polly, um velho, sábio e cheio de experiência. Terra Parda viu Filhote.

— Filhote vai ajudá-lo.

Zachary fez que não.

— Ele é muito novo. Ele não sabe muita coisa. O curandeiro do outro lado do lago tem poderes. Ele pode me deixar melhor.

— Tudo bem — disse Polly. — Vá você, mas me deixe fora disso.

— Não posso, querida Polly. Iria se pudesse. Mas querem ver você.

— Eu? Por quê?

— Porque você invocou a cobra. Eles acham que você é tipo uma deusa.

— Que absurdo. De qualquer modo, como você entende o que eles dizem?

— Quando eles falam devagar, entendo o essencial. Não sou bom em Ogam que nem você, mas entendo o suficiente. E a linguagem dos sinais ajuda muito — disse Zachary. — Como você acha que Terra Parda me convenceu a ir com ele? Por favor, Polly, por favor. Eu não quero que ele resolva machucá-la.

— E você deixaria? Achei que você não queria me... Ai! — As mãos do homem apertaram os braços dela como um torno.

— Por favor, Polly, só venha e tudo vai ficar bem.

— Tire as mãos de mim — vociferou Polly.

Ela abriu a boca para gritar socorro, mas o homem a silenciou com a mão calejada. Muitos gritos vinham da aldeia, de modo que provavelmente o dela não seria escutado. O homem, que era mais alto do que ela e bem mais forte, a empurrou para a canoa. Tentar enfrentá-lo seria uma tolice. Naquele instante o mais simples parecia ser entrar na canoa e ir com Zachary e o saqueador, ver do que aquilo se tratava.

O homem empurrou o casco pela praia estreita, raspando nas pedras, depois deu um leve salto, quase sem fazer a canoa balançar.

Zachary esticou a mão para tocar o joelho de Polly.

— Desculpe, Polly. Você sabe que eu não quero lhe fazer mal. Você sabe mesmo. — O rosto dele estava contraído, nervoso. — Mandaram esse brutamontes comigo porque tinham medo de que eu não fosse trazê-la. É em mim que eles não confiam, não em você. Prometo que você será bem-tratada, tal como uma deusa. E é isso que você é para mim, mesmo que eu pense em você como deusa de modo diferente do que eles pensam.

Ela suspirou, irritada.

— Zachary, quando a luta terminar e eu não estiver lá, eles vão ficar histéricos.

— Eles quem?

— Karralys e Anaral. O bispo, Tav. Filhote. Todo mundo.

O apreensor fez dois sons guturais, que Polly interpretou como “vamos logo”. Ele apontou e eles viram várias canoas compridas cruzando o lago em velocidade.

Ou seja, a batalha havia terminado. Polly, contudo, não tinha ideia de quem havia vencido, quem havia se ferido ou mesmo morrido. Rapidamente, ela pulou na água e foi se arrastando em direção à margem. Mas seu apreensor estava atrás dela e a segurou antes que pudesse chegar à terra.

— Vocês não têm direito de me levar contra minha vontade — ela fez força para dizer.

Ele não respondeu. Ela a levantou e carregou de volta à canoa.

— Polly! Não faça mais isso! — Zachary parecia desvairado.

Polly fez força para retomar o fôlego, que fora quase arrancado dela pelos braços fortes do saqueador.

— Polly, não me negue minha chance. Por favor. Eu sei que o curandeiro deles pode me ajudar.

— Mas isso tem um preço, aparentemente?

— Eles só querem que eu leve você a eles porque acham que é uma deusa.

Polly fez que não.

— Eu não sou deusa. Eu não chamei Louise. Ela veio por acaso. Eu não tenho poderes mágicos. — Ela segurou-se na lateral da canoa e o saqueador remava com pressa. — Ele tem nome?

Zachary riu.

— É uma coisa parecida com Onan, creio eu, mas a língua deles não é Ogam puro. Tem muitos grunhidos, barulhos, e eles mexem os braços. Polly, sinto muito ter que trazer você assim, sinto mesmo, mas eu não consegui pensar em outra coisa. Preciso de você. Se vier comigo, o curandeiro velho deles vai consertar meu coração.

*Consertar*, ela pensou, com fastio. *Ele está acostumado a consertar tudo com dinheiro. Mas nem tudo pode ser consertado.*

De repente eles foram cercados por outras canoas e os remos eram erguidos em triunfo. Os que não tinham remos ergueram as mãos sobre as cabeças, batendo palmas.

— Viu? — Zachary lhe dirigiu o sorriso mais charmoso. — Viu como eles estão felizes em ver você?

• • •

Assim que estavam em terra, ela foi recebida por um idoso com o rosto cheio de rugas finas, tais como as linhas de uma água-forte. Ele estendeu as mãos a Polly e ajudou-a a descer da canoa.

— Pó-li.

Ela assentiu.

— Tynak — disse ele. — Tynak saúda Pó-li. — Ele a conduziu pela faixa de areia estreita, depois por uma grama seca que quebrava sob seus pés. Levou-a até uma meia-água, onde havia uma poltrona de samambaias, similar às camas de samambaias de Anaral. Tynak apontou que Polly devia sentar-se, enquanto ele ficou agachado.

Falar com Tynak, que demonstrava uma autoridade que o declarava líder do Povo do Outro Lado do Lago, não era fácil, mas Polly conseguiu entender que a batalha não fora mais que uma maneira de acobertar seu sequestro. Ninguém fora seriamente ferido, não se fizera nenhum preso, fora ela mesma.

Zachary ficou logo à frente da meia-água, e o velho o invocou com um sorriso tão fraco que não havia alegria, mas sim uma sensação de solenidade.

— Viu que eu a trouxe, Tynak? — disse Zachary. — Agora o curandeiro vai consertar meu coração? — Ele levou a mão ao peito e olhou com avidez para o chefe.

Tynak embarcou em um discurso comprido e veemente que Polly não conseguiu acompanhar. A linguagem deles era de sílabas curtas, afiadas, e ele falava rápido. Polly entendeu apenas palavras isoladas: deusa, chuva, ira. Mas nada de coerente que se encaixasse.

Ela olhou para a terra que era mais seca e mais marrom que a do Povo do Vento. A grama que havia entre a praia e a meia-água estava quebradiça. As folhas das árvores pendiam secas, ou caíam apáticas no chão. Acima do lago, o céu era de um amarelo-mostarda, maculando a noite. O ar estava tão úmido que a praia do outro lado nem era visível. Só as montanhas se erguiam do negrume. Eram mais altas, se vistas deste lado do lago, e seus cumes tinham mais neve. O degelo dessa quantidade extra poderia ser a solução para ajudar a manter a terra do Povo do Vento fértil e verde. A lua brilhava vagamente entre nuvens flutuantes.

Tynak levantou-se e virou-se para Polly, sugerindo que ela devia segui-lo. Ele era mais baixinho do que ela havia percebido quando ele a recebeu na canoa. Suas pernas eram caniços curtos sob uma túnica de couro. No entanto, ele caminhava com autoridade e nobreza. Ela o seguiu pelo complexo de barracas, muitas mais do que no lado dela do lago. Havia gente em movimento. Tynak falou e o que ela entendeu foi que durante o dia o sol havia deixado de ser gentil e se tornado quente e abrasador. Ele a levou rumo ao que devia ser um milharal de talos que haviam sido colhidos e cortados. Tynak falou de novo, agora mais lentamente, e ela entendeu que ele lhe dizia que seu povo era gentil com as terras, que as tratavam com respeito, mas que elas haviam se voltado contra eles. Ele olhou para ela com olhos pequenos, muito escuros, e lhe disse que, sem chuva, eles iam passar fome.

Ele a levou de volta à meia-água e lhe mostrou uma capa de pelo enrolada no canto. Então ele fez uma medida e saiu, fazendo sinal para Zachary vir com ele.

Alguns minutos depois, uma das jovens da tribo trouxe a Polly uma tigela com uma espécie de ensopado, soltou perto dela e a fitou, acanhada.

Polly agradeceu e disse:

— Eu sou Polly. Você é...

A menina sorriu.

— Corça. — Então saiu correndo.

Polly viu que a tribo estava reunida em torno de uma fogueira, compartilhando uma refeição da qual ela fora excluída. Por quê? Os saqueadores tinham sido incluídos no banquete do Povo do Vento. Mas Klep havia dito que o Povo do Outro Lado do Lago tratava seus presos de modo diferente do Povo do Vento.

Ela comeu o ensopado, que era razoável, porque sabia que precisava manter a

força. Provavelmente a carne era a dos animais saqueados do Povo do Vento. Então ela sentou-se, os joelhos apoiando o queixo, e ficou pensando. Se deu conta de que Povo do Outro Lado do Lago talvez não tivesse banquete nem refeição alguma, sem aquilo que haviam tomado durante os saques a gente mais afortunada, cujas terras ainda davam frutos. Ela já havia visto gente pobre ou primitiva, mas nunca pessoas morrendo de fome.

Ela deitou-se, sabendo que precisava descansar, mas cada um de seus músculos estava tenso, e o cantar e gritar da tribo não a deixavam dormir. Não era o cantar alegre do Povo do Vento; em vez dele, era um cântico lastimoso. Estariam preocupados com Klep, que fora tomado de prisioneiro — Klep, aquele que viria a ser seu líder?

Ela deitou-se de olhos fechados, tentando descansar para preparar-se para o que viesse pela frente, sentindo dentro de si uma quietude desesperadora. Era inconcebível que ela ficaria encurralada três mil anos no passado, que talvez nunca chegasse em casa. Ainda assim, ali estava ela, prisioneira.

Por causa de Zachary.

Mas não tinha sido Zachary quem havia fechado o portal.

Mas ele a havia trazido aqui, ao outro lado do lago. Zachary estava com muito medo de morrer para pensar em outra coisa ou outra pessoa. Neste caso, o que ela faria? Não sabia. Fechou os olhos e passou a um estado entre a vigília e o sono. No estado semi-onírico, sentiu uma estranha segurança, de que era cercada por amor que vinha a ela do outro lado do lago, do Povo do Vento, do bispo e de Anaral, de Karralys, de Tav, até de Klep, que sabia melhor que os outros onde ela estava e com quem estava. Ela virou-se de lado, descansada ao pensar na proteção do amor deles.

Viu Tav, olhou em seus olhos prateados, viu seus cílios claros e grossos, seu tufo de cabelos pálidos. Ele a questionava, afirmando que era uma deusa do Povo do Outro Lado do Lago, e querendo saber como a haviam capturado. Ansiando pela realidade da presença dele, ela imergiu ainda mais no sono.

— Zachary e um dos homens me sequestraram.

Ela viu a expressão irada de Tav.

— Por que alguém, até mesmo este Zak, faria uma coisa dessas?

Polly murmurou:

— Klep tinha razão quando disse que Terra Parda podia ter prometido algo a Zachary.

— Prometido o quê? — perguntou Tav.

— Prometeram a Zachary que o curandeiro deles ia consertar seu coração se ele me trouxesse a eles.

— Mas Zachary não deveria ter feito isso! — Agora era Anaral que estava

irritada.

— Acho que se alguém diz que pode salvar sua vida quando você acha que está prestes a morrer, você não pensa em mais nada. Seja como for, estou certa que ele não acredita que exista alguma ameaça a mim. Quer dizer, eles não fariam mal a uma pessoa que acham que é uma deusa, fariam?

— Eles não farão nada até a lua estar cheia — disse Tav. — E, ah, Pó-li, não deixaremos que façam nada com você. Klep é grato a você por ter ajudado a consertar sua perna, por ter segurado sua mão durante a dor.

— Ele é gentil — disse Anaral. — Ele é bom.

— Ele diz que a honra dele está conectada a você, e que por isso precisa ajudar você, nos ajudar a libertar você. — Polly mudou de posição, agarrando-se ao sonho, sem querer acordar. No sonho, Tav inclinou-se a ela e pousou os dedos delicadamente nas orelhas dela. Depois tocou nos seus olhos, na sua boca. — Nós lhe damos o dom de ouvir — disse ele. — Klep envia a você o ouvir das árvores.

— Nós damos a você o dom de ouvir — disse Anaral, delicadamente. — Eu lhe dou o dom de ouvir o lago, pois sei que tem muito amor pela água.

— E eu — a voz de Tav era suave —, eu lhe dou o dom de entender a voz do vento, pois somos o Povo do Vento, e o Vento é a voz da deusa. Ouça e nada tema.

— Nada tema — repetiu Anaral.

— Nada tema.

As palavras deles ecoaram nos ouvidos dela ao remexer-se de novo na areia dura e deixar o sonho para o despertar pleno. Polly tentou se agarrar à promessa de Tav de que nada lhe iria acontecer, mas apesar de sua afirmação de que o Povo do Outro Lado do Lago não faria nada que fosse ferir alguém que eles achavam ser uma deusa, uma voz interior lhe disse que, para este povo, cuja terra fora devastada pela seca, o sacrifício de uma deusa seria algo de enorme poder.

Ela deitou-se no catre de samambaias, puxando o tapete de pelo sobre si. Queria recuperar o aconchego do sonho, mas não conseguia. Sua mente começou a buscar maneiras de fugir. Ela era ótima nadadora. Havia nadado a vida inteira e sua resistência era muito além do comum. Chegaram até a sugerir que fizesse um teste para as Olimpíadas, uma sugestão realista que considerava seu potencial, mas ela concordara com os pais que era não queria esse nível de competitividade profissional. Pensou no lago e percebeu que a distância era longa demais, principalmente na água gelada. A piscina de seus avós era aquecida e mal



chegava aos vinte e dois graus. O lago estaria bem mais gelado. Ela só tentaria nadar se o lago fosse sua última esperança.

Onde estava Zachary enquanto ela estava isolada nesta pequena meia-água? O som de pessoas cantando e gritando ficou mais fraco. Ela ajoelhou-se no tapete e conseguiu ver vários grupos saindo das fogueiras para ir a suas barracas. O banquete, se é que havia sido um banquete — por qual motivo? a chegada da deusa? — havia acabado.

As trevas eram tangíveis e Polly sentiu uma pressão no peito. *É medo*, pensou. *Se ao menos eu tivesse coragem...*

Ela estremeceu. Como se matavam vítimas de sacrifício? Com uma faca? Seria o modo mais rápido, mais gentil...

Ela respirava lenta e obstinadamente. Não se ouvia som saindo das barracas. A água do lago batia gentilmente na margem. Ela apenas escutava. Tentava lembrar dos dons que Tav e Anaral haviam lhe dado no sono. Havia o dom de ouvir a água. Shhh, a água dizia. Silêncio. Silêncio. Paz. Durma.

O vento soergueu, agitou as árvores, remexeu as folhas secas. A meia-água estava presa por trás ao tronco de um grande carvalho. Os galhos faziam um arco sobre o teto de peles, uma proteção extra. No verão, quando a árvore tinha folhas, a meia-água ficaria protegida do sol. Klep havia lhe dado o dom de ouvir as árvores. Ela ouviu, com uma certeza de que os dons haviam mesmo lhe sido enviados, soprados no vento pelas águas escuras do lago. Ela ouviu um latejar firme, como um grande coração batendo. O ritmo não cedia nunca. Era um atestado se sua firmeza. O carvalho era mais antigo que qualquer árvore na sua época. Tinha centenas de anos de idade. O carvalho *era*, e ele ser era um estranho aconchego.

Ela voltou-se, por último, ao dom de Tav, e o valorizou: o dom de ouvir a voz do vento. Ela escutou o vento agitar delicadamente as folhas secas acima de si. Tocar as águas do lago, ondulando a superfície. Alcançar a meia-água e roçar suas bochechas. Ela não ouviu palavra alguma, mas sentiu ainda mais aconchego e autoconfiança.

Finalmente dormiu.

Quando abriu os olhos, era dia. Tynak estava agachado ao seu lado, olhando para ela. Atrás dele, a luz da alvorada deixava um tom róseo na água. O sol se erguia por trás das montanhas com cumes de neve que protegiam o Povo do Vento. Mas agora, enquanto Polly olhava para as montanhas do outro lado do lago, elas pareciam selvagens e ameaçadoras. Pelo povoado, as pessoas se remexiam, e ela sentia o cheiro de fumaça das fogueiras.

Raios de sol compridos alcançavam a meia-água e tocavam Polly. Tynak estendeu uma mão e apontou algo. De início, ela não tinha ideia do que ele apontava com seu dedo ancião. Então percebeu que era o cabelo dela. Tynak nunca havia visto cabelos ruivos. À noite ele não brilhava tal como agora, com os longos raios de sol. Ela não sabia como explicar que cabelos ruivos não eram algo tão incomum na sua época, por isso sorriu com educação.

— Bom dia.

— Klep... — Havia algo de urgente na voz de Tynak.

Ela falou devagar.

— Klep está com a perna quebrada. Nosso curandeiro está cuidando. Ele vai ficar bem.

— Ele vai voltar?

— Isso eu não sei. Não sei o que acontece com prisioneiros.

— Ele tem que voltar! Você é deusa, precisamos de ajuda.

— Eu não sou deusa. Sou um ser humano normal.

— Você chamou cobra. Ela veio.

— Sinto muito. Não teve a ver comigo. Não tenho esse poder. Não sei por que ela veio. Foi só coincidência. — Ela torcia para que ele entendesse o bastante do seu Ogam fraco para captar a essência do que dizia.

— Cobra. Quem é?

— Louise é só uma cobra negra comum. São inofensivas.

— Como se chama?

— Louise Larguda.

Tynak grunhiu, fez um olhar de incompreensão, depois virou-se e, sem falar mais, deixou a meia-água. Em poucos minutos voltou com uma tigela de madeira recheada com uma espécie de papa.

Ela aceitou.

— Obrigada.

— Você pode chamar chuva? — perguntou ele.

— Gostaria muito.

— Deve tentar. — Seu rosto enrugado era gentil, triste, sem qualquer traço de sinistro ou ameaçador.

*Nem na minha época, pensou ela, em que achamos que temos controle sobre tanto, não temos sucesso em prever o tempo, quanto menos controlá-lo. Também sofremos secas, enchentes, terremotos. Vivemos em um planeta que continua instável.*

— Você vai tentar? — insistiu Tynak.

— Vou tentar.

— Lá de onde vem, tem deuses, deusas?

Ela fez que sim. Dado seu isolamento na ilha, ela tivera pouca instrução formal em relação a religiões. Não havia catequese por lá. Mas as conversas da família na mesa de jantar incluíam tanta filosofia e teologia quanto ciências. Seu padrinho era um cônego inglês que lhe ensinara a respeito do Deus do amor e da compaixão, um Deus que era misterioso e tremendo, mas que não podia ser entendido tal como se entendia “dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio fazem água. Um Deus que se importava com tudo que se criara com amor. Incluindo aí todas as pessoas que haviam vivido três mil anos antes. O Bispo Colubra também acreditava em um Deus do amor pleno. E assim também acreditava, apesar do seu pragmatismo, a Dra. Louise.

Anaral havia falado da Presença. Um nome tão adequado quanto qualquer outro.

— Acreditamos na Presença — disse Polly, com firmeza, a Tynak. — Aquela que nos fez a todos e se importa conosco.

— A Presença deseja sacrifício?

— Apenas amor — ela disse. Mas talvez este tenha sido o maior dos sacrifícios.

— A Presença manda chuva?

— Nem sempre. Também temos secas.

— De onde você vem?

*De quando*, pensou ela, mas assentiu. Seria impossível explicar.

Ela teria algo de sua época que impressionaria Tynak? Remexeu nos bolsos da jaqueta. Sim, tinha várias coisas, artefatos que Tynak consideraria objetos com poder. Seus dedos tocaram o ícone de Zachary. Ela o puxou do bolso. Deixou-o na frente de Tynak. Zachary havia lhe dado o ícone porque se importava com ela.

Tynak olhou para o ícone atentamente, quase com temor, depois olhou para ela com ar interrogativo.

Ela apontou para a criança no ícone, depois para si. Então ela apontou para o anjo, e esticou os braços como se abraçasse o povoado de Tynak, as barracas, o lago, as grandes montanhas com seus cumes nevados ao longe.

Tynak tomou o ícone da mão dela e mais uma vez o fitou. Depois fitou Polly, então o ícone de novo. Apontou para o anjo, seus dedos tocando as grandes asas.

— Voa?

— Sim.

— Deusa?

Polly fez que não.

— Anjo.

Ele esticou a palavra após ouvi-la.

— An-jo. An-jo vai ajudar você?

Ela fez que sim.

— An-jo não deixa nada fazer mal a você?

— Anjo me ama — respondeu Polly, cautelosamente.

Ele assentiu várias vezes. Virou o ícone de lado, olhou para a madeira plana do fundo, girou de modo a fitar mais uma vez o anjo e a criança.

— Onde pegou?

— Zachary me deu.

— Zak. Zak. Agora você fala com o Zak.

Ela estendeu a mão para o ícone.

— Por favor, me devolva.

Ele afastou as mãos, ainda segurando o ícone.

— Por favor, devolva — repetiu Polly, e estendeu as mãos para pegar.

— Não! Tynak fica com poder an-jo.

Por que ele queria tanto ficar com o ícone? Se tentasse arrancar dele, outros viriam em seu resgate imediatamente. Ela fitou os olhos escuros do homem.

— Anjo tem bom poder para mim. Poder ruim para você.

— Não. Eu fico com an-jo. Fico com seu poder.

Era absurdo sentir-se tão ameaçada por Tynak tomar o ícone. Não passava de uma pintura em uma placa de madeira. Zachary havia dito que não tinha valor algum. Mas era uma afirmação do afeto que ele tinha por ela, que ele falou sério quando prometeu que não ia machucá-la. Sua voz hesitou.

— Poder ruim para você. — Ela só conseguia se repetir.

Ela parou ao ouvir um rosnado baixo. Úmido e pingando água, Og correu na direção dela.

— Og! — Ela estava quase tão contente em vê-lo quanto ficaria em ver Tav.

O cachorro estava do lado dela, mostrando os dentes a Tynak.

— Me devolva. — Ela esticou as mãos para pegar o ícone mais uma vez. — Viu? Poder bom para mim. Poder ruim para você.

Tynak colocou o ícone na mão dela e saiu com pressa.

Og lambeu a mão dela delicadamente e Polly caiu em lágrimas.

O empenho frenético de Og para lhe lambe as lágrimas fez Polly rir, e ela passou as mãos nos olhos.

— Ah, Og, que bom ver você! Como chegou aqui? — Talvez Anaral, Tav ou Karralys houvessem trazido Og de canoa, pelo menos na maior parte do caminho. Não havia como adivinhar. Polly só estava grata pelo cão lhe fazer companhia.

Ela olhou o ícone do anjo e da criança. Não havia dúvida de que Tynak nunca vira uma imagem pintada. Se ela tivesse uma câmera consigo, uma daquelas instantâneas, e tirasse uma foto, com certeza ele ficaria convencido de seu poder. Mas não era o caso, infelizmente.

Og rosou um pouco, e ela ergueu o olhar para ver Zachary em seu traje de caminhada elegante, que não combinava com a aldeia anciã carcomida pela seca.

— Polly, minha querida, você está bem?

Ela olhou para Zachary, para o rosto pálido, as sombras escuras em seus olhos.

— Você me sequestrou.

Ele colocou uma mão em um dos postes que apoiava a meia-água.

— Polly, você não entendeu? Eu precisava de você. Precisava muito.

— Por que não perguntou se eu queria vir?

Ele abaixou-se e sentou ao lado dela no catre de samambaias.

— Porque eu não tinha certeza de que você viria.

— Mas você nem tentou. Simplesmente deixou aquele homem me sequestrar.

— Ah, minha querida Pol, não fale assim. Eles deixaram bem claro que o curandeiro não chegaria nem perto de mim se eu não trouxesse a deusa a eles.

— Você sabe que eu não sou uma deusa.

— Mas eles não.

— Zachary. — Ela olhou sério para ele. — Você entendeu que Tynak quer me sacrificar para conseguir chuva?

— Não, não, ele não faria algo assim. — Mas de repente Zachary pareceu levemente desconfortável. — Você é uma deusa. Ele só queria você aqui porque você tem poder. — Ele olhou para Og. — E você tem, não tem? O cachorro veio até você. Tynak acharia esse poder tremendo, não acharia? — Ele estava falando demais, rápido demais.

— Zachary, você deixaria Tynak me sacrificar?

— Nunca, Polly, nunca. — Ele olhou para ela em tom suplicante. — Polly, eu

quero que o curandeiro deles me ajude.

— A este preço?

— Não existe preço.

— Tem certeza? Nem a minha vida pela sua?

— Não, é claro que não. Tynak acha que você é uma deusa. — Zachary passou os dedos pelos cabelos escuros. — Escute, Polly, esse tal Tynak deixou claro a mim que o curandeiro não tocaria em mim se você não... Certo, esse é o problema. Eu não entendi o que ele queria. Você entende o que ele diz?

— Um pouco.

— Você está com raiva de mim.

— Por que não estaria?

— Mas sei que você ainda tem o ícone que eu te dei. Sei que você gosta de mim. Tynak disse que o curandeiro ia me ajudar se você viesse. Você é uma deusa, não entende?

Ela fez não com a cabeça. Olhou para ele. Zachary era dramático e bonito, mas Polly tinha estava cada vez mais certa de que ele faria qualquer coisa para conseguir o que queria. E, desta vez, o que ele queria era algo grande: sobreviver.

— Você não quer que eu viva? — Ele implorava.

— Às custas da minha própria vida?

— Polly, deixe de exagero.

— Eu? Exagerando?

Zachary levantou-se.

— Ah Polly, eu queria conversar, mas já vi que não vai ser possível enquanto você estiver agindo assim. Eu vou voltar a Tynak. Vou ficar na barraca dele. E caso se interesse, há caveiras nos postes da barraca dele. — Sua voz era firme e defensiva. — Você me fez voltar no tempo, a este lugar onde as pessoas são pouco mais que selvagens. Acho que você devia se sentir um pouco responsável.

— Se eles são selvagens, por que tanta confiança de que o curandeiro deles pode ajudar com seu coração? — perguntou ela.

— Ah, Polly, não suporto que você esteja furiosa comigo! Achei que fôssemos amigos.

Amigos? Ela não tinha certeza do que era um amigo. Lembrou-se de sua conversa com Anaral sobre amizade, sobre como amigos cuidavam do outro ou tentavam proteger um ao outro. Amizade era uma via de mão dupla. Ela queria que Zachary fosse embora e a deixasse em paz. Colocou o ícone de volta no bolso, aquele que Zachary lhe dera porque sua avó acreditava em anjos. O Bispo Colubra também acreditava. E se ele podia, ela também podia. Não no anjo pintado no ícone, mas nos poderes reais do amor e do carinho. O ícone não era

uma coisa em si, mas um simbolismo, uma afirmação.

Para Tynak, era algo em si.

— Já viu o curandeiro hoje? — perguntou ela a Zachary.

— Vi e conversei, se é que se pode dizer isso... Ele é muito velho. Mais velho que Tynak. Tem braços compridos, macilentos, e mãos enormes, de aparência forte. Polly, você vai me ajudar, não vai? Vai?

Ela percebeu que ele estava histérico, fora de si de tanto pavor. Mas ela também sabia que as negativas dele quanto a Tynak usá-la como sacrifício eram vazias. Ela sentiu uma dor profunda no peito.

— Até mais. — Zachary tentou soar casual. Deu-lhe as costas e foi embora.

O sol estava bem acima do horizonte e inclinava-se calorosamente contra a meia-água. Faria um dia quente de outono. Veranico? Ela tirou a jaqueta. Tav havia dito que nada aconteceria até a lua cheia. Depois de amanhã, ela pensou. Muita coisa poderia mudar até lá.

• • •

Ela deixou a meia-água e caminhou pelo complexo, com Og a seu lado. As pessoas olhavam para ela intrigadas, com cautela, até medo, mas ninguém lhe dirigia a palavra. Polly sentia-se como se seu cabelo ruivo fosse chamas. Houve muitos olhares furtivos a Og. Essa gente não era acostumada a cães, pelo menos não a cães domesticados. Talvez achassem que Og fazia parte de sua magia. Talvez fosse por isso que Og havia sido enviado do outro lado do lago até ela. Og era proteção, como o bispo havia dito. Ela precisava da proteção dele.

O sol assolava com um fulgor sulfuroso. Estava quente, muito quente de verdade, mas era um calor estranho. O céu estava amarelado, não azul, e sua única esperança neste momento era que este clima esquisito significasse uma tempestade por vir, com chuva.

Sempre que ela abordava um grupo, a conversa cessava. Og a empurrava com o focinho, conduzindo-a na direção da meia-água. Por isso, ela voltou.

Ao meio dia, quando o sol estava a pino, Corça lhe trouxe uma tigela de ensopado e um pão grosso, mas não ficou junto. Polly comeu e deitou-se no catre, as mãos atrás da cabeça, olhando para as peles do teto, tentando refletir, mas seus pensamentos não tinham foco. Ela enrolou a jaqueta para fazer um travesseiro e ergueu a cabeça para conseguir ver fora da meia-água, do outro lado do complexo, até o lago.

Zachary havia dito que haviam caveiras na barraca de Tynak, que essa gente da Idade da Pedra era selvagem. Mas o povo da sua época era menos selvagem? Nas memórias de seus avós, judeus e ciganos e qualquer um que se pensasse

perigoso à supremacia ariana eram levados a campos de concentração, eram mortos em câmaras de gás, seus restos mortais transformados em sabão ou usados para experimentos médicos. Mais ou menos na mesma época, em seu próprio país, japoneses que eram cidadãos norte-americanos foram arrebanhados e levados à versão norte-americana dos campos de concentração. Claro que não eram brutais como os campos alemães, mas eram tão selvagens quanto o que se via dos dois lados do lago.

Ela então pensou no Bispo Colubra deitado na grande pedra, rezando, e fechou os olhos para deixar a mente esvaziar-se, para fazer parte da oração dele. Tanto o bispo quanto Karralys sabiam que ela e Zachary estavam aqui. Eles haviam enviado Og a ela. Torcia para que estivessem rezando por ela. Sabia que eles gostavam dela, que nunca a abandonariam. Tav viria em seu resgate.

Mas uma dor ainda ardia em seu peito.

• • •

No fim de tarde, o trovão ribombou das montanhas do outro lado do lago e um relâmpago piscou. As nuvens desceram em cortinas, mas, do outro lado do lago, não no de Tynak. A Polly parecia que o Povo do Vento estava levando um bom banho. O cheiro de chuva estava no ar, e era cheiro de verão. O ar continuou a ficar quente e pesado.

Tynak veio até ela mais uma vez.

Ela sentou-se sobre a jaqueta, para proteger o ícone. Og sentou-se ao seu lado. Tynak apontou o cão e olhou para ela com ar questionador.

— Animal?

— Cachorro. Cachorro.

— Vem de onde?

— Ele pertence ao outro lado do lago. Achamos que ele atravessou o oceano com Karralys, o druida. O líder.

Tynak apontou para a tempestade que ainda caía do outro lado do lago.

— Poder. Você tem poder. Faz chuva.

Polly fez não com a cabeça.

— Terra precisa chuva. Sangue, depois chuva.

— Um cordeiro? — sugeriu Polly.

— Sangue não é forte. Não tem poder.

Só Polly tinha o poder necessário para um sacrifício bem-sucedidos. Um sacrifício tem que ser imaculado. Tynak tinha medo do poder de Polly. Disse a ela que havia considerado a possibilidade de sacrificar Zachary, mas que o rapaz talvez não tivesse poder suficiente para apaziguar a ira dos deuses e trazer chuva



a este lado do lago, e devolver Klep a seu povo.

— Você prometeu ajudar com o coração de Zachary — Polly tentou lembrar a ele, pressionando a mão contra o coração.

Tynak deu de ombros.

— Você prometeu a Zak que, se ele me trouxesse a você, seu curandeiro ajudaria com o coração dele — insistiu ela. — Você não tem honra? Você não mantém a palavra?

— Honra. — Tynak assentiu, pensativo. — Tenta. — Ele a deixou.

Ela ficou olhando enquanto ele ia, questionando se o curandeiro tinha o bastante do dom da cura para dar nova vida a um coração tão prejudicado.

Corça lhe trouxe outra tigela de ensopado no início da noite. Polly comeu e ficou sentada, escutando. O vento se mexia nos galhos do carvalho atrás dela. Sufocante. Muito quente para aquela época do ano. A aldeia estava calma. Tynak havia deixado sem guarda, provavelmente porque não havia para onde ir. A floresta atrás dela era ameaçadora. O lago estava à sua frente.

A água se agitava com suavidade. O vento parecia chamá-la, convocá-la. Polly não sabia muito bem o que o vento queria lhe dizer. A lua estava alta no céu, redonda e quase cheia. A aldeia acomodou-se para dormir. As fogueiras foram apagadas ou cobertas. Não havia som além do agitar do vento nas árvores, franzindo a superfície do lago. A aldeia dormia.

Og levantou-se, cutucou-a. Foi à ponta da meia-água, olhou para Polly, o rabo mal se mexendo, no aguardo. Então ele foi à beira do lago, colocou uma pata dentro, olhou para ela de novo, colocou a pata na água de novo, olhou para trás, balançando o rabo. Finalmente ela entendeu que ele queria entrar no lago. Para nadar. Ela tirou os sapatos e meias, o jeans, o blusão e deixou a meia-água usando apenas calcinha e sutiã de algodão. Og então a conduziu pela margem do lago, cada vez mais para longe das barracas.

Não se ouvia som algum da aldeia. O sono era pesado no povoado. A neve nas montanhas do outro lado do lago reluzia ao luar. Polly seguiu Og, tentando fazer silêncio, mas era muito difícil se mexer sem fazer barulho, como Tav e Anaral. Os galhos estalavam sob seus pés. As trepadeiras se prendiam nela. Agora não havia mais praia. A floresta ia até a beira d'água. Tentou não roçar nos galhos. Tentou não berrar quanto os gravetos ou pedras machucavam seus pés.

Por fim Og entrou na água, olhando de novo para Polly para garantir que ela o seguia. Ela entrou também, tentando fazer o mínimo de barulho. Mergulhou quando a água estava até os joelhos. Og nadava sem parar. A água estava fria. Na superfície ela fora aquecida pelo calor incomum daquele dia, mas por baixo estava fria, bem mais do que na piscina dos avós. Ela seguiu Og, nadando com força. Precisava dar braçadas firmes e constantes para evitar a hipotermia, mas

não com tanta pressa que pudesse cansar antes de atravessar o lago.

A água era plácida. E fria. Gelada. Ela nadou, seguindo Og, que ia a um ritmo regular para que ela pudesse acompanhá-lo sem esforço. Mas, à medida que avançavam, o corpo dela foi ficando cada vez mais frio, e sua pele formigava. Ela confiava em Og. Ele não a teria levado ao lago se eles não conseguissem chegar ao outro lado. Ela nadara a vida inteira. Se precisasse, poderia nadar para sempre.

Então nadaram e nadaram. Os braços e pernas de Polly se movimentavam quase no automático. Quanto faltava? A que distância? Agora, mesmo à luz da lua, ela não conseguia ver a aldeia de Tynak, que ela havia deixado para trás, tampouco enxergava além do lago, fora as montanhas.

Ela sentiu a respiração saindo em arfadas, ásperas na garganta. Não ia conseguir. Tentou encontrar terra firme à frente, mas seus olhos estavam cegos de cansaço e só viu um tremeluzir no escuro. Afundou mais, engoliu água, debateu-se para emergir. Og olhou por cima do ombro, mas seguiu nadando. Sua respiração parecia lâminas perfurando-a por dentro. Tentou gritar pelo cachorro, mas o som não saiu. Suas pernas afrouxaram. Ela não conseguia seguir em frente.

Então seus pés tocaram o fundo de pedra.

Og estava correndo para a margem, latindo.

E Tav estava correndo da praia para recebê-la. Ele jogou-se na água e foi seguido por Karralys e Anaral. O bispo correu para encontrá-los, trazendo um manto de pelos. Anaral tomou o manto dele e enrolou o corpo de Polly com aquele calor.

Ela estava nos braços fortes de Tav. Ele a carregou até a barraca de Karralys.

Estava segura.

• • •

Acenderam uma fogueira poderosa dentro de um círculo de pedras no centro da barraca. O buraco da fumaça estava aberto e tufos azulados subiam noite afora. Anaral trouxe algo quente para Polly beber, que aqueceu o frio que havia se instalado até sua medula.

— Vocês tiveram chuva hoje à tarde? — perguntou ela.

— Sim. A chuva veio — disse Karralys.

Polly provou da bebida quente e reconfortante. Ainda tremia de frio, e Anaral lhe trouxe outro tapete de pelos para enrolar nas pernas. Bispo Colubra colocou a mão na sua cabeça molhada. Ela estava tão exausta que se deitou, enrolada nos pelos quentes, e caiu em sono profundo.

Fosse pelo cansaço de nadar ou por alguma coisa naquela bebida, ela passou imediatamente aos sonhos. Durante o sono, era o centro de uma teia iluminada de linhas, linhas que se ligavam às estrelas e ainda assim alcançavam a terra, da casa de seus avós à rocha de observação estelar aos morros baixos e às montanhas, linhas de luz que tocavam o Bispo Colubra e Karralys, Tav e Filhote, Anaral e Klep, e todas as linhas a tocavam e a acalentavam. Linhas de poder... Poder benigno.

Então o sonho de repente virou pesadelo. As linhas eram fios de uma teia de aranha, e no centro Zachary estava preso como uma mosca. Ele se debatia, convulsivo e sem sucesso, e a aranha lançava mais fios para amarrá-lo. Os gritos de Zachary quando a aranha se aproximava transcenderam seu sono.

Ela acordou com um solavanco.

— Você está bem? — perguntou Anaral, nervosa.

— Você precisa dormir mais — disse Tav.

Ela fez que não.

— Estou bem.

— Criança abençoada — a voz do bispo era uma carícia —, sabemos que Zachary a sequestrou. Pode nos contar mais?

— Bem. — Ela ainda estava gelada até a medula. — Acho que não posso deixar Zachary lá. — Não era o que ela esperava dizer.

— Polly. — O Bispo Colubra falava com delicadeza, mas firme. — Conte o que aconteceu.

Ela reviu rapidamente suas tentativas de diálogo com Tynak e com Zachary.

Quando terminou, Tav pôs-se de pé com ira.

— Então este Zak a levou para salvar a própria vida.

— O coração — corrigiu ela.

— Ele estava disposto a deixar que você morresse para ele viver — disse Anaral.

Polly fez que não.

— Não é tão simples assim. Não creio que ele tenha admitido para si mesmo o que fazia.

— Por que você está defendendo ele? — contestou Tav.

— Não sei. Só sei que não é simples. — Mas ela não havia acusado Zachary da mesma coisa? — Acho que eu preciso voltar para lá.

— Não. Não será permitido — advertiu Tav.

— Você está aqui. Segura. Fique — insistiu Anaral.

— Por que você precisa voltar, Polly? — perguntou o bispo.

Os motivos dela pareciam inadequados, mesmo para si. Mas a visão de Zachary preso na teia ficava surgindo na sua mente.

— Minhas roupas estão lá. O ícone de Zachary está no bolso da minha jaqueta e Tynak acha que ele tem poder. Tentou tirar de mim uma vez, mas espero que agora esteja com medo. E, se eu não voltar, não sei o que será do Zachary. — Ela sacudiu a cabeça como se quisesse desanuviar. — Não sei mesmo por que eu preciso voltar. Só sei que preciso.

Tav bateu com a ponta rombuda de sua lança no chão duro da barraca.

— O que acontecerá com este Zak não interessa. Você. Você que interessa. Eu me importo com você.

— Não posso fazer chover para eles, Tav — disse ela. — E se não houver chuva, eles voltam a atacar vocês. Você mesmo disse. — Ela queria estender os braços para ele, que ele a tomasse as mãos, que a puxasse para ele, mas não era hora de seguir ânsias irracionais. — Karralys... — ela começou a falar, mas Karralys não estava lá.

— Ele foi para os menires — contou o bispo. — Não viu ele sair? Ele fez um sinal para Og ficar aqui na barraca, e então saiu.

— Mas ele volta? — perguntou Polly, nervosa.

— Ele voltará — garantiu-lhe Anaral. — É seu ponto de poder. Ele precisa estar lá.

Polly mordeu o lábio, pensativa.

— Se Tynak acredita que eu tenho poderes de deusa, ele vai esperar. O ícone teve um efeito terrível sobre ele, Bispo. O que mais eu tenho a meu favor? — Ela parou e pensou. — Bem, tem uma lanterna no bolso da jaqueta, uma destas pequeninhas com luz bem forte. E uma tesoura. Mais uma caderneta e um caneta. E outras coisas. Tynak nunca viu nada disso.

— Caderneta e caneta? — perguntou Anaral. — Como a do Bispo? De escrever?

— Sim.

— Karralys é o único que eu conheço que sabe escrever, e escreve apenas em pedra ou madeira. E sua grande sabedoria não está escrita. Ela fica aqui. — Ela tocou primeiro na testa, depois no coração. — O que eu tenho que lhe dar? Ah, veja! O bispo me deu isto quando eu cortei o dedo. — Ela enfiou a mão em uma bolsinha no flanco e puxou um canivete dourado. — Não seria muito boa para esfolar um cervo, mas é bem afiada. E eu tenho mais um desses. — Ela entregou um Band-Aid a Polly.

— Pare! — berrou Tav. — Não! Pó-li não pode voltar!

— Tav, eu preciso.

— Você nadou. Nadou muito longe! Não tem muitos que cruzam o lago nadando, todo ele, nem no verão. Você está aqui. Não vamos deixar que vá.

— Eu preciso. — Ela usou seu tom mais teimoso.

— Polly — disse o bispo —, você não nos deu um motivo real.

— Eu não posso deixar Zachary lá. Ele vai ser morto.

— Por que não? — Tav exigiu saber.

— Não posso. Se Tynak acha que eu sou uma deusa, talvez eu consiga detê-lo.

Tav fez que não.

— Você. Vão sacrificar você.

— Não — Polly disse. — Para eles, eu sou uma deusa. — Ela queria ter tanta certeza quanto parecia ter.

O rosto do bispo se retorceu, como se ele sentisse dor.

— Polly tem razão. Ela não pode deixar Zachary ser um sacrifício insignificante. Independentemente do que ele fez ou não fez, Polly age assim.

— Não! — berrou Tav.

Karralys voltou, puxando a entrada da barraca de lado.

— Bispo Garça tem razão. Polly tem razão. Não podemos deixar que o jovem seja sacrificado. Não trará chuva e teremos vendido uma vida em troca de nada.

— A vida de Pó-li — disse Tav.

— Nunca é conveniente que um homem morra em nome do país — disse o bispo.

— Vamos reunir todos nossos guerreiros... — Tav começou a dizer.

— São muitos mais do que nós — ressaltou Karralys.

— Não vou deixar que as pessoas entrem em guerra por mim. Gente que vai se machucar ou morrer. Não fará bem algum, Tav. Você não pode nem pensar nisso. Você teve chuva aqui hoje. Talvez aconteça outra tempestade, do outro lado do lago. É disso que precisamos.

Karralys falou:

— Por conta da posição das montanhas e das correntes de vento, aqui temos chuva com mais frequência que do outro lado. Mas é possível que a chuva venha, não só uma tempestade, mas chuva em todos os lagos e costas.

— Sim — concordou Polly. — Chuva. Não guerra. Chuva.

Karralys olhou para ela, pensativo.

— Eu deitei na rocha e fiquei escutando. Hoje as estrelas estão em silêncio. Ouço apenas que Zachary precisa ser salvo.

— Não entendi. — A voz de Tav era selvagem.

— Nem eu — respondeu Karralys. — Só sei o que eu ouço.

— Você consulta as estrelas? — perguntou Polly.

Karralys franziu a testa.

— Consulta? Não. Eu escuto.

— Em busca de conselhos?

— Não, não tanto conselhos, mas... — Ele fez uma pausa.

— Orientação? — sugeriu o bispo.

— Não. Nas estrelas há linhas da configuração, e estas linhas nos tocam, tal como nossas linhas se tocam. As estrelas não preveem, pois o que não aconteceu deve ficar livre para acontecer, como assim será. Eu olho e escuto e tento entender a configuração.

O bispo concordou.

— A história não é prevista. O futuro não pode ser forçado. Disto eu tenho certeza.

Karralys olhou sério para Polly.

— Se você vai voltar a Zachary, está na hora.

Tav virou-se para o bispo.

— Você mandaria Polly de volta?

— Jamais... — disse o bispo.

Polly olhou para ele, assentindo.

— Mas é o que eu vou fazer.

— Então eu levo você na minha canoa — disse Tav.

— Você precisa vestir algo quente — disse Anaral. — Vou pegar uma túnica de inverno.

— Obrigada — disse Polly. — Vou precisar.

— Eu vou com você, Tav — prosseguiu Anaral. — Eu conversei muito com Klep, tentando encontrar uma maneira de resgatar Polly. Ele me contou de uma pequena ilha não muito distante da aldeia, escondida pela curvatura da paisagem. De lá é uma remada rápida.

— Klep! — Polly quase havia esquecido do jovem do fêmur quebrado. — Ele está melhor?

Karralys sorriu.

— Está. A febre passou. A pele rasgada está se curando. Mas vai levar semanas até ele voltar a caminhar.

— Talvez Polly devesse conversar com ele — sugeriu Anaral—, antes de voltar à tribo.

Karralys concordou.

— Sim. Seria bom. Tav, você e Filhote podem trazê-lo?

— Melhor eu ir até ele, não? — perguntou Polly. — Não seria mais fácil? Ele não ia se machucar se mexessem?

— Tav e Filhote terão cuidado. Quanto menos gente souber que você está aqui, melhor.

Tav já havia saído. Anaral tirou a algibeira de couro de sua cinta e retirou um punhado de pedrinhas. Solto-as no chão, a seus pés, e ficou olhando onde

havam caído.

— Se perdemos uma, perdemos todas. — Sua voz era suave. Ela agachou-se para tocar outra pedra. — Se salvamos uma, tudo é possível. — Tocou em outra. — As estrelas vão nos orientar. Confie nelas. — E outra. — As linhas entre as estrelas refletem-se nas linhas entre os lugares sagrados e entre as linhas que cruzam o tempo para unir pessoas. — Ela ergueu os olhos, piscou, como se acordando de um sonho.

Karralys sorriu para ela.

— As pedras sabem muito.

Anaral sorriu de volta.

— Elas dizem a verdade.

— Annie, querida — o bispo a fitou como se buscasse algo —, estas pedras não seriam de adivinhação?

— Não, não — respondeu Karralys, depressa. — As pedras não nos dizem o que vai acontecer, nem o que devemos fazer, não mais que as estrelas. Elas nos contam apenas de nossa posição atual na grande configuração. Onde estamos agora, aqui. Às vezes isto nos ajuda a enxergar a configuração com maior clareza. Apenas isto. Deixa você preocupado, Garça?

— Não — disse o bispo. — Confio em vocês, Karralys. Em você e em Annie.

— Tinha gente no meu colégio que se interessava muito por adivinhação, previsão do futuro e essas coisas — disse Polly —, e meus pais têm uma visão bem turva desse tipo de coisa.

— Eu também — disse Karralys. — Apenas Anaral lê as pedras, para que elas não sejam mal utilizadas.

Eles interromperam a conversa assim que Tav e Filhote entraram na barraca, trazendo Klep com a perna quebrada esticada e imobilizada entre dois bastões de madeira. Eles o sentaram gentilmente diante da fogueira, que ainda ardia forte, iluminando o interior da barraca. Quando viu Polly, ele sorriu de alívio.

— Você está bem? — perguntou Klep.

Ela sorriu de volta.

— Agora que estou aquecida, sim.

— Você nadou tudo isso?

— Eu cresci em ilhas — disse Polly. — Passei a vida nadando.

— Mesmo assim — disse Klep —, a travessia é longa.

Polly deu um sorriso.

— E eu que não sei? Achei que não ia conseguir.

— E vai voltar?

Ela agachou-se entre eles.

— Klep. Conte. Se eu não voltar, o que vai acontecer com Zachary?

Ele respondeu com outra pergunta.

— Caiu chuva hoje, do meu lado do lago?

— Não. Nem uma gota.

Ele fez um grunhido descontente.

— Terá que haver um sacrifício.

— Zachary?

— Sim.

— Mas eles vão esperar até a lua cheia?

— Sim.

— Daqui a duas noites — disse Karralys. — Polly, Og vai com você. Se precisar de ajuda, mande-o de volta. Assim como você, ele nada como um peixe. Contudo, Polly, saiba que estamos com você. As linhas entre as estrelas e entre nós são como... como... ❖

— Linhas de telégrafo — contribuiu Bispo Colubra. — Isto não lhe diz nada, Karralys. Mas na nossa época transmitimos palavras por linhas.

— Faxes — sugeriu Polly.

— Se você mantiver seu coração aberto a nós, Polly, as linhas também estarão abertas.

— Karralys! — O bispo puxou-se de pé, abanando os braços. — Acabei de ter uma ideia! — Ele olhou em volta da barraca, deixando o olhar fixar-se em Klep, depois voltar a Karralys. — Você não quer Klep aqui de prisioneiro de guerra nem escravo nem nada assim, quer?

— Não. Ele está livre para ir assim que estiver curado.

— Se ele estava bem o bastante para Tav e Filhote trazerem-no aqui, ele está bem o bastante para ficar na canoa com Polly. Vamos mandá-lo de volta com ela. Aí ela será a deusa que resgatou Klep.

Klep deu uma risada de alegria.

— Que esplêndido! Mas estranho. Eu não quero ir. — Ele olhou para Anaral, e ela devolveu o olhar, e a linha de amor entre os dois quase ficou visível.

— Mas você vai — disse Karralys. — O que o Bispo Garça pensou é perfeito. E se você, Klep, será o próximo líder da sua tribo, quanto antes retornar, melhor.

— Sou muito jovem. — Klep lembrava a Polly seu irmão de idade mais próxima, Charles, por sua sabedoria, incomum para a idade, e seu carinho.

— Seu Ancião ainda tem anos pela frente — assegurou-lhe Karralys. — Enviaremos duas canoas. Polly está muito cansada para ir sozinha com Klep. Tav, você vai remar para Polly e Klep. Filhote, você irá com Anaral. Quando a canoa estiver bem próxima da terra para Polly puxar, você, Tav, junta-se a Anaral e Filhote.

— Temos que ser rápidos — disse Klep — para estar lá antes do dia nascer.



Tudo aconteceu tão rápido que Polly mal teve tempo de pensar, apenas aceitar que o plano do bispo era o melhor diante das circunstâncias. Ela recebeu uma túnica de pele de cabra aconchegante, que vestiu agradecida. Klep foi depositado em uma das canoas. Polly sentou-se na proa, com Og enroscado a seus pés. Tav assumiu a popa. Anaral e Filhote entraram em uma canoa pouco menor.

Eles adentraram a água negra. Polly virou-se uma vez para abanar ao bispo e Karralys. Então voltou seu rosto para o horizonte escuro.

As duas canoas atravessavam o lago sem fazer som. Tav e Filhote remavam em sincronia, sem criar respingos. Os remos entravam suavemente no lago, impulsionando as canoas à frente.

Klep estava deitado em silêncio, olhando para o céu, o céu de veludo escuro intocado pelas luzes da cidade. As estrelas estavam lá, mas turvadas por uma pequena névoa, e algumas porções eram eclipsadas por nuvens. Polly acomodou-se nos trajes de pele de cabra de Anaral. O ar era frio, e ela ainda sentia calafrios ao lembrar da longa travessia a nado.

Ela virou-se e olhou para Tav, seus músculos fazendo ondas enquanto ele remava. Não havia como ela pensar tal como Tav. Ela tinha como conceber um mundo de deuses e deusas, da Mãe Terra, mas não tinha como entendê-lo por dentro, fora como parte de um todo glorioso.

— Tav — sussurrou ela.

— Pó-li?

— Se Tynak decide ir que eu... que eu tenho que ser o sacrifício à Mãe...

— Não. — Tav foi enfático. — Não vou deixar que aconteça.

— Mas e se não houver chuva?

— Não vou deixar que Tynak machuque você.

— Mas se eu voltar a você e ao Povo do Vento, e a seca continuar, se não houver mais chuva, então o que você faria?

O silêncio era palpável.

— Tav?

— Eu não sei. — Sua voz era pesada e por um instante seu remo hesitou com um pequeno respingo de água. — Minha formação é de guerreiro. No meu lar, do outro lado da grande água, havia gente que havíamos capturado de tribos vizinhas. A Mãe não nos pedia alguém caro a nossos corações.

— Mas você ainda acredita que a Mãe precisa de sangue para se apaziguar? — Tav não saberia o que quer dizer “apaziguar”, que ela havia usado no lugar da palavra Ogam desconhecida, então ela complementou. — A Mãe precisa de sangue ou ficará irritada e não vai deixar chuva cair?

— Eu não sei — disse Tav. — A Mãe tem sido boa conosco. Karralys, com seu conhecimento das estrelas, nos trouxe em segurança pela grande água, mas os ventos foram gentis. Então recebemos uma canoa, maior que esta, e o vento e a chuva nos levaram por rios e lago adentro até o Povo do Vento. A tempestade cessou, e o arco-íris veio. Eu não morri. Karralys é curandeiro. Abençoamos a

Mãe, e ela nos abençoou, mas agora a chuva está sendo contida, e mesmo que nossa terra continue verde, não poderemos protegê-la se a seca continuar do outro lado do lago. Achei que entendia a Mãe e tentei ser obediente ao que ela quer. Mas agora eu não sei. Eu não sei.

Polly pensou: *Eu também não sei se o Criador em quem acredito criou tudo.*

Ela fitou o céu e, entre tufos de nuvens, as estrelas brilhavam, serenas. *Mas se eu soubesse de tudo, não haveria assombro, porque aquilo em que acredito é bem mais do que sei.*

— Por que, minha Pó-li — Tav interrompeu os pensamentos dela —, este Zak quer tanto ver o curandeiro do outro lado do lago quando o melhor curandeiro está conosco?

— O melhor curandeiro?

— Karralys — falou Tav, com impaciência. — Você não sabia?

— Mas Filhote...

— Filhote tem conhecimento tribal de cura. E suas mãos estão aprendendo o dom, como você viu com o Bispo.

— Sim.

— Mas é Karralys que tem... como vou dizer... ele que fez o dom de Filhote crescer.

Ouvindo aquilo, agora parecia óbvio. Como ela não havia percebido? Zachary estava tão focado, primeiro em Filhote, depois no curandeiro do outro lado do lago, que Karralys não havia passado pela consideração dela.

— Fui burra — disse ela.

— Muita coisa vem acontecendo — justificou Tav. — Shh. Estamos quase chegando.

Nunca antes a Mãe havia pedido alguém que lhe fosse importante, Tav havia dito. Ela guardou essas palavras no peito. Ela queria que ele a tocasse, que lhe dissesse que ia cuidar dela, protegê-la, nunca deixaria que alguém a colocasse em um altar de sacrifício. Tav teria como manter a promessa de protegê-la de Tynak? Ele estava tão confuso em seu modo de pensar quanto ela com o dele, e os modos deles eram tão alienígenas que era impossível pensar neles como ligados por uma das linhas que criava configurações nas estrelas e os locais de poder benigno e o amor entre pessoas.

Se ela não conseguia entender a crença dele de que a terra exigia sangue, não ficaria ele igualmente horrorizado com as favelas das cidades modernas, com a violência nas ruas, os traficantes, o lixo nuclear? Como as linhas das estrelas estariam ligadas à violência urbana e à indiferença humana?

As duas canoas se aproximaram. Anaral esticou a mão para segurar a de Polly em um gesto que foi tanto carinhoso quanto necessário para as duas canoas

colarem.

Tav levantou-se, equilibrando-se com cautela, depois passou para a outra canoa. As duas canoas oscilaram um pouco, mas pararam. Quando Tav sentou-se, entregou um remo a Polly.

— Consegue virar a canoa? — perguntou ele.

— Sim.

— Se você remar para a direita, rumo à costa, vai chegar à aldeia de Tynak.

— Certo.

— Klep. — A voz de Anaral era suave. — Dê tempo para sua perna curar. Não tente usá-la tão cedo.

— Terei cuidado — prometeu Klep. — Você terá cuidado também. Quer dizer, tenha cuidado, tenha cuidado. — Havia um mundo de significado nesta repetição.

— Terei — assegurou-lhe Anaral. — Terei.

— Estique o remo — disse Tav a Polly.

Sem entender, ela fez o que foi pedido. Ele usou o remo dela para puxar as duas canoas de modo que ela e Tav ficassem lado a lado. Com um dedo, ele tocou carinhosamente os lábios dela. Foi o beijo mais maravilhoso que Polly já recebera. Ela esticou os dedos e tocou os lábios dele em resposta.

— Ah, minha Pó-li. Vá. — Ele deu um empurrão no remo dela.

. . .

Polly ficou aguardando, observando, enquanto a canoa com Tav, Anaral e Filhote voltava pelo lago.

A voz de Klep era calorosa e suave.

— Tav faria uma linha entre vocês dois.

Polly deu meia volta na canoa, para ela tomar a direção que Tav havia lhe dito que ficava a aldeia de Tynak.

— Você acha que ele me ama?

— Ama? O que é ama? — perguntou Klep.

Estaria no caderno do Bispo Colubra?

— Quando duas pessoas querem muito ficar juntas, elas se amam.

— Amam — repetiu ele. — Unem?

— Sim. Quando você ama alguém, você faria de tudo para ajudar. É como ser amigos, mas muito mais.

— As linhas entre vocês — disse ele — ficam curtas, tal como a linha entre mim e Anaral se aproximou, aproximou, e agora se solta. — Ele olhou com ardor na direção da canoa onde estava Anaral.

— Sim. Isto é amar.

— Você ama?

— Sim. Muita gente.

— Ama quem?

— Ah, meus pais, meus avós, meus irmãos e irmãs.

— Mas você não se une a eles como um só.

— Não. É diferente. Minha mãe e meu pai, eles são um, nesse sentido. Meus avós também.

— Você e Tav?

Ela fez que não.

— Você tem que conhecer a pessoa há mais tempo do que alguns dias. Se a coisa fosse diferente... — *Se três mil anos não nos separassem. Se visões totalmente diferentes do universo não nos se separassem, se, se* — Se tivéssemos mais tempo juntos, talvez.

— Anaral e eu não temos muito tempo, mas a linha é forte.

Sim. Klep e Anaral se aproximavam um do outro tal como Polly queria aproximar-se de Tav, mas Klep e Anaral não estavam separados por milhares de anos, e, enquanto Anaral era um druida, Klep um dia comandaria sua tribo, tendo nascido sob forte augúrio.

— Se a chuva vier, se meu povo parar de roubar gado e ovelhas do seu povo...

Romeu e Julieta se repetindo, ou pressagiando, o Povo Do Outro Lado do Lago contra o Povo do Vento?

— Espero que dê certo para vocês — disse Polly. — Seria — ela não sabia a palavra para justo, apropriado — correto.

— Encurtaria a linha entre mim e Anaral de um modo novo para mim.

Não havia palavra para amor no vocabulário de Klep, mas Anaral lhe ensinaria.

Eles se aproximavam da margem. Polly via uma sombra, alguém parado, à espera. Ela colocou o remo fundo na água e puxou a canoa para o banco de areia. Saltou para fora e puxou a canoa margem adentro para não voltar ao lago. Og estava a seu lado.

A sombra veio na direção dela. Era Tynak.

— Trouxe Klep para você — disse ela.

• • •

Ela era uma deusa.

Ela apenas sorriu para Tynak quando ele a questionou.

— Eu o trouxe até você. Isto não basta? — Estava surpresa com a soberba na própria voz.

Quanto a Klep, ele também sorriu e não falou nada. Apoiando-se nos braços para se levantar, ele olhou em volta da aldeia, e Polly percebeu mais uma vez como era maior que a aldeia do Povo do Vento. Tynak convocou quatro jovens, que carregaram Klep até sua barraca, uma das maiores do povoado. Tynak e Polly foram atrás, Polly garantindo que a perna de Klep não fosse sacudida. Og ia pata ante pata ao lado dela, vez por outra esticando-se para lhe tocar a mão. Não ia abandoná-la.

Klep foi colocado em seu catre, sobre o qual pendia uma grande galhada, ainda maior que o cabide da cozinha da Dra. Louise.

— Quando for dia — disse Tynak —, o curandeiro vai cuidar da sua perna.

— Minha perna está bem — respondeu Klep, e apontou para Polly. — Ela tem os poderes de cura de uma deusa.

Polly havia parado de se sentir divina.

— Está com frio? — perguntou Klep.

Mesmo com o traje de pele de cabra de Anaral, ela ainda sentia o frio do lago. Encolhendo-se de novo, ela falou para Tynak:

— Peça para alguém trazer meu casaco. — Ela não só queria sentir algo aconchegante e familiar, mas também saber se Tynak estava ou não com o ícone de Zachary.

Ele falou com um dos homens que havia carregado Klep.

— Rápido!

O homem saiu correndo com pressa.

Klep falou com Tynak.

— Eu fui bem tratado do outro lado do lago.

Tynak assentiu.

— Terra Parda nos disse a mesma coisa.

— Não fui tratado como prisioneiro nem inimigo. Fui tratado como amigo.

Tynak deu de ombros.

— Confiança que vem rápido some rápido.

— Onde está o jovem, Zak? — perguntou Klep.

— Na minha barraca. Veja só, eu estou tratando-o com bondade.

— Ele está bem?

Tynak deu de ombros de novo.

— O curandeiro dirá.

O homem voltou com a jaqueta vermelha de Polly, e ela a vestiu sobre a túnica de Anaral, remexendo os bolsos. O ícone havia sumido, o que não a surpreendeu. Ela puxou a lanterna e lançou a luz nos olhos de Tynak.

— Devolva meu anjo — exigiu ela.

Tynak levou suas mãos aos olhos, aterrorizado.

Ela desligou a lanterna, depois ligou de novo.

— Devolva meu anjo.

Tynak negou com a cabeça, mesmo que a lanterna o tivesse abalado.

Polly ficou piscando a luz contra seus olhos e ele se virou.

— O ícone não tem poder em si. O poder do anjo é meu. — Ela tocou no peito. — Se você tentar ficar com ele, vai voltar-se contra você.

— Amanhã — prometeu ele. — Amanhã.

Onde ele teria escondido?

Ela desligou a lanterna.

— Luz que não queima — disse ela.

Ele ligou a lanterna de novo, não para cegar Tynak com o feixe, mas para iluminar a barraca, e viu que havia gotas de suor na testa e no lábio superior de Klep. O trajeto pelo lago e até a barraca haviam sido pesados. Polly apontou para ele com a luz.

— Ele precisa de descanso. Alguém tem que ficar por perto caso ele chame.

Tynak entendeu.

— Corça vai ficar.

— Quero ir agora — disse Polly. — Estou cansada e quero descansar. — Ela foi em direção à entrada da barraca, com Og a seu lado.

Tynak fez uma mesura e a acompanhou de volta à meia-água, cuidando para não ficar muito perto de Og. Eles foram seguidos por dois dos homens que haviam carregando Klep, não Terra Parda, mas Onan e um terceiro, forte e atarracado. Tynak falou com ele de forma rápida e grossa. Então ele curvou-se e voltou na direção da barraca de Klep. Os dois homens posicionaram-se nos dois lados da meia-água. Ela estava sob guarda. Havia provado que podia escapar, e Tynak ia cuidar para que não acontecesse de novo.

Polly foi à meia-água e vestiu seu jeans sob a túnica de pele de cabra. Ela tremia de exaustão e frio. Fechou a jaqueta, depois se enrolou no pelo. Estava tão cansada que quase caiu no catre. Og deitou-se ao lado dela, aquecendo-a.

. . .

Quando acordou já era dia e Tynak estava mais uma vez agachado na entrada da meia-água, observando-a, fitando Og, que estava sentado ao lado de Polly de orelhas alertas. Seus dois guardas haviam ficado respeitosa e alguns metros, mas continuavam ali. Faltava um dia para a lua cheia.

Ela sentou-se, ficou um instante observando Tynak, depois exigiu com um

tom apropriado a uma deusa.

— Meu anjo. Agora.

Ele olhou para ela e seus olhos eram ardilosos.

Ela remexeu os bolsos da jaqueta e puxou caderneta e caneta. Abriu a caderneta e viu que devia ser de seu avô, pois as primeiras páginas estavam tomadas de equações incompreensíveis em seus garranchos. Ela as mostrou a Tynak. Então abriu em uma página vazia e tirou a tampa da caneta. Não era artista, mas conseguiu desenhar algo semelhante ao idoso. Ela o mostrou. Puxou de volta assim que ele foi tocar.

— Poder — disse ela. — Tem grande poder. Devolva meu anjo. Traga Zachary. E o curandeiro.

Ele ficou de pé. Estendeu a mão de novo.

— Í-co-ne?

— A imagem de você não é o ícone. Você me traz o ícone do anjo, eu lhe dou imagem. I-ma-gem.

Ele esticou a mão para pegar.

— Agora não. Quando você voltar com o anjo.

Ele partiu, caminhando com a dignidade que podia. Os dois guardas chegaram mais perto da meia-água. Depois de alguns minutos, Polly recebeu uma tigela de papa de Corça, que olhava o cão com medo. Polly aceitou a tigela.

— Obrigada — disse, e colocou a mão no pescoço de Og. — Ele não vai machucá-la.

O rabo de Og sacudia para a frente e para trás. Corça sorria, sem chegar perto, parada e observando Polly. Era óbvio que ela gostaria de falar, se pudesse. Polly entendeu que não era apenas Og ou a dificuldade com a língua. Suspeitava que Tynak houvesse proibido o diálogo.

— Klep diz cuidado — avisou Corça. — Cuidado.

Um dos guardas a espiou.

— Obrigada — disse Polly com a voz suave, e a menina saiu correndo.

Ela comeu a papa, que não tinha sabor, mas era nutritiva. Fez ela gostar mais do mingau de aveia da sua avó. Será que comeria de novo algum dia? Ela deixou a tigela na entrada da meia-água e esperou. E esperou. O grande tronco de carvalho atrás da meia-água subia alto no céu, mais alto que o Carvalho Avô. Polly ficou escutando e parecia ouvir o batimento cardíaco da imensa árvore, a seiva nas suas veias fluindo lentamente enquanto se retirava para o inverno. Paciência. Nada tema. Uma linha estelar toca minhas raízes e minhas raízes estão sob você.

O vento remexeu os galhos. Agitou as águas do lago. Era um vento cálido, um calor fora de época. Ouça o coração do carvalho. Estamos do seu lado. Na noite



passada a água a transportou com segurança. Confie em nós.

Ela confiava. O universo é um *universo*. Tudo está conectado pelo amor do Criador. Foi como Anaral havia dito: quem causa problemas são as pessoas. E os anjos escuros que queriam separá-las contribuíram para o estrago.

Ela esperou. Og deitou-se ao seu lado, com o rabo entre as pernas. De repente ele se botou de pé, o rabo baixo, o pelo eriçado.

Tynak.

Ele entregou o ícone a Polly. Ela aceitou e o colocou de volta no bolso da jaqueta, depois tirou a caderneta e arrancou a página na qual havia desenhado Tynak e lhe deu.

Ele ergueu a folha, olhou, virou do outro lado, viu a página em branco e voltou mais uma vez ao desenho. Tocou em si, tocou o papel, depois guardou cuidadosamente na sua túnica. Satisfeito, ele fez um gesto para ela o seguir.

— Deixe... — Ele apontou Og.

— Não. Og vai comigo.

Tynak fez não com a cabeça, mas saiu em disparada pelo povoado, olhando para trás para ver se Polly o seguia. Vários passos atrás de Polly, os dois guardas andavam em silêncio. Og caminhava um pouco à frente dela, ficando entre Polly e Tynak.

O líder do Povo do Outro Lado do Lago a levou a uma barraca consideravelmente maior que as outras. A porta da barraca estava aberta e ela conseguiu olhar dentro. Zachary estava certo: em postes enfiados fundos no chão da barraca se via caveiras. Ele estava lá, junto a um idoso, bem mais velho que Tynak, magro e frágil como uma folha no inverno. Mas seu rosto tinha a sinceridade de uma criança, e seus olhos eram bondosos. Ele deu um olhar de interrogação a Og, e Polly gesticulou ao cão para ele deitar.

— Onde você estava? — A voz de Zachary tremia de nervoso. — Ficamos desesperados. Aonde você foi? — Ele levantou-se de seu catre, o cabelo um pouco úmido, os olhos negros de medo. Como ela não respondia, ele gesticulou para o idoso. — Este é o curandeiro deles. Disse que não vai tocar em mim se você não estiver aqui.

Polly olhou para o idoso e fez uma leve mesura. Ele sorriu para ela, um sorriso de criança, radiante e sem medo. Apontou para o cabelo dela, assentiu, assentiu, como se estivesse tão surpreso quanto satisfeito. Então ele olhou para Tynak e apontou de novo para o cabelo de Polly.

— Eles acham que seu cabelo ruivo é mais um sinal de que você é deusa — disse Zachary. — Eles adoram sinais, essa gente. Agora você faz o velho cuidar de mim?

— Agora você pode examinar o coração de Zachary — disse ela.

O papel de deusa não a deixava à vontade. Ela apertou a mão no próprio peito, depois apontou para o de Zachary.

O antigo curandeiro indicou que Zachary devia deitar, depois ajoelhou-se ao lado dele. Pegou o pulso de Zachary nas duas mãos, tocando-o delicadamente, logo acima da palma, ouvindo com atenção, de olhos fechados. Por vezes, ele tirava os dedos da pulsação de Zachary, levemente, parecendo pairar sobre seu pulso como uma borboleta ou uma libélula sobre as águas de um lago. Então os dedos se afastavam de novo, delicados.

Passado algum tempo, ele ergueu o olhar a Polly com uma expressão que parecia questionadora. Fez um sim e olhou para Zachary de novo, indicando que ele devia tirar casaco e camiseta.

Obediente, Zachary acatou o pedido com os dedos tremendo, depois deitou-se de novo. O curandeiro idoso ajoelhou-se e curvou-se sobre ele, deixando suas mãos estendidas a mais ou menos uma polegada do peito de Zachary, passando os dedos com delicadeza, com cautela, em círculos concêntricos. Passado muito tempo, ele tocou as pontas dos dedos na pele de Zachary. O curandeiro esperou, tocou de novo, depois ficou pairando. Polly quase conseguiu ver asas vibrando. Suas palmas estavam pressionando o peito de Zachary. O idoso inclinou-se de um modo que todo seu peso ficou sobre as mãos. Passado um instante, ele ergueu as mãos e sentou-se sobre os calcanhares, o corpo pendente. Todo seu foco ficou intenso em Zachary durante pelo menos meia hora.

Ele olhou para Polly e balançou um pouco a cabeça.

— Grande ferida em coração.

— Você tem como consertar? — perguntou Zachary, esbaforido.

O curandeiro falou com Tynak, e Polly não o entendeu, fora que ele dizia algo sobre Klep.

— Você, deusa, ajudou Klep. Ajude este Zak — falou Tynak.

Polly gesticulou.

— Eu apenas segurei as mãos de Klep enquanto Filhote consertava a perna dele. Eu ajudaria se pudesse, mas não tenho treinamento de curandeira. — Ela não soube dizer se a entenderam ou não.

O curandeiro idoso indicou que queria ver as mãos dela. Polly as estendeu e ele as tomou nas suas, olhando para elas, no verso, na frente, assentindo, fazendo pequenos gemidos de aprovação. Ele estendeu as próprias mãos de novo, depois indicou que queria que Polly estendesse as dela sobre o peito de Zachary como ele vinha fazendo.

— Quietos — disse ela a Og com firmeza, e então ajoelhou-se ao lado do curandeiro.

Ele pôs suas mãos sobre as dela e juntos eles exploraram o ar sobre o peito de

Zachary. Ela sentiu um formigar estranho nas palmas. Suas mãos deixaram de ser mãos comuns, não funcionavam mais no tempo das coisas. Ela não soube quanto tempo as mãos deles ficaram explorando, se mexendo, tocando o coração de Zachary sem jamais tocar sua pele. Aos poucos Polly começou a sentar-se desconfortável e dissonante.

O curandeiro idoso ergueu as mãos e de repente os dedos de Polly estavam gélidos. Ela olhou para o curandeiro.

— Poder — disse ele. — Poder bom. Não bastante.

— O que ele está dizendo? — Zachary quis saber.

— Ele está dizendo que juntos temos poder bom.

— Você não é médica — disse Zachary. — Ele sabe o que está fazendo?

— Sim. Eu acho que sabe. — Ela se perguntou o que a Dra. Louise diria daquilo.

— Acha mesmo?

— Zachary, essa gente não pensa do mesmo jeito que nós. Eles entendem cura de um jeito totalmente diferente.

— Então eu estou curado?

Ela olhou para o idoso.

— Ele está melhor?

— Melhor. Não...

— O coração?

O velho curandeiro negou com a cabeça.

— Melhor, mas não...

— O que ele está dizendo? — perguntou Zachary, nervoso.

— Ele diz que seu coração está um pouco melhor, mas não está curado.

— Por que não?

— Ele disse que não tem poder suficiente.

Zachary pareceu encolher.

— Por que não? — A voz dele era fina, um ganido infantil.

O curandeiro levantou-se e chamou Polly. Ela o seguiu, falando para Zachary por cima do ombro:

— Eu volto. — Og estava no encalço dela como uma sombra quando ela e o curandeiro foram à barraca de Klep.

Ele os recebeu com sorriso.

— O curandeiro diz que eu sou... sou um milagre.

— Você está se recuperando bem — concordou Polly. — Você é jovem e saudável. Vai estar bem em poucas semanas, desde que faça o que Anaral disse e se cuide.

O curandeiro falou com Klep, depois ajoelhou-se para olhar a perna,

assentindo com aprovação.

Klep falou:

— Ele quer que você saiba que ajudou. Mas o coração de Zak está ruim.

— Eu sei — disse Polly. — Ah, Klep, ele está tão assustado.

— Curandeiro ajudou. Se tivesse mais poder, ajudaria mais. Por que Zak está com tanto medo? A vida é boa, mas aonde vamos depois também é.

— Zachary não acredita nisso — disse ela.

— Ele acha que é ruim?

— Não. Ele acha que é nada. Que ele vai desaparecer.

Klep fez que não.

— Pobre Zak. Curandeiro vai tentar de novo. Tentar ajudar.

Será que ele poderia, perguntou-se Polly, quando os médicos, com todas as ferramentas modernas da cirurgia, não conseguiam? Mas que o idoso era de fato um curandeiro, de algum modo que ela ainda não entendia, isto era certo.

• • •

Não havia nada de específico que ela pudesse ela fazer. Onde quer que fosse, os dois guardas a acompanhavam de perto, sem abordá-la, mas sempre à vista. Ela caminhou em torno da aldeia com Og, mas os aldeões estavam nervosos com o cachorro e dirigiam olhares de temor a Polly. Ela não entendia por que o medo também continha raiva, mas não havia como se enganar quanto à hostilidade dos outros.

Ela não sabia o que havia na mente de Tynak. Ele passou bastante tempo na barraca com Zachary, e saiu, olhando para o céu como se buscasse um sinal.

Corça trouxe o almoço a Polly. A menina recuou, mas não foi embora. Polly perguntou:

— Por que eu tenho que comer sozinha?

Corça fez não com a cabeça, deu um relance para os guardas.

— Tynak.

— Por que as pessoas têm medo de mim?

— Deusa. — Os olhos de Corça estavam conturbados. — Onde chuva?

• • •

Pouco depois do almoço, Tynak veio à meia-água.

— Anjo? — perguntou ele.

Polly tirou o ícone do bolso da jaqueta e o levantou para ele ver, mas não lhe entregou.

— An-jo tem poder?

— Sim. Para mim. Poder bom.

Tynak tirou o desenho debaixo de sua túnica.

— Poder.

— O poder é meu — disse Polly, firme.

— Meu. — Tynak deixou o desenho de lado. Estava amassado, como se ele tivesse mostrado para várias pessoas. — Venha.

Ele a chamou e ela seguiu, Og logo atrás. Tynak a conduziu além da aldeia, por um caminho estreito em meio à floresta de árvores grandes e antigas, até chegarem a uma clareira. Todas as árvores que cercavam a clareira estavam totalmente sem folhas. Os troncos e galhos estavam escuros e nus, de certo modo sinistros. As árvores mais distantes da clareira tinham algumas folhas amarelas caindo indolentes ao chão, uma por uma, tão pálidas que quase pareciam brancas. No centro da clareira havia uma pedra grande com a parte de cima plana, levemente côncava. Tynak subiu nela, e Polly o acompanhou. Havia um frio estranho no ar. Polly sentiu algo opressor no peito, como se estivesse arfando em busca de fôlego. Na pedra via-se manchas cor de ferrugem.

Polly apontou:

— O quê?

— Sangue — disse Tynak.

Sangue. Sangue seco. Então era ali que eram feitos os sacrifícios, e onde Tynak considerava um novo sacrifício.

Og grunhiu, um grunhido baixo e profundo na garganta. Polly levou a mão à cabeça dele e tentou aquietar a apreensão que arrepiava sua pele.

— An-jo protege?

Ela tentou parecer altiva.

— Sim. — Rapidamente ela puxou caderneta e caneta e fez outro desenho de Tynak, não tão bom quanto o anterior porque suas mãos tremiam de pressa, mas um desenho reconhecível. Procurou uma tesoura no bolso e recortou o desenho ao meio. Então olhou para Tynak. — Poder.

Tynak agarrou o peito como se ela o houvesse ferido de verdade.

Polly juntou os papéis, fechou a caderneta e guardou no bolso.

Tynak estava visivelmente abalado.

— An-jo dá faca com dois gumes?

— O anjo me protege. Og me protege. Por que você me trouxe aqui?

— Lugar de poder.

— Lugar ruim — disse Polly.

— Poder bom. Faz chuva. Faz coração de Zak bom.

— Eu quero conversar com o Zak — disse Polly, ríspida.

Tynak lhe deu um olhar ardiloso, de canto.

— Sangue da deusa tem muito poder. Amanhã lua cheia. Poder.

Ela teve que perguntar diretamente.

— Zachary sabe?

— Sabe o quê?

— Deste lugar? Sobre... — Ela engoliu em seco, com dor. — Sobre meu sangue dar mais poder ao curandeiro.

— Zak sabe. Zak quer.

— E se — disse Polly — eu não estiver aqui amanhã? E se o anjo me levar daqui?

Tynak olhou para os dois guardas inquietos do lado de fora do círculo.

— Não. Anjo não tira você daqui.

— E se chover depois de amanhã?

Tynak bateu palmas.

— Bom. Mais poder.

— E o curandeiro vai ajudar Zachary?

Tynak deu de ombros.

— Se curandeiro tiver bastante poder, vai ajudar.

O rosnado de Og foi baixo, profundo e ameaçador.

— Pare — disse Tynak.

Ela segurou a cabeça de Og. Tynak não hesitaria em matar o cão. Se fosse mais fácil para si, ou para quem mais ele desse a ordem de capturar Polly, arrastá-la até a clareira com a pedra temível, somar o sangue dela ao sangue que se derramara lá ao longo dos anos... sim, Tynak mataria Og se achasse que seria um modo de diminuir o poder dela. Og, se não fosse morto antes, não deixaria que Polly fosse levada sem lutar. Mas Og não daria conta de uma tribo inteira. Ela olhou para Tynak e percebeu que o único motivo pelo qual ele ainda não havia matado o cachorro era o medo supersticioso de que os poderes de Polly e do anjo cobriam vingança.

O que fazer? Seu coração ribombava e doía, pesado como uma pedra. Seria assim Zachary sempre se sentia?

Tynak virou-se da pedra temível e levou-a de volta à meia-água. Os dois guardas chegaram perto de novo. Um trazia arco e flecha, o outro uma lança. Ela podia ser deusa, mas também era prisioneira.

Depois que Tynak foi embora, ela saiu da meia-água, passou entre os guardas e eles a seguiram, em silêncio, conforme ela adentrava o lago.

— Vai, Og! — gritou ela, e o cão correu ao lago e nadou com pressa. Ela girou para encarar os dois jovens, detendo o que encaixava a flecha no arco. — Não! — ordenou.

Os dois se olharam, sem saber o que fazer. Quando um ajustou a lança, ela bateu forte em seu braço. Tinha certeza que tinham recebido ordens para não a feri-la. Seu sangue era muito valioso para se derramar se não num ritual. Observou até Og sumir de vista, certamente fora do alcance de flecha ou lança, nadando com força para ganhar distância. Então ela voltou à meia-água, e o jovem com o arco e flechas saiu correndo, com certeza para informar Tynak.

Ela havia mandado Og embora e era tudo que podia fazer.

• • •

Sentada em seu catre, se perguntou se Zachary sabia mesmo o que estava fazendo. Será que Tynak havia lhe prometido que o curandeiro o curaria se tivesse só um pouco mais de poder e o sangue de Polly lhe daria este poder? Ela não o conhecia bem o bastante a ponto de saber se, em condições extremas, ele conscientemente permitiria que ela morresse na esperança de consertar o próprio coração.

Ela pensou no curandeiro que deixara as mãos sobre Zachary com a delicadeza de uma borboleta, na própria experiência de ter as mãos do curandeiro sobre as suas, do calor fluindo por elas. Havia poder e beleza incríveis nas mãos do idoso. Ele teria como ser curandeiro e com suas mãos de cura tomar o sangue dela para incrementar seu poder? Havia como poder benigno e poder maligno agirem juntos? O poder mana e o poder tabu eram ambos aspectos do poder em si.

Pois bem. Ela, Polly, de nada importava ao curandeiro. Ele partia de um ponto de vista do universo totalmente diferente do dela. E ela não tinha como lhe impor suas convenções.

Havia crânios na barraca de Tynak.

Ela estava há três mil anos de casa.

• • •

Ela tentou respirar lentamente, com calma. Tentou rezar. Bispo Colubra havia lhe esclarecido que, embora Jesus de Nazaré ainda fosse a nascer dali a mil anos, Cristo sempre havia existido. Ela recorreu às palavras de um louvor que há muito tempo estava entre os prediletos da família O'Keefe:

*Cristo comigo,  
Cristo dentro de mim,  
Cristo atrás de mim,*

*Cristo ao meu lado,  
Cristo a me ganhar,  
Cristo a me consolar  
e a me restaurar.*

Ela se recostou no catre, as mãos atrás da cabeça, olhando para o teto de couro da meia-água. À luz do sol, os desenhos dos galhos do carvalho passavam em ritmo suave. Shh. Respire tranquila, Polly. Não entre em pânico. A seiva que corria como sangue pelas veias do carvalho seguia o ritmo das palavras.

*Cristo abaixo de mim,  
Cristo acima de mim,  
Cristo no silêncio,  
Cristo no perigo,  
Cristo nos corações  
De todos que amam,  
Cristo na boca  
de amigo e estranho*

O Bispo Colubra chamaria aquilo de runa? Uma runa que se usava para socorro, para auxílio. Ela estava pedindo o auxílio de Cristo.

Ela sabia que estava em perigo. Por todos os lados. O curandeiro precisava de mais poder para o coração de Zachary. Tynak precisava de poder para a chuva.

*Cristo nos corações de todos que me amam.*

Naquele momento Polly tinha mais em mente seus avós, o bispo e a Dra. Louise, do que seus pais, irmãos e irmãs, que nada sabiam do que se passava. O bispo, Karralys, Annie, Filhote, Tav. Eles estavam do outro lado do lago, aguardando. Eles a amavam. Eles a acolheram. O que eles iam pensar quando Og chegasse lá? Saberiam que tinha sido enviado como um sinal dela, é claro, mas o que fariam?

*Cristo na boca de amigo e estranho.*

Karralys e Anaral não eram mais estranhos. Eram amigos. Filhote era como um irmão menor. Tav. Ela estava no coração de Tav. Klep havia falado das linhas entre ele e Anaral, entre Tav e Polly. Amor.

*Estranho.*

Tynak ainda era um estranho. Não havia linha entre Polly e Tynak. Mas havia entre Polly e o curandeiro. Era certo que o poder do amor de Cristo estivera naquelas mãos delicadas ao explorar a pulsação, a respiração, o ritmo cardíaco de Zachary.



E haveria uma linha entre Polly e Zachary? Haveria como escolher por onde as linhas se traçavam? Se Zachary estava de fato disposto a tentar salvar a própria vida insistindo que Polly fosse sacrificada, o que aconteceria com a linha? Onde estava Cristo?

Ela tinha certeza do que o bispo diria: não há lugar onde Cristo não possa estar.

Onde estaria Cristo no coração dela? Ela não sentiu nada além de rebeldia, e repúdio à clareira na mata com a pedra temível.

Pensou nas palavras da Dra. Louise sobre uma transfusão de sangue. Se ela pudesse salvar um de seus irmãos ou irmãs oferecendo todo seu sangue, faria isso? Não sabia responder. A mil anos dali, o sangue fora dado livremente. Já bastava. Ela não precisava entender.

Uma brisa suave, quente, não gelada, passou sob a meia-água e tocou seu rosto. Pequenas ondas começaram a bater, suaves, contra a costa. O carvalho espalhou seus galhos potentes sobre ela. Sob o chão onde ela estava deitada, as raízes da árvore se espalhavam do tronco em todas as direções. Linhas de poder. Raízes de árvores se esticando até o centro da terra, até os fogos profundos que mantinham o cerne do planeta vivo. Os galhos se estendiam até a água, apontavam para o outro lado do lago, onde aguardavam as pessoas que a amavam. Os galhos mais altos se esticavam até as estrelas, completando os desenhos das linhas de amor.

A brisa se moveu entre a copa do carvalho. Uma folha caiu até o telhado da meia-água e ela conseguiu ver sua sombra. Polly ficou escutando e, aos poucos, uma força tranquila começou a lhe atravessar.

. . .

Sua paz foi interrompida quando ouviu os dois guardas chamando. O que estava com a lança bateu-a no chão. O que estava com o arco e flecha abaixou-se para botar Polly de pé. Ela se soltou dele e pôs-se de pé sozinha, vestindo a jaqueta sobre a túnica de pele de cabra, embora fizesse calor. Os dois homens ficaram olhando, pasmos, quando ela subiu o zíper. Uma demonstração de poder que ela nem havia imaginado. Enfiou a mão no bolso para se certificar de que o ícone estava no lugar.

Se ela soubesse os nomes deles, eles teriam menos poder sobre ela.

— Eu sou Polly. — Não deusa: Polly. — Vocês são? — Ela deu um olhar interrogativo para o homem com arco e flecha. — Polly. Você?

— Geada do Inverno — disse ele, relutante

— E você? — Ela olhou para o homem com a lança. — Polly. Você?

— Andorinha Negra.

— Obrigada, Geada do Inverno, Andorinha Negra. Seus nomes são lindos. — Mesmo que eles não entendessem as palavras, ela conseguia transmitir alguma coisa com o tom de voz.

Andorinha Negra tomou a frente. Polly seguiu atrás, desejando que Og estivesse em trote a seu lado, ao mesmo tempo em que visualizava o cão nadando e chegando à outra margem, avisando ao Povo do Vento que ela estava com problemas. Mas o que eles fariam? Eram uma tribo pequena, com menos de metade do tamanho do Povo do Outro Lado do Lago.

Seus passos retardaram-se, e Geada do Inverno a espetou com seu arco.

Eles estavam levando-a a uma clareira na floresta, a clareira onde as árvores da volta haviam perdido todas as folhas, onde a grande pedra ensanguentada estava à espera. Mas era dia, plena luz do dia. Eles não fariam nada até a noite e o subir da lua. Mesmo assim, ela parou e Geada do Inverno a cutucou de novo.

Tynak e o curandeiro estavam lá. O primeiro fez um aceno aos guardas, que se retiraram para longe do círculo aberto, no aguardo. Tynak e o curandeiro falaram ao mesmo tempo, depois Tynak, depois o curandeiro, uma mistura de palavras estacadas que Polly achou impossível de entender.

— Devagar — pediu ela. — Por favor, falem mais devagar.

Eles tentaram, mas ainda assim ela captou apenas palavras e expressões. Continuaram repetindo até entender que estavam lhe perguntando se ela, uma deusa, era imortal. Se ela fosse colocada em uma pedra de sacrifício, e se seu sangue fosse tomado para que o poder do curandeiro fosse incrementado, ela estaria morta, morta de fato, ou ela, uma deusa, se ergueria?

Ela estendeu as mãos, as palmas para cima.

— Eu sou mortal, como vocês. Quando eu morrer, estarei morta, como qualquer um. — Ele entendeu? Eles olharam para ela, franziram os cenhos, então ela tentou mais uma vez. — Este corpo, ele é mortal. Se tomarem meu sangue de mim, este corpo vai morrer.

O curandeiro tomou as mãos dela nas dele, que tremiam um pouco. Quando ele as deixou sobre Zachary, elas se moviam como uma borboleta, mas não tremiam. Ele olhou com cuidado para as palmas das mãos dela, depois para o verso, depois para as palmas mais uma vez.

— Você acredita mesmo — perguntou ela — que meu sangue lhe dará força suficiente para você curar o coração de Zachary? Você é um curandeiro. Acredita mesmo que precisa do meu sangue?

Não havia como ele entendê-la, mas ela perguntou mesmo assim. Ele negou com a cabeça e com olhos tristes.

De repente ela teve uma ideia. Tirou a pequena faquinha de ouro de Anaral do

bolso da jaqueta e a abriu. Rapidamente fez um pequeno corte no antebraço, mostrou ao curandeiro para ele poder ver o sangue que brotava do corte.

— Isto basta?

Com um dedo, ele tocou uma gota de sangue, levou o dedo ao nariz, à boca.

— Não basta! — gritou Tynak. — Não basta!

Polly continuou com o braço estendido, mas o curandeiro fez que não. Ela lembrou que Anaral havia lhe dado um Band-Aid junto com a faquinha. Ela tateou seus bolsos em busca do Band-Aid, abriu-o e colocou sobre o corte. Tanto o curandeiro quanto Tynak ficaram impressionados com o curativo.

Mas o Band-Aid não era um poder tão incrível. Se cortassem a garganta dela — era assim que faziam? ou iriam direto no coração? —, não havia Band-Aid que pudesse estancar o sangue, impedir que sua vida se secasse.

— Quero falar com Zachary — disse ela.

— Zak não quer — disse Tynak. — Não quer falar com você.

Ela falou com toda arrogância que conseguiu.

— Não faz diferença se Zachary quer ou não conversar comigo. Eu quero conversar com ele. — Ela deu as costas aos dois homens para seguir a trilha que saía da clareira.

Havia os dois guardas travando seu caminho.

Ela virou-se, altiva.

— Tynak.

Tynak olhou para o curandeiro.

O curandeiro assentiu.

— Levem para Zak.

. . .

Zachary estava sentado nas sombras dentro da barraca de Tynak. A porta da barraca estava aberta e a luz batia no branco dos crânios nos postes, enfatizando a palidez no rosto de Zachary.

— Eu lhe disse para não trazê-la aqui — falou a Tynak.

Tynak e o curandeiro simplesmente agacharam-se na entrada da barraca. Polly parou na frente de Zachary.

— Vá embora. — Ele olhou para a areia compacta.

— Zachary. Por que você não quer me ver?

— Que diferença faz?

— Hoje é a lua cheia.

— E daí?

— Zachary. Eu tenho que saber. Você quer que eles me levem na pedra e me

sacrifiquem para que o curandeiro consiga o poder do meu sangue?

— Claro que eu não quero! Mas eles não fazem o que eu quero. Você é uma deusa.

— Zach, você tem que saber que eles pretendem me sacrificar pelo meu sangue.

Ele deu de ombros. Olhou para o lado.

— Olhe para mim.

Ele fez que não.

— O que você acha disso?

Ele ergueu olhos escuros, aterrorizados.

— Não vou cair nessa de sentir culpa.

— Mas vai deixar que eles me matem?

— Como eu posso impedir?

— Você acha mesmo que meu sangue vai dar poder ao curandeiro para ajudar com seu coração?

— Não seja boba. Querem seu sangue por causa da chuva.

— Mas você acha que o curandeiro vai usar o poder para deixar você melhor?

— Quem sabe?

— Zachary, está mesmo disposto a deixar que eu morra?

Ele berrou.

— Cala a boca! Eu não tenho nada a ver com isso! Vai embora!

Ela lhe deu as costas de modo tão abrupto que ficou de frente para um dos crânios, quase esbarrando nele. Aqueles ossos brancos já haviam tido carne, olhos nas cavidades, lábios que formavam um sorriso. Mas quem havia descarnado o crânio já havia desaparecido há três mil anos, assim como Tynak, assim como o curandeiro.

Se Zachary ficasse lá às custas dela, se ela morresse, e Zachary sobrevivesse, ele também ficaria três mil anos atrás.

Não aliviou a dor de saber que ele se dispunha a vê-la sacrificada.

O sol ardia como um escudo de bronze. Um calor estranho se refletia de seu brilho, tocando a água com fosforescência. Estava mais quente do que quando ela havia nadado no lago. Os guardas estavam sempre olhando na direção dela. Agora que Og havia escapado, os guardas teriam ainda mais cautela com Polly.

Era o veranico de que haviam lhe avisado, que chegava em novembro como última lembrança do verão antes do longo frio do inverno. Mas estava mais quente do que ela esperava de um veranico. Mais quente do que deveria estar? Talvez os padrões climáticos fossem diferentes há três mil anos. Do outro lado do lago, os raios brincavam e o trovão estava sempre de fundo, um acompanhamento ao ribombar firme dos tambores, que o povo de Tynak batia em busca de chuva, o som intensificado hora a hora. Queriam chuva ou sacrifício?

O catre de samambaias estava empapado de calor e umidade. Ela puxou-o para a entrada da meia-água, esperando um respiro. Deitou-se de olhos fechados. Uma brisa quente a tocou, delicada. Por dentro, ela viu seu quarto, que já fora o quarto de Charles Wallace. Olhou pela janela, uma vista do campo e da mata e dos morros baixos e antigos que lhe davam uma noção de segurança que as montanhas escarpadas não davam. Começou a pensar no laboratório da avó, onde estava sempre frio; tentou sentir seus pés nas grandes lajes de pedra que formavam o piso, resfriando seus dedos. Então, ainda dentro de si, ela olhou pela janela da cozinha e viu seu avô no trator. Viu o Bispo Colubra no muro de pedra, Louise Larguda enrolada à luz cálida do sol. Viu a Dra. Louise em seu blusão cor de narciso caminhando pelo campo na direção do irmão.

Era assim que ela se deslocava por três mil anos. Na eternidade, sua época e esta época em que ela se via presa, à espera, eram simultâneas. Se ela morresse nesta época estranha, ela nasceria na sua? O fato de ter nascido significava que ela fugiria da morte aqui? Não, não tinha como aquilo funcionar. Todo mundo nesta época havia morrido, mais cedo ou mais tarde. Mas se era para ela nascer em sua época, não teria que viver o bastante para ter filhos, para ao menos ser descendente de si? Karralys resolveria charadas como esta. Polly sacudiu a cabeça para desanuviar.

Energia é igual a massa vezes a velocidade da luz ao quadrado. O que significava mesmo a equação de Einstein? Seu avô entendia? Seu avô, em casa, na época dela — sua avó, a Dra. Louise, eles devem estar desesperados de tão nervosos. A Dra. Louise não sabia o que aconteceu com o irmão, que saiu com

as botas de caminhada.

E, deste lado do tempo, do outro lado do lago, o bispo, Karralys, Tav, Filhote, Anaral, o que estarão fazendo? Se Og houvesse chegado neles, eles estariam se perguntando como poderiam ajudar; estariam arquitetando planos.

As folhas caíram sobre as peles da meia-água. O ar estava tão pesado de umidade que ela sentiu que podia esticar a mão e apertá-lo.

Ela ergueu o olhar ao ouvir um som estranho, de coisa arrastada, e vindo na direção dela estava Klep, apoiado de um lado pelo curandeiro idoso, no outro pelo jovem guerreiro; Klep, pulando na perna boa.

— Klep! — gritou ela. — Vai machucar sua perna!

O curandeiro e o guerreiro soltaram-no delicadamente do lado de Polly. Seu rosto estava pálido e gotinhas de suor brotavam da sua testa.

— Klep! O que você fez? Não era para você ter vindo! — Polly ajoelhou-se ao lado dele.

— Eu conversei com Tynak — sussurrou Klep.

O curandeiro fez um sinal para os guerreiros, que fitaram Klep com cara de dúvida, depois deram vários passos para trás. Então o curandeiro ajoelhou-se do outro lado de Klep e examinou a perna quebrada, erguendo a compressa de musgo na ferida. A pele estava se curando sem risco de infecção, mas ainda estava rosada e com aparência frágil. Ele pôs a mão sobre ela, sacudindo a cabeça e murmurando:

— Febre de novo. Não deviam mexer com ele — Polly o entendeu dizer. — Na barraca ele só ficava nervoso, nervoso...

Ele pôs a mão sobre a perna, olhou para Polly, fez que sim com a cabeça. Ela estendeu as mãos também, em cima das dele. O curandeiro retirou a mão direita para posicioná-la sobre a de Polly, sem tocá-la, apenas pairando suavemente. Mais uma vez ela sentiu uma ternura formigante, depois um calor estranho, como se os dois estivessem absorvendo a febre da pele inflamada de Klep. Então o calor passou e ficou uma sensação de cor, de ouro, do ouro do céu no início da manhã, o ouro das asas de borboleta, o ouro de um tentilhão voando. O rosto contraído de Klep relaxou, e seu corpo inteiro liberou a tensão. Ele olhou com gratidão para o curandeiro e para Polly.

— Obrigado. Peço desculpas por ter criado problemas, mas eu precisava vir. — Ele olhou implorando para o curandeiro, que se agachou de novo. — Eu conversei com Tynak — disse Klep, de novo. — Ele disse que você provocou a chuva do outro lado do lago com o anjo que tomou dele.

— Eu não tomei o anjo dele — ressaltou Polly. — Ele tentou tomar de mim.

— Ele está bravo e está com medo. Ele disse que você está escondendo a chuva de nós, e as pessoas estão com raiva.

Quando falava com Klep, Polly não conseguia entender todas as palavras, apenas o bastante para entender a essência do que dizia.

— Eu não controlo a chuva — disse ela. — Eu quero que chova aqui tanto quanto vocês.

O curandeiro murmurou, mas Polly supôs que ele estava dizendo que uma perna quebrada era mais fácil de curar do que a raiva.

Polly fechou os olhos brevemente. Sua voz vacilou.

— Achei que, quando Zach me sequestrou, era para eu ser o sacrifício para o curandeiro consertar seu coração.

O curandeiro fez que não.

— Não, não. — E destes resmungos ela entendeu que fora Tynak que havia impedido o curandeiro de ajudar Zachary até que Polly viesse. Um curandeiro cura.

— Era o que Zak pensava — disse Klep —, o que Tynak queria que ele pensasse, talvez o que ele ainda pensa. Mas as pessoas não estão nem aí para Zak. Estão cansadas de saquear para conseguir comida. Elas querem o sacrifício para que haja chuva.

Polly pensou em Anaral cantando sua canção de alegria à Mãe depois de depositar as flores no altar, do Povo do Vento recebendo a manhã e a noite com harmonia.

— Seu deus exige sacrifício e sangue para que a chuva não seja impedida?

Klep disse algo que ela entendeu como “Deus é diferente para cada pessoa”.

— Existe um deus diferente?

— Não. Cada pessoa vê de um jeito.

— Klep, no que você acredita?

— Que você é uma pessoa boa. Que você não tem nada a ver com chuva ou seca. Que seu sangue é sua vida e, enquanto estiver em você, você o usará pelo bem. Mas o poder está lá quando você está viva, não quando está morta e o sangue foi derramado. — Ele complementou: — Anaral diz que eu sou um druida — e sorriu.

Polly escutava com atenção, traduzindo as palavras de Klep em palavras que ela conseguia compreender, conforme ele falava.

— O curandeiro tem bastante poder — prosseguiu Klep. — Eu o vi trazer a vida de volta onde achei que não havia mais. Mas nem ele pode fazer seu sangue voltar ao corpo depois de derramado.

O curandeiro falou. Seu vocabulário estava bem mais nos seus gestos do que no balbuciar, e desta vez ela não entendeu o que ele dizia.

Klep traduziu:

— Volte para seu lugar.

— Bem que eu queria.

Klep voltou-se para o curandeiro. Eles conversaram bastante tempo, mas Polly não conseguia entender o que diziam. Por fim Klep fez sinal positivo ao curandeiro e voltou-se para Polly.

— Hoje à noite, quando a lua subir, haverá muito barulho, muita gente. Ajudaremos você a chegar ao lago e deteremos flechas e lanças para você nadar.

— Você consegue?

Klep foi determinado.

— Não haverá sacrifício. O curandeiro tem muito poder. Ninguém ousará jogar uma lança nele, ninguém ousaria tentar detê-lo de modo algum. Ele vai protegê-la enquanto você corre até a água.

Era uma pequena esperança, mas apenas isso. Ela não achou que conseguiria nadar de novo, mas era melhor morrer afogada do que voltar àquele temível altar de pedra.

— Obrigada. Fico grata.

— Você foi bondosa comigo — disse Klep. — Seu Povo do Vento foi bondoso comigo. Eu me tornaria uno com Anaral. Aprendi muito com você. Aprendi que eu amo. *Amar*. É uma palavra boa.

— Sim. É uma palavra boa.

— O que eu faço, faço não só por você. Quero acreditar que faria mesmo que não fosse por Anaral. Mas se você for sacrificada, acha que o Povo do Vento deixaria eu ver Anaral, para amar? Eu aprendo o *amar* e aí deixo o *amar* ser sacrificado com você? — A testa dele estava molhada de suor. — Você vai nadar?

— Eu vou nadar. — Ela tentou soar segura, pelo bem de Klep.

O curandeiro falou de novo.

— Você tem o dom — disse Klep. — O curandeiro diz que você deve servir ao dom.

— Diga ao curandeiro que tentarei servir ao dom. — Polly tentaria ser tão segura quanto a Dra. Louise fora a vida inteira.

Klep assentiu. Olhou para a aldeia, onde as pessoas conversavam em pequenos grupos, burburinhos maldosos, ameaçadores.

— Eu vou ficar com você. Não posso fazer muito, mas minha presença vai ajudar.

O curandeiro olhou para Polly.

— Vai ficar.

Claro que a presença do curandeiro impediria o povo de vir à meia-água e a arrastar de lá, pelo menos até a lua cheia se erguer. E o simples fato de que estes dois homens, o jovem e o velho, estavam com ela, se importavam a ponto de



ficar ao seu lado, a preenchia com carinho.

— Klep, e Zachary? — perguntou ela. — Eu cruzei o lago de novo, com você, por causa dele.

— Zak? Ah, ele não é importante.

Ela não entendeu. Então repetiu.

— Mas eu achei que precisava ser sacrificada para o coração dele ser curado.

— Mas isso... — Klep procurou as palavras certas. — Isto não está no meio. Não está no centro.

Bom, sim. Ela entendia que Zachary era algo secundário. Mas ele entendia?

— Se a chuva vier, se o povo ficar calmo, aí o curandeiro... — Klep olhou de relance para o homem idoso, que continuava agachado sobre os calcanhares, confortável como se sentado em uma cadeira. — Ele vai tentar ajudar Zak, pois é um curandeiro. Onde há falha, ele deve curar. Tynak queria que você pensasse que Zak era importante porque achava que a linha entre vocês dois era próxima. Que você... que você o *amava*.

— Não, Klep...

— Eu sei que a linha está entre você e Tav, não Zak.

Ela fez que não mais uma vez.

— No lugar de onde eu venho, é muito precipitado. Posso até sentir uma linha entre mim e Tav, mas amor...

Ela não conseguia explicar que não só não estava pronta para dar o coração a Tav nem a outra pessoa, que ainda tinha muito aprendizado pela frente, que na sua época ela era muito nova, mas também que sua época estava três mil anos no futuro. Talvez, no vasto esquema das coisas, três mil anos não fosse grande coisa, mas diante da duração de uma vida só era algo enorme.

Um trovão ribombou. Ela olhou para o outro lado do lago e viu lençóis negros de chuva.

Klep ficou observando.

— Se você pudesse trazer chuva aqui...

— Ah, Klep, como eu queria!

O curandeiro continuou de cócoras bem à sombra da meia-água. A luz estranha dava um tom esverdeado a seu rosto, e ele parecia um sapo incrivelmente antigo. Sua voz era quase um coaxo.

— Curandeiro não deixa curandeira ir. — Seus olhos anciãos fitaram os de Polly. Não só ele lhe oferecia proteção considerável, mas a chamava de colega.

Grupos de aldeões estavam resmungando, sibilando, parecendo um enxame de vespas, olhando na direção da meia-água sem se aproximar. Não fossem Klep e o curandeiro ali, com ela, por ela, Polly não tinha certeza do que aconteceria.

A tempestade do outro lado do lago se afastou e o sol brilhou indolente entre

nuvens ferozes. O calor estava murchando as folhas que restaram nas árvores e depois caíam, débeis e pálidas.

Polly fechou os olhos. Sentiu uma mão tocando a sua, uma mão idosa e seca. O curandeiro. Um vento frio começou a soprar, tocando suas bochechas, suas pálpebras. As águas do lago ondulavam delicadamente contra a costa. O povo irritado caiu no silêncio.

O céu aos poucos foi se abrindo, as nuvens carregadas se dissiparam, mas o som dos tambores prosseguiu.

O dia se arrastou. Klep dormiu, deitado de lado, respirando como uma criança, a mão servindo de travesseiro para a cabeça. O curandeiro também se deitou e seus olhos se fecharam, mas Polly achou que ele não estava dormindo, que estava segurando-a no centro de sua quietude. Ela sentia seu sangue fluindo pelas veias, seu sangue vivo, que mantinha sua mente, seus pensamentos, seu próprio ser com vida.

Ela abdicaria propositalmente do sangue?

Onde estava Zachary? Continuaria agarrado à própria vida, a qualquer tipo de sobrevivência, mesmo que gananciosa, às custas dela? Zachary não demonstrava qualquer preocupação fora consigo mesmo. Ele entendia mesmo o que estava pedindo?

Não houve pôr do sol. A luz do dia diminuiu, mas nenhuma cor tingiu o céu; ele simplesmente foi ficando cada vez mais escuro. Acenderam-se fogueiras para cozinhar. O resmungar das pessoas recomeçou. Aqui a lua cheia não se ergueria sobre as grandes cidades da floresta tal como fez com o Povo do Vento, mas viria do lago, surgindo da água.

Em pânico, Polly escutou um sibilar de expectativa. Tynak caminhou ao centro da clareira, olhando primeiro para o outro lado do lago, depois virando-se, olhando além do povoado para as trevas profundas da floresta e a clareira com a pedra de sangue.

Um grito agudo, de terror selvagem, cortou o ar. Foi tão descontrolado que fez Polly estremecer. Então mais uma vez. Já haveria alguém no temível altar de pedra, alguém diante de uma faca afiada? Ela tentou encontrar a origem do grito.

Ela viu Zachary se debatendo, gritando, preso pelas mãos de dois homens da tribo. Ele tentava se soltar deles, mas continuava imobilizado, sendo levado em direção a Tynak.

Uma luz fraca começou a aparecer no horizonte distante do lago.

— Não! — gritou Zachary. — Você não pode matá-la! Eu não queria! Não queria! Você não pode, não pode — Ele estava falando sem parar, de tanto terror. — Eu vou morrer, me matem, me matem, não façam mal a ela... — Ele viu Polly, e de repente entrou numa convulsão de choro. — Eu não queria! Eu

estava errado! Ah, faça eles pararem! Alguém faça eles pararem! Me deixem morrer, mas não façam mal a Polly...

Tynak foi até ele e lhe deu um tapa na boca.

— Tarde demais.

Zachary caiu no silêncio com o choque. Tentou puxar uma mão para limpar a boca, mas os dois homens seguraram seus braços e um filete de sangue escorreu pelo seu queixo.

— O sacrifício deve ser imaculado — disse Tynak. — Você não é digno.

Polly sentiu tanto frio quanto depois de ter nadado no lago. Não só seu sangue parecia congelado, mas também seu pensamento, seu coração.

O curandeiro ficou de pé, apoiando-se com a mão sobre o ombro de Polly. Então ele manteve a mão ali, num gesto de proteção.

Klep se empurrou do chão para ficar sentado. Polly viu, sem conseguir absorver, que ele tinha uma faca com ponta curva no cinto, que havia puxado e segurava com firmeza.

— Tynak, eu estou avisando.

Mas Tynak ergueu a mão de forma ameaçadora. Em sua posição de autoridade como líder da tribo, não precisava de arma. E Klep, com a perna quebrada firme entre duas varas, não conseguia se mexer.

Tynak fez um gesto de desprezo para os guardas que seguravam Zachary, ainda se debatendo. De repente soltaram-no como se fosse um bicho morto e o garoto caiu no chão, gemendo. Os guardas vieram até Polly. Encararam o curandeiro, mas ele não tirou a mão do ombro dela. Polly não identificou os homens, que não eram Geada do Inverno nem Andorinha Negra. Murmurando o que parecia um pedido de desculpas, um dos guardas tirou a mão do curandeiro, sem violência, depois puxou Polly de lado.

— Pare! — berrou Klep. — Pare!

Mas ele só conseguiu observar com frustração e ódio enquanto os homens arrastavam Polly em direção a Tynak.

— Tynak! — avisou Klep. — Se você a ferir, será um desastre para a tribo!

— Sangue! — gritou o povo. — Sangue para os deuses! Sangue para o solo, sangue para a chuva, sangue para crescer, sangue pela vida!

O vento tornou-se mais intenso, fazendo as tochas chamejantes soltarem fumaça. A lua começou a sair do lago, enorme, vermelha como sangue. Polly achou que seu coração ia parar de bater. O povo gritou, batendo os pés no ritmo dos tambores, em sintonia com seu clamor por sangue. Os berros agudos de Zachary não eram mais que um fio de fumaça.

— Sangue! — entoava o povo. — Sangue! Sangue!

Aos poucos, Polly estava sendo arrastada pelo povoado e em direção à trilha

da floresta que levava à pedra temível.

Zachary pôs-se de pé e se jogou em Polly. Um dos guardas o atacou e derrubou no chão, choramingando como uma criança doente.

— Olhem! — gritou Klep, seu berro superando o barulho da multidão. — Tynak! Povo! Olhem o lago! Vocês não veem!

Houve gritos de terror, de surpresa.

Polly olhou, esforçando-se para ficar de pé. Em silhueta contra a imensa lua estava uma imensa canoa, com pontas entalhadas e curvas. À medida que se aproximou, Polly conseguiu ver dois homens. Segurando um grande remo estava Karralys, com Og altivo a seu lado. Na proa estava o Bispo Colubra, com Louise Larguda enrolada em seu braço em grandes espirais reluzentes.

— Vejam! — gritou Klep, em triunfo. — A deusa chamou e eles vieram! Vocês ousam tocar na deusa?

Os guardas soltaram Polly, recuando de medo.

• • •

— Bispo! Karralys! — Polly correu até a margem.

Tynak estava atrás dela, não muito longe.

O bispo e Karralys eram silhuetas negras contra o céu.

Polly chapinhou na água, tentando arrastar a canoa até a margem. Tynak fez um gesto, e Andorinha Negra e Geada do Inverno puxaram a canoa à praia pedregosa.

De repente a lua foi obliterada por uma nuvem negra que se espalhou depressa pelo céu, eclipsando as estrelas. O vento deu uma rajada, disparando fumaça das tochas. Gritos de medo e pânico vieram do povo.

— Um presságio! — gritou Klep. — Atenção ao presságio!

Karralys pulou da canoa, depois ajudou o bispo a sair. As pernas do idoso estavam bambas e ele apoiou-se no druida. Louise Larguda prendeu-se nele em espirais tesas. O curandeiro veio até eles, olhando primeiro para Karralys, depois para o bispo, cujo rosto de repente viu-se iluminado por um lampejo assustador de raios. Que foi seguido quase imediatamente por trovões, desabando loucamente entre as duas cordilheiras, as do Povo do Vento e as do Povo do Outro Lado do Lago.

Então veio a chuva, de início gotejando em pingos pesados no lago, na praia, nas peles das barracas. Depois veio em grandes véus, quase como se as águas do lago estivessem subindo para encontrar as nuvens.

Quando Karralys e Tav haviam sido soprados pela tempestade ao Povo do Vento, o arco-íris fizera um arco no céu e fora visto como augúrio. A chuva

ameaçava há dias e agora havia chegado. Mas o Povo do Outro Lado do Lago não aceitou como resultado natural de umidade e padrões de vento, uma tempestade nascida de uma nuvem soprada por um vento que desviou e que chegava a eles pelo leste, seguida por correntes de ar que produziam grandes cargas de eletricidade estática de onde brotavam raios ferozes de luz e trovão ribombante. O Povo do Outro Lado do Lago viu a tempestade como um espanto provocado pelo bispo e pela cobra, por Karralys e pelo cão, e por Polly, que os havia invocado.

— Às barracas! — gritou Tynak. As pessoas começaram a correr, as mulheres reunindo as crianças, correndo pelo povoado. Tynak ergueu seu rosto à chuva, de boca aberta, engolindo pingos em grandes goles.

O curandeiro levou o bispo à meia-água de Polly, e ela e Karralys foram atrás.

— Ah, Bispo — gritou ela. — Ah, Karralys, obrigada. E a vocês também, Louise, Og. Ah, obrigada.

Klep já estava ensopado com o aguaceiro, e Karralys ajudou o curandeiro e Polly a arrastar o jovem até um abrigo.

Zachary continuava curvado no chão, a chuva caindo sobre ele. Ignorado por todos ao seu redor.

Polly olhou para o bispo. Estava todos ensopados. Louise Larguda havia se retirado para o canto mais afastado da meia-água. Os raios piscaram de novo, sibilando conforme a água caía. Quando veio o trovão, ela correu para Zachary.

— Zach. Levante-se. Venha.

— Me deixe morrer — gemeu ele.

— Não seja dramático. Anda. Está chovendo. Não vai haver sacrifício nenhum.

Zachary tentou entocar-se no chão duro.

— Me deixe em paz.

Ela o puxou, mas ele era um peso morto e ela não tinha força para movimentá-lo.

— Zach. Anda.

Karralys estava ao lado dela. Juntos, botaram Zachary de pé.

— Vamos, Zach — insistiu Polly. — Só quero que você saia do alcance dos raios. — Ela encolheu-se quando um raio veio de novo, com o trovão ribombando logo após.

Karralys a ajudou a arrastar Zachary à meia-água. Quando o soltaram, ele caiu no chão e curvou-se em posição fetal.

— Deixe estar — disse o Bispo Colubra.

A chuva continuou a varrer do lago para a aldeia. A meia-água era pouca proteção, mas a chuva era quente. Os raios caíam como flechas, atingindo o

lago, nas rochas da margem. Houve um som terrível de rachar, depois um estrondo, que ecoou alto como um trovão.

— Uma árvore — disse Klep. — O raio atingiu uma árvore.

De repente a tempestade passou. Polly contou cinco batidas entre o raio e o trovão, depois dez. Então o raio foi só um iluminar geral do céu no horizonte; o trovão virou apenas ribombar distante.

Tynak veio até eles, mostrando as palmas da mão para dizer que não tinha armas, e fez uma mesura a Karralys. Depois a Polly.

— Você trouxe chuva. — Sua voz era de espanto.

— Não, Tynak. A chuva veio. Não fui eu quem trouxe.

Mas não havia como ela fazer Tynak acreditar que a chuva não havia vindo por causa de seus poderes. Polly era uma deusa que trazia chuva.

Ela não gostava da função de deusa.

— Bispo — implorou ela.

O bispo estava sentado no seu catre. As nuvens haviam ido embora com a tempestade. Um lampejo de luar adentrou a meia-água e atingiu o topázio de seu anel.

— Já basta a chuva ter vindo — disse ele a Tynak. — Não temos que entender como.

— Você é curandeiro? — perguntou Tynak.

— Não como o seu curandeiro, ou como Karralys. Mas foi minha meta, sim.

Tynak olhou para ele, olhou além dele, para Louise Larguda enrolada nas sombras, depois fez um sinal de cabeça para Karralys.

— Você vai vir?

Karralys assentiu.

— Polly também.

— Onde? — perguntou Polly.

— Para deliberarmos — Karralys disse. — É uma reunião.

— Zachary...

— Zachary vai aguardar. — Não havia nem condenação nem desprezo na voz de Karralys.

— Bispo Garça — disse Karralys —, seria apropriado se você também viesse.

— Ele estendeu a mão para ajudar o bispo a ficar de pé.

— Eu também vou — anunciou Klep. Klep tinha autoridade. Ele seria líder da tribo. Geada do Inverno e Andorinha Negra foram convocados para ajudá-lo.

— Klep — protestou Polly—, você prometeu a Anaral que teria cuidado. Vai ser muito ruim para sua perna.

— Eu vou — insistiu Klep.

Ainda havia a tensão da eletricidade no ar. As nuvens se armavam de novo,

correndo em meio ao luar, criando sombras e desenhos estranhos à medida que caminhavam. Quando chegaram ao fim da trilha que levava à clareira, havia um empecilho. Um grande carvalho, a árvore que o raio havia atingido, estava desenraizado e sobre a trilha. Não havia como eles atravessarem até a clareira onde ficava a pedra.

Karralys foi à árvore caída, deixando sua mão sobre o enorme tronco. Og saltou para ficar de pé ao seu lado. Tynak recuou, mas só um pouco, mantendo sua posição.

— Esta árvore servirá como nosso local de reunião — disse Karralys.

— A deusa — Tynak curvou-se para Polly —, ela tem poderes grandes e misteriosos.

— Eu não sou... — Polly começou a falar, mas Karralys ergueu a mão e ela parou.

Os olhos de Karralys a fitaram com tranquilidade, seu azul brilhando como safiras ao luar.

— Polly, é apropriado que você conte a Tynak os termos da nossa paz.

Ela olhou para ele, totalmente despreparada. Seu rosto estava sereno. A pedra em seu torque ardia como fogo. Ela engoliu em seco. Respirou. Engoliu.

Então ela voltou-se para Tynak.

— Não haverá mais saques. Se estiverem com fome, se precisarem de comida, enviarão Klep, quando ele puder caminhar de novo, para falar com Karralys. O Povo do Vento é um povo de paz. Eles vão compartilhar o que têm. Vão lhes mostrar como irrigar para que sua terra traga colheitas melhores. E se, em algum momento, eles tiverem necessidade, vocês os abastecerão. O Povo do Vento e o Povo do Outro Lado do Lago devem viver como um povo só. — Ela fez uma pausa. Ele havia entendido?

Ele ficou ao lado de Karralys, fazendo que sim com a cabeça.

Ela prosseguiu.

— Para selar esta promessa, e com consentimento de Anaral, ela e Klep serão... — não havia palavra para “casar” ou “casamento” — ... serão tornados um, para viverem juntos e protegerem a paz. Klep?

— É o meu desejo. — O sorriso de Klep foi radiante.

Tynak parou para fitar Polly, fitar Karralys, que estava encostado no corpo caído de uma grande árvore, fitar Klep posto de pé entre Geada do Inverno e Andorinha Negra.

— São nossos termos — disse Polly. — Vocês aceitam?

— Eu aceito. — De repente, Tynak pareceu envelhecido.

— Klep?

— Aceito. Com alegria. Anaral e eu buscaremos trazer paz e cura aos dois

lados do lago.

Polly sentiu uma cutucada nas costelas. Era o curandeiro.

— Sangue — disse ele.

Ela assentiu. Não sabia como havia entendido o que ele disse, mas entendeu, talvez por conta de histórias infantis sobre irmãos de sangue. Ela pegou a faca de ouro que o bispo tinha dado a Anaral, depois abriu o caderno em uma página em branco. Puxou a lâmina, que estava brilhosa e limpa. Olhou para Tynak.

— Mostre sua mão.

Sem perguntar, ele estendeu a mão a ela. Ela pegou a faca e fez uma incisão na pele, na ponta do seu dedo médio, depois apertou até surgir uma gota de sangue. Ela então passou o dedo na página da caderneta.

— Karralys? — Ele também, sem perguntar, estendeu a mão e ela repetiu o procedimento, depois misturou as duas gotas de sangue na página.

— Este é o selo e símbolo de nossos termos de paz. — Ela arrancou a página, depois pegou a tesoura e cuidadosamente recortou a página ao meio, de modo que houvesse sangue misturado em cada pedaço de papel. Um dos pedaços ela entregou a Karralys, o outro a Tynak. Então ela tirou o desenho recortado de Tynak e lhe entregou uma metade e deu o outro a Karralys. — Este é o símbolo de que nunca romperemos a paz. Se você romper o pacto, Karralys terá seu poder.

Mais uma vez, Tynak agarrou o peito como se sentisse dor.

— Karralys nunca lhe fará mal — disse Polly. — Só você pode se fazer mal.

— Ela se sentia infinitamente cansada. — Agora eu quero ir embora. Para o outro lado do lago.

O curandeiro lhe deu outra cotovelada.

— Zak.

Ela estava muito cansada para pensar em Zachary.

— O quê?

O bispo a lembrou.

— Temos a questão de Zachary.

Ela encostou-se na árvore caída. Estava muito cansada para ficar de pé.

O bispo prosseguiu.

— Você voltou aqui, ao Povo do Outro Lado do Lago, por causa de Zachary. Contudo, pode esquecer dele se quiser.

— Posso? Ah, Bispo, eu posso? — Ela não queria pensar em Zachary nunca mais. Mas se desencostou da árvore caída. — Vamos voltar a ele. Imagino que ainda esteja na meia-água.

A procissão voltou à aldeia, Geada do Inverno e Andorinha Negra apoiando Klep para que ele pudesse mancar sem prejudicar a perna ferida. As pessoas



começavam a surgir de dentro das barracas. O ar, purificado pela tempestade, estava fresco e fragrante. Agora eles olhavam para Polly sem espanto nem questionamento.

Zachary ainda estava caído na meia-água. Ela ajoelhou-se ao lado dele, levou a mão à bochecha, girou-o para ela olhá-lo nos olhos.

Ele apertou bem as pálpebras.

Ela virou-se para o bispo.

— Acho que ele está descompensado — disse ela. — Quer dizer, acho que ele está além do nosso alcance.

— Não — disse o Bispo Colubra. — Nunca diga isso, Polly.

O curandeiro ajoelhou-se do outro lado de Zachary.

Zachary choramingou.

O bispo falou:

— Muitas vezes um alcoólatra só pode começar a recuperação quando chegou ao fundo do poço. Quando não há para onde se ir a não ser para o alto. O egocentrismo de Zachary era um vício tão ruim quanto o alcoolismo. — Ele inclinou-se sobre o jovem acometido. — Abra os olhos. — Era uma ordem séria.

As pálpebras de Zachary piscaram.

— Sente-se — ordenou o bispo. — Você não está além da redenção, Zachary.

— Eu estava disposto a deixar que Polly morresse. — Zachary gemeu.

— Mas não quando chegou a hora, Zach! — gritou Polly. — Você tentou impedir.

— Mas era tarde demais. — As lágrimas escorreram.

— Olhe pra mim, Zach! Eu estou aqui! Não vai haver sacrifício!

Agora o olhar aterrorizado encontrava o dela.

— Você está bem?

— Sim, estou.

Ele sentou-se.

— Eu morro se for preciso para ajudar você, Polly. Morro mesmo, eu juro.

— Não precisa, Zach. Agora há paz dos dois lados do lago.

— Mas o que eu fiz... Não tem como me perdoar... — Seu olhar estava desvairado, passando de Polly a Tynak e ao bispo.

— Zachary. — O bispo falava de modo suave, mas convincente. — William Langland, por volta de 1400, escreveu: “E toda a perversão no mundo que o homem possa efetuar ou conceber não é mais à piedade de Deus que uma brasa acesa no mar.”

Zachary fez que não.

— Eu me tornei indigno... de qualquer piedade.

Ele arfava, e o azul em torno de seus lábios estava ficando mais intenso. O

curandeiro esticou a mão e deixou a palma sobre o peito de Zachary. Tal como Filhote havia firmado a respiração do bispo, o curandeiro firmou a de Zachary.

— Ajude-o — ordenou Tynak. — Seria mau presságio morrer agora.

Karralys ajoelhou-se e ergueu Zachary para o jovem debruçar-se sobre seu peito. Colocou a mão direita sob as roupas molhadas de Zachary e fez um sinal ao curandeiro. O idoso abriu a jaqueta e a camiseta de Zachary, exibindo seu peito. Então suas mãos uniram-se às de Karralys, pairando com delicadeza, como se seus dedos anciãos escutassem algo. Karralys respirava devagar, firme, de modo que o corpo frouxo de Zachary, firme contra o corpo forte e robusto druida, conseguisse recuperar o ritmo. Ele olhou para o bispo.

— Por favor.

O bispo também se ajoelhou, pousando suas mãos compridas e finas no peito de Zachary.

O curandeiro assentiu para Polly.

Ela ergueu as mãos, mostrou-as e então ele foi tomado pelo poder de restauração de Karralys e do bispo, sem as mãos deles se tocarem, mas passando carinhosamente para o peito pálido e flácido de Zachary. Mais uma vez Polly sentiu aquele retinir dourado, depois uma dor aguda que atravessou seu corpo como um raio e acalmou-se, deixando-a debilitada, tremendo. Mais uma vez veio o calor, os vislumbres dourados.

As mãos de Karralys pareciam ter vida própria. Pairavam como asas de um beija-flor. Seus olhos passaram do azul sereno ao ouro ardente da pedra em seu torque e as linhas suaves no rosto se aprofundaram. Ele era bem mais velho do que Polly havia notado. Ela sentiu as próprias mãos, rosto, mente, o corpo inteiro havia sido levado pelo poder elétrico que Karralys e o curandeiro e o bispo enviavam através de Zachary. Sentiu que eles estavam curando não apenas o coração dele, mas muito mais. A profundidade da cura era não apenas física, mas ia ao âmago de Zachary.

O tempo tremeluziu. Parou. Polly não tinha certeza de que estava respirando, nem de que seu coração batia. Tudo estava focado em Zachary.

Tynak soltou um sibilo e o tempo recomeçou. Polly sentia a batida ritmada do próprio coração. O calor formigante saiu de suas mãos, mas desta vez elas não estavam frias, mas sim quentes e secas. Karralys sentou-se sobre os calcanhares, Zachary ainda encostado nele.

— Está bem — soprou o curandeiro.

Karralys sorriu.

— Está bem.

O bispo levantou-se, olhando para Zachary.

— Está bem.

Então Polly também se sentou.

— Zachary?

Os lábios dele haviam recuperado a cor.

— Eu... eu... — ele gaguejava.

— Silêncio — disse o bispo. — Você não precisa dizer nada. — Ele olhou para Karralys. — E o coração dele?

— Bastará — disse Karralys. — Não está perfeito, mas bastará.

— Muito poder — disse o curandeiro. — Grande, bom poder. — Ele olhou para Og, que estava sentado e observando, de orelhas eriçadas; para Louise Larguda, que estava deitada em silêncio, enrolada. — Todos trabalham juntos. Ótimo.

— Eu... eu... eu estou bem? — A voz de Zachary vacilava.

— Não perfeito — disse o bispo —, mas Karralys nos diz que seu coração bastará.

— Sim. Sim. — Alguma cor voltou a seu rosto. — Eu não sei o que dizer.

— Nada.

— Eu ia deixar que Polly morresse. Mesmo assim vocês me ajudaram.

— Você não fará bem algum a Polly, nem a qualquer um de nós, caso se apegue a sua culpa. Vai nos ajudar se tomar conta de si. Você tem mais a renovar do que apenas o coração.

— Eu sei. Eu sei. Ah, agora eu entendo.

— Venha. — Karralys levantou-se. — A tempestade acabou. Agora existe chuva. — As nuvens ficaram mais fundas e a chuva caiu, uma chuva suave, penetrante, que aliviou a sede da terra sedenta. Agora podia-se plantar trigo, o solo estava preparado para a primavera. — Vamos atravessar o lago — disse Karralys. — Anaral, Filhote e Tav aguardam ansiosamente.

Tynak e o curandeiro conduziram-nos à canoa. Klep, com auxílio de Geada do Inverno e Andorinha Negra, ficou na margem acenando.

— A Anaral você dará meu amor. — Agora que Klep havia aprendido a palavra “amor”, seu rosto brilhava de alegria a cada vez que a pronunciava.

O curandeiro ergueu sua mão em benção.

— Venha — disse Tynak ao curandeiro e a Klep. — Ao sexto dia da lua vamos convidá-los, a tribo inteira, para um banquete. Eles não se importarão que a comida tenha vindo deles.

Karralys gargalhou, e Geada do Inverno e Andorinha Negra jogaram-se na água, empurrando a canoa até ela flutuar livre.

• • •

Filhote e Anaral estavam ansiosos para recebê-los e correram ao lago para ajudar a puxar a canoa. Assim que estava em terra, Polly percebeu que tremia tanto que mal conseguia caminhar. Filhote passou o braço sob ela e a conduziu à barraca de Karralys.

— Você já deu muito. — Ele a ajudou a deitar em uma das camas de samambaia.

*Onde estava Tav?*, perguntou-se.

O bispo olhou para ela com carinho.

— A virtude lhe foi esvaziada. Vai voltar.

— Eu não quero mais ser deusa — disse Polly.

Anaral lhe trouxe uma bebida quente, que ela provou, deixando descer pela garganta e aquecer o corpo inteiro.

— Klep... — perguntou Anaral.

— Ele está bem — garantiu Polly.

— Mesmo?

— Ele mexeu a perna mais do que deveria, mas está bem. Ele ama você, Annie.

Um oscilar suave de cores passou pelas bochechas dela.

— Estou tão contente, tão contente. — Ela estendeu a mão e pressionou a de Polly.

Polly a apertou de volta, depois olhou em volta à procura de Tav e percebeu que não só não o havia visto, mas também não vira Zachary.

— Onde está Zachary? — perguntou ela.

— Com Karralys. — Filhote agachou-se ao lado de Polly, tomando o punho dela em dedos suaves, deixando cair apenas depois de ele ficar satisfeito.

— Não deixe ele vir aqui — implorou Polly.

Filhote olhou para ela, inquisitivo.

— Não quero vê-lo. — Se ela tivesse que fazer tudo de novo, faria a mesma coisa. Voltaria a cruzar o lago. Daria as mãos ao curandeiro e a Karralys e ao bispo pelo coração de Zachary. Mas agora estava feito; estava feito, e não sobrava nada além da exaustão que era bem mais que física.

O bispo sorriu para Polly.

— Eu tenho uma grande pergunta que nunca mais será respondida: o portal se abriu para mim, e depois para Polly, por causa de Zachary?

Karralys entrou enquanto o bispo falava.

— Quem saberá dizer para quem o portal temporal se abriu? — Sua voz era baixa. — O que aconteceu aqui, nesta época, pode ter efeitos que não conhecemos e nem possamos suspeitar, na minha época e talvez na sua. Não devemos tentar entender a configuração, apenas nos rejubilar com sua beleza.

*Seria Zachary parte da beleza?*, perguntou-se Polly. Mas estava exausta demais para falar.

— Filhote. — Karralys virou-se. — Você pode ir até Zachary e ficar com ele, por favor?

Filhote assentiu e foi, obedientemente, no instante em que Tav irrompeu na barraca.

— Pó-li! — Ele correu até ela.

— Tav!

Tav ajoelhou-se na areia compacta na frente dela, ergueu a mão e gentilmente tocou os lábios de Polly.

— Você está bem?

— Estou bem.

— De verdade?

— De verdade, Tav. — Havia tristeza profunda em seu coração. Ela não veria mais Tav, e aquilo era uma tristeza.

— E Zak? — Tav quis saber.

— Ele também está bem.

Tav fechou a cara.

— Ele deixaria você morrer.

— Mas não deixou.

— Ele queria.

— Não exatamente, Tav.

— Ele não é digno de um fio de cabelo seu.

Anaral concordou com a cabeça.

— Ainda estou muito brava com ele.

— Annie — repreendeu-a o bispo, com delicadeza. — Você não diria que tudo pelo que Polly passou foi pelo bem do coração físico de Zachary.

— Não sei. — A voz de Anaral era baixa. — É com Pó-li que me importo. Não com Zachary.

— Não se importa?

— Bispo! Talvez o coração dele — ela tocou no próprio peito — esteja melhor. Mas e a parte do coração dele que entregaria Pó-li ao sacrifício, que permitiria que a vida dela fosse entregue pela dele?

— A mudança sempre é possível — disse o bispo.

Anaral parecia se rebelar.

— Por Zak? Que ajudou a raptar Pó-li? Que deixaria ela ser levada ao altar de pedra? Que não teria detido a faca? Ele pode mudar? De verdade?

— Você pode realmente dizer que a mudança não é possível? Pode recusar esta chance a ele ou a qualquer pessoa? Pode mesmo afirmar que só o coração

físico dele foi curado?

Tav rosou.

— Ele ia machucar minha Pó-li.

— Zachary chegou ao fundo do poço — disse o bispo. — Foi um fundo terrível, sim. Mas, naquele poço, ele se viu.

Tav bateu a lança forte no chão.

O bispo prosseguiu.

— Agora cabe a ele.

Anaral fechou a cara. O bispo sorriu.

— Sua raiva não vai durar, Annie. Você tem coração carinhoso.

— Pó-li voltou. — Tav estendeu a mão de novo para tocá-la. — Pó-li voltou. É tudo que importa. Eu não penso em Zak. Eu penso em Pó-li, e que a chuva voltou.

— Sim.

— E agora você vai. — Ele estendeu as mãos para ela, saudoso.

Ela deu um suspiro profundo.

— Para minha época, Tav. Se o limiar se abrir.

— E Zachary? — Tav quis saber. — Você tem que levá-lo junto?

Enfim Polly riu.

— Você quer que ele fique aqui?

Tav fechou a cara.

— Ele não queria minha Pó-li por obediência à Mãe nem para qualquer outro bem além do próprio.

O bispo olhou em volta da barraca.

— Quando Zachary viu Annie, ele adentrou os círculos temporais sobrepostos. *Eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar.*

— Palavras potentes — disse Karralys.

— Sim — concordou o bispo. — Das Revelações de João.

— E o portal precisa ficar aberto, Bispo? — perguntou Anaral.

— Não, Annie. Não. Mas estava escancarada quando Polly tomou a decisão de cruzar o lago para ver Zachary, e deve-se honrar esta decisão. — Ele virou-se para Polly — Você foi muito corajosa, minha cara.

— Eu não fui corajosa. Eu estava morrendo de medo.

— Mas mesmo assim você foi em frente e fez o que teve que fazer.

Og se esticou e lambeu os dedos dela. Filhote abriu a entrada da barraca e entrou com Zachary.

— Está na hora?

Polly olhou para Zachary e não sentiu nada. Nem raiva. Nem medo. Nem amor.

— Sim — disse Karralys. — Está na hora.

Zachary ficou entre Karralys e Filhote, de rosto pálido, mas não havia azul em seus lábios.

— Eu não sei o que falar.

— Então não fale nada — disse Karralys.

Karralys passou o olhar de um ao outro.

— O que eu fiz está além do perdão.

— Você enlouqueceu com seu próprio eu — disse Karralys. — Agora precisa entender que, embora sua vida tenha sido prolongada, você findará morrendo perante esta vida. É o caminho de todos os mortais.

— Sim — disse Zachary. — Eu sei. Agora eu entendo.

— E em você ainda há muita cura a se cumprir.

— Eu sei. — Zachary estava tão subjugado quanto uma criancinha depois de uma surra. Mas não era uma criancinha. — Vou tentar. — Ele virou-se para Polly. — Posso voltar a ver você?

A mão dela coçou a cabeça de Og.

— Não, Zachary. Sinto muito. Não quero mais ver você. Acho que é uma boa ideia para nós dois. — A voz dela era firme, sem emoção. Ela tivera que atravessar o lago para buscar Zachary. Mas o que tinha que ser feito foi feito.

— Mas...

— Tem coisas que você precisa aprender sozinho — disse Karralys. — Uma delas é viver consigo.

— Eu não gosto de mim — disse Zachary.

— Mas ainda assim precisa aprender. — As palavras do bispo foram uma ordem. — De agora em diante, aja de modo a sentir orgulho daquilo que fez durante o dia quando for para a cama à noite.

— E isso por acaso é possível? — perguntou Zachary. Ele olhou para Polly. — Você acha?

— Sim, Zachary. É possível se você deixar.

Louise Larguda deslizou pela areia compacta, saindo da barraca.

— Vá com ela — ordenou Karralys.

Tav foi até Polly, já falando com saudades.

— Preciso deixar que vá?

— Da sua presença — falou Karralys. — Não do seu coração.

— Agora eu sei — disse Tav, suave — que eu estava errado quanto à Mãe. A Mãe pede o sacrifício do amor. Você me mostrou. — Ele tocou os lábios de Polly com o dedo e rapidamente lhe deu as costas.

Anaral esticou as mãos em direção a Polly, mas não a tocou.

— Sempre seremos amigas.

— Sempre.

— E Klep e eu a teremos em nossos corações.

— Vocês estarão no meu.

— As linhas do amor cruzam tempo e espaço. — Mas uma lágrima escorreu pela bochecha de Anaral.

Karralys virou-se para Polly, pegou as mãos dela na sua.

— Nunca esqueceremos de você.

— Nem eu.

— E, Bispo Garça, quando você veio até nós pelo portal temporal, você que começou tudo.

O bispo sorriu.

— Eu, Karralys? Ah, creio que não.

Na entrada da barraca, Og latia com impaciência.

Karralys afagou a cabeça de Og, depois falou.

— Mandarei Og com você, Polly. Você e seus avós precisam de um bom cão de guarda, e é isso que Og é.

Og latiu de novo, imperiosamente.

— Venha. — Bispo Colubra foi à frente para sair da barraca. Polly foi atrás, e Og roçou seu focinho gelado na mão dela. Atrás deles, o lago tremeluziu. Os cumes brancos das montanhas chegavam afiados ao céu.

Quando chegaram ao muro de pedra, Louise Larguda estava deitada sob salpicos de raios de sol. Ela se levantou, depois deslizou entre as rochas.

Polly olhou em volta. As árvores eram as árvores jovens de sempre, o Carvalho Avô a lhes fazer sombra. As montanhas cobertas de neve se foram e os morros anciões ficavam tranquilos no horizonte. Ela estava de volta a sua época.

. . .

Alguém devia estar de olho. Os Murry e a Dra. Louise vieram correndo pelo pomar de macieiras, atravessando o pasto, correndo para recebê-los. Houve muitos abraços, lágrimas de alívio, latidos contentes de Og.

Zachary ficou de lado, em silêncio.

Então os avós de Polly chamaram todos à cozinha, ao aconchego, ao calor, aos aromas da madeira de macieira, dos gerânios e do pão recém-saído do forno. Polly e o bispo começaram a falar imediatamente, contando suas versões do que havia acontecido. Zachary ficou em silêncio.

A Dra. Louise puxou seu estetoscópio para ouvir o coração de Zachary.

— Parece que há um pequeno murmúrio — falou ela, depois de um tempo. — Não sei se é de grande relevância clínica. Com certeza não é um coração



perfeito. Você terá que fazer exames assim que possível.

— E vou. Mas sinto uma diferença. Consigo respirar sem a sensação de que estou fazendo um levantamento de peso. Obrigado, doutora. Obrigado a todos.

— Ele foi até Polly e pegou as mãos dela. — Polly. — Ele olhou para ela, mas não falou mais nada. Ela ficou aguardando, deixando que ele segurasse suas mãos. Zachary abriu a boca como se fosse falar, fechou, então só balançou a cabeça.

— Você vai — ela começou a falar. Mas parou.

— Sim, Polly. Vou. — Ele retirou as mãos. — É melhor eu ir agora.

— Vou acompanhar você até o carro — disse Polly.

O bispo pôs a mão sobre o ombro de Zachary.

— Não será fácil.

— Eu sei.

— Lembre que as linhas do amor sempre estão lá. Lembre-se sempre delas.

— Vou lembrar. Obrigado.

— Deus esteja convosco.

— Eu não acredito em Deus.

— Tudo bem. Eu acredito.

— Fico contente.

Polly cruzou a garagem com Zachary até o lugar onde ele havia estacionado o carro. Ele entrou. Baixou a janela.

— Polly. — Ela olhou para ele. Ele deu de ombros. — Desculpe. Obrigado. As palavras não ajudam.

— Tudo bem. Só se cuide. — Ela enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta e seus dedos tocaram o ícone de anjo.

— Você guardou...

— Sim. Vou guardar para sempre.

Ela colocou o ícone de novo no bolso. O bispo saiu, caminhando depressa pelo gramado com suas pernas de garça.

— Venha, querida. Vamos entrar.

— Adeus — disse Zachary. — Polly. Você está com a túnica de pele de carneiro.

Ela passou os dedos delicadamente pela lã quente que saía bem abaixo da jaqueta.

— A túnica de Anaral! Uau. Não tenho como devolver, tenho?

O bispo sorriu.

— Ela gostaria que você ficasse com isso. Por ela e por Klep. Pelas boas lembranças.

Zachary olhou para Polly. Para o bispo. Levantou a janela, ligou a ignição.

Acenou e foi embora.

O bispo pôs o braço ao redor de Polly, e eles começaram a voltar à casa, a todas as pessoas que Polly amava. Mas havia outros que ela também amava e que nunca mais veria.

— O que acontece com o que aconteceu? — perguntou ela ao bispo.

— Está lá. À espera.

— Mas o portal fechou, não fechou?

— Sim. Mas isso não tira de nós o que vivemos. O bom e o ruim.

Os dedos dela tocaram o ícone de anjo mais uma vez. Ela ficou olhando do pasto até os contrafortes dos morros antigos. Além deles, parecia haver um leve reluzir da cordilheira com seus cumes nevados.

Eles entraram em casa.

CHEGOU A HORA DE SE TORNAR UMA HEROÍNA

UMA  
**DOBRA** NO  
**TEMPO**

MADELEINE  
L'ENGLE

 Harper  
Collins

# Uma dobra no tempo

L'Engle, Madeleine

9788595082205

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um clássico da fantasia e da ficção científica emerge! Após uma noite de forte tempestade, uma visita estranha chega à casa da família Murry e convoca Meg, seu irmão Charles Wallace e o amigo deles, Calvin O'Keefe para uma aventura muito perigosa e extraordinária – uma viagem que ameaçará suas vidas e o nosso universo. Uma dobra no tempo é o primeiro da aclamada série em cinco volumes de Madeleine L'Engle. Sua adaptação cinematográfica chega às telas em uma megaprodução Disney em março de 2018.

[Compre agora e leia](#)



# O que eu vou ser quando crescer

Braga, Letícia  
9788595085084  
34 páginas

[Compre agora e leia](#)

Você já brincou do que vai ser quando crescer? A Letícia adora, e não há quem segure a imaginação dessa menina! Ela já foi astronauta, professora, jardineira, cozinheira... Que delícia! Esse faz de conta é tão incrível que ela chamou as bonecas, as amigas, a irmã e também você! Vai ficar de fora dessa? Vem entrar na brincadeira!

[Compre agora e leia](#)

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

# O Pequeno Príncipe

Com aquarelas do autor



# O pequeno príncipe (original)

Saint-Exupéry, Antoine de

9788522014743

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Livro de criança? Com certeza. Livro de adulto também, pois todo homem traz dentro de si o menino que foi. Como explicar a adoção deste livro por povos tão variados, em tantos países de todos os continentes? Como explicar que ele seja lido sempre por tantos milhões e milhões de pessoas? Como explicar a atualidade deste livro traduzido em oitenta línguas diferentes? Como compreender que uma história aparentemente tão ingênua seja comovente para tantas pessoas? O pequeno príncipe devolve a cada um o mistério da infância. De repente retornam os sonhos. Reaparece a lembrança de questionamentos, desvelam-se incoerências acomodadas, quase já imperceptíveis na pressa do dia a dia. Voltam ao coração escondidas recordações. O reencontro, o homem-menino.

[Compre agora e leia](#)





O LIVRO DE OURO DA

# MITOLOGIA

Histórias de deuses e heróis

*Thomas Bulfinch*

# O livro de ouro da mitologia

Bulfinch, Thomas

9788595082755

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Altars ruíram e templos se perderam nas areias do tempo, mas as religiões da Grécia e da Roma Antigas nunca desapareceram por completo. Seu legado de mitos e heróis continua presente até hoje, e é o pilar da cultura ocidental. As histórias passadas de geração a geração há milênios, que hoje são peças-chave das mais populares e consagradas obras de diversas formas de arte estão reunidas aqui, sob as bênçãos de Zeus. As mais cativantes narrativas que a mente humana já criou transportam o leitor para terras onde fatos incríveis acontecem - onde belas ninfas e corajosos heróis veem seus destinos nas mãos de caprichosos deuses e criaturas fantásticas ganham vida.

[Compre agora e leia](#)

UMA DOBRA NO TEMPO LIVRO 2

UM  
VENTO  
À PORTA

MADELEINE  
L'ENGLE

 Harper  
Collins

# Um vento à porta

L'Engle, Madeleine

9788595082809

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Toda vez que uma estrela se apaga, mais um Echthros venceu uma batalha. Logo antes do irmão mais novo de Meg Murry, Charles Wallace, ficar perigosamente doente, ele vê dragões no jardim de casa. Meg descobre que os dragões na verdade são Proginoskes, um querubim que é todo asas, vento e chamas. Agora Proginoskes, Meg e seu amigo Calvin precisam salvar a vida de Charles Wallace. Para fazer isso, eles devem partir em uma viagem para dentro do corpo do menino e derrotar os Echthroi (aqueles que odeiam) para que possam restaurar a brilhante harmonia e alegria do ritmo da criação, a música do universo.

[Compre agora e leia](#)

# Table of Contents

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)